

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Ana Cláudia Bernardes Guimarães

**REALIZAÇÃO PESSOAL NA EXPERIÊNCIA  
COMUNITÁRIA EM ALCOÓLICOS ANÔNIMOS:  
UMA PESQUISA FENOMENOLÓGICA**

Belo Horizonte  
2014

Ana Cláudia Bernardes Guimarães

**REALIZAÇÃO PESSOAL NA EXPERIÊNCIA  
COMUNITÁRIA EM ALCOÓLICOS ANÔNIMOS:  
UMA PESQUISA FENOMENOLÓGICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Linha de Pesquisa: Cultura, Modernidade e Subjetividade

Área de concentração: Psicologia Social

Orientador: Prof. Dr. Miguel Mahfoud

Belo Horizonte  
2014

*Aos integrantes de Alcoólicos Anônimos  
que me acolheram e participaram deste caminho...*

## AGRADECIMENTOS

À Presença que sustenta e enriquece o meu caminho.

À companhia grandiosa de minha mãe a quem admiro profundamente, pelo exemplo de mulher e mãe, pelo amor e confiança em meu *ser*.

Ao meu pai, pelo amor e incentivo vivo em cada passo da minha trajetória profissional e de vida.

À minha irmã, pela companhia constante e por compartilharmos nossas vidas.

Ao Alexandre, pela verdadeira presença em minha vida, pelo apoio real para que essa trajetória fosse concretizada, por me abraçar na inteireza de mim mesma. Obrigada pelo amor que vivemos e pelo laço que estamos construindo.

Às amigas Betinha e Camila Lisboa, companheiríssimas de jornada, pela amizade real, por me ampararem e me incentivarem a todo o momento.

Às minhas amigas, presenças especiais em minha vida: Monique Vidal, Isabela Góes, Camila Cateb, Thaisa, Simone, Cláudia Salum, Maria Angélica e Poliana.

Aos amigos do LAPS, por terem compartilhado comigo uma proposta de vida e profissional correspondente ao nosso eu mais genuíno, principalmente a Roberta, Yuri e Lícia, por me auxiliarem tanto em meu percurso na Psicologia e nesse trabalho.

A toda equipe da Coordenadoria de Políticas para as Mulheres e Centro de Referência da Mulher de Nova Lima pela paciência nos momentos de tensão, colaboração e compreensão fundamentais para eu ter chegado até aqui. Agradeço, em especial, à Maria de Lourdes e Andréa por possibilitarem flexibilidade de horários no trabalho para realização do mestrado.

À Margareth, a quem devo a possibilidade de realizar minha caminhada de um modo mais sereno.

À querida Karina, exemplo de vida e profissional, pela companhia peculiar.

Ao Miguel, por ter confiado em meu processo e pela oportunidade de realização de um passo grandioso em minha vida.

Aos companheiros de AA que colaboraram para a concretização desta pesquisa, pela abertura vitalizada para esta proposta, confiando na mesma.

## RESUMO

Guimarães, A. C. B. (2014). Realização pessoal na experiência comunitária em Alcoólicos Anônimos: uma pesquisa fenomenológica. Dissertação de mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

A modalidade de tratamento de alcoolistas “Alcoólicos Anônimos (A.A.)” difundida mundialmente por tantos anos desperta interesse de áreas do conhecimento por compreender o dinamismo dessa proposta. Neste trabalho, objetivamos investigar a relação entre realização pessoal e vivência comunitária no contexto sociocultural de A.A. A fim de apreender o fenômeno em sua complexidade e unidade próprias, adotamos a orientação teórico-metodológica da Fenomenologia clássica. Utilizamos conceitos fundamentais da abordagem fenomenológica (consciência intencional, epoché, atitude fenomenológica) para compreendermos a mútua constituição pessoa/mundo-da-vida. Discorremos sobre mundo humano no qual o sujeito se insere (mundo-da-vida e cultura), elementos constitutivos do ser pessoa; processo de formação e realização pessoal, partindo dos conceitos de núcleo pessoal e experiência elementar; e o agrupamento social comunidade que favorece esse processo. Problematizamos ainda o modelo cultural contemporâneo caracterizado por múltiplos mundos-da-vida e abordamos a experiência religiosa enquanto encontro com um Ser que vitaliza a pessoa. Para compreensão do contexto de A.A., utilizamos coleta de dados documental e observação participante de cunho etnográfico. Para realizarmos entrevistas semi-estruturadas, selecionamos intencionalmente sujeitos que continham discurso pessoalizado acerca de A.A. que poderia indicar experiência de realização. E solicitamos que um informante-chave indicasse pessoas que considerasse realizadas em A.A. para serem entrevistadas. Utilizamos também outros critérios para seleção dos sujeitos para entrevistas: tempos distintos de participação em A.A. e diversidade quanto ao sexo. Selecionamos quatro entrevistas para a análise fenomenológica. Partindo da análise do modo como os sujeitos vivem A.A., apreendemos elementos essenciais da experiência de realização pessoal nesse contexto sociocultural, colhendo a dinamismo da relação pessoa/comunidade. Destacamos que os sujeitos se realizam na medida em que ressignificam a própria vida e condição de alcoolista a partir do encontro com o outro, enquanto exemplo de superação, que os acolhe e os valoriza; vislumbram novos modos de cuidar de si mesmos e lidar com as tensões, vivendo experiência de aprendizagem e crescimento pessoal a partir da partilha com o outro e da elaboração da proposta sociocultural de A.A.; vinculam-se comunitariamente aos outros integrantes de A.A. vivenciando relações de amizade e de solidariedade marcadas por doação de si ao outro, contribuindo com o processo pessoal alheio; ao contribuírem para o processo alheio e cuidado com o contexto comunitário de A.A., constroem um mundo de relações, dentro e fora dessa realidade, que é sustento para o processo de recuperação; vivem uma experiência religiosa de relação com um Poder divino que favorece o processo de autocuidado. Diante desses resultados, concluímos que a experiência de realização de si em A.A. não é expressa principalmente por reprodução dos princípios formais desse contexto. Para os que fazem a experiência de realização pessoal no contexto sociocultural de A.A. esta é favorecida pela apreensão própria de valor na proposta oficial em sintonia com as buscas pessoais por cuidado de si (possibilitando posicionamentos de abertura para o exame da própria vivência e para o mundo), e favorecida também pela formação pessoal de vínculos comunitários em A.A., que se tornam sustento para o processo de subjetivação e da conquista e manutenção da sobriedade.

Palavras-chave: Fenomenologia; Alcoólicos Anônimos; Experiência comunitária; Realização pessoal; Experiência elementar.

## ABSTRACT

Guimarães, A. C. B. (2014). Personal accomplishment in the community experience in Alcoholics Anonymous: a phenomenological research. Master dissertation, Faculty of Philosophy and Human Sciences, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

The modality of treatment of alcoholics “Alcoholics Anonymous (A.A.)” spread globally for so many years, arouses the interest of areas of knowledge for understanding the dynamics of this proposal. In the present work, we aim to investigate the relationship between personal accomplishment and community experience in the social-cultural context of the A.A. In order to learn the phenomenon in all its complexity and unit, we adopted the theoretical methodology orientation of classic Phenomenology. We used fundamental concepts of the phenomenological approach (intentional consciousness, epoché, phenomenological attitude) to understand the mutual constitution of person/life-world. We discuss about the human world in which the subject is inserted (life-world and culture), constitutive elements of the self person; process of formation and personal accomplishment, starting from the concepts of personal core and elementary experience; and the social grouping community favoring this process. We problematized the cultural contemporary model, characterized by multiples life-world and we approached the religious experience while meeting with a Being who vitalizes the person. To comprehend the A.A. context, we used a documental data collection and participant observation ethnographically. To carry out the semi-structured interviews, we intentionally selected subjects that held the customized speech about the A.A. that could indicate personal achievement. We asked that a key-informer indicate people that were considerate fulfilled in the A.A. to be interviewed. We used also other criteria to select the subjects: different participation time in the A.A. and different genders. We selected four interviews to the phenomenological analysis. Beginning from the way the subjects live the A.A., we learned essential elements from the personal accomplishment experience in this social-cultural context, harvesting the dynamics of the relation person/community. We highlight that the subjects achieve themselves as they reassure their own lives and their alcoholic condition, from the encounter with the other, as overcoming models, whom welcomes and values them; they envision new ways of taking care of themselves and deal with tensions, living the experience of learning and personal growth from the sharing with the other and the elaborations of the social-cultural proposal of the A.A.; the attach each other in a communitarian way with the other participants of the A.A., living a solidarity and friendship relationship marked by giving oneself to another, contributing with the alien personal process; bringing to the alien process and caring with the community context of the A.A, building a world of networks, in and out of this reality, wich supports the recovery process; living a religious experience of relation with a divine Power which favors the self-care process. Given these results, we conclude that the experience of self-accomplishment in the A.A. is not expressed mainly by reproduction of formal principles in this context. For those who do the personal experience achievement in the social-cultural context of the A.A., it is favored by the proper apprehension of value in the official proposal in line with the personal quest for self care (enabling positioning of openness for the exam of the own experience and to te world), and also favored by the personal training of community ties in the A.A. that becomes the sustenance for the process of subjectivation and the achievement and maintenance of sobriety

**Keywords:** Phenomenology; Alcoholics Anonimous; Community Experience; Personal Accomplishment; Elementary Experience.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

PPG  
PSICO  
LOGIA  
UFMG

## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Realização pessoal na experiência comunitária em Alcoólicos Anônimos: uma pesquisa fenomenológica**

**ANA CLAUDIA BERNARDES GUIMARÃES**

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA, como requisito para obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA, área de concentração PSICOLOGIA SOCIAL, linha de pesquisa Cultura, Modernidade e Processos de Subjetivação.

Aprovada em 10 de março de 2014, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Miguel Mahfoud - Orientador  
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Prof(a). Vera Engler Cury  
Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Prof(a). Érika Lourenço  
Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte, 10 de março de 2014.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>I – REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	17
1. A Fenomenologia como chave de compreensão do humano .....	18
1.1. Mundo-da-vida, cultura e pessoa .....	19
1.2. A pessoa em seus elementos constitutivos .....	21
1.3. Tornar-se si mesmo segundo Edith Stein .....	24
1.4. Realização de si conforme Luigi Giussani .....	28
1.5. Vida pessoal em comunidade .....	34
1.6. Vivência religiosa e posicionamento pessoal .....	40
1.7. Respostas ao modelo cultural contemporâneo .....	42
<b>II – CAMINHO PERCORRIDO</b> .....	45
1. Definição dos sujeitos .....	45
2. Coleta de dados .....	45
2.1: Campo de pesquisa .....	45
2.2: Coleta de dados documental e observação participante .....	45
2.3: Seleção dos sujeitos e entrevistas .....	46
3. Transcrição dos relatos .....	48
4. Compreensão e análise dos dados .....	48
4.1. Compreensão do contexto sociocultural .....	48
4.2. Análise das experiências dos sujeitos .....	49
<b>III – COMPREENDENDO ALCOÓLICOS ANÔNIMOS</b> .....	53
1. A proposta do contexto sociocultural de Alcoólicos Anônimos .....	53
2. Adentrando o campo de Alcoólicos Anônimos .....	62
<b>IV – CONVITE PARA ADENTRAR AS EXPERIÊNCIAS</b> .....	70
1. Suzana: <i>É uma amizade assim: um vínculo que cresce tão grande</i> .....	70
1.1. Antes de A.A. ....	70
1.2. A.A. entrando no horizonte da pessoa .....	77
1.3. Processo pessoal no grupo de A.A. ....	79

1.3.1. Início em A.A. ....	79
1.3.2. O contexto comunitário como possibilidade de crescimento pessoal .....	83
1.3.3. O contexto comunitário em construção .....	90
1.4. A.A. e os diversos âmbitos da vida .....	99
1.5. Experiência de Suzana: uma síntese .....	105
2. <i>Lilita: A companheira me deu um abraço: que delícia! A gente começa a sentir fazendo parte</i> .....	108
2.1. Antes de A.A. ....	108
2.2. Processo pessoal no grupo de A.A. ....	112
2.2.1. Início em A.A. ....	112
2.2.2. O contexto comunitário como possibilidade de crescimento pessoal .....	118
2.2.3. O contexto comunitário em construção .....	125
2.4. A.A. e os diversos âmbitos da vida .....	134
2.5. Experiência de Lilita: uma síntese .....	140
3. <i>Domênico: Sinto prazer de abraçar a todos que estão lá. Isso não é viver feliz?</i> ....	141
3.1. Antes de A.A. ....	142
3.2. A.A. entrando no horizonte da pessoa .....	147
3.3. Processo pessoal no grupo de A.A. ....	148
3.3.1. Início em A.A. ....	148
3.3.2. O contexto comunitário como possibilidade de crescimento pessoal .....	154
3.3.3. O contexto comunitário em construção .....	163
3.4. A.A. e os diversos âmbitos da vida .....	168
3.5. Experiência de Domênico: uma síntese .....	172
4. <i>Aguinaldo: O grupo é a maior paixão da minha vida</i> .....	174
4.1. Antes de A.A. ....	175
4.2. A.A. entrando no horizonte da pessoa .....	180
4.3. Processo pessoal no grupo de A.A. ....	185
4.3.1. Início em A.A. ....	186
4.3.2. O contexto comunitário como possibilidade de crescimento pessoal .....	189
4.3.3. O contexto comunitário em construção .....	196
4.4. A.A. e os diversos âmbitos da vida .....	207
4.5. Experiência de Aguinaldo: uma síntese .....	211

<b>V – ELABORANDO EXPERIÊNCIA-TIPO .....</b>	<b>214</b>
1. Experiência-tipo da relação pessoa/comunidade de Alcoólicos Anônimos .....	214
2. Experiência-tipo da relação pessoa/proposta de Alcoólicos Anônimos .....	216
3. Experiência-tipo da realização de si em Alcoólicos Anônimos .....	218
<b>VI – COMPREENSÃO TEÓRICA DA EXPERIÊNCIA-TIPO .....</b>	<b>220</b>
1. A.A. como provocação à consciência de si, da realidade e ao crescimento pessoal ..	220
1.1. Na consciência de si, a memória do próprio drama revela a transformação enquanto crescimento pessoal .....	220
1.2. Da consciência de si à elaboração das tensões .....	223
1.3. Na abertura da razão, a atenção à realidade forma o eu .....	225
2. A realização de si enquanto ponto fundamental na experiência em A.A.: um círculo virtuoso .....	227
3. Relacionamento inter-humano e ressignificação da vida: formação pessoal e vida em comunidade .....	229
3.1. No centro, os relacionamentos .....	229
3.2. A centralidade da vida em comunidade: uma ponte para si mesmo e para o mundo .....	231
3.3. Na relação com o outro, emerge consciência de si e gratidão pela ressignificação do limite e da vida .....	235
3.4. Provocação mútua para autocuidado e crescimento pessoal .....	238
3.5. Na doação do eu ao outro, emerge realização de si e fortalecimento da vida em comum .....	239
4. Na abertura para a proposta de A.A. nasce vivência religiosa .....	241
<b>VII – AMPLIANDO HORIZONTES .....</b>	<b>243</b>
1. Esforço positivo para elaboração das tensões: dialogando com Edmund Husserl ...	243
2. Encontro e amizade: dialogando com Romano Guardini .....	244
3. Doação de si e autotranscendência: dialogando com Viktor Frankl .....	247
4. A Potência divina na experiência religiosa: dialogando com Gerard van der Leeuw.	249
<b>VIII – CONCLUSÕES .....</b>	<b>251</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>255</b>
<b>ANEXO .....</b>	<b>262</b>

## INTRODUÇÃO

Foi ao longo do estágio em uma clínica para recuperação de dependentes de drogas (Ampare – Associação mineira de pais e amigos para prevenção e recuperação de abuso de drogas), quando eu cursava graduação em Psicologia, que pude logo perceber a complexidade do fenômeno da dependência química. Na prática mesma, reconheci o quão difícil é lidar com o tratamento de drogadictos que desejam a recuperação: a própria fase de abstinência é dolorosa; lidar com tantos vínculos rompidos ao longo da dependência; as recaídas; os sentimentos como vergonha e culpa, etc. São muitos os fatores envolvidos no processo de distanciamento das drogas e álcool. Como lá utilizavam os doze passos de Alcoólicos Anônimos (A.A.) para o processo de tratamento, uma curiosidade me foi despertada: o que acontece em A.A. que favorece a reabilitação do alcoolista? A partir dessa, outras foram se abrindo e mobilizando ainda mais uma busca por respostas: mas é somente a sobriedade que alcançam? O que mais é possível a partir da participação no grupo de A.A.?

Mas, não se trata apenas de um interesse pessoal em pesquisar A.A., inserido numa temática mais ampla – a dependência do álcool –, pois esta é problema de saúde pública, campo de interesse mundial e tema contemporâneo abordado de modo multidisciplinar (Galduróz, Noto, Nappo & Carlini, 2005; Senad, 2010). O alcoolismo é a terceira causa de mortalidade e morbidade no mundo, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) (Senad, 2010). O álcool também está fortemente associado ao alto índice de acidentes de trânsito entre jovens, quedas, afogamentos, acidentes com armas de fogo, suicídios, homicídios, dentre outros problemas sociais relacionados (Nascimento & Justo, 2000).

Por ocasionar problemas graves em nível biopsicossocial, o alcoolismo é ponto sobre o qual a Psicologia se debruça. Enquanto algumas abordagens da Psicologia buscam compreender as causas biopsicossociais e os fatores de manutenção do alcoolismo (Kalina, 1999; Silva, Macedo, Derntl & Bergami, 2007), outras se preocupam com a prevenção (Dea, Santos, Itakura & Olic, 2004), com a intervenção, tratamento e ressocialização (Leite & Gomes; Milby, 1988; Possa & Durman, 2007; Sabino & Cazenave, 2005), com a descrição do fenômeno do alcoolismo (Kalina, 1999; Sipahi & Vianna, 2001) e com as questões políticas e de cidadania que envolvem os dependentes (Queiroz, 2001). Dentre as modalidades de intervenção e tratamento, tem-se a psicoterapia individual e em grupo (Milby, 1988) e programas e políticas sociais (Senad, 2010). Há ainda locais que disponibilizam meios para se tratar a dependência ao álcool tais como clínicas de recuperação (Sabino & Cazenave, 2005),

CapsAd (Senad, 2010; Souza, Kantorski & Barreto, 2006), e organizações de auxílio mútuo (comunidades terapêuticas e grupos de ajuda mútua) (Milby, 1988) na qual se inclui A.A.

Diante de um amplo campo de estratégias de intervenção eficazes que buscam a recuperação do alcoolista, os doze passos de A.A. são bastante utilizados por outras abordagens de tratamento, como as comunidades terapêuticas e outros grupos de autoajuda (Campos, 2004; Sabino & Cazenave, 2005). Além disso, a difusão dos grupos de A.A. por várias regiões do mundo e do Brasil (Alcoólicos Anônimos, 2001; Campos, 2004) e o número considerável de manutenção de abstinência em A.A. (Campos, 2004) mostram que a metodologia própria de A.A. é eficaz no tratamento dos alcoolistas.

De um modo mais sucinto, a princípio, o grupo A.A., que teve origem em 1935 nos Estados Unidos da América e em 1947 no Brasil (Alcoólicos Anônimos, 2001), possui características e metodologia próprias de intervenção. A proposta de A.A. preza o compartilhamento das experiências entre os seus membros em prol de um objetivo comum: a sobriedade. E ainda, propõe aos integrantes a crença a um Poder Superior, seja qual for, a partir do qual podem se fortalecer para manterem-se sóbrios.

Alcoólicos Anônimos é uma irmandade de homens e mulheres que compartilham suas experiências, forças e esperanças, a fim de resolver seu problema comum e ajudar outros a se recuperarem do alcoolismo. O único requisito para se tornar membro é o desejo de parar de beber: para ser membro de A.A. não há taxas ou mensalidades; somos autossuficientes, graças às nossas próprias contribuições. A.A. não está ligada a nenhuma organização ou instituição; não deseja entrar em qualquer controvérsia; não apoia nem combate quaisquer causas. Nosso propósito primordial é mantermo-nos sóbrios e ajudar outros alcoólicos a alcançarem a sobriedade (Alcoólicos Anônimos, 2011, preâmbulo).

Compreendamos como algumas pesquisas apreendem a dinâmica própria de A.A. em relação aos seus membros nos lançando em reflexões e problematizações a partir das quais anunciaremos o que nos interessa investigar na presente pesquisa.

Gomes (2007) realizou pesquisa em alguns locais de tratamento de alcoolista no município de Teresina (PI), entre eles um grupo de A.A. Interessou-se pelas representações do alcoolista acerca do uso do álcool e do tratamento do alcoolismo. Identificou que as representações sociais do uso do álcool estão relacionadas a obstáculos na vida e à sensação de liberdade advinda do álcool. E em relação ao tratamento em A.A., os integrantes demonstraram que o grupo possibilita “mudança de vida, recomeço e bem-estar” (p. 5). Em nossa pesquisa, não nos interessa compreender a inserção do integrante em A.A. a partir das representações que constroem, mas sim o modo como vivencia A.A.

Rodrigues & Almeida (2002) realizaram pesquisa teórica buscando refletir sobre as estratégias utilizadas por A.A. articulando-as às concepções de liberdade e responsabilidade sartreanas. A princípio, sem um maior aprofundamento, perceberam que o alcoolista, ao precisar admitir ser impotente perante o álcool e se voltar a um poder superior entregando a este a condução da própria vida, não estaria exercitando a dimensão da escolha e sim se associando a outro tipo de dependência. Porém, indo adiante em suas reflexões, notaram que tais atitudes revelam um posicionamento autêntico de liberdade, de decidir pela sobriedade e viver bem. Esses resultados abrem espaço para nos indagarmos como a liberdade se configura como um fator presente na experiência do integrante em A.A.

Campos (2004, 2009a, 2009b), que realizou pesquisa sobre A.A. no âmbito das Ciências Sociais, partiu de uma pesquisa etnográfica feita em grupos de A.A. na periferia da cidade de São Paulo, realizando uma análise dos significados atribuídos à experiência do alcoolismo. Focalizou sua análise nos códigos culturais que operam no processo saúde-doença, tomando o alcoolismo como doença. Identificou que o processo simbólico que perpassa a mudança da identidade de bêbado para doente alcoólico em recuperação influencia no modo como o integrante de A.A. se responsabiliza pela própria vida. Há uma função terapêutica em A.A. que preza o autocuidado e cuidado do integrante para com os vínculos sociais, da mesma forma que o auxilia a desenvolver uma responsabilidade para consigo mesmo e para com o próximo (Campos, 2004, 2009a, 2009b). A.A. favorece a reconstrução subjetiva, que “envolve o resgate das identidades sociais de pai /mãe, esposo(a) e trabalhador(a), dentro de uma lógica regida por códigos culturais, através dos quais articulam-se os planos físico e moral da vida do alcoólico. (Campos, 2009a, p. 123). Campos (2009b, p. 25) pontua ainda que em A.A. há “um mecanismo simbólico que possibilita a fabricação da subjetividade pelo grupo, e que opera a ressemantização dos valores característicos do campo ideológico da modernidade, a saber: a ‘escolha’, a ‘liberdade’, a ‘responsabilidade’ e a ‘vontade’”. Problematicamos essa compreensão: como é possível que o grupo fabrique a subjetividade do integrante? E o sujeito é apenas um receptáculo dos princípios de A.A.? Nosso intuito é compreender justamente como a pessoa se posiciona no grupo e elabora o que é proposto por A.A.; é olhar a vivência em A.A. sob o ângulo da mútua constituição entre pessoa e contexto sociocultural.

Na mesma direção, encontramos a compreensão da antropóloga Garcia (2004) acerca de A.A. Em sua pesquisa investigando grupos de A.A. no Rio de Janeiro, identificou que o integrante de A.A. que parou de beber (alcoólico passivo) “se vê num mundo organizado que lhe apresenta regras explícitas de conduta para viver uma *nova vida*” (p. 164). Além disso, no

espaço de A.A., os alcoólicos passivos “constroem e reproduzem um patrimônio de ideias e imagens coletivas sobre o que é e como exercer controle sobre o alcoolismo” (p. 169) que permitem a construção da identidade de alcoólico passivo. Em nossa perspectiva, tanto a identidade de alcoólico passivo quanto a reprodução/construção de coletividades – sustentáculos da identidade – são restritas para pensarmos o processo pessoal na relação integrante/grupo. Nosso interesse é de ir além: lançamos nosso olhar para compreender a mútua constituição pessoa/grupo.

O modo de se relacionar do integrante em A.A. via a mutualidade foi identificada pelo sociólogo Mota (2002) em sua pesquisa com grupos de A.A. de Fortaleza (CE), cujo objetivo foi compreender como A.A. permanecem estruturados por tantos anos. Percebeu que

a mutualidade é um princípio indissociável da ideologia de tais grupos, pois a recuperação do indivíduo depende sobretudo de sua relação com os demais integrantes e seus preceitos, embora não exista qualquer controle sobre a frequência do membro às reuniões (Mota, 2002, p. 25).

“Tais grupos de ajuda mútua constituem um espaço privilegiado para indivíduos (...) realizarem o tratamento de seu alcoolismo e vivenciar um sentido comunitário que parecia haver desaparecido por completo das metrópoles capitalistas” (idem, p. 10). O vínculo intersubjetivo associado à solidariedade e ao sentido comunitário é destacado pelo autor enquanto um ponto forte para o processo de recuperação do alcoolista. Em nossa pesquisa encontramos um valor nas elaborações de Mota (2002) que abrem espaço para atentarmos para a possível presença da solidariedade na experiência da pessoa em A.A. Também almejamos compreender até que ponto o grupo pode ser considerado uma comunidade a partir das relações intersubjetivas constituídas.

Kassel & Wagner (1993), psicólogos norte-americanos, realizaram pesquisa teórica com o intuito de identificar processos de mudança dos alcoolistas em A.A. Em algumas pesquisas, encontraram fatores positivos que auxiliavam na mudança de seus comportamentos apontados pelos próprios integrantes de A.A. tais como “empatia, mútua afirmação, transmissão de esperança, e o compartilhamento das experiências cotidianas, pensamentos e sentimentos” (p. 228, tradução nossa) que estão associados com o suporte social presente em grupos de ajuda mútua. Podemos nos indagar como estes fatores e o suporte social estão presentes nos grupos de A.A. e como estes aspectos ajudam na inserção do integrante na sociedade mais ampla.

As pesquisas supracitadas se referem ao grupo de A.A. enquanto determinante no processo de sobriedade do alcoolista, favorecendo inclusive o próprio processo de subjetivação, como apontadas logo adiante. Podemos compreender o processo de subjetivação

como o processo em que a pessoa se singulariza ao experienciar a relação sujeito-mundo. É com a experiência que o sujeito descobre quem ele é (Martins, 2007).

Campos (2009a, p. 123) ressalta que, em A.A., o alcoolista em recuperação redesenha “os contornos de sua construção subjetiva dentro de um modelo terapêutico no qual relacionar-se com o outro significa, fundamentalmente, um voltar-se para si mesmo”. Garcia (2004, p. 167) expõe que os alcoolistas, ao elaborarem a própria trajetória nas reuniões de A.A. ou em outros momentos, são ajudados a “reorganizarem a percepção sobre suas vidas e a tornarem-se mediadores da própria ressocialização ou elaboração da identidade.” Gomes (2007, p.77) pontua que os alcoolistas após iniciarem o tratamento em A.A. “se consideravam pessoas livres e felizes, sentiam mais prazer em trabalhar e bem consigo mesmas.” Kassel & Wagner (1993, p. 231) identificaram que “a inserção no novo modo de vida do grupo [de A.A.] pode definir o cenário para a mudança comportamental positiva” (tradução nossa) do integrante de A.A. Mota (2002, p.31) coloca que o grupo de A.A. favorece o processo de “reformulação íntima”: “a reformulação íntima é um quesito inalienável no processo de reintegração a uma ‘nova vida’”. Rodrigues & Almeida (2002, p. 119) relata que “as práticas e estratégias [de A.A.] reforçam, a todo tempo, a necessidade de assumir a responsabilidade sobre a vida, de escolher o seu destino.”

Tais estudos pontuam aspectos que podem ser tomados como características do processo de subjetivação, potencializado tanto pela proposta e práticas de A.A. quanto pelas relações intragrupais presentes nesse contexto. No entanto, outra parcela de pesquisas considera que em A.A. não há espaço para a subjetividade, já que o roteiro básico, para o relato das histórias de vida nas reuniões, favorece o surgimento de um discurso homogêneo ao invés da singularidade (Pacheco, 1998; Reis, 2007). É também colocado comumente como problema o fato de as abordagens socioculturais, como A.A., poderem induzir outro tipo de dependência já que há possibilidade de os membros se subordinarem ao grupo para alcançarem a sobriedade, resultando em alienação ao invés da autonomia pessoal (Bergeret & Leblanc, 1991; Baptista, 2003; Pacheco, 1998).

Tendo em vista os resultados das pesquisas supracitadas, interessamo-nos por compreender a dinâmica intragrupal que possibilita a pessoa lidar com as próprias dificuldades chegando a se singularizar no processo de sobriedade. Almejamos compreender um tipo de relação intersubjetiva própria da comunidade que favorece a constituição da pessoa em sua singularidade (Mahfoud, 2007). Assim, perguntamo-nos: que contribuição há na relação pessoa/grupo que potencializa o processo de subjetivação do alcoolista no contexto de A.A.? Que tipo de suporte há nas relações interpessoais que favorece a subjetividade do

alcoolista e que pode ser apreendido como um fator comunitário? E dessa forma, o que possibilita processos de subjetivação ou de alienação naquele contexto?

Para ir adiante nessa investigação, considerando a existência de abordagens da Psicologia que tendem compreender a experiência humana somente pela via do indivíduo ou somente pela via dos processos coletivos (Mahfoud & Massimi, 2008; Massimi & Mahfoud, 2007), interessa-nos lançar um olhar sobre o fenômeno considerando, a um só tempo, a pessoa e os processos coletivos. Interessa-nos compreender como a relação pessoa/grupo vivenciada pelo alcoolista em A.A. está interrelacionada com a dinâmica de subjetivação no contexto de A.A. Para tanto, a Fenomenologia enquanto referência teórico-metodológica nos guiará pelo caminho de alcance e compreensão dos dados, por conter uma proposta original de apreensão da vivência em seus elementos subjetivos e intersubjetivos.

Tendo em vista o escopo desse trabalho, nossos objetivos são:

1) Objetivo geral: investigar como se articulam a vivência comunitária e a experiência de realização pessoal no contexto sociocultural de Alcoólicos Anônimos.

2) Objetivos específicos: a) compreender como o contexto sociocultural de A.A. em estudo é proposto, em termos de vínculos comunitários, aos sujeitos que o compõem; b) apreender como os integrantes vivenciam o que é proposto em termos de vínculos comunitários pelo contexto sociocultural de A.A.; c) captar como os sujeitos vivenciam os vínculos comunitários e o contexto sociocultural enquanto potencializadores do processo de subjetivação nesse contexto. E de que modo se dá a experiência de autorrealização na condição pessoal de alcoolista e na estrutura sociocultural de A.A.

Qual será o percurso da presente pesquisa? No capítulo I, discorreremos sobre a especificidade das contribuições da corrente fenomenológica para a compreensão do mundo humano, ressaltando seus elementos fundamentais. Primeiramente, atemo-nos aos conceitos de consciência intencional, epoché, atitude fenomenológica, além de discorrer brevemente sobre a contribuição da abordagem fenomenológica para a Psicologia. Em seguida, lançamo-nos a compreender a relação pessoa-mundo, por meio das conceituações de mundo-da-vida e cultura. Propomos também apreender os elementos propriamente humanos que sustentaram o próximo passo, marcado pela compreensão do processo de tornar-se si mesmo, apoiando-nos em Edith Stein, mais especificamente no conceito de núcleo pessoal; e do processo de realização de si, na companhia de Luigi Giussani e de sua conceituação “experiência elementar”. Discorreremos, ainda, sobre a especificidade do conceito de comunidade relacionando-o à vida pessoal e da vivência religiosa articulada ao posicionamento pessoal,

por ser uma das propostas de A.A. a relação com um Poder Superior. Complementamos essas perspectivas teóricas com problematizações acerca do modelo de cultura contemporâneo.

No capítulo II, expomos os procedimentos metodológicos também baseados na abordagem fenomenológica. Apresentamos a definição dos sujeitos, onde e como coletamos os dados e selecionamos os sujeitos; e de que maneira realizamos a transcrição dos relatos, análise do material e compreensão do contexto sociocultural de A.A.

No capítulo III, descrevemos inicialmente o contexto da realidade grupal investigada em termos das propostas socioculturais e de vivência pessoal, e em seguida, encontram-se as descrições do trabalho de campo.

No capítulo IV, apresentamos as análises das experiências de quatro integrantes de A.A., sujeitos dessa pesquisa.

No capítulo V, identificamos os elementos nucleares em comum a todas as experiências analisadas, formulando a experiência-tipo da experiência em A.A., discorrendo sobre a experiência-tipo da relação pessoa/comunidade de A.A., da relação pessoa/proposta de A.A. e da realização de si em A.A.

Como forma de ampliarmos a compreensão das experiências-tipo elaboradas, recorreremos à articulação dos elementos essenciais da experiência em A.A. com o nosso referencial teórico no capítulo VI. E no capítulo VII, lançamos mão de diálogos entre as compreensões alcançadas com outras produções teóricas.

Após percorrer as elaborações em cada capítulo chegamos ao capítulo VIII com as principais conclusões e provocações provindas desta pesquisa.

## I – REFERENCIAL TEÓRICO

A fim de colhermos as contribuições da abordagem fenomenológica para a compreensão do humano, recorreremos à Husserl (1859-1938), enquanto fundador dessa corrente filosófica, para acessarmos o conceito de mundo-da-vida pelo fato de corresponder ao substrato da experiência que é a um só tempo pessoal e coletiva (Zilles, 2001, 2002; Husserl, 1935/2002).

Seremos auxiliados por Edith Stein (1891-1942), discípula de Husserl, fenomenóloga alemã com referencial na filosofia tomista, por desenvolver uma Fenomenologia essencialista e personalista propiciando uma contribuição fundamental para a Psicologia, pois em suas obras compreende a formação da pessoa em sua unidade e totalidade. Desenvolve uma antropologia filosófica em sua vasta obra fundamentando-se no conceito de núcleo pessoal. Stein (1922/2005a) ainda adentra o campo da relação pessoa/agrupamento social para destacar a potência da vida em comunidade para o processo de formação pessoal. Além disso, debruçou-se em compreender o dinamismo da vivência religiosa (Stein, 1991/2005b; 1930-32/2007b).

Também nos apoiaremos em Luigi Giussani (1922-2005), intelectual italiano, padre católico, filósofo, educador e teólogo, que se fundamentando em Tomás de Aquino e Agostinho de Hipona propôs uma descrição da pessoa humana a partir de seus elementos constitutivos formulando o conceito de experiência elementar.

Optamos por apreender a contribuição de outros autores contemporâneos que continuam colhendo as provocações husserlianas sobre o mundo-da-vida. Schutz (2003) constitui formulações psicossociológicas acerca dessa noção denotando uma compreensão da mútua constituição sujeito mundo em situações sociais específicas. Seus discípulos Berger, Berger & Kellner (1979) e Berger & Luckmann (2004) “ressaltam a pertinência do conceito para a compreensão do caráter social de constituição da realidade e buscam historicizá-lo, demonstrando como ele se configura no processo de modernização no qual estamos inseridos” (Leite, 2011, p. 69). Ales Bello (1998, 2000, 2004, 2006) também nos auxilia nesse trabalho por ser uma filósofa profundamente conhecedora de Edmund Husserl e de Edith Stein ressaltando a radicalidade da vivência. Além desses autores seremos guiados por outros à medida que formos discorrendo sobre os conteúdos teóricos, por contribuírem com provocações e conhecimentos profícuos acerca das temáticas apresentadas.

## 1. A Fenomenologia como chave de compreensão do humano

Em linhas gerais, Edmund Husserl (1859-1938) – fundador da Fenomenologia – deparou-se com os reducionismos da ciência moderna, que se apropriou unicamente do método científico positivista, excluindo uma visão totalizante do homem e de sua realidade. Assim, a corrente fenomenológica que de início interessou-se pelo fundamento do conhecimento acabou por se perguntar sobre quem é aquele que conhece. Dessa forma, Husserl preocupou-se em compreender o fenômeno humano de forma rigorosa apontando a urgência de considerar a indissociabilidade entre sujeito-objeto, e conseqüentemente entre consciência-mundo (Ales Bello, 2004, 2006; Husserl, 1935/2002).

A Fenomenologia se dirige aos fenômenos e não às coisas, específicas da visão natural em que o cientista se situa. Enquanto na orientação natural o mundo é reduzido a coisas em suas relações objetivas, na orientação fenomenológica, o mundo é dotado de sentido pela consciência intencional, de sujeitos, e por isso o objeto visado é um fenômeno subjetivo e não apenas um objeto puro e simples (Husserl, 1952/2006b). A consciência é sempre consciência de um objeto, e todo objeto é objeto de uma consciência. Daí, a mútua constituição entre consciência-objeto; eu-mundo.

A compreensão de que o mundo é dotado de sentido pelo sujeito não significa que o que se apreende do objeto seja relativo. Para captar o que é o objeto, Husserl identificou que é preciso uma posição de abertura realizando a *epoché* – colocar entre parênteses a atitude natural e as concepções prévias – para acessar a estrutura e sentido do fenômeno (Salum, 2011; Zilles, 2002). Ao mesmo tempo em que a subjetividade auxilia na compreensão do fenômeno, ela é colocada de lado para que o significado do objeto emerja. Daí a possibilidade de um conhecimento sistemático da experiência via a atitude fenomenológica.

Em suas investigações, Husserl identifica a presença de vivências imanentes – como perceber, sentir, pensar, recordar, valorar, querer – que constituem a estrutura humana, a partir das quais o sujeito pode acessar os objetos transcendentais, a fim de conhecê-los. É a partir da análise das vivências humanas, que Stein dá continuidade aos estudos de Husserl debruçando-se na compreensão da estrutura propriamente humana (Ales Bello, 2000, 2004, 2006) aprofundada na sessão “A pessoa em seus elementos constitutivos” e “Tornar-se si mesmo segundo Edith Stein”.

Em suas investigações, Husserl interessou-se por refletir sobre o problema do psicologismo, apontando as contribuições da Fenomenologia para o campo da psicologia. A Fenomenologia por apreender uma fundamentação filosófica para as ciências naturais e

humanas, “poderia fornecer à psicologia de fatos o seu aparato conceitual” (Peres, 2013, p. 46), indicando um caminho de compreensão do humano a partir de uma articulação consistente entre as dimensões que o constituem: a psicofísica e a sociocultural.

Em seguida, adentraremos as contribuições da Fenomenologia para o conhecimento do campo sociocultural em vinculação com a pessoa.

### **1.1. Mundo-da-vida, cultura e pessoa**

A fim de compreendermos como o sujeito vivencia o contexto e a proposta de Alcoólicos Anônimos, considerando a um só tempo a dimensão pessoal e a social, recorreremos ao conceito de mundo-da-vida, fundamental da Fenomenologia Clássica (Husserl e Stein), que nos auxilia a apreender o dinamismo de mútua constituição entre realidade sociocultural e pessoa (Husserl, 1935/2002; Ales Bello, 1998; Zilles, 2002).

A pessoa vive num “mundo histórico-cultural concreto, sedimentado intersubjetivamente em usos e costumes, saberes e valores” (Zilles, 2002, p. 49). Esse é o mundo-da-vida que contém uma estrutura de tempo, códigos de relações compartilhados, conteúdos de sentido que permitem a pessoa interpretar e compreender os elementos da realidade (Ales Bello, 1998; Berger, Berger & Kellner, 1979; Berger & Luckmann, 2004; Schutz, 2003). O modo como o objeto é apreendido depende dessas formações de sentido, dos valores e saberes culturais partilhados pelas pessoas num dado grupo.

O mundo-da-vida “é ao mesmo tempo pessoal e coletivo: trata-se do mundo em que vivemos e que é o mundo para nós” (Ales Bello, 1998, p. 38). Mundo-da-vida enquanto fundamento primordial da vivência humana, enquanto “lugar da experiência absoluta” (Zilles, 2002, p. 46), que inclusive é substrato para o mundo da ciência e para a objetividade (Zilles, 2002; Husserl, 1935/2002). O mundo-da-vida é o lugar em que temos a “permanente consciência da existência universal, do horizonte universal de objetos reais, efetivamente existentes” (Zilles, 2002, p. 49). Dessa forma, tudo que existe na experiência se encontra sustentado por um horizonte maior denominado mundo-da-vida: o sujeito se insere no mundo-da-vida que possibilita a vivência mesma. Na relação consciência-mundo, o sujeito pode se dar conta desse horizonte de modo a captar a riqueza que o constitui e assim, posicionar-se pessoalmente; no entanto, enquanto permaneça na atitude natural, a pessoa existe nesse mundo.

As reservas de sentido objetivadas e processadas pela sociedade são “conservadas” em reservatórios históricos de sentido e “administradas” por instituições. O agir do indivíduo é moldado pelo sentido objetivo, colocado à disposição pelos acervos sociais do conhecimento e comunicado por instituições através da pressão que exercem para seu acatamento. Neste processo, o sentido objetivado está em constante interação com o sentido subjetivamente constituído e com o projeto individual de ação. Mas significativa é também – e poderíamos dizer talvez sobretudo – a estrutura intersubjetiva das relações sociais em que o indivíduo atua e vive (Berger & Luckmann, 2004, p. 25).

A pessoa apreende no contato com a realidade conteúdos de sentido específicos correspondentes às formas habituais e convencionadas – que constituem os acervos de conhecimento, os reservatórios históricos de sentido e as instituições (Berger & Luckmann, 2004; Schutz, 2003). Nesse sentido, a sociedade dita modos específicos de os sujeitos se relacionarem com os objetos, circunstâncias da vida, e com outras pessoas que são passados de geração em geração. Desde o nascimento, o sujeito recebe vários sentidos já formulados em seu contexto social.

O “mundo da vida, no sentido de mundo experimentado pelo homem, significa uma realidade rica, polivalente e complexa, que o próprio homem constrói. Mas, ao mesmo tempo, o *Lebenswelt* [mundo-da-vida] é constituído pela história, linguagem, cultura, valores...” (Zilles, 2002, p. 50). Ao mesmo tempo em que a pessoa constitui seu mundo, este com seus elementos culturais dá condições e direcionamentos para a atividade do sujeito. “O mundo da vida é, então, uma realidade que modificamos mediante nossos atos e que, por outro lado, modifica nossas ações” (Schutz, 2003, p. 28, tradução nossa<sup>1</sup>). Nestes termos, o mundo-da-vida recebe novas configurações a partir da atividade subjetiva. A pessoa vive as receitas de como viver ao mesmo tempo em que as atualiza e as formula. O mundo-da-vida, com suas formações de sentido, oferece um campo de ação para o sujeito que ao se posicionar constrói seu mundo: daí a mútua constituição pessoa/mundo. O que se constrói é nutriente do e para o próprio agir pessoal (Guimarães, 2011).

Na vida adulta, o sujeito é capaz de se colocar na tradição de um modo razoável e consciente apreendendo os elementos profícuos para o próprio desenvolvimento e inclusive, para a constituição de sua realidade.

Segundo Stein, é preciso dar-mo-nos conta do mundo em que vivemos, da cultura, das coisas positivas que este mundo pode nos comunicar e não distanciarmos demais das tradições, eventualmente criticá-las, mas apreender conscientemente o que de bom elas transmitem (Ales Bello, 2004, p. 132).

---

<sup>1</sup> Todas as traduções do espanhol e italiano para o português presentes nesse trabalho são de nossa autoria.

Nesse sentido, “o homem pode colher do ambiente circundante o alimento disponível para o corpo e para a alma, pode eleger o que é apropriado e recusar o que é danoso” (Stein, 1932-33/2003a, p.190). Stein (1932-33/2003a, 1930/2003b) utiliza o conceito de alma da tradição aristotélico-escolástica para descrever a unidade psique-espírito<sup>2</sup> como princípio formador da vida pessoal.

A alma cresce, se enriquece e se amplia, porém ao mesmo tempo cresce também o mundo que explora discernindo, e no qual pode atuar configurando. O que os sentidos e o intelecto lhes põem de frente é um mundo de coisas; o significado que estas possuem para a estruturação do mundo interior, como alimento da alma, as marcam como *objetos de valor* ou como *bens*. Na medida em que estes bens são produtos do espírito humano, suscitados por sua atividade criativa, os designam como *bens culturais*. (...) O que constitui seu valor é algo espiritual; uma parte da vida espiritual está misteriosamente prisioneira neles, e pode ser assimilado pela alma que entra em contato com eles. Se os consideramos sob esse ponto de vista, chamar-nos-emos de bens de formação (Stein, 1930/2003b, p. 184, *itálicos da autora*<sup>3</sup>).

Nesse sentido, a cultura enquanto fruto da atividade humana é nutriente para a formação da pessoa. É nesse dinamismo de imbricamento entre construção de bens culturais e formação humana que o mundo objetivo se configura como mundo pessoalizado. Por isso, na próxima sessão compreenderemos os elementos constitutivos do ser pessoa e nas sessões “Tornar-se si mesmo segundo Edith Stein” e “Realização de si conforme Luigi Giussani” aprofundaremos o processo de formação da pessoa vinculado ao contexto sociocultural.

Reconhecer a mútua constituição pessoa-cultura nos incita a permanecermos atentos em como essa dinâmica se revela na experiência dos integrantes de A.A., considerando não apenas a expressão da subjetividade, mas buscando, sobretudo articulá-la aos sentidos culturais que sustentam seus posicionamentos. Com efeito, a busca por acessar os elementos pessoais e compartilhados no grupo de A.A. não exclui a atenção à proposta cultural que possibilita tanto a vivência do sujeito quanto o seu processo de subjetivação.

## 1.2. A pessoa em seus elementos constitutivos

Partindo da análise das vivências da pessoa em seu mundo, são reveladas características próprias tanto da pessoa quanto do seu mundo. Como dimensões próprias da pessoa, temos a corpórea, a psíquica e a espiritual. A dimensão corpórea trata-se do corpo vivente a partir do

---

<sup>2</sup> O termo espírito se refere à atividade da razão humana (Stein, 1932-33/2003a). Esse tema será aprofundado na sessão “A pessoa em seus elementos constitutivos”.

<sup>3</sup> Todos os *itálicos* presentes em citações no presente trabalho são dos autores.

qual a pessoa vivencia sensações advindas de estímulos internos e externos (Ales Bello, 2004, 2006; Stein, 1932-33/2003a, Stein, 1991/2005b). A dimensão psíquica refere-se ao modo como a realidade ressoa na pessoa e se vincula aos sentimentos e estados vitais, as reações emocionais, os impulsos e as tendências que acometem o sujeito (Ales Bello, 2004, 2006; Stein, 1932-33/2003a, Stein 1922/2005a, Stein, 1991/2005b). A dimensão espiritual engloba as capacidades de intelecto e vontade sob base das quais a pessoa elabora as provocações do contexto sociocultural, colhe e formula um significado. E a atividade espiritual abrange a tomada de posição do sujeito frente ao que lhe acontece (Ales Bello, 2004, 2006; Stein, 1932-33/2003a, 1930/2003b, 1922/2005a, 1991/2005b). Esses três níveis, descritos pela Fenomenologia de Husserl e Stein (Ales Bello, 2004, 2006, prelo-a) correspondem aos componentes fundamentais que permitem dizer que o sujeito é um ser humano.

Stein afirma que “o homem se revela como um organismo de estrutura muito complexa: como um todo vital unitário em contínuo processo de fazer-se e transformar-se” (1932-33/2003a, p. 746). A pessoa – que somente é *em relação* – é um ser uno incluído na realidade social e sujeito da própria experiência (Mahfoud & Massimi, 2008; Massimi & Mahfoud, 2007).

Prosseguindo com as compreensões de Stein acerca da pessoa, ela nos apresenta o conceito de força vital. A pessoa possui um *quantum* de energia que se diferencia em força vital orgânica (sensível), força vital psíquica e força vital espiritual (Stein, 1932-33/2003a, 1991/2005b). Realizar atividades corporais é propiciado pela força vital orgânica. O cansaço e o vigor são estados vitais psíquicos que revelam níveis diferenciados da força vital psíquica. A partir do consumo da energia vital sensível (corporal) ocasiona-se assim, o estado vital cansaço. A recuperação da força vital como um todo é possibilitada por posicionamentos de caráter espiritual – que necessitam de força espiritual para serem exercidas –, referentes, por exemplo, à alimentação, ao descanso ou até mesmo às atividades espirituais, como a leitura de um livro ou contato com uma bela paisagem. O incremento de força vital é experienciado pela pessoa como um “efeito vivificante” sobre o próprio ser (Stein, 1932-33/2003a, p. 688).

A interdependência entre as forças mostra que a força vital interfere em como o eu vivencia as provocações do mundo (Stein, 1922/2005a, 1991/2005b). Essa interdependência denota a radicalidade da dimensão espiritual que tem o poder organizador da vivência. Continuemos compreendendo como a dimensão espiritual incide na dinâmica de vivenciar o mundo.

O sujeito tem capacidade de captar o sentido das vivências colhendo o significado que vai além da percepção imediata dos dados sensíveis: pode utilizar o intelecto, a razão para descobrir o sentido oferecido pelo objeto.

“A conexão das vivências, segundo a qual uma delas, em virtude de seu conteúdo de sentido, suscita outra vivência (por exemplo, o temor diante de um perigo suscita uma ação de defesa), se denomina *motivação*.” (Stein, 1991/2005b, p. 888). Há uma “presença ativa do eu como ponto de origem dos atos: o eu realiza um determinado ato *porque* já realizou um outro anterior” (Gaspar & Mahfoud, 2009, p. 63). Assim, a realização de um ato depende de como a pessoa compreende um conteúdo de sentido – que passa a ser um motivo para tal posicionamento. Porém, há direções razoáveis para essas tomadas de posição que precisam ser coerentes com o que é exigido pelo conteúdo de sentido captado. Ou seja, não são quaisquer sentidos apreendidos pelo eu que o permite realizar um ato motivado, mas depende da coerência entre a ação da pessoa e o sentido indicado pelo objeto.

Além disso, atendo-se para as motivações presentes em seus atos, pode até modificar o transcurso de suas emoções devido a outro sentido apreendido distinto do que as suscitou primeiramente.

O “acontecer causal interno” tem diversos pontos de partida possíveis: o estado da energia vital orgânico-psíquica – que está co-determinado pela condição do corpo material e pelas conexões causais externas em que se encontra – e o estado da energia vital espiritual – que está co-determinado pelas “impressões” recebidas do mundo espiritual, pelos movimentos da esfera afetiva, que devem seu impulso a um dado objetivo vivenciado. Como terceiro fator há que considerar os impulsos da vontade que paralisam os efeitos dos demais fatores causais. Neste último caso já não temos um puro acontecer causal – que sempre é passivo – mas uma intervenção do “eu” livremente ativo nos acontecimentos causais (Stein, 1991/2005b, pp. 795-796).

Dessa forma, a atividade do eu pode interferir nos primeiros movimentos das emoções a ponto de suscitar outras emoções. Assim, o “acontecer causal interno” é interrompido pela influência da vontade, demonstrando que o nível espiritual pode incidir predominantemente sob a dimensão psíquica (Stein, 1932-33/2003a). O sujeito é que age a fim de mudar um impulso ou emoção que lhes acontecem, isto é, que estão presentes involuntariamente. É o dinamismo próprio da vida espiritual que permite uma ação livre.

Como a ação e a expressão do sujeito acontecem de modo pessoal? Como a pessoa torna si mesma a partir de suas dimensões constitutivas? Adentremos, a seguir, a compreensão do processo de subjetivação a partir das contribuições de Edith Stein, inicialmente, e Luigi Giussani, em seguida.

### 1.3. Tornar-se si mesmo segundo Edith Stein

Nesse momento, lançamos mão das contribuições de Edith Stein acerca do processo de realização pessoal, que se articula com os temas já apresentados na sessão “Mundo-da-vida, cultura e pessoa”, visto que nosso intuito é compreender como a vivência dos vínculos comunitários e do contexto sociocultural de A.A. favorecem o processo de realização pessoal do integrante.

Stein (1930/2003b) se questiona acerca do que é necessário para que o homem se posicione no mundo tornando-se si mesmo. Segundo a autora, tornar-se si mesmo é formar-se. E esse processo necessita do posicionamento do sujeito no mundo cultural que oferece bens de formação e também requer o núcleo pessoal para acontecer. O caráter pessoal – “estado ôntico, próprio de cada pessoa, (...) que confere a uma pessoa a marca da personalidade” (Stein, 1991/2005b, p.805) – é dotado de uma disposição original, denominado núcleo pessoal, que indica possibilidades autênticas de desenvolvimento.

A disposição original do caráter se distingue de todas as demais disposições da pessoa pelo fato de que é inerente a ela um supremo fator qualitativo indissolúvel que a impregna totalmente, que dá ao caráter uma unidade interna e que o distingue de todos os demais. Essa diferença é a *essência da pessoa* que não se desenvolve, mas emerge unicamente no curso do desenvolvimento do caráter, na qual se manifestam as qualidades singulares e floresce total ou parcialmente dependendo das circunstâncias sejam favoráveis ou desfavoráveis. (...); a “essência” ou o “núcleo” da pessoa põe limites à sua capacidade de mudança (Stein, 1991/2005b, p.809).

O núcleo pessoal é a alma da alma; é o centro da vida interior (Stein, 1932-33/2003a, 1930/2003b). É esse núcleo que possibilita a unidade entre alma e corpo; entre aquilo que é expresso (vida interior) e por meio do qual é expresso (corporeidade). Esse centro pessoal dá ao ser humano uma marca única, ou seja, tudo o que da pessoa surgir carrega uma peculiaridade pessoal, desde as mais simples expressões corporais até a elaboração racional de nível superior. É o núcleo que possibilita a articulação entre as dimensões humanas (corpórea, psíquica e espiritual) resultando na expressão singular de cada dimensão e que dá conta da complexidade que constitui a pessoa. No entanto, o núcleo pessoal aponta direções de formação pessoal que podem ser expressas em maior ou em menor grau, dependendo da vontade e do meio sociocultural que disponibiliza bens de formação ou não.

“O mundo inteiro em que um sujeito atua contém a marca de sua personalidade: de seus traços típicos e de sua peculiaridade pessoal” (Stein, 1991/2005b, p.818). Tal personalidade marca também a forma como o sujeito apreende os elementos da realidade sociocultural, de um mundo que já está presente desde o nascimento, de um mundo-da-vida.

Para Stein (idem, p. 792), “tal núcleo é aquele de que se pode dizer em sentido estrito que é o que *vive*. (...) A ‘vida’ se manifesta pelo fato de que o ‘núcleo’ determina por si mesmo o que acontece com a totalidade do ser vivo”. O núcleo, por nos ser próprio, é possibilidade de *sermos*: ele se nos apresenta atuando em nós e possibilitando que nós atuemos num mundo humano. Por meio desse núcleo, emerge o interesse mesmo pela própria vida e pelo mundo (Guimarães & Mahfoud, 2013).

O ser humano ao se relacionar com o mundo elabora as próprias vivências a partir de uma avaliação pessoal acerca da provocação da realidade, tendo como ponto de referência o nível mais profundo de seu ser – o núcleo pessoal. As tomadas de posição diante da realidade são influenciadas pelo âmbito dos valores. Stein (1932-33/2003a) explicita que o valor – que revela qualidades do objeto – está inscrito na vivência mesma e nasce como percepção de algo como agradável ou desagradável podendo chegar a níveis de valores pessoais superiores, como a bondade. “Os valores nos revelam também algo do homem mesmo: uma peculiar estrutura de sua alma, que resulta afetado pelos valores de modo mais ou menos profundo, com intensidades distintas e repercussões mais ou menos duráveis” (idem, p. 652).

É a partir do sentido apreendido nas relações com o mundo, possibilitado pelo âmbito dos valores, que o eu espiritual se posiciona de forma singular, respeitando ou não as indicações do núcleo pessoal a favor do desenvolvimento autêntico. Os valores podem ou não estar em consonância com as direções do centro pessoal. Tornar-se si mesmo depende da coerência entre as direções indicadas pelo núcleo pessoal, os valores pessoais e os posicionamentos na realidade.

O sujeito em ação pode ir ao encontro de ocasiões que favoreçam essa coerência e, conseqüentemente, a formação pessoal, no entanto, o processo formativo é um dever, ou seja, não se trata de uma escolha: “o homem pode e *deve* formar a si mesmo” (Stein, 1932-33/2003a, p. 662). Esse dever surge como uma “apelação interior para fazer ou omitir algo, por exemplo, para controlar a ira incipiente e não deixá-la provocar uma ação motivada por ela mesma” (idem). Trata-se da função da consciência por perceber “a exigência que nos incita conduzirmos de determinada maneira” (idem) num mundo com seus sentidos e bens culturais. A pessoa é chamada a agir de uma certa maneira a partir da vontade (com seu caráter espiritual) que pode incidir de modo predominante sob a dimensão psíquica, em função da realização pessoal. Esse processo implica levar a sério o que é dado no mundo e as capacidades de superar as próprias reações emocionais. Dessa forma, a pessoa consciente de si, ao reconhecer as próprias exigências de realizar o seu melhor, pode cuidar dessas de modo a se formar continuamente. O fato de que o sujeito carrega uma imagem ideal de realização de

seu ser, ou seja, uma imagem de referência intrínseca a sua estrutura, possibilita que seja ele mesmo; é o reconhecimento de suas exigências de *ser* que permite que o eu se constitua enquanto tal.

Não somente a peculiaridade humana é garantida pelo centro pessoal, mas também esse aponta as melhores formas de a pessoa se relacionar com o outro de modo a formar si mesma no mundo. Para que o eu se torne “plena realidade no mundo”, desenvolvendo as características e capacidades (potências) mais próprias, é preciso que o meio disponibilize os elementos que possibilitem a formação pessoal, entre eles o material espiritual, que abrange, por exemplo, o contato com a cultura, como vimos anteriormente. Além disso, a relação com o outro é fundamental para o percurso pessoal no mundo (Stein, 1932-33/2003a; 1922/2005a, 1917/2005c, 1932-35/2007a).

O eu é capaz de utilizar a dimensão espiritual (intelecto e vontade) para se apropriar de suas exigências interiores e dos elementos exteriores colhendo aquilo que favorece o crescimento pessoal e recusando os conteúdos que prejudicam esse processo. Assim, o sujeito precisa tomar o mundo dado (tanto o interior quanto o exterior) e se posicionar na realidade: eis a liberdade para tornar-se si mesmo (Stein, 1930/2003b).

O eu pode dispor de sua liberdade de modo razoável para se formar à luz de uma imagem de referência que serve como crivo crítico para as suas tomadas de posição. Assim, pode-se apropriar dos elementos percebidos de maneira criativa e autêntica tendo o próprio centro pessoal como ponto de referência (Sberga & Massimi, 2013).

Se nela [alma] tudo está “em seu lugar”, nela há quietude, clareza e paz, então ela está “harmonicamente formada”. Isso não quer dizer que “já não há o que fazer”. Quando a alma já recebeu em si uma grande quantidade de material espiritual e o elaborou racionalmente, então está preparada para atuar e mover-se. Essa atividade para fora – expressar-se, criar e configurar – é uma parte essencial da personalidade pela qual o exercício das correspondentes capacidades práticas e criativas, como habilidades dispostas à ação, é uma parte essencial do processo formativo (Stein, 1930/2003b, p. 187).

Como a pessoa se posiciona depende mutuamente das condições externas e da força espiritual a que a vontade concede certa direção, conforme a indicação ou não do núcleo pessoal. “Neste sentido, o desenvolvimento de uma pessoa depende do grau e do modo com que sua vontade pode dispor da força existente” (Stein, 1932-33/2003a, p. 704). Quando o gesto é modulado pela vontade e pelo intelecto, o eu não se torna alienado, como produto do contexto externo. A pessoa se apropria da experiência de si mesma ao se interessar pelo seu eu; por exemplo, ao decidir se cuidar ou se abrir para a relação com a alteridade. Desse modo, o eu consciente livre pode abrir espaço para retomar certas experiências que propiciam a sua

formação. Somente em ação, na relação ativa com o mundo, é que a pessoa pode conhecer a si e desenvolver suas características autênticas. No contato com a realidade, surge uma dupla busca: por si mesmo e pela alteridade.

As tomadas de posição que formam o eu, que o integram, podem resultar em *habitus*. “A inclinação natural permite configurar em *habitus* as disposições existentes com um esforço da vontade relativamente pequeno” (idem, p. 704). Nesse sentido, a noção de *habitus* – a que ela se refere – contempla a ação em consonância com as disposições originais – núcleo pessoal – que, constantemente atualizadas, integram a pessoa. Quando há essa sintonia com o próprio centro pessoal, as atividades tendem a ser satisfatórias, ainda que possam surgir tensões. “Ter inclinação para algo quer dizer fazê-lo *com gosto*. Por regra geral tendemos àquilo que por natureza estamos dotados e a atividade correspondente produz satisfação. (...). A estima produz alegria na atividade e a alegria é um incremento da força” (idem).

Tornar-se si mesmo necessita da atualização constante das potências que está interligada com a satisfação inerente por ser autêntico. A virtude contempla, justamente, a noção steiniana de *habitus*: quanto mais a pessoa se posiciona correspondendo a si mesma, mais facilitada se torna responder voluntariamente na mesma direção. Essa posição, por ser facilitada, integra a pessoa na sua relação com o mundo possibilitando a constituição de si mesma. Por outro lado, o vício representa a ação no mundo em que o eu é levado pelo contexto; e quanto mais se deixa levar, mais se torna difícil colocar força em direção oposta de modo a se posicionar autenticamente. Nesse caso, a formação de si não ocorre plenamente (Mahfoud, 2012).

Posicionar-se na realidade implica, então, a ação do sujeito que utiliza a dimensão espiritual para elaborar as provocações da alteridade a ponto de se ligar ao mundo, aderir ao que o realiza e descobrir um gosto pela relação eu-mundo, inclusive, por si mesmo. Esse gosto pelas relações advém do interesse por elas emergido quando o posicionamento está sintonizado com as direções do núcleo pessoal.

Stein (1932-33/2003a) descreve a formação pessoal enquanto um processo de abertura do eu em direção àquilo que o enriquece interiormente:

A alma é nosso interior no sentido mais próprio, aquilo em nós que se inflama de dor ou alegria, que se indigna por uma injustiça e se entusiasma perante uma ação nobre, que se abre amorosa e confiantemente a outra alma ou recusa suas tentativas de fechamento; é aquilo que não só capta e estima intelectualmente a beleza e o bem, a fidelidade e a santidade (e em geral todos os “valores”), mas os acolhe em si e “vive” deles, se enriquece e cresce na amplitude e profundidade graças a eles (p. 679).

É próprio da atividade pessoal-espiritual ser *consciente, dirigida a fins e livre*. A pessoa é livremente ativa. Seu atuar baseia-se no conhecer e querer. Seu conhecer tem por objetivo a verdade, seu querer se ordena ao bem (ou ao menos o que ela considera um bem). Nem todos os caminhos conduzem a consecução desses objetivos. Quem deseja conhecer a verdade (isto é, captar com o espírito o ente tal como é) e realizar o bem está obrigado a proceder de um determinado modo. E a esta legalidade damos o nome de legalidade *racional* (...). [A pessoa] pode conhecer e guiar-se livremente por ela (p. 696).

Podemos fortalecer não somente graças à força de outros homens, mas também por causa de tudo o que neles pode ser objeto de tomada de posição positiva, ou seja, todos seus valores pessoais, sua bondade, sua amabilidade, etc. Porém, o círculo se amplia ainda mais: além dos valores pessoais, também a beleza dos seres da natureza e das obras de arte, a harmonia das cores e dos sons podem gerar alegria em mim (p. 689).

Os valores que as pessoas apreendem na realidade ressoam em si de forma a sustentar o modo como se posiciona no mundo. Podem buscar, cada qual ao seu modo, experiências nas quais agem em sintonia com o núcleo pessoal (que está sempre atuando), recebendo uma “influência vivificante” (idem, p. 688), ou seja, fortalecendo-se nesse processo. É por meio da razão que o eu livre pode procurar os conteúdos que favorecem em sua formação, como a beleza, o amor, o bem, a verdade e o conhecimento (Stein 1932-33/2003a). Essa busca pelo sujeito – ser social – somente pode se dar na relação com o mundo, que engloba a cultura, a comunidade, a natureza, etc. O homem ao se abrir para a outro é capaz de compreendê-lo pelo fato de serem pessoas, ou seja, compartilham uma mesma estrutura e uma meta em comum: tornar-se si mesmo. “A existência do homem está aberta para dentro, é uma existência *aberta para si mesma*, porém precisamente por isso está também aberta *para fora* e é uma *existência aberta* que pode receber em si um mundo” (idem, p. 594). Receber o mundo e assim, posicionar-se também permite o desenvolvimento dessa realidade, ou seja, há uma formação recíproca na relação eu-mundo. E mais, criar a realidade não significa que o eu esteja distante dela; pelo contrário, essa realidade alimenta espiritualmente o sujeito, oferece sustento para a realização de si mesmo. Colocar algo de si no mundo de modo cuidadoso forma, de fato, a própria pessoa.

#### **1.4. A realização de si conforme Luigi Giussani**

Para ampliarmos os horizontes de compreensão do processo de realização pessoal contemplado na sessão anterior, recorreremos à conceituação de experiência elementar formulada por Luigi Giussani articulando-a com as elaborações acerca de núcleo pessoal e mundo-da-vida.

A partir da proposta de investigação do humano, Giussani (2009) reconheceu certas características que permitem visualizar uma universalidade no modo como as pessoas se posicionam no mundo. É justamente a experiência elementar que carrega os elementos originais, próprios de cada um.

Todas as experiências da minha humanidade e da minha personalidade passam pelo crivo de uma “experiência original”, primordial, que constitui o meu rosto ao confrontar-me com tudo. Aquilo que cada homem tem o direito e o dever de aprender é a possibilidade e o hábito de comparar cada proposta com esta “experiência elementar” (idem, p. 24).

Cada experiência humana pode ser avaliada a partir dos desejos originais, que integram a unidade do sujeito. A experiência elementar representa um ponto de referência pelo qual todas as experiências podem ser avaliadas e comparadas para possibilitar uma visão crítica a respeito das próprias ações e “trata-se de um conjunto de exigências e evidências com as quais o homem é lançado no confronto com tudo o que existe” (Giussani, 2009, p. 24). Às exigências “podem ser dados muitos nomes (...) como: exigência de felicidade, exigência de verdade, exigência de justiça” (idem, p. 25), exigência de amor e exigência de beleza. Exigências no sentido de que carregamos anseios fundamentais em cada movimento que realizamos, ou seja, nas atitudes desde as mais simples até as mais complexas. E as evidências são sinais “que nos possibilitam julgar o que é significativo para nós. São sinais da própria *exigência* que nos constitui, porque ao encontrarmos algo com que fazemos a experiência de correspondência somos levados a perceber a exigência que já estava em nós” (Cury, Gaspar, Maia & Mahfoud, 2007, p. 6). Apesar das não correspondências, esses desejos permanecem vivos nos estimulando. E mesmo diante de alguma experiência que condiz com a própria pessoa, a busca continua vitalizada. O fato de as evidências e exigências não desaparecerem e estarem presentes em todas as culturas indica que são constitutivas da pessoa. Ou seja, independente do contexto e da tradição, dentro de cada vivência, a experiência elementar é orientadora da dinâmica interna e da interação com o mundo (Giussani, 2002, 2009).

Se o ponto de referência não for o ponto radical contido na própria pessoa, as ações não propiciarão a realização de si. O critério que parte da própria pessoa – do ponto de referência pessoal – não significa que o mundo não deva ser considerado, pois Giussani (2009, p. 24) ressalta: “Ora, o fato de que esse critério seja imanente a nós – dentro de nós – não significa que nós no-lo demos sozinhos: ele é tirado da nossa natureza, quer dizer, é algo que nos é dado junto com a natureza”. A pessoa ao se relacionar com o mundo, ou seja, com outras pessoas, objetos, a natureza, o meio cultural se realiza singularmente ao respeitar as indicações da própria experiência, ou seja, cuidar do ímpeto original, das exigências

fundamentais. De modo semelhante, como vimos, Stein (1932-33/2003a, 1930/2003b, 1922/2005a, 1991/2005b, 1932-35/2007a) se refere ao núcleo pessoal enquanto disposição original que carrega direções autênticas de formação subjetiva, e por isso também consiste em um ponto de referência para as tomadas de posição no mundo. Ambos os autores sinalizam que o processo de subjetivação é sustentado pela resposta pessoal ao dever ser si mesmo na relação com a realidade. Compreendem que a pessoa é capaz de ser si mesma em ação além de poder identificar suas particularidades mediante a sua relação com o mundo. Os fatores que constituem o sujeito se revelam e se desenvolvem ao se posicionar diante dos fatos e não por meio da reprodução de conceitos pré-estabelecidos ou introjeção de modelos já construídos.

Segundo Giussani (2009), reconhecer a própria busca por correspondências implica em compreender o significado do que se vivencia. “É necessário saber emitir um juízo acerca dos resultados de tal investigação sobre nós mesmos (...). Sem uma capacidade de avaliação, o homem não pode fazer nenhuma *experiência*. O que caracteriza a experiência é *compreender* uma coisa, descobrir-lhe o sentido” (idem, p. 23). Apenas apreender a própria experiência em seu elemento sentimental não basta para a elaboração do que se vivencia. Emitir uma avaliação e um juízo dos acontecimentos, das provocações do mundo é que auxilia na elaboração efetiva das vivências. E, justamente, esse tipo de elaboração e de posicionamento que é próprio da atividade humana (Giussani, 1991, 2009).

Perguntar-se pelo sentido de tudo que encontra auxilia a pessoa encontrar o significado da própria vida. A experiência elementar se expressa por meio de perguntas referentes a questões fundamentais como: “por que do sofrimento?”, “no fundo, por que vale a pena viver?”. Abrir-se continuamente para as perguntas numa busca ativa de respostas e significados correspondentes é que permite a pessoa experienciar autenticamente si mesma e o mundo. “A perda do significado tende a anular a personalidade: a personalidade do homem adquire densidade e consistência exatamente como exigência, intuição, percepção e afirmação do significado” (Giussani, 2009, p.125).

Relacionar-se com o mundo respeitando as próprias exigências não significa que o bem-estar esteja presente primordialmente. Posicionar-se considerando a própria experiência genuína transcende a ressonância afetiva, implica o surgimento de tensão entre a busca do que corresponde interiormente e aquilo que se experiencia na realidade. É essa tensão que favorece a retomada do que realmente importa para a própria pessoa. Concomitante a essa tensão, os desejos fundamentais permanecem vitalizados impulsionando o sujeito à procura das correspondências. A partir de um relacionamento genuíno com o outro a pessoa pode se

descobrir, reconhecer as próprias buscas e afirmá-las juntamente com a afirmação do caminho pessoal alheio (Giussani, 2008a, 2008b; Guimarães & Mahfoud, 2013; Mahfoud, 2012).

Podemos pensar, inclusive, em situações nas quais a atitude pessoal é moralmente inaceitável, prejudicando a si e/ou o outro. Nesses casos, a experiência elementar também se faz presente na pessoa. No entanto, a busca se dá sem uma crítica razoável acerca dos próprios valores. Ou seja, de fato a pessoa pode escolher caminhos que vão contra os próprios desejos fundamentais, surgindo, assim, uma experiência de não correspondência. Giussani (1994, 1993, 2009) ressalta que essas exigências para serem correspondidas implicam o respeito direcionado a si mesmo, ao outro, ao mundo.

Para compreender o que é a crítica razoável tomemos o conceito de razão apresentado por Giussani (2009, p. 31): “capacidade de dar-se conta do real segundo a totalidade dos seus fatores”. Sem atingir a complexidade própria da experiência humana, em sua inteireza, não se poderia conhecê-la. Reduzir a experiência a certos aspectos, renunciando à totalidade dos fatores, é reducionismo que revela atitudes não razoáveis perante a realidade. Nesse sentido, razão não pode ser identificada apenas como raciocínio, isto é, operações cognitivas que procuram identificar relações lógicas. Somente a abertura constante permite apreender a complexidade da experiência, que vai além de seus fatores causais. Pensemos num exemplo: não basta uma pessoa viciada em fumo saber racionalmente que o cigarro causa prejuízos à sua saúde. Nesse caso, a ausência da razão inviabiliza uma comoção que mobilizaria de forma totalizante o sujeito para então desejar cuidar de si.

A abertura para a totalidade, que caracteriza a razão, consiste em uma dinâmica adequada ao humano, pois o eu permite ser provocado pelo mundo e assim tomar consciência dos vários aspectos da realidade. Por meio desse posicionamento, não há cristalização de compreensões que poderiam resultar em preconceitos. A abertura da pessoa inteira contempla justamente o interesse pelo conhecimento da alteridade a partir da novidade que pode apresentar (Giussani, 1993, 1994, 2003, 2009). Nesse sentido, as elaborações de Giussani (1991, 1993, 1994, 2003, 2009) aproximam-se das de Stein (1932-33/2003a, 1930/2003b, 1922/2005a, 1991/2005b) e de Husserl (Ales Bello, 2004, 2006) por compreenderem que a atividade da razão possibilita a abertura do eu para a realidade e para si mesmo, a partir da qual colhe um significado no que vivencia, posicionando-se frente a este.

Não é suficiente apenas ser provocado pelo real para ser si mesmo, pois o que se faz com esse impacto é o ponto fundamental (Giussani, 2009; Mahfoud, 2012). Perante o surgimento de uma emoção agradável, como o bem-estar, a pessoa pode se perguntar “o que esse sentimento me revela?”. Ao buscar compreender o significado de sua vivência, ela pode

identificar as exigências constitutivas presentes no modo como foi tocada pela realidade e se posicionar cuidando do que corresponde. É nesse sentido que Giussani (2003, 2009) pontua que a experiência não se reduz ao sentimento despertado, pois o homem possui em sua unidade a interação emoção-razão que nos permite existir como seres propriamente humanos, como sujeitos com buscas, exigências genuínas. É mediante essas buscas que o eu pode ir ao encontro das correspondências, deixando-se ser mobilizado inteiramente pelo real de modo a identificar um significado vivo em tudo. Eis a experiência elementar enquanto “algo que tende a indicar de maneira acabada o ímpeto original com o qual o ser humano se lança na realidade procurando identificar-se com ela” (Giussani, 2009, p. 27). Posicionando-se na realidade de modo correspondente a si, o sujeito se constitui e contribui para o mundo-da-vida, construindo um mundo que é sustento para a própria ação.

A relação emoção-razão implica numa influência mútua e interdependente entre essas duas dimensões. O sentimento ocasionado diante de uma situação é influenciado pelo que se interpreta assim como a compreensão obtida é suscitada pela reação emocional. “É a razão que fundamenta a dignidade da experiência e lhe confere a estrutura. O coração da experiência é afetivo, mas a sua estrutura é dada pela razão” (Giussani, 2003, p. 220). Desse modo, identificamos novamente uma semelhança entre as compreensões de Giussani (1993, 2003, 2009) e Stein (1932-33/2003a, 1922/2005a, 1991/2005b) por esclarecerem que as ações puramente reativas não condizem com o eu humano, já que a relação entre a totalidade dos elementos que nos constituem implica emitir um juízo diante das provocações da realidade. Ou seja, reduzir a experiência humana às reações psíquicas – sentimentos e impulsos – não permite apreender o que é propriamente humano. Não se trata apenas de um raciocínio que permite elaborar o significado de uma vivência, e sim da unidade afeição/intelecto. Tanto a experiência elementar quanto o núcleo pessoal permitem que essa unidade se expresse de modo pessoal.

Outro ponto importante que Giussani ressalta (2008a, 2009): abrir-se para a tradição enquanto horizonte maior auxilia a pessoa a lidar com a própria ressonância afetiva de modo a recuperar o ponto fundamental dos relacionamentos. “Cada um de nós nasce de uma tradição. A natureza nos lança dentro da dinâmica da existência armando-nos de um complexo instrumento para enfrentar o ambiente” (Giussani, 2009, pp. 63-64). É uma visão criteriosa da própria tradição que a permite se colocar em seu relacionamento de modo criativo e singular.

Se a tradição é usada assim criticamente, torna-se fator de personalidade, material para um rosto específico, para uma identidade no mundo. (...). Quanto mais abraça e vive no instante presente tudo aquilo que o precedeu e o circunda, tanto mais alguém é pessoa, é homem (idem, p. 65).

A reatividade – advinda da ressonância afetiva – como “critério de um relacionamento quebra as pontes que conduzem a riqueza da história e da tradição, isto é, quebra as pontes que ligam ao passado” (idem, p. 126). Por isso, “a força da construção futura é a energia, a inventividade, a coragem do presente, mas a riqueza do presente vem do passado” (idem, p. 129). Nesse sentido, tanto Giussani (2008a, 2009) quanto Stein (1932-33/2003a, 1930/2003b, 1922/2005a) concebem a tradição enquanto significativo fator para o desenvolvimento pessoal na medida em que o sujeito se posiciona de modo razoável na realidade apreendendo elementos do mundo-da-vida correspondentes às próprias buscas.

O homem, ao se voltar para o presente, atento à dinâmica pessoal, percebe que em seu campo de interesses o mundo é reconhecido com vivacidade. A relação harmoniosa com o seu meio, como o contexto cultural e a natureza, faz parte da realização pessoal, pois cuidar de si remete a atribuir importância também ao outro, a tudo aquilo que não é si mesmo. Tornar-se si mesmo implica a apropriação de si no contato com a realidade; consiste na afirmação do próprio movimento de busca que acontece ao relacionar-se com a alteridade de modo a identificar uma ligação de sentido com tudo que vivencia. Giussani (2009) afirma existir “um nexos original, profundo, entre a afirmação da minha pessoa, o caminho da minha pessoa e o destino do mundo” (p. 120). Por isso, a realização pessoal não se refere a uma posição egoísta, pois respeitar os desejos fundamentais pressupõe a valorização da relação eu-mundo. Ou seja, a afirmação de si, que contempla a liberdade de ser si mesmo, necessita de uma interação coerente com todos os fatores da realidade, incluindo o meio no qual se vive: a comunidade (Giussani, 2008a, 2009; Mahfoud, 2012). Apropriar-se do mundo cultural implica apreender e elaborar o significado das vivências de modo pessoal, para que não haja apenas repetição do que é percebido. Somente em relação com o outro podemos ser; descobrir e afirmar as próprias exigências genuínas e realizar um caminho humano e peculiar. “A dimensão comunitária representa não a substituição da liberdade, da energia e da decisão pessoal, mas a condição para a sua afirmação. (...) A comunidade é a dimensão e a condição para que a semente humana dê o seu fruto (idem, p. 198)”. Na mesma direção que Giussani (2008a, 2009), vimos que Stein (1932-33/2003a, 1922/2005a) também pontua sobre a importância da relação do sujeito com a comunidade para se formar singularmente. Dedicaremos a próxima sessão justamente para compreender como Stein aprofunda essa temática.

Em síntese, apreendemos com as elaborações de Stein e Giussani, sobre o processo de realização pessoal, que é por meio da dinâmica original – núcleo pessoal e experiência

elementar – que a unidade e totalidade do ser são possibilitadas. A pessoa não é constituída unicamente pela dimensão psicológica, ou seja, pela psique; ela é mais que as suas reações emocionais e impulsos. A capacidade de elaborar as provocações da realidade por meio da razão nos aponta para a dimensão espiritual – que permite o eu se abrir para dentro tendo o próprio centro (núcleo pessoal e experiência elementar) como ponto de referência para as tomadas de posição. É a dinamicidade entre as dimensões corpórea, psíquica e espiritual – partindo do próprio centro como articulador – que constitui a pessoa humana.

É necessário que a pessoa vivencie um processo de subjetivação, que consiste em a pessoa estar em si mesma, considerar o próprio eu na relação com o mundo, não se colocando numa posição de distração, e sim estando atenta ao próprio ponto de referência a partir do qual pode se guiar, e assim se realizar. O sujeito já se realiza ao se posicionar em direção à realização da estrutura de seu eu – sua pessoalidade –, ainda que vivencie dificuldades nesse processo. A dinâmica de realização é potencializada quando a pessoa participa ativamente no mundo de relações que a constitui, construindo e contribuindo para o mundo. Nesse processo, pode emergir uma experiência de satisfação, vivenciando um gosto por se corresponder na realidade. E a formação pessoal trata-se de um âmbito mais amplo: a pessoa tornar-se si mesma, realizar a pessoalidade, desenvolvendo suas potencialidades e suas características próprias, colocando-se no mundo com um modo pessoal de ser. Daí uma mútua constituição sujeito-mundo.

A partir dessas compreensões, colhemos contribuições significativas que nos auxiliarão a ficarmos atento ao dinamismo de subjetivação que poderá estar presente na experiência dos sujeitos. Nesse sentido, buscaremos apreender no trabalho em investigação: que elementos fundantes da vivência do integrante em A.A. indicam a realização de si; de que modo o contexto sociocultural de A.A. favorece o processo de subjetivação do integrante; e como esse processo pessoal constrói a própria realidade grupal. Nosso intuito é captar como se dá a mútua constituição pessoa/comunidade na experiência do sujeito.

### **1.5. Vida pessoal em comunidade**

A partir das contribuições de Stein e Giussani acerca do dinamismo de mútua constituição entre pessoa e o contexto em que se insere, aprofundaremos nesse momento a conceituação steiniana de comunidade já que nosso objetivo é compreender como o integrante

de A.A. vivencia os vínculos comunitários no grupo e de que modo esse processo favorece a sua subjetivação.

Assim como temos vivência da lembrança, imaginação, percepção e reflexão, também a vivência da empatia, que permite dizer estou diante de um outro eu (Ales Bello, 2004). Um *alter ego* que vive como ser humano, que possui uma vida corpórea, psíquica e espiritual, ou seja, todos os elementos estruturais como eu. A partir da empatia apreendemos que estamos juntos a outros seres humanos; é sob base dessa dinâmica que o mundo intersubjetivo se constitui (Stein, 1917/2005c).

Stein (1917/2005c) ao aprofundar o significado da empatia para a constituição da pessoa acentua que conhecer a personalidade alheia

leva ao desenvolvimento o que está “adormecido” em nós, com a empatia com naturezas semelhantes, ou seja, com pessoas de nosso tipo; e com empatia com estruturas pessoais formadas de outra maneira nos mostra sobre o que nós não somos e sobre o que nos assemelha ou nos diferencia dos outros em comparação com os demais. Com ele vem dado além do *autoconhecimento*, um importante meio auxiliar para a *autoavaliação*. Já que a vivência do valor é fundante da valia própria. Com os novos valores obtidos na empatia se abre simultaneamente o olhar aos valores desconhecidos na própria pessoa (p. 200).

Nesse sentido, o ato de empatizar-se com alguém além de possibilitar o reconhecimento de um outro ser humano como eu, abre espaço para um voltar-se para si mesmo tomando conhecimento dos próprios valores e características. A partir dessa vivência, o sujeito pode se posicionar perante o outro de diversas maneiras. Não é em qualquer tipo de relação social que a pessoa apreende essas consequências do ato de empatia, em sua especificidade e originalidade. Podemos nos perguntar: que tipo de relação pessoa/grupo favorece a dinâmica da empatia em suas particularidades?

Compreendamos nesse momento, os tipos de agrupamentos sociais assinalados por Stein (1922/2005a), para então adentrarmos a conceituação de comunidade que possibilita a vivência da empatia em sua potência.

O tipo de agrupamento social no qual a pessoa atua somente poderá ser definido pela análise das vivências do sujeito em relação aos outros. Dessa forma, o modo como as vivências são compartilhadas e acolhidas definirá um caráter típico do agrupamento social identificado como massa, sociedade ou comunidade (idem).

A massa é “um conjunto de indivíduos em que todos se comportam do mesmo modo, sem uma unidade interna e uma vida comum” (Ales Bello, 2000, p. 169). O relacionamento entre as pessoas na massa não implica liberdade de posicionamento pessoal, mas uma postura

reativa baseada na excitabilidade comum, no contágio psíquico. Já a sociedade é constituída por pessoas que possuem funções para atingir um objetivo comum e para tanto, necessitam ter uma vida em comum. Há uma racionalização das relações na sociedade de modo que os sujeitos possuem papéis, e por isso, são colocados diante dos outros como objetos. Já na constituição da comunidade, as pessoas reconhecem umas às outras como sujeitos, e não como objetos. No entanto, “os membros da sociedade devem considerar-se como sujeitos para em seguida estabelecer entre si relações objetivas” (idem, p. 170). Dessa forma, a sociedade não poderia existir sem ser, até um certo ponto, uma comunidade: há uma centralidade da comunidade na vida associada (Ales Bello, 2000; Stein, 1922/2005a). Também, a sociedade organiza a vida comunitária, é estrutura para a vida na comunidade. Existe, assim, uma interconstituição entre sociedade e comunidade.

Segundo Stein (1932-33/2003a), as comunidades podem ser passageiras, durando algumas horas, por exemplo, em reuniões sociais, ou duradouras, como em associações. Mas o que define um agrupamento enquanto comunidade é o modo com as pessoas que a integram a vivenciam e interagem entre si. A partir da análise das vivências de uma pessoa pertencente a um contexto comunitário é possível identificar dois tipos de vivências: as individuais, que não constituem as vivências comunitárias, e as supraindividuais, que caracterizam as vivências comunitárias. Para melhor compreender esses aspectos, Stein (1922/2005a) menciona um exemplo: uma tropa da qual faço parte se entristeceu com a perda de um comandante. Nesse caso, o sujeito da vivência comunitária é o “nós”, pois o conjunto dos membros sentiu a perda. A vivência de dor é compartilhada entre todos daquele agrupamento social, apesar de haver certamente diferenciações no modo de senti-la.

Uma pessoa pode sentir a dor mais intensamente que a outra, apesar do conteúdo da vivência ser o mesmo. A singularidade se revela embora o núcleo de sentido da vivência seja comum aos outros. Assim, “alguns tipos específicos de vivências podem ser considerados simultaneamente como individual e comunitária. Individual porque é um eu quem vivencia segundo sua coloração específica, e comunitária devido ao correlato significativo comum” (Coelho Júnior, 2006, p. 67). Há dessa forma, um reconhecimento dos aspectos da própria vivência no outro, emergindo, assim, uma experiência de pertença, uma experiência de “nós” própria da vida em comum.

Stein nos auxilia a compreender que a pertença, enquanto elemento estrutural das vivências comunitárias e fator de constituição da comunidade mesma, é possibilitada quando os membros vivenciam o núcleo de sentido comum gerando, assim, a unidade das pessoas da

comunidade. “A unidade da comunidade pelo fato de seus membros se voltarem para um mesmo sentido objetivo em que cada um apropria-se de um modo pessoal” (idem, pp. 69-70).

Uma pessoa ao compartilhar uma vivência sensível própria para a outra numa atitude de abertura recíproca, pode-se constituir um sentido comum do objeto emergindo, assim, uma vivência comunitária. Nesses termos, “os significados compartilhados podem, desta forma, não se restringir às vivências individuais, mas constituírem uma bagagem cultural comum, compondo a tradição da comunidade ao disponibilizar estes significados para outros membros” (idem, p. 72). Além disso, o que é compartilhado e apropriado pela comunidade pode gerar uma unidade superior, uma referência para a comunidade.

Stein (1922/2005a) pontua que o desenvolvimento de uma comunidade necessita do mundo de valores na qual vive:

os valores estéticos de seu ambiente, os valores éticos que tem aparecido acolhido em “sua moral”, os valores religiosos que tem encontrado em sua “religião”, os valores pessoais que se apresentam, por exemplo, nos grandes personagens de seu próprio passado, ou também aqueles valores dos quais ela mesma é portadora (p. 429).

Os valores disponibilizados para os membros na comunidade podem ser apreendidos ou não pelos próprios integrantes. Esses podem auxiliar os outros a reconhecerem os valores que os objetos carregam ou até mesmo a se afastarem deste núcleo de significado, a partir da própria vivência de sentimento que compartilham. Assim, a comunicação interpessoal pode também favorecer a alienação da pessoa caso apenas introjete o sentido compartilhado, via contágio psíquico, sem utilizar da reflexão para analisá-lo, para então apropriar-se dele. A unidade da vivência propriamente comunitária de sentimento implica todos sentirem ou visarem “o mesmo valor ou significado proposto por um determinado objeto” (Coelho Júnior, 2006, p. 76), ainda que conservada a singularidade de cada pessoa. É, por conseguinte, mais um fator de constituição da comunidade.

Segundo Stein (1922/2005a, p. 344), “quando um sujeito aceita o outro *como sujeito* e não somente está diante dele, mas sim *vive com ele* e é determinado por seus movimentos vitais; neste caso os dois sujeitos constituem entre si uma *comunidade*”. Ou seja, a empatia que se vive uns com os outros por si só não garante a constituição da comunidade, mas é o modo como se interagem que permite afirmar se há comunidade ou não. É justamente a tomada de posição de uma pessoa afetando as outras na comunidade que caracteriza a vida em comum.

[As] tomadas de posição da pessoa se dirigem imediatamente a outra pessoa enquanto sua qualidade individual, afetando seu núcleo: o amor, a confiança, a gratidão, etc., também o que

denominamos a “fé” em um ser humano; no lado oposto se encontram a desconfiança, a antipatia, o ódio, em uma palavra toda a série de condutas “de rejeição”. As tomadas de posição frente outra pessoa possuem caráter positivo ou negativo dependente se nelas há afirmação ou negação da pessoa (idem, p. 420).

Se uma pessoa aparece perante mim com um valor positivo ou negativo, o modo como vou agir frente a ela terá um caráter positivo de atração ou negativo de rejeição. Desse modo, os membros da comunidade podem relacionar-se entre si fortalecendo ou degradando os vínculos intersubjetivos a partir do tipo de posicionamento frente ao outro.

É a solidariedade, enquanto tomada de posição de caráter positivo e atitude de disponibilidade de um ser humano perante o outro, que alicerça a comunidade. “A possibilidade de formação de uma comunidade se estende tão amplamente como o âmbito da ação recíproca entre os indivíduos. (...) E essa comunidade de vida entra em vigor, quando os indivíduos se entregam reciprocamente com ingenuidade, estão abertos mutuamente” (idem, p. 416). É a abertura e ação recíproca solicitando uma responsabilidade comum que constitui e fortalece a vida em comum.

Em contato com outra pessoa é possível que se desperte em si algo que estava anestesiado ou se desenvolva traços novos na personalidade. Por outro lado, Stein (1922/2005a) acentua sobre a possibilidade de uma pseudoformação enquanto alienação, quando esses traços apreendidos de outra pessoa não correspondem ao próprio núcleo pessoal, ou seja, não possibilitam que o sujeito seja si mesmo. Não somente o outro pode ser provocação para o autoconhecimento e desenvolvimento de características próprias, mas também o contato com a bagagem cultural e os valores comunitários favorece o membro a crescer interiormente, caso a apreensão dos elementos culturais estejam em sintonia com o núcleo pessoal. O fator importante da vida em comunidade é justamente essa ser sustento para a vida pessoal. Da mesma forma em que há constituição de relações comunitárias e da cultura comunitária pelo sujeito, o que se constrói é nutriente para o próprio sustento e processo de tornar-se si mesmo.

E ainda, Stein (1922/2005a) de forma brilhante recorre a alguns conceitos que definem a estrutura propriamente humana para caracterizar a dinâmica da vida comunitária.

Ao longo da vida comunitária a sua força vital é incrementada ou despendida de acordo com as oscilações decorrentes das fontes subjetivas e objetivas. Assim o desenvolvimento da força vital comunitária não ocorre de modo linear. Essa força é constituída pelas forças individuais dos componentes da comunidade. Portanto, a força vital da comunidade “depende da quantidade e da qualidade da força vital que é disponibilizada pelos seus membros, através

da forma como eles se envolvem, se dedicam e se empenham com a vida da comunidade” (Coelho Júnior, 2006, p. 81).

Além de a força vital de cada membro contribuir para a constituição da força vital comunitária, uma pessoa mais vitalizada pode exercer uma influência revigorante no outro membro, ajudando-o a realizar certa atividade quando ele sente, por exemplo, cansado. Nesse caso, a abertura mútua entre eles favorece que a energia de um seja um motivo vivificante para a ação do outro. E a ação que se realiza pode resultar no fortalecimento do próprio processo de subjetivação.

Outra fonte importante de incremento ou diminuição da força vital da comunidade são os valores que a própria comunidade vive e que despertam uma tomada de posição nos membros frente a eles. Se a resposta dos integrantes aos valores vivificam os vínculos comunitários, estão coerentes com os próprios princípios, há então um fortalecimento da força vital da vida em comum. Também, as obras culturais, enquanto bagagem cultural comum, produzidas pela comunidade e disponibilizadas para seus membros influenciam na força vital comunitária. Na medida em que auxiliam os integrantes a apreender os elementos fundamentais do sentido da realidade e a reconhecer os valores difundidos, as obras culturais possibilitam posicionamentos que favorecem a interação entre os integrantes, e desse modo, o fortalecimento da vida em comum. O que emerge não é apenas o fortalecimento da comunidade, mas juntamente a esse processo, há vivificação dos próprios integrantes.

Outro ponto importante e original que Stein (1922/2005a) destaca é a existência de uma personalidade autônoma que a comunidade pode portar. Da mesma forma que a pessoa é constituída por alma, a comunidade também se estabelece por um centro vital. A personalidade autônoma emerge quando os membros adotam critérios internos condizentes com os valores comunitários para analisarem e se posicionarem perante a realidade interna e externa. Em contrapartida, a comunidade que seguir os critérios externos pertencentes a outros grupos não possui uma personalidade própria, mas vive de uma maneira impessoal.

Como a comunidade é caracterizada pela existência de uma finalidade comum, podemos dizer ainda de um caráter pessoal da própria comunidade, “um caráter que emerge quando os indivíduos vivem como membros da comunidade, ou seja, com uma finalidade comum” (Ales Bello, 2000, p.172). Um mesmo fim não garante a formação de um caráter próprio da comunidade, mas sim o modo como os membros respondem a esse fim e empenham-se para o fortalecimento comunitário. O crescimento da comunidade, em direção às características mais próprias, “pode chegar a definir um estilo próprio, um caráter próprio da comunidade,

dependendo da forma como os membros se inserem e da medida em que eles disponibilizam suas potencialidades na construção de uma vida comum” (Coelho Júnior, 2006, pp. 85-86).

A partir dessas elaborações, apreendemos que a comunidade se constitui e fortalece a própria personalidade a partir dos posicionamentos pessoais de seus integrantes. A pertença ao contexto comunitário não se caracteriza pela união pessoal por um fim comum, mas por uma experiência comunitária que implica tomadas de posição em direção a um bem comum. A vida compartilhada com ações recíprocas de abertura ao outro; o reconhecimento mútuo da humanidade e pessoalidade de cada um; a solidariedade que constrói vínculos intersubjetivos e fortalece a vida em comum; posicionamentos que carregam uma potência tal que favorece a realização pessoal e constituição da própria realidade grupal. Elementos comunitários como esses saltam aos nossos olhos e nos faz reafirmar que nesse trabalho, não nos importa a junção de pessoas típica da massa, mas sim um certo tipo de vínculo intersubjetivo que tem “a força da constituição da pessoa” (Mahfoud, 2007, p. 190) característico da comunidade. Assim, nos lançamos a compreender até que ponto a experiência do integrante de A.A. se articula a um grupo com caráter comunitário; como se dá a dinâmica da inter-relação pessoa/grupo nos indagando: como o contexto grupal favorece o sujeito a se autorrealizar, considerando a sociedade no qual está inserido? E de que forma o posicionamento pessoal frente ao grupo o constitui?

## **1.6. Vivência religiosa e posicionamento pessoal**

Tendo em vista a presença de um caráter religioso na proposta de A.A., não poderíamos deixar de compreender o dinamismo próprio da vivência religiosa, que poderá ser comunicado pelos sujeitos da presente pesquisa. Para tanto, apoiaremos-nos nas elaborações de Stein (1991/2005b; 1930-32/2007b) acerca dessa temática.

Ao adentrarmos a obra de Stein (Stein, 1932-33/2003a), conhecemos a dinâmica própria da pessoa enquanto ser corporal, psíquico e espiritual sustentado por um centro da vida interior – núcleo pessoal. No entanto, Stein (1930-32/2007b) dá um passo a mais: debruça-se em compreender como se dá a vivência religiosa. Que elementos constituem o ato religioso?

É preciso retomarmos a definição de espírito para respondermos tal indagação. A pessoa somente é constituída enquanto tal por conter a dimensão espiritual. É a partir dessa dimensão que a pessoa é abertura para a alteridade. Enquanto há possibilidade de se posicionar abrindo-

se para dentro reconhecendo, em seus valores, características e potências, também se revela possível uma abertura do sujeito para fora, para tudo que não é si mesmo. Diante da abertura própria do eu espiritual, o sujeito sai de si e acolhe o significado da realidade.

Segundo Stein (1930-32/2007b, p.75), há duas significações para a palavra espírito, quanto à relação entre pessoa espiritual e esfera espiritual. “Por um lado, toda esfera espiritual emerge de uma pessoa (...) e ali tem necessariamente seu centro; por outro lado, uma pessoa pode estar elevada a uma esfera espiritual que não emerge dela mesma e pode estar protegida nessa esfera.” É a partir da dimensão espiritual propriamente humana que a pessoa pode se abrir para uma alteridade infinita encontrando uma segurança que ela mesma não poderia se oferecer, por exemplo, num momento de dificuldade extrema, tal como Stein (1991/2005b) descreve:

No sentimento de segurança que nos invade, quando estamos em uma situação “desesperada”, quando o nosso intelecto não vê mais saída possível e quando sabemos que em todo o mundo não existe nenhuma pessoa que tenha a vontade ou o poder de nos aconselhar ou nos ajudar; então neste sentimento de segurança sentimos a existência de uma força espiritual que nenhuma experiência externa nos mostra (p. 848).

Numa situação em que a pessoa se sente impotente, emerge em si um sentimento de segurança que não surgiu de um esforço próprio, mas sim de uma força que não é do sujeito. Trata-se de uma força espiritual advinda de uma esfera espiritual que não constitui a pessoa, mas que influencia o modo de vivenciar a realidade; modo este marcado por um caráter de excepcionalidade, por ser distinto das vivências do mundo-da-vida. Continuemos com suas elaborações:

Não sabemos o que acontecerá conosco, diante de nós parece abrir-se um abismo e a vida nos arrasta inexoravelmente para dentro dele, porque a vida segue e não tolera nenhum passo atrás. Mas ainda que acreditemos nos precipitar para dentro do abismo, nos sentimos “nas mãos de Deus” que nos sustenta e não nos deixa cair. E em tal vivência não só se revela a *existência* de Deus, mas também *o que* Ele é, sua essência, se torna visível nas suas irradiações últimas: a energia que nos apoia, quando faltam todas as energias humanas; que nos dá nova vida, quando pensamos estar mortos interiormente; que fortalece nossa vontade, quando esta está paralisada – essa energia pertence a um Ser onipotente. A confiança que nos faz admitir que a nossa vida tem um sentido, mesmo que um intelecto humano não seja capaz de decifrá-lo, se faz conhecer a sua sabedoria (idem).

Nesse exemplo, a força espiritual brotada do contato com um ser absoluto não somente concede vigor ao sujeito, mas é essa energia que reconfigura o sentido da própria vida. Enquanto a partir de si mesma apreendia um vazio existencial, com uma vivência radical de encontro com um Outro, além de se sentir nutrida pela força espiritual, a pessoa sente-se protegida e cuidada de uma forma tal que a própria vivência de vivacidade torna-se uma

evidência, ainda que esteja diante de um Mistério. “Este Ser é identificado como alguém onipotente e onicompreensivo, tem a força dotada de tamanha intensidade que não é identificada na pessoa mesma ou nos demais e manifesta-se em uma situação considerada pela pessoa com uma urgência de ser socorrida” (Coelho Júnior, 2013, p. 266). Stein (1991/2005b) ressalta que uma vivência desse nível, com caráter religioso e sagrado, embora não se trate de uma manifestação externa visível aos olhos, solicita-nos validá-la enquanto experiência humanamente autêntica, por ser compreensível interiormente.

Compreendemos então que a vivência religiosa, tal como descrita por Stein (idem) representa uma modalidade específica de vivência humana que mobiliza a pessoa inteira. Essa dinâmica mostra-se mais evidente em momentos de extremo esgotamento, quando o influxo da força vital espiritual incrementa o *quantum* de energia vital, revigorando a vida corpórea e psíquica. Nesse sentido, na vivência religiosa de encontro com um Outro, a força de nível espiritual nutre a pessoa em sua totalidade, despertando sentimentos de segurança, confiança e esperança, além de fornecer força à corporeidade, ou seja, a pessoa sente-se revigorada. Além disso, a vivência religiosa é uma provocação para um posicionamento pessoal de nível espiritual, que pode seguir as buscas mais genuinamente singulares ou não. Assim, a vivência religiosa não se constitui enquanto uma vivência de passividade, mas implica uma tomada de posição pessoal, abrindo-se ou fechando-se à Presença encontrada (idem).

A partir dessas elaborações, podemos nos perguntar: como o contexto sociocultural de A.A. solicita seus integrantes uma vivência religiosa? E de que maneira a vivência religiosa se revela em suas experiências no grupo?

### **1.7. Respostas ao modelo cultural contemporâneo**

Como compreendemos na seção “Mundo-da-vida, cultura e pessoa”, “é difícil conceber uma ‘sociedade’ sem um sistema de valores e sem reservas de sentido a ele adaptadas” (Berger e Luckmann, 2004, p. 27). Diante desse panorama cultural atual de convivência com múltiplos valores e formas de agir e pensar, receitas de como viver e de se relacionar, o sujeito ao mesmo tempo em que vive um pluralismo de mundos-da-vida (Berger, Berger & Kellner, 1979), vivencia também falta de um sentido coerente que perpassa os vários âmbitos de sua vida.

A presença de um campo vasto de sentidos e valores próprio da contemporaneidade potencializa o risco de fragmentação da vida, ao invés de sua unidade. De acordo com MacIntyre (2001), a inexistência dessa conexão decorre dos obstáculos sociais originados pelo modo como a sociedade atual fragmenta a vida humana em múltiplos segmentos, cada qual com suas regras e propostas de comportamento.

O trabalho fica afastado do lazer, a vida privada afastada da pública, a vida empresarial afastada da pessoal. (...) E todas essas separações foram criadas para que seja a diferença de cada uma delas, e não a unidade da vida do indivíduo, que navega por essas partes, segundo as quais nos ensinam a pensar e sentir (MacIntyre, 2001, p. 343).

Se há fragmentação do mundo que é apresentado e vivido, em decorrência do pluralismo de sentidos, o sujeito se encontra sem orientação num universo de possibilidades de decisão. E é justamente o campo dos sentidos que entra em crise quando se têm vários valores e significados sendo transmitidos enquanto a pessoa se sente perdida, sem possibilidade de elaboração da própria experiência. Essa dinâmica se apresenta na modernidade

em sociedades onde os valores comuns e obrigatório não são (mais) dados a todos e assegurados estruturalmente e onde esses valores não atingem mais igualmente todas as esferas da vida, nem conseguem torná-las concordes. Com isto está dada a condição básica para a difusão de crises tanto subjetivas quanto intersubjetivas de sentido (Berger & Luckmann, 2004, p. 33).

Além da possibilidade esvaziamento de orientação da própria vida, segundo Berger & Luckmann (2004), os processos de modernização tendem à individualização, demonstrando uma fragilização dos blocos sociais. Assim, os lugares de elaboração da experiência são raros e a reprodução de modelos impostos pelo poder é frequente, esvaziando a vivacidade de sentido que um mínimo gesto poderia conter.

“As categorias biográficas de sentido, como podemos denominá-las, munem o sentido das ações de curto alcance com uma significação de longo alcance. Com isso, o sentido das rotinas cotidianas não desaparece de todo, mas fica sujeita ao ‘sentido da vida’” (Berger & Luckmann, 2004, p. 22). Assim, cada gesto contém um sinal de um sentido maior que o guia. Como na contemporaneidade o sentido da vida pessoal pode estar esvaziado; assim, cada ação pode também revelar ausência de uma perspectiva maior coerente com a própria dinâmica de ser humano.

É a partir desse contexto, que Berger & Luckmann (2004), retomaram com originalidade o termo de instituições intermediárias, utilizado pela Sociologia desde a época do Durkheim, para sinalizá-lo enquanto importante componente social na atualidade. São

“intermediárias porque fazem a ponte entre o indivíduo e os padrões de experiência e ação estabelecidos na sociedade” (p. 70). As instituições intermediárias são comunidades de sentido que

permitem ao indivíduo colocar a serviço de vários setores da sociedade os valores de sua vida privada de modo a constituírem uma força que ajude a formar a sociedade como um todo. (...). Estas instituições atuam como geradoras e sustentadoras de sentido de conduta de vida dos indivíduos e na coesão de comunidades de vida. Elas dão orientação a pessoas (Berger & Luckmann, pp.70-74).

Via a participação dos sujeitos em alguma comunidade de vida com o caráter de instituição intermediária, há possibilidade de superação das crises de sentido, do processo de alienação e anomia enquanto aspectos negativos da modernização. Esse tipo de instituição se caracteriza assim por ser apoio para e está em função da ação subjetiva, ou seja, não substitui o posicionamento da pessoa no mundo, identificando os valores que condizem com o próprio ponto de referência. Assim, ao pertencer a uma instituição intermediária, a pessoa ao invés de viver uma perda de orientação devido aos múltiplos mundos-da-vida, pode encontrar uma orientação para vivenciar a sociedade mais ampla, avaliando os conteúdos culturais e posicionando-se perante eles com segurança.

Tendo em vista essa perspectiva teórica, podemos colher as contribuições dos autores enquanto apoio para respondermos algumas perguntas norteadoras da presente pesquisa: como o modo do integrante de A.A. se posicionar pode ser compreendido enquanto resposta ao modelo contemporâneo cultural? E será que o grupo de A.A. pode ser concebido como uma instituição intermediária?

## II- CAMINHO PERCORRIDO

### 1. Definição dos sujeitos

Interessou-nos entrevistar pessoas que estejam vivenciando um processo significativo subjetivo e de convivência com o outro em A.A. para podermos identificar como a experiência comunitária se insere no percurso de formação e realização da pessoa.

### 2. Coleta de dados

#### 2.1. Campo de pesquisa

Efetivamos a pesquisa em dois momentos: realizamos, inicialmente, a observação participante em três grupos de A.A. em Belo Horizonte e, num segundo momento, as entrevistas com os sujeitos.

#### 2.2. Coleta de dados documental e observação participante

Tendo em vista que a pesquisa objetiva compreender a proposta do contexto sociocultural de A.A. em termos de vínculos comunitários, foi preciso conhecer a filosofia de A.A., principalmente os doze passos e as doze tradições. Nesse sentido, realizamos coleta de dados documental a partir do contato com obras de referência dos Alcoólicos Anônimos, tais como *Alcoólicos anônimos atinge a maioria: uma breve história de A.A.* (Alcoólicos Anônimos, 1957/2001), *Os doze passos e as doze tradições* (Alcoólicos Anônimos, 1953/2005), *Viver sóbrio: alguns métodos usados por membros de A.A. para não beber* (Alcoólicos Anônimos, 1975/2006), *Alcoólicos Anônimos* (Alcoólicos Anônimos, 1939/2012a); e outras publicações, a saber: *Alcoólicos Anônimos: primeiras noções* (Alcoólicos Anônimos, 2009), *Reunião de esclarecimentos: tema “bêbado seco”* (Alcoólicos Anônimos, 2010), *Revista Brasileira de Alcoólicos Anônimos – Vivência* (Alcoólicos Anônimos, 2011), *Alcoólicos Anônimos em sua comunidade: como a Irmandade trabalha em*

*sua comunidade para ajudar alcoólicos* (Alcoólicos Anônimos, 2012b), *Uma visão dos doze conceitos para serviços mundiais* (Silva, 2012).

A coleta de dados sobre o contexto de A.A. também foi constituída pelo próprio trabalho de campo de cunho etnográfico. Utilizamos a observação participante enquanto modalidade de inserção a campo a fim de conseguirmos colher os aspectos envolvidos na dinâmica de A.A. Trata-se de uma forma que “encoraja os pesquisadores a mergulharem nas atividades do dia-a-dia das pessoas as quais eles tentam entender” (May, 2004, p.174). Inclusive o conhecimento da proposta de A.A. favoreceu o estabelecimento de diálogos com os integrantes. Como se inserir num campo que é concebido como “fechado” pelo público em geral?

Inicialmente, fizemos contato com alguns integrantes que já conhecíamos, reconhecendo um deles como informante-chave (Bisol, 2012), por estar envolvido ativamente no contexto de A.A., com quem colhemos importantes informações sobre essa realidade e sugestões de grupos onde poderíamos observar a reunião de A.A. Com as indicações, adentramos o campo, visitando uma vez em momentos diferentes, três grupos de A.A. localizados em Belo Horizonte, onde pudemos estabelecer conversas informais com os integrantes a partir das quais nos foi possível compreender a dinâmica ali presente.

Destacamos, ainda, que ao longo da permanência no contexto de A.A. realizamos anotações de campo (May, 2004). A compreensão do contexto sociocultural de A.A., elaborada a partir da coleta de dados documental, foi acrescentada com informações registradas no diário de campo e colhidas nas conversas com os membros ao longo do trabalho de campo.

Percebemos que com a inserção no contexto de A.A. e o estabelecimento de convivências no cotidiano dos integrantes, alcançamos o propósito de compreender, produzir conhecimentos e vislumbrar possibilidades de apreensão de experiências vívidas.

### **2.3. Seleção dos sujeitos e entrevistados**

A efetuação de entrevistas com os sujeitos foi fundamental para atingirmos nosso objetivo de compreender como os mesmos vivenciam a proposta de A.A. e os vínculos comunitários enquanto potencializadores do processo de subjetivação e de realização pessoal.

Já que almejamos apreender os elementos invariantes de experiência realizadora em A.A. nos propomos selecionar integrantes para a entrevista que seguissem os seguintes

critérios: sejam pessoas realizadas em A.A. que possuam tempos distintos de participação nesse contexto e presença de diversidade quanto ao sexo.

Utilizamos um método misto de seleção dos sujeitos para as entrevistas. Foram escolhidos por seleção intencional os sujeitos Lilita<sup>4</sup> e Aguinaldo, pois a partir do trabalho de campo identificamos que estavam dentro dos critérios estabelecidos anteriormente, por possuírem maior tempo de participação em A.A. e apresentarem um discurso pessoalizado acerca de A.A. expressando efeito vivificante da participação nesse contexto sobre si mesmos, que poderia indicar experiência de realização tal como definido por Stein e Giussani. E os outros três sujeitos, dentre os quais Suzana e Domênico, foram indicados por um informante-chave a partir dos critérios: pessoas que considerasse realizadas em A.A. com menor tempo de participação no grupo e distinção de sexo.

Antes de entrarmos em contato com os sujeitos indicados, solicitamos que o informante-chave, por possuir relação de confiança com os mesmos, conversasse primeiramente com os sujeitos, a fim de explicar sobre a pesquisa e verificar disponibilidade para participarem da mesma. Assim, a partir da ponte estabelecida até o sujeito, entramos em contato via telefone e agendamos um dia e horário para realização da entrevista.

As entrevistas enquanto semi-estruturadas tiveram como guia perguntas específicas que propiciaram respostas enquanto expressão de vivências, atendendo aos objetivos da nossa pesquisa (Flick, 2004; Szymanski, 2004). No início das entrevistas, adotamos a seguinte pergunta disparadora<sup>5</sup>: gostaria que me contasse momentos significativos em A.A. Ao longo das entrevistas, buscamos cuidar para que a dinâmica da elaboração de cada um fosse respeitada, de modo a não induzi-los a dizer o que esperávamos, deixando espaço para contarem sobre suas histórias de vida e sobre outros temas que desejassem. Mas também os auxiliamos a retomarem o foco na experiência sempre que necessário e a esclarecerem pontos importantes para os objetivos de nossa pesquisa (Leite & Mahfoud, 2010). Esses pontos são condizentes com os nossos objetivos específicos: como vivenciam a proposta de A.A. e os vínculos comunitários; e o modo como esse processo favorece a subjetivação e realização de cada um.

---

<sup>4</sup> Ao final das entrevistas com os sujeitos perguntamos sobre qual nome fictício gostariam que fosse utilizado na pesquisa, tendo em vista o princípio do anonimato de A.A. Lilita e Domênico são nomes fictícios escolhidos pelos próprios sujeitos. Suzana e Aguinaldo optaram por manter seus próprios nomes.

<sup>5</sup> Não foi utilizado um roteiro de entrevista.

Pudemos realizar entrevista no próprio ambiente de A.A.<sup>6</sup> com três sujeitos, com os outros dois sujeitos não nos foi possível, pela dificuldade de adequação de horários entre o expediente do local e a disponibilidade dos sujeitos. De cinco entrevistas efetivadas, apresentaremos a análise de quatro tendo em vista que uma delas não se adequava ao critério de seleção para a análise – exercer função no grupo – que passamos a considerar ao longo da pesquisa, por almejarmos verificar como a função do sujeito no grupo se vincula com o processo de subjetivação. Optamos por analisar essas quatro entrevistas por reconhecermos experiência de realização pessoal nas mesmas.

As entrevistas foram acompanhadas pela leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (em anexo).

### **3. Transcrição dos relatos**

As entrevistas foram gravadas e posteriormente a transcrevemos. “Ouvir e transcrever a entrevista constitui um exercício de memória em que toda a cena é revivida” (Queiroz, 1991, p. 87). Os registros sonoros ao serem transcritos integralmente permitem que sejam mantidos os estilos de linguagem de cada sujeito que pode se reconhecer no que lê. As transcrições foram acrescentadas de dados não verbais como expressões faciais, corporais, etc., que estejam registrados nas anotações de campo.

Após a transcrição, realizamos a textualização do material de forma a auxiliar a leitura e a compreensão da experiência comunicada. Nesse momento, tivemos o cuidado para que não fossem perdidas a vivacidade e complexidade da vivência.

## **4. Compreensão e análise dos dados**

### **4.1. Compreensão do contexto sociocultural**

---

<sup>6</sup> O ambiente de A.A. onde ocorreram algumas entrevistas se trata do Escritório de Serviços de Locais do A.A. (ESL) de Belo Horizonte, que se localiza em uma sala de prédio comercial no centro de Belo Horizonte. “Em nível estadual, os serviços de A.A. do Brasil estão estruturados na forma de Escritórios de Serviços Locais (ESLs) de Alcoólicos Anônimos, legalmente constituídos também como sociedades civis, sem fins lucrativos e congregam os Grupos de A.A. de uma mesma região ou cidade” (Alcoólicos Anônimos, 2009, pp. 11-12).

Para compreensão do contexto de A.A. inicialmente buscamos apreender a proposta sociocultural em termos da filosofia própria de A.A., baseando-nos em sua literatura. Essa parte se refere à descrição da proposta de A.A. a partir da qual não somente foi possível apreender os elementos próprios dessa realidade grupal, mas foi importante também para conseguirmos compreender as vivências de alguns integrantes, permeadas pelos seus princípios. Desse modo, não nos interessa sistematizar a filosofia de A.A. avaliando os seus conteúdos, mas sim descrever o que propõem em termos de vivência intragrupal.

Posteriormente, optamos por descrever o trabalho de campo que realizamos de modo a aproximar o leitor do contexto do grupo de A.A., que poderá apreender os detalhes do ambiente físico grupal bem como a dinâmica ali presente.

#### **4.2. Análise das experiências dos sujeitos**

O presente método possui uma abordagem qualitativa, pois se refere à intensividade dos fenômenos (Minayo & Minayo-Gómes, 2003). Esta abordagem “é própria para aprofundar a compreensão de grupos, de segmentos e de microrrealidades, visando ao desvendamento de sua lógica interna e específica, de sua cosmologia” (idem, p. 137).

Tomando esta abordagem enquanto norteadora dessa pesquisa, a análise dos dados das entrevistas se baseou no método fenomenológico (van der Leeuw, 1933/1964) por este considerar os relatos como expressão da vivência e adentrar a subjetividade e o mundo-da-vida (Amatuzzi, 1996, 2006; Ales Bello, 2004). Assim, propomos uma aproximação compreensiva das experiências e vivências dos membros pela via das conexões de sentidos, buscando os elementos invariantes (significado geral) do fenômeno da dinâmica existente entre vivência comunitária e realização pessoal.

A análise das entrevistas foi iniciada com uma primeira leitura do material cujo objetivo foi colher os sentidos mais amplos das vivências. Encontramos uma riqueza na forma de elaborarem a própria experiência por pontuarem o processo de mudança pessoal, demarcando o período de alcoolização, os primeiros contatos com A.A. e o período de adesão a A.A., além de pontuarem sobre outros âmbitos da vida integrados à experiência em A.A. Por isso, organizamos de modo específico cada depoimento por meio de um *continuum* que contém quatro momentos. O primeiro momento foi denominado como “Antes de A.A.”; o segundo,

como “O A.A. entrando no horizonte da pessoa”<sup>7</sup>, o terceiro como “Processo pessoal em A.A.”; e o quarto como “A.A. e os diversos âmbitos da vida”.

Após essa primeira disposição, ordenamos o material em eixos temáticos condizentes com os nossos objetivos geral e específicos da seguinte forma:

O momento “Antes de A.A.” foi organizado a partir de um eixo temático: articulação entre vivência do alcoolismo e vínculos comunitários.

O momento “A.A. entrando no horizonte da pessoa”, com o eixo temático: vivência pessoal e vínculos comunitários.

O momento “Processo pessoal em A.A.” teve como base um eixo: articulação entre vivência de vínculos comunitários e processo de subjetivação. Em algumas experiências incluímos ainda o momento “Início em A.A.” quando os sujeitos pontuavam sobre o período inicial do processo de adesão a A.A. e foi organizado via o eixo temático: articulação entre vivência dos vínculos comunitários e processo de subjetivação.

O momento “A.A. e os diversos âmbitos da vida” foi ordenado por meio de dois eixos: 1) repercussão da experiência no grupo em outros âmbitos da vida pessoal; 2) articulação entre experiência no grupo e construção de vínculos comunitários no ambiente externo ao contexto grupal.

Realizada essa ordenação, primeiramente efetuamos leituras sucessivas do material buscando apreender o modo próprio de elaboração de cada sujeito, a partir das quais encontramos no momento “Processo pessoal em A.A.” estruturas comuns a todas as experiências as quais denominamos de categorias: “o contexto comunitário como possibilidade de crescimento pessoal” e “o contexto comunitário em construção”. Assim, ordenamos o material concernente ao momento “Processo pessoal em A.A.” por meio dessas duas categorias. Vale ressaltar, que realizamos seleção de trechos mais significativos e representativos de cada momento para posterior análise.

Após esse percurso, compreendemos os dados em termos da experiência de nosso interesse, considerando o modo como a pessoa se realiza em sua experiência e como ela se posiciona às solicitações e propostas do contexto sociocultural que adere.

A fim de apreendermos metodicamente a dinâmica da experiência e alcançarmos delimitação de uma experiência-tipo a partir dos dados analisados, baseamo-nos nos passos propostos por van der Leeuw (1933/1964), a saber:

---

<sup>7</sup> Um dos sujeitos não relatou vivências referentes ao momento “O A.A. entrando no horizonte da pessoa”.

1) nomeação do conjunto de vivências: separar e agrupar o conjuntos de vivências, tornando-as organizadas e assim, inteligíveis. Foram utilizadas expressões contidas nos relatos dos próprios entrevistados.

2) inserção metódica na própria vida: tornar-se cômico da forma como o fenômeno estudado ressoa no pesquisador. Reconhecendo que a pesquisa é um campo de provocação para o pesquisador, permite colocar em evidência o interesse real pelo processo de investigação e retomada dos critérios para que essa investigação cumpra seus objetivos de modo qualificado. Nesse sentido, é possível evitar os perigos de o pesquisador colocar sua personalidade no modo como nomeia as vivências.

3) *epoché*: suspensão de juízos pessoais para que a essência do fenômeno emergja. O pesquisador passa a “evitar a sobreposição de construções categoriais ao significado do fenômeno estudado, de modo a favorecer que emergja o que lhe é mais próprio, sua estrutura” (Gaspar, 2010, p. 14).

4) elucidação das vivências e esclarecimento das conexões de sentido: estabelecimento de categorias que ressaltam as conexões existentes. Elucidando as vivências e clarificando suas conexões de sentido, “podemos apreender dinâmicas que perpassam as diferentes elaborações pessoais, aproximando-nos assim de aspectos próprios do mundo-da-vida do grupo em questão” (Leite, 2011, p. 98). A partir da relação entre as vivências, podemos chegar a uma conexão típica ideal ou experiência-tipo.

5) compreensão das conexões de sentido: revelação das várias vivências colhidas em informação plena de sentido. “A realidade caótica, inerte, converte-se (...) em uma informação, em uma revelação” (van der Leeuw, 1933/1964, p. 648).

6) correção contínua: confrontação das compreensões com os dados colhidos e com outros materiais. Retomando as informações apreendidas durante toda a pesquisa de campo, foi possível retificar as compreensões alcançadas. Além disso, recorreremos aos diálogos com pares em espaço de discussão acadêmica e supervisões com o orientador para auxiliar nessa correção. Dialogar com as referências teóricas e outros autores também fez parte deste passo.

7) reconstrução da experiência vivida pelo sujeito: a finalidade deste passo é dar testemunho do fenômeno, ou seja, permitir o acesso de terceiros à compreensão alcançada.

Realizamos esse tipo de análise em cada entrevista. Após todas as análises apreendemos os elementos estruturais e essenciais da totalidade do fenômeno em estudo e, assim, revelamos experiências-tipo da relação pessoa/comunidade de A.A., da relação pessoa/proposta de A.A. e da realização de si em A.A.

Ressaltamos ainda que apresentaremos os resultados dessa pesquisa aos sujeitos que participam da mesma, na forma de elaboração de um texto com uma linguagem mais acessível e de conversas com os mesmos acerca dos dados encontrados.

### III – COMPREENDENDO ALCOÓLICOS ANÔNIMOS

#### 1. A proposta do contexto sociocultural de Alcoólicos Anônimos

A fim de compreendermos a proposta de Alcoólicos Anônimos recorreremos à literatura de A.A. É preciso acessarmos brevemente a história de formação de A.A., para entendermos a origem dos centrais princípios de sua proposta. Não é nosso intuito analisar os seus fundamentos, mas sobretudo compreender os pilares propostos que sustentam a vivência dos integrantes no grupo e a convivência entre si. Estaremos acompanhados pela coordenadora do Escritório de Serviços de Locais de A.A. (ESL) de Belo Horizonte, que nos esclareceu pontos importantes da organização dos grupos. Inicialmente, adentremos no processo de constituição de A.A., em termos gerais.

Em 1934, William Griffith Wilson (Bill W.), corretor da bolsa de valores de Nova Iorque, que sofria com o alcoolismo, ao conversar com um amigo que conseguiu parar de beber, ficou espantado com o alcance da sobriedade, possibilitado pelo ingresso no grupo Oxford – ligado à Igreja Cristã Reformada americana, formada por pessoas não alcoolistas. Esse grupo estimulava os alcoolistas a reconhecerem que estavam derrotados perante o álcool e a acreditarem em algum Deus a quem pudessem solicitar forças por meio de oração. No entanto, apesar de reconhecer que não dominava o modo de beber e a possibilidade de alcançar a sobriedade, Bill W. não conseguiu findar com o vício (Alcoólicos Anônimos, 2001).

Por volta de 1935, em Nova Iorque nos EUA, Bill W. conta que após várias tentativas de obter sobriedade a partir de hospitalizações, internou-se novamente no Hospital Tows. Nesse período, ele passou por uma experiência mística de encontro com Deus, a partir da qual consolidou sua crença em uma força superior que o ajudou a parar de beber. O próprio médico Dr. Silkworth que o acompanhou no hospital salientou: “aconteceu com você algo que não compreendo. Mas é melhor que você se agarre a isto. Qualquer coisa é melhor do que o estado em que você estava” (Alcoólicos Anônimos, 2012a, p. 44). Assim, Bill W. passou a frequentar os grupos Oxford, e percebeu que era preciso ajudar outros alcoolistas para manter-se abstinência, abordando-os e partilhando a experiência mística que vivenciou. Após tentativas sem sucesso, seu médico sugeriu a ele para não contar diretamente sobre a experiência religiosa que teve, fazendo pregações, mas sim da própria vivência e das consequências do alcoolismo.

Dando continuidade a busca por um alcoolista a quem pudesse ajudar, Bill W. recorreu ao grupo Oxford solicitando indicações de pessoas dependentes de álcool. Assim, encontrou com um médico de Ohio, Robert Holbrook Smith (Dr. Bob), que apesar de frequentar esse grupo, não conseguira alcançar sobriedade. Bill W. abriu-se contando sua história e rapidamente Dr. Bob disse: “Sim, é isso mesmo. Eu sou assim” (Alcoólicos Anônimos, 2001, p.60). Desse modo, Dr. Bob compartilhou para Bill W. vários momentos de sua história de alcoolismo. Com os encontros contínuos, ele conseguiu parar de beber, não por meio de uma experiência mística, mas sim da compreensão do alcoolismo e dos encontros genuínos entre eles (Alcoólicos Anônimos, 2001).

Bill W. reconhece que na conversa com Bob, identificou reciprocidade. “Essa reciprocidade de dar e receber é hoje a alma do trabalho do décimo segundo passo de todos os A.A.s” (idem, p.61). Juntos começaram a visitar alcoolistas internados no Hospital Municipal de Akron na tentativa de ajudá-los a romper com vício. Em decorrência de seus empenhos, um paciente chamado Bill D. alcançou sua sobriedade. E a partir de então, perceberam que propiciar ocasião de troca de experiências entre dependentes de álcool era potente em favorecer a sobriedade. Nesse sentido, em 1935, a partir de reuniões semanais na casa de Bill W., entre Bill W., Dr. Bob e Bill D., e posteriormente com outros alcoolistas, nasce informalmente o primeiro grupo de Alcoólicos Anônimos, apesar desta denominação ainda não ter sido elaborada (Alcoólicos Anônimos, 2001).

Foi com o clérigo episcopal Sam Shoemaker, líder do grupo Oxford de Nova Iorque, que Dr. Bob e Bill absorveram

no início a maior parte dos princípios que depois foram incluídos nos Doze Passos de Alcoólicos Anônimos, passos que expressam o âmago do modo de vida de A.A. Dr. Silkwork nos deu os conhecimentos básicos de nossa doença, mas Sam Shoemaker nos deu o conhecimento concreto do que poderíamos fazer a respeito dela. Um nos mostrou os mistérios da fechadura que nos mantinha aprisionados; outro nos entregou as chaves espirituais por meio das quais fomos libertados (Alcoólicos Anônimos, 2001, p. 34).

Embora A.A. tenha sido originado com a influência dos Grupos Oxford, Bill W. compreendeu que seus princípios “absolutos” de incentivar pureza absoluta, honestidade absoluta, desinteresse absoluto e amor absoluto “eram muitas vezes demais para os bêbados” (idem, p. 65). Ao longo do tempo, a partir da aprendizagem com as experiências pessoais, começaram a elaborar os próprios princípios até chegarem à denominação Alcoólicos

Anônimos, os doze passos, as doze tradições e os doze conceitos<sup>8</sup> que constituem a atual filosofia de A.A.

Seguem os doze passos<sup>9</sup>:

1° Passo: Admitimos que éramos impotentes perante o álcool – que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas.

2° Passo: Viemos a acreditar que um Poder Superior a nós mesmos poderia devolver-nos à sanidade.

3° Passo: Decidimos entregar nossa vontade e nossa vida aos cuidados de Deus, na forma em que O concebíamos.

4° Passo: Fizemos minucioso e destemido inventário moral de nós mesmos

5° Passo: Admitimos perante Deus, perante nós mesmos e perante outro ser humano, a natureza exata de nossas falhas.

6° Passo: Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter.

7° Passo: Humildemente rogamos a Ele que nos livrasse de nossas imperfeições.

8° Passo: Fizemos uma relação de todas as pessoas a quem tínhamos prejudicado e nos dispusemos a reparar os danos a elas causados.

9° Passo: Fizemos reparações diretas dos danos causados a tais pessoas, sempre que possível, salvo quando fazê-las significasse prejudicá-las ou a outrem.

10° Passo: Continuamos fazendo o inventário pessoal e quando estávamos errados, nós o admitíamos prontamente.

11° Passo: Procuramos, através da prece e da meditação, melhorar nosso contato consciente com Deus, na forma em que O concebíamos, rogando apenas o conhecimento de Sua vontade em relação a nós, e forças para realizar essa vontade.

12° Passo: Tendo experimentado um despertar espiritual, graças a estes Passos, procuramos transmitir esta mensagem aos alcoólicos e praticar estes princípios em todas as nossas atividades.

E as doze tradições<sup>10</sup> são:

<sup>8</sup> “Os Doze Conceitos de A.A. dão a coesão necessária aos serviços e previnem a existência de superposições e, como tal, evitam dissensões” (Silva, 2012). E “o serviço em A.A. compreende tudo o que se venha a realizar para alcançar o alcoólico que ainda sofre e se compõe de uma grande variedade de atividades que vão desde o preparo de uma xícara de café até a manutenção do Escritório de Serviços Gerais. No entanto, o serviço básico, e também a razão primordial da existência de A.A., é o de levar a mensagem ao alcoólico que ainda sofre. O serviço dá à Irmandade a marca da ação” (idem).

<sup>9</sup> Todas as citações dos doze passos refere-se à obra *Alcoólicos Anônimos* (2012a, pp. 88-89).

<sup>10</sup> As citações das doze tradições nessa pesquisa referem-se a *Alcoólicos Anônimos* (2012a, pp. 205-206).

1ª tradição: Nosso bem-estar comum deve estar em primeiro lugar; a reabilitação individual depende da unidade de A.A.

2ª tradição: Somente uma autoridade preside, em última análise, o nosso propósito comum – um Deus amantíssimo que Se manifesta em nossa consciência coletiva. Nossos líderes são apenas servidores de confiança; não têm poderes para governar.

3ª tradição: Para ser membro de A.A., o único requisito é o desejo de parar de beber.

4ª tradição: Cada grupo deve ser autônomo, salvo em assuntos que digam respeito a outros grupos ou a A.A. em seu conjunto.

5ª tradição: Cada grupo é animado de um único propósito primordial – o de transmitir sua mensagem ao alcoólico que ainda sofre

6ª tradição: Nenhum grupo de A.A. deverá jamais sancionar, financiar ou emprestar o nome de A.A. a qualquer sociedade parecida ou empreendimento alheio à Irmandade, a fim de que problemas de dinheiro, propriedade e prestígio não nos afastem do nosso objetivo primordial.

7ª tradição: Todos grupos de A.A. deverão ser absolutamente autossuficientes, rejeitando quaisquer doações de fora.

8ª tradição: Alcoólicos Anônimos deverá manter-se sempre não profissional, embora nossos centros de serviços possam contratar profissionais especializados.

9ª tradição: A.A. jamais deverá organizar-se como tal; podemos, porém criar juntas ou comitês de serviço diretamente responsáveis perante aqueles a quem prestam serviços.

10ª tradição: Alcoólicos Anônimos não opina sobre questões alheias à Irmandade; portanto, o nome A.A. jamais deverá aparecer em controvérsias públicas.

11ª tradição: Nossas relações com o público baseiam-se na atração em vez de promoção; cabe-nos sempre preservar o anonimato pessoal na imprensa, no rádio em filmes.

12ª tradição: O anonimato é o alicerce espiritual das nossas tradições, lembrando-nos sempre da necessidade de colocar os princípios acima das personalidades.

De acordo com Alcoólicos Anônimos (2001), a filosofia de A.A. se constrói por duas vertentes: aquela referente aos doze passos – que marca a recuperação de cada membro – e a das doze tradições – que marca as relações de convivência e garante a unidade e a sobrevivência do grupo e da Irmandade de A.A. Os doze passos são o núcleo do programa de recuperação individual que contém atitudes e atividades que auxiliam no alcance da sobriedade.

A Literatura de A.A. enfatiza que o programa dos doze passos são apenas sugestões e não são impostos aos membros. O que se propõe é uma liberdade de segui-los conforme a

necessidade do integrante, apesar de ressaltarem que seguir os passos facilita o processo de recuperação.

Compreendamos agora como se dá a articulação entre os doze passos. O alcoolismo é compreendido pelos integrantes de A.A. como “uma enfermidade incurável, potencialmente fatal” (Alcoólicos Anônimos, 2006, p. 21). Entretanto, isso não significa que o alcoolista sempre será um bêbado, uma vez que sua doença pode ser estacionada, ao permanecer em recuperação e sóbrio, evitando o primeiro gole de álcool. Indicam o “plano das 24 horas” como forma de alcançarem a sobriedade e a sustentarem-na, sugestão elaborada a partir do aprendizado pessoal: “nossa experiência nos ensinou a não fazer promessas a longo prazo a respeito de não beber. Achamos mais realista – e mais seguro – dizer ‘Só por hoje não tomo o primeiro gole’” (Alcoólicos Anônimos, 2006, p. 17).

Ao se perceberem enquanto alcoólicos, admitem ter perdido a capacidade de controlar o modo de se alcoolizar (como descrito no primeiro passo), e por isso compreendem que o primeiro gole desencadeará todo o processo de alcoolização novamente. É justamente o reconhecimento desse limite que possibilita uma vida digna.

No entanto, os alcoolistas apresentam também “uma absoluta incapacidade de parar sozinho, não importando o tamanho da necessidade ou do desejo” (Alcoólicos Anônimos, 2012a, p. 63). E precisamente por isso, que há uma proposta de recorrerem a um Poder Superior para ajudarem no alcance da sobriedade, tal como descrita no segundo e terceiro passos. O que importa é a entrega a um Poder Superior, seja qual for, desenvolvendo a fé. Não há exigência de seguir nenhuma específica religião. Apenas é preciso que busquem em Deus a fonte de “força, paz, felicidade e sentido de orientação” (idem, p. 79). Desse modo, o alcoólico “deve confiar a Deus a missão de efetuar as principais mudanças em sua vida. Nestas circunstâncias, deixa de ser o sujeito central do processo, muito embora sua responsabilidade individual nunca lhe seja tolhida por completo” (Mota, 2002, p. 39). É no terceiro passo que começam a incentivar o membro de A.A. a recorrer à oração de serenidade nos momentos de indecisão e de conflito:

Concedei-nos, Senhor, a Serenidade necessária  
para aceitar as coisas que não podemos modificar,  
Coragem para modificar aquelas que podemos,  
e Sabedoria para distinguir umas das outras.

Pelo fato de o processo ser do próprio alcoolista, então ele mesmo deve agir em função de sua recuperação. Assim, é proposto no quarto passo que cada membro retome momentos em que prejudicou o outro, em que cometeu falhas nos mais diversos contextos. A partir disso, o integrante por meio de um inventário lista esses fatos debruçando-se sobre os erros que empreenderam e sobre que tipo de sentimentos e comportamentos pessoais favoreceram tais atitudes. O objetivo é estimular a percepção de si e a honestidade consigo mesmo de modo a enfrentar a dor, o remorso e a culpa que vivenciou em decorrência das próprias ações do período de alcoolização.

Feito o inventário, é hora de compartilhar com pessoas de confiança as vivências que acessaram tal como proposto pelo quinto passo. Não necessariamente essa partilha é direcionada aos integrantes de A.A., pois o que prezam é a honestidade e humildade de reconhecer as próprias falhas perante o outro. Mas aconselham que seja alguém em que confiam, para se sentirem seguros para exporem as mais diversas e impactantes vivências. A sugestão de colocarem “o orgulho no bolso” (Alcoólicos Anônimos, 2012a, p. 104), ao se abrirem para o outro anuncia possibilidade de serem ajudados no processo de “reformulação de vida” proposto por A.A., e de sentirem-se fortificados nesse processo.

E é no sexto e sétimo passo que é sugerido ao integrante entregar novamente a própria vida, mais precisamente as próprias falhas e imperfeições, aos cuidados de um Poder Superior. É por meio de uma tomada de posição permeada pela humildade que o integrante pede ao Poder Superior para remover os próprios defeitos. Trata-se de uma proposta em que o integrante novamente é incentivado a se abrir a um Outro solicitando ajuda.

Não somente compreendem o Poder Superior enquanto apoio no processo de mudança pessoal, mas também os próprios membros de A.A. são estimulados a abrirem-se para aquele a quem prejudicaram a fim de repararem os danos que causaram no período em que bebiam. No oitavo passo, é sugerido que relacionem as pessoas que magoaram e posteriormente se disponham a se desculpar pelas atitudes errôneas. Mas é no nono passo que aconselham analisar sobre os prós e contras da ação de reparação dos danos. Em certos casos, é preciso evitar esse posicionamento quando essa poderá originar novos ressentimentos. Com efeito, o principal objetivo dos oitavo e nono passos “é romper o isolamento do alcoólico e inseri-lo novamente no meio social” (Mota, 2002, p. 42).

O que é proposto por A.A. ao integrante não é somente este perceber os próprios erros e o modo de se posicionar nas relações para então reparar os danos causados. Prezam no décimo passo pela continuidade do quarto passo: é preciso permanecer com autopercepção e autoanálise dos próprios sentimentos e ações com intuito de modificar as atitudes errôneas

que podem induzir à recaída. É ao praticar esse passo que o integrante pode evitar o fenômeno do “bêbado seco”, caracterizado pela permanência de antigos “defeitos de caráter” (Alcoólicos Anônimos, 2005, p. 40), comportamentos, pensamentos e sentimentos prejudiciais a si mesmo do período em que bebiam; embora esteja sóbrios, age como bêbado (Alcoólicos Anônimos, 2010). Para tanto, na obra *Dose passos e doze tradições* (2005) há alguns conselhos para ajudar o integrante a se desenvolver enquanto pessoa, dentre os quais pontuam: “nosso primeiro alvo deve ser o desenvolvimento do autodomínio, que é a mais alta das prioridades. Quando falamos ou agimos precipitada ou imprudentemente, nossa capacidade de fazer justiça e ser tolerante se evapora imediatamente” (p. 81). Nesse sentido, o programa de A.A. estimula o membro a empenhar-se a se voltar para si mesmo e buscar uma mudança no modo de ser, ao longo de toda a sua vida.

Manter-se sóbrio propicia tanto uma maior qualidade de vida como também possibilita ao alcoolista adentrar numa nova fase: as dificuldades precisam ser enfrentadas sem o refúgio ao álcool. Assim, quem seguir o décimo primeiro passo poderá solicitar ao Poder Superior forças, orientação e intuição para lidar com situações adversas. Além disso, é nesse passo que o integrante ao reconhecer que o Poder Superior permitiu que vivesse “com relativa paz de espírito num mundo conturbado valia a pena conhecê-lo melhor através do contato mais direto possível” (Alcoólicos Anônimos, 2005, p. 96), por meio de oração ou meditação. “A busca da paz de espírito, perdida durante a vida alcoólica, é fundamental para a sua recuperação e retorno ao meio social” (Mota, 2002, p. 43).

Em *Alcoólicos Anônimos* (2012a, p. 89) destacam que “o importante é que desejamos crescer espiritualmente” por meio dos doze passos. O despertar espiritual refere-se ao processo que o integrante de A.A. torna-se “capaz de fazer, sentir e acreditar como antes não podia. (...) A dádiva recebida consiste em um novo estado de consciência e uma nova maneira de ser” (Alcoólicos Anônimos, 2005, pp. 94-95). Ao se ligar em uma força superior “encontrou-se possuindo um grau de honestidade, tolerância, dedicação, paz de espírito e amor, dos quais se supunha totalmente incapaz” (idem, p. 95). Ao conseguir atingir a própria sobriedade e o despertar espiritual, o integrante é motivado, pelo décimo segundo passo, a partilhar a experiência pessoal para ajudar outro alcoolista a se inserir num processo de recuperação. Incentiva-se a “dar, nada pedindo” (idem, p. 97). Da mesma forma que os integrantes foram acolhidos e auxiliados em seu processo, é momento de oferecerem ajuda. “Livremente receberam e livremente dão..., eis o coração deste último passo” (idem, p. 98). É justamente auxiliando o outro que poderão prosseguir se recuperando e crescendo enquanto

pessoa. Nesse sentido, nesse passo anunciam novamente um caminho de esperança para os integrantes:

A vida terá um novo significado. Observar as pessoas se recuperando, vê-las ajudando outras, observar a solidão desaparecer, ver crescer ao seu redor uma irmandade, ter inúmeros amigos. (...) O contato frequente com os recém-chegados e com nossos companheiros é a parte luminosa de nossas vidas (Alcoólicos Anônimos, 2012a, p. 117).

E é ainda proposto que os integrantes convertam os princípios do A.A., na forma dos doze passos, em ação nos vários âmbitos da vida. Enfim, o décimo segundo passo é um incentivo para sentirem “alegria de viver bem” (Alcoólicos Anônimos, 2005, p. 112).

A proposta de A.A. direcionada aos integrantes abarca, além da realização dos doze passos, a partilha de experiências na reunião de recuperação:

Cada grupo [de A.A.] realiza reuniões regulares, nas quais os membros relatam entre si suas experiências geralmente em relação aos “doze passos” sugeridos para a recuperação, e às “doze tradições” sugeridas para as relações dentro da Irmandade e com a comunidade de fora (Alcoólicos Anônimos, 2012b, s/p.).

Dentre as doze tradições, destacamos as três primeiras por conterem direcionamentos no modo como a convivência entre os integrantes do grupo precisa acontecer, além de retomarmos a quinta tradição.

Na primeira tradição, ressaltam a importância de prezar pelo bem estar do grupo como forma de se ajudarem no próprio processo de recuperação. Sustentar a unidade do grupo possibilita tanto a sobrevivência do grupo quanto a reabilitação pessoal. Uma das formas de os integrantes alcançarem a sobrevivência e a unidade do grupo é a prática de todas as tradições. A segunda tradição propõe que as decisões relativas ao grupo sejam condizentes com a opinião da maior parte dos integrantes. É necessário que haja votação para cada assunto discutido quando se trata de implementação ou modificação do modo de funcionamento ou atuação do grupo. Por exemplo, quando se tem um encargo<sup>11</sup> a ser ocupado, a definição se dá por meio de eleição. Assim, a ação do grupo precisa estar em função da coletividade, e não da individualidade.

Enquanto o propósito principal do grupo é auxiliar outros alcoolistas que ainda sofrem, tal como proposto pela quinta tradição, o único critério para que uma pessoa participe de A.A. é o desejo de parar de beber, proposto pela terceira tradição. Nesses termos, o grupo se une

---

<sup>11</sup> A denominação encargo ao invés de cargo se justifica pela rotatividade de pessoas que exercem a função exigida pelo encargo. Os encargos de um grupo são: coordenador, tesoureiro e secretário. A permanência nos encargos variam de seis meses a um ano, dependendo das definições do grupo, segundo a coordenadora do ESL.

em torno do objetivo individual de desejar a sobriedade além da meta comum de auxiliar outros alcoolistas no processo de recuperação.

Quando o recém-chegado ingressa ao grupo, ou seja, escolhe por participar daquele específico grupo, há uma sugestão dos integrantes que ele escolha um padrinho. “Um dos motivos pelo qual é bom ter um padrinho é que se tem um orientador amigo durante aqueles primeiros dias e semanas, quando o A.A. parece estranho e novo antes de se sentir à vontade na casa” (Alcoólicos Anônimos, 2009, p. 42). Há uma proposta de favorecer ao novato possibilidade de sentir bem no grupo. E é justamente a interação com o padrinho que poderá ajudá-lo a compreender os passos, as tradições, os princípios de A.A. em geral, segundo a coordenadora do ESL. Além disso, os padrinhos são referências de superação e mudança pessoal, tendo em vista que eles têm “mais interesse e compaixão” pelo integrante do que ele mesmo. “Acumularam, é certo, mais experiências. Lembrando-se de sua própria condição, estendem a mão para ajudar, não para humilhar” (idem, p. 43). Ao serem um ponto de apoio para os integrantes não significa que esses dependerão unicamente do convívio, orientação e exemplo dos padrinhos para manterem a sobriedade. É por isso, que os autores da obra *Viver Sóbrio*, direcionada para os ingressantes de A.A., ressaltam: “**o comportamento infeliz de um padrinho não serve como a melhor desculpa para voltar a beber**. A mão que vira o copo é ainda a sua própria” (idem, p. 45, negritos dos autores). Enquanto há uma proposta de serem companhia para os novatos, faz-se presente inclusive uma proposta de responsabilização pelas próprias ações.

Além de o padrinho ajudar o recém-chegado a compreender os princípios de A.A., os grupos também podem oferecer reuniões temáticas que consistem em encontros com temas definidos onde os integrantes de um modo geral estudarão algum passo, tradição ou conceito de A.A. Não apenas esses princípios de A.A. podem ser alvo de atenção nessas reuniões, mas também outros temas do cotidiano que o grupo demande compreender. Podem participar dessa reunião tanto os integrantes do grupo como o público em geral.

Por sua vez, os ciclos de estudos, segundo a coordenadora, são reuniões aonde se estudam determinados princípios de A.A. Normalmente é em sistema de internato em que os integrantes permanecem de sexta a domingo juntos estudando.

Após esse percurso, compreendemos que a proposta de A.A. além de conter princípios que guiam o processo de recuperação do alcoolista, na forma dos doze passos, também convida o integrante a reconhecer o valor do bem comum e do posicionamento em sua direção. Ao mesmo tempo em que mostram um caminho que orienta o integrante a cuidar de si, também solicitam um cuidado com a totalidade do grupo, por este ser justamente o

sustento para o processo pessoal, que vai além do alcance da sobriedade, que abarca o crescimento pessoal na totalidade da vida.

É com essa compreensão que agora nos lançamos a adentrar a realidade grupal tentando captar a dinâmica que a constitui.

## **2. Adentrando o campo de Alcoólicos Anônimos**

Hoje, dia quinze de junho de 2013, em torno de 09h45min.

Acabo de chegar ao andar de um prédio comercial onde se localiza o grupo de A.A. Estou em busca de uma sala que a identificasse enquanto tal. De longe já avisto o símbolo de A.A. junto do escrito “Alcoólicos Anônimos”, de tom azul, do mesmo formato com que havia acostumado de me deparar ao pesquisar em sites sobre A.A. Entrando na sala, avisto no lado esquerdo uma pequena sala separada por uma meia porta sob a qual se encontra um caderno com a data de hoje e algumas assinaturas: parece uma lista de presença. Acabara de entrar um homem. Da nossa conversa ligeira com ele, a quem explico meu anseio por observar a reunião apresentando-me como psicóloga-pesquisadora, emergiu ali um acolhimento e uma abertura para participar da reunião de recuperação que daqui a pouco acontecerá. Aquele é um dos integrantes que ajudam na organização do ambiente. Atualmente, ele abre e fecha a sala. Hoje, também fez o café. Enfim, ajuda nos afazeres do grupo de um modo geral, enquanto outros também ajudam varrendo a sala e em outras atividades. Comentou ainda que ali as pessoas dão testemunhos sobre as próprias vidas e que qualquer um poderia conhecer o grupo.

Miro meu olhar para dentro da sala. Lá estão uma mulher e um homem sentados conversando. E outras pessoas chegam à saleta, assinam o caderno e entram para a sala onde daqui a pouco ocorrerá a reunião de recuperação. Um sinal de campainha acaba de tocar. É hora de adentrar. Logo reparei que a sala continha uma mesa de madeira com três cadeiras que se posiciona a frente de várias cadeiras de plástico enfileiradas. Essa é a típica organização da reunião de recuperação que se chama “cabeceira de mesa”. Atrás da mesa, na parede, encontram-se: no lado esquerdo um painel contendo os doze passos, a foto do fundador de A.A. Bill e uma placa com o dizer “evite o primeiro gole”; no lado direito um painel contendo as doze tradições, a foto do fundador de A.A. Bob e uma placa com o dizer “frequente as reuniões”; no centro, um crucifixo, uma placa com o nome do grupo e logo embaixo um painel com a oração da serenidade. Ao lado da mesa, localiza-se a bandeira do

Brasil junto com a de Minas Gerais. Em cima da mesa, encontram-se alguns livros de A.A., dois vasos pequenos de flor, uma sacola azul com o escrito “Alcoólicos Anônimos”.

Enquanto a reunião não começa, alguns membros interagem entre si. E outros três acabam de se direcionar para uma mesa central de madeira. Uma mulher ficou no meio, um homem a sua esquerda e outro a sua direita. Mais um sinal da campainha foi acionado. Todos levantam e iniciam a oração da serenidade e pronunciam logo depois o termo de responsabilidade<sup>12</sup>. Assentam-se ao término. A mulher acaba de se apresentar direcionando palavras a mim, dizendo para eu ser bem vinda ao grupo. Após explicar as partes da reunião, inicia agora a leitura de um trecho da literatura de A.A. Ao término, disse: “palavra franca”. Mas o que significa isso? Direciona ao centro da sala, um rapaz. Sem melindres inicia seu testemunho. Nesse momento, o sentido daquela expressão emergia: era uma forma de convidar o outro para compartilhar a experiência. Relatou sobre a fase difícil do alcoolismo e de como A.A. agora o ajuda. Ao final de sua fala disse: “mais 24 horas para todos nós”. Após seu depoimento, a coordenadora disse novamente “palavra franca” e novamente uma outra pessoa se direciona até a frente e relata uma mesma dinâmica: antes de A.A. e depois de A.A.

Mais uma pessoa adentra a sala, direciona-se até a mesa e faz dois toques com a mão na mesa, e os membros da mesa respondem com os toques na mesa também. Parece-me um modo de cumprimento entre eles. Outra mulher chega, cumprimenta os componentes da mesa, e cumprimenta cada participante com um aperto de mão. Uma das mulheres acaba de remeter aos membros em seu testemunho como irmãos. Praticamente todos que deram os testemunhos, ao longo deles relataram sobre importância do Poder superior e agradeceram os “companheiros”. Ao final, diziam “mais 24 horas”; “um dia de cada vez”; “só por hoje eu não bebi”.

Após um tempo, um rapaz que compõe a mesa passa aquela sacola azul para cada pessoa presente ali. É hora de contribuírem com uma quantia que podiam. Após esse momento, a coordenadora anuncia o intervalo de 10 minutos. As pessoas se levantam, interagem entre si, um vai até o outro, riem: um espaço de convivência emerge ali.

Converso com a coordenadora, que me explica: a maioria dos integrantes não vão a fundo em suas histórias de vida por terem vivido muito sofrimento. Comenta que seu grupo é outro, mas é comum fazerem revezamento de pessoas que coordenam as reuniões, para visitarem grupos novos, conhecerem novos testemunhos e pessoas. Disse ainda que qualquer membro pode ser coordenador de mesa, basta se pronunciar para organizarem as visitas.

---

<sup>12</sup> Termo de responsabilidade: eu sou responsável quando qualquer um, seja onde for, estender a mão pedindo ajuda, quero que a mão de A.A. esteja sempre ali. E por isso, eu sou responsável.

De um lado vem uma mulher em minha direção carregando uma bandeja com pedaços de bolo. Depois, uma outra com bandeja com copos de vidro preenchidos de café. O clima é de acolhimento e descontração entre os membros. Converso com alguns integrantes que se dirigiram até mim para compreender o motivo da visita. Um deles me indica um grupo da região sul que posso visitar. Outro entrega um cartão do seu grupo que continha o local e os horários, convidando-me para conhecê-lo.

Após o intervalo, iniciam novos testemunhos. Desperta minha atenção o modo como um rapaz, ao longo do seu testemunho, agradece à coordenadora pela ajuda recebida, referindo-se a ela como mãe.

Estamos no fim da reunião. Outro componente da mesa lê a ata da reunião, referindo-se à abertura da reunião com a oração da serenidade e o termo de responsabilidade, ao momento da “palavra franca”. E leu os nomes de quem deram os testemunhos. Comunicam o encerramento da reunião, informando sobre eventos de A.A. Logo após fazem a oração da serenidade, comunicam que a coordenadora fará 18 anos de A.A., amanhã, domingo. Assim, cantam parabéns e findam a reunião.

Algumas pessoas despendem-se das outras e saem da sala. Outras permanecem organizando o espaço. Permaneço conversando com a coordenadora e saímos juntas até o elevador. Nesse momento, estão outros integrantes conversando de modo espontâneo e descontraído; muitas risadas emergem ali.

Enfim, algumas impressões saltam aos meus olhos: interação espontânea entre os integrantes; acolhimento sincero; depoimentos que carregavam a tensão da fragilidade e a busca por cuidado; a mudança pessoal junto com os dizeres típicos de A.A.; uma reunião organizada em etapas, com tempo determinado para cada uma, com um ritual de abertura e fechamento com a oração da serenidade.

Hoje, dia vinte e dois de julho de 2013, em torno de 19h55min.

Estou em frente a uma paróquia que dispõe uma de suas salas para a realização da reunião de A.A. Acabara de iniciar uma reunião de recuperação, distinta da cabeceira de mesa, denominada “californiana”. Pergunto para um senhor onde acontece a reunião de A.A. e ele me explicou como chegar lá. Após subir dois lances de escada, chego a um corredor que ao final encontra-se a sala. Uma mulher está adentrando a sala. Aproveito a ocasião e entro junto com ela. Assento-me em uma das cadeiras. Logo identifico que a organização da sala é bem diferente da outra. As cadeiras estão disponibilizadas em círculo. É uma sala grande e praticamente todas as cadeiras estão ocupadas.

Um rapaz logo me abordou perguntando se já frequentava as reuniões. Com a minha negativa, pergunta se tenho problema com bebida. Novamente com a minha negativa, indaga se tenho algum parente com esse tipo de problema. E mais uma vez, respondo “não”. Observo dois homens conversando. Levantam-se convidando a mim e outro rapaz para os acompanharem que irão nos explicar sobre A.A. Logo penso: “este grupo é fechado! Como pode haver tanta diferença entre um grupo e outro! Este é californiano, mas é fechado. O outro é reunião de mesa de cabeceira e é mais tranquilo”. Ao mesmo tempo, emergia uma surpresa com a quantidade de pessoal que participam da reunião.

Nós quatro chegamos no corredor perto do vão da escada aonde tinham dois bancos. Eles se apresentam, e nós também. Perguntam o motivo de minha visita ao grupo e exponho sobre o interesse de conhecer a reunião. Sentamos num dos bancos. E os integrantes no outro. Um dos integrantes explica o que é o A.A., lê a sua definição; explica sobre a doença do alcoolismo e sobre espiritualidade. Uma fala se sobressai: “o amor e amizade fazem parte da espiritualidade”. Uma curiosidade de compreender melhor o que isso significava emergia. Mas a guardei comigo nesse momento. Comenta que só podem participar da reunião pessoas com problemas relacionados ao álcool e que há outros tipos de reuniões abertas ao público em geral. Após falarem para o outro rapaz que era preciso querer parar de beber, que este é o único requisito para frequentar A.A., o mesmo pergunta se pode frequentar outros dias, pois viaja. Um dos integrantes sugere que frequente os três dias que o grupo disponibiliza e mais as reuniões de A.A. na cidade onde ele estiver.

Após esse momento de conversa, esse integrante oferece alguns folhetos de A.A. e cartões do grupo, mostrando um acolhimento e espaço para encontrarmos outro dia se eu quisesse conhecer mais sobre A.A. Assim que me passou seu contato, despedimo-nos.

Fiquei pensando no quanto também pode ser difícil me inserir no grupo de A.A. Mas também me chamava atenção o modo como aquele integrante compreendia A.A. Revelava-me um modo autêntico, livre e vívido de falar sobre A.A.

Ao mesmo tempo em que descobri uma abertura e facilidade de adentrar o primeiro grupo, também reconheci o quanto alguns grupos prezam por uma partilha exclusivamente entre alcoolistas. Mas essa é uma forma de zelarem pelos integrantes, evitarem presença de pessoas curiosas. Além disso, pensei na possibilidade daquele integrante que nos acolheu concedesse uma entrevista, por vislumbrar uma experiência viva de A.A. que carrega consigo.

Hoje, dia vinte e dois de setembro de 2013, em torno de 09h35min.

Chegando ao local, logo avisto a placa em cima de um portão com os dizer: “Alcoólicos anônimos. Nome do grupo. Dias e horários das reuniões.” Nesse grupo, as reuniões ocorrem

às quintas e às sextas, de 20h às 22h, e aos domingos de 10h às 12h. Este portão dá para um corredor que me conduziu até uma porta no final dele. Logo que fui entrando, perguntei a um homem se a reunião de A.A. era por ali. Diante de sua afirmativa, apresento-me dizendo que foi a coordenadora do ESL quem indicou o grupo. Disse que hoje é uma reunião temática, que vão aprofundar em algum tema. Abriu espaço para eu ficar à vontade no ambiente apresentando-se como coordenador do grupo.

Diante do acolhimento, indaguei sobre a possibilidade de registrar por meio de fotos a organização da sala. Comentou que não tem problema, mas para não aparecer ninguém na foto, ressaltando a importância do anonimato. Assim, começo a fotografar. Miro os mínimos detalhes. No centro da sala, encontra-se uma mesa forrada com um pano azul contendo escrito o nome do grupo. Em torno da sala, encontram-se bancos de madeira, tal como dispostos na foto abaixo.



Figura 1: sala de A.A. Foto de autoria própria.

De um lado da sala, na parede, encontram-se dois quadros informativos, com tabelas, textos, avisos, cartazes, demonstrando uma organização diante de datas de reuniões e de atividades. Dois quadros de vidro: um contendo os doze passos e o outro, as doze tradições de A.A., tais como apresentados na figura 2.



Figura 2: sala de A.A. Foto de autoria própria.

Na outra parede, um quadro de vidro, contendo os doze conceitos, entre dois quadros de vidro: uma com a foto do Bill W. e a outro com a do Dr. Bob, os fundadores de A.A., como vemos abaixo:



Figura 3: sala de A.A. Foto de autoria própria.

Na parte de cima de um canto da sala havia o São Vicente da Paula (figura 4) e uma mesa com várias obras de A.A. (figura 5). Esse grupo aluga uma pequena sala de uma casa pertencente à Paróquia São Vicente de Paula.



Figuras 4 e 5: sala de A.A. Fotos de autoria própria.

Cumprimento um dos integrantes com quem me encontro sempre quando vou ao ESL e um outro rapaz com que eu havia conversado também num dos dias em que estive no mesmo.

A reunião começa. Todos estão de pé realizando um instante de silêncio. Logo após, fizeram a oração de serenidade e pronunciaram o termo de responsabilidade. Assentei, e um integrante de A.A. inicia sua exposição acerca do nono conceito de A.A. Remete-se à definição desse princípio, pontuando sobre importância de serem servidores líderes, de conhecerem a filosofia de A.A. para poderem explicar o que é a Irmandade com segurança, sobre os atributos de um líder, como flexibilidade, tolerância, visão, etc; sobre a importância de ter planejamento, pensar sobre objetivos no futuro, apesar de eles prezarem viver um dia de cada vez. Com pouco tempo de fala, um integrante vai até a bandeja, que está ao lado do expositor, onde está uma garrafa de água vazia. Há pouco traz a garrafa com água. Coloca água no copo que está na bandeja e o deixa ali. Este simples ato me mobilizou naquele momento: aquele gesto carrega o cuidado com o próximo. Alguns integrantes dão opiniões, sugestões, compartilham as experiências em relação ao tema tratado.

Em certo instante, o coordenador passa com uma bandeja que continha copos com café, oferecendo a bebida. Ao final da reunião, em pé e de mãos dadas fizeram a oração da serenidade e pronunciaram o termo de responsabilidade. Agora, todos se dirigem até uma parte de trás da sala, em um espaço aberto onde tem um lanche à espera. Ali alguns integrantes permanecem conversando. A fim de compreender melhor que tipo de reunião acontecia ali, encontro-me novamente com o coordenador com quem converso por mais alguns minutos. Disse que a maioria das reuniões é cabeceira de mesa; uma reunião temática e uma californiana ao mês. Ao final da conversa, entrega a mim um cartão de outro grupo de A.A. comentando que poderia visitá-lo. E assim, despedimo-nos.

Apesar de não ter sido nossa intenção participar de uma reunião temática, e sim de recuperação, compreendemos o quanto era importante para os integrantes aprenderem mais um pouco a como levar a mensagem para outro alcoolista. Não pode ser de qualquer maneira, mas com conhecimento do que significava A.A. e com desenvolvimento de características próprias que favoreçam um relacionamento interpessoal genuíno. Não se trata apenas de um posicionamento individual em direção ao outro, mas também do relacionamento que precisa ser estabelecido no grupo.

Findado esse percurso de inserção a campo, indagamo-nos sobre como esse tipo de ambiente grupal é vivido pelos integrantes; até que ponto o que é proposto possibilita uma experiência genuinamente pessoal; como o grupo pode ser apoio para o crescimento pessoal ao invés de alienação; e que tipo de relacionamento é constituído nessa realidade. É com essas questões que nos lançamos a respondê-las em seguida.

## IV – CONVITE PARA ADENTRAR AS EXPERIÊNCIAS

### 1. Suzana: *É uma amizade assim, um vínculo que cresce tão grande.*

Desde o primeiro contato por telefone com Suzana, com idade de 48 anos, que trabalha na área financeira, fui surpreendida com seu jeito acolhedor e disponível. Apesar de não termos conseguido nos encontrar no dia marcado devido à chuva torrencial, ela não deixou de se empenhar em conseguir outro dia para a entrevista. Finalmente nos conhecemos. De fato estava ali diante de mim uma mulher com um sorriso presente, um jeito descontraído, mostrando estar à vontade e livre para contar um pouco de sua experiência em A.A., tendo em vista que participa de A.A. há 2 anos.

Iniciemos com a compreensão do modo como vivenciava o alcoolismo no período anterior à adesão a A.A. já que nos interessa compreender como a relação intersubjetiva era estabelecida.

#### 1. 1. Antes de A.A.

Jogar luzes sobre a experiência atual em A.A. significa refletir sobre os momentos em que se alcoolizava. Suzana, nesse movimento de olhar a própria história, emite vários juízos acerca do modo como se relacionava interpessoalmente. Desde já, apreendemos que o período anterior à adesão em A.A. é marcado por principalmente duas fases: uma em que o consumo do álcool possuía uma função social em sua vida, e a outra em que alcoolizar-se era acompanhado ora por simples utilização do outro, ora por solidão. Como Suzana se relacionava com o outro nessa primeira fase?

*E eu era daquelas pessoas que bebiam e eu era o centro das atenções, de ficar todo mundo a minha volta. Eu sempre jogava uma piadinha, todo mundo ria da minha piada. Eu achava a coisa mais linda todo mundo rindo da minha piada (gargalhada). Ai depois que passava aquilo tudo, acabou, fechava a cara... eu já não era mais aquela pessoa eufórica.*

O ato de beber era uma forma de interagir com as pessoas e ser aceita por elas, afinal reconhecia ser o *centro das atenções*. Ter direcionado para si o olhar e interesse do outro quando *jogava uma piadinha* lhe despertava satisfação: *eu achava a coisa mais linda todo mundo rindo*. Contudo, tem clareza de que a ação de brincar, fazendo *piada*, não brotava de si

mesma, mas sim apenas consequência dos efeitos do álcool. Ser eufórica não condizia consigo mesma, apesar de propiciar naquele momento descontração. O que estava dentro de si era algo que a incomodava, causava insatisfação, revelado quando *fechava a cara* ao findar o consumo do álcool. Desse modo, o ato de beber era um modo de se relacionar, uma via de abrir-se para o outro. Quando findado, emergia o fechamento de si para o outro.

*Porque a minha fama era essa. Todo mundo... Tinha gente que ligava: “o Suzana vem para festa aqui em casa” ou “vai ter uma festa, então vamos comigo. Porque você é divertida demais. É bom demais sair com você.” Entendeu? Mas eu era divertida quando o álcool estava fazendo efeito! Porque depois disso...*

Para Suzana, os outros a valorizavam por ser divertida despertando satisfação nas pessoas. Ser aceita estava condicionada ao fato de beber. Desse modo, o outro se insere em sua vivência do alcoolismo como possibilidade de interação e de valorização de si.

Apesar do reconhecimento do ato de beber como meio para interagir com os outros, Suzana também nos aponta um momento em que vivia um descontrole sobre o próprio modo de beber:

*Quando eu tinha uns 20 e pouco anos, eu tinha acabado de casar. Depois do trabalho eu ia para barzinho, todo mundo bebia, ia para sua casa, mas eu tinha que ficar lá. Ficava e falava assim: “ir embora para casa para quê? Está cedo e tal.” Os outros: “amanhã tenho que trabalhar.”*

Consumir álcool somente com as colegas de trabalho não era suficiente. Apesar de demonstrar vontade de permanecer com a companhia delas dizendo *ir embora para quê?*, percebe um ímpeto de continuar bebendo: *eu tinha que ficar*. Assim, a bebida possuía uma função social apenas no início do consumo de álcool, pois, depois de um tempo, o vício já havia a dominado não conseguindo limitar o modo de consumi-lo.

Como ela se sentia após o consumo abusivo de álcool?

*Eu trabalhava no outro dia com aquela ressaca violenta. E o arrependimento? Os arrependimentos que batem na gente depois que você passa uma noite daquelas bebendo. Ou mesmo, na minha casa, às vezes que eu tinha que subir de gatinho na escada. Chegava em cima e depois que tomava um banho, que eu deitava... aí vinha aquilo tudo. Eu pensava: “ó meu Deus do céu, porque eu estou fazendo isso? Por quê?”*

A dependência já estava dominando sua vida a ponto de se prejudicar com a *ressaca* em nível físico, que era acompanhada pela reação emocional de *arrependimento*. Não era algo que lhe trazia satisfação posteriormente. Pelo contrário quando reconhecia o quanto estava vivenciando situações degradantes de perda de controle sobre si, como *subir de gatinho na escada*, emergia dor e questionamentos acerca da própria forma de viver: *porque eu estou*

*fazendo isso? Por quê?* Ao não mencionar a presença de outras pessoas, ela nos comunica o quanto sozinha estava. Nesse sentido, o drama e a solidão sobressaíam em sua vivência do alcoolismo.

Com o passar do tempo, há um aumento gradativo do consumo de álcool:

*E eu com meu marido na época, ele começou a beber, a mais. Aí ficavam nós dois bebendo. Ele me levou muito também. Não estou falando que foi culpa dele. Porque se eu não quisesse eu não bebia também né? Mas ele me levou... (...). Aí foi assim, comecei a beber junto com ele, e... acabou que estavam os dois... só viviam os dois. Todo, todo dia cerveja na mesa. Todo dia! Era todo dia!*

Para Suzana, seu *marido* enquanto companhia para beber foi também para ela, uma grande influência para o processo de intensificação do alcoolismo, pois bebiam *todo dia*. Apesar de reconhecer que a *culpa* não era apenas dele, que ela também possuía uma parcela de responsabilização pelo ato de beber em excesso, emerge em si uma percepção de ter sido levada pelo movimento do outro. O outro, nesse momento, está apenas presente na cena da alcoolização, não se referindo a que tipo de relacionamento havia ali.

Além de perceber a necessidade de beber diariamente na companhia do ex-marido, como Suzana elabora o modo como estava sendo dominada pela dependência ao álcool nos outros âmbitos de sua vida?

*Até então, meu tempo era só chegar do trabalho... Nunca deixei de fazer minhas obrigações não. Mas fazia pros coco, de qualquer maneira. E quer dizer, um almoço, uma janta, assim empurrado. Por quê? A cerveja. A pia... eu ia lavar vasilha assim... às vezes eu já tinha bebido umas três ou quatro cervejas. Eu já estava me segurando na pia para mim poder ficar firme. Não tem cabimento, sabe, Ana Cláudia? (ênfase). Meu Deus, como é que eu fui...?*

Ao jogar luzes sobre o período em que se alcoolizava, reconhece que era responsável pelos afazeres domésticos, as *obrigações*, a preparação de refeições e o ato de *lavar vasilha* apesar de serem acompanhadas pelo consumo de cerveja. Conseguia executar tais atividades, mas eram feitas *de qualquer maneira, pelos cocos*, sem cuidado. A falta de cuidado consigo, ignorando o problema do vício resultava, inclusive na falta de cuidado com os compromissos. Emergia também a perda de controle sobre si, por exemplo, ao tentar *ficar firme segurando na pia*, percebendo naquele momento o nível de degradação e de perda de sua dignidade no qual chegou. Não tinha *cabimento* agir daquele modo, a ponto de questionar-se: *Meu Deus, como é que fui?* Desse modo, se a bebida a princípio proporcionava a sustentação de si para realizar os afazeres diários, o consumo da mesma em excesso ocasionava justamente a perda dessa sustentação que tanto almejava. Buscar estruturar-se pela bebida culminava no desequilíbrio físico que coincidia com a perda do eixo pessoal, do domínio pela própria vida, ou seja, com a

perda de si mesma. Apesar de reconhecer o absurdo que vivia, ignorava o problema do alcoolismo, deixando de se cuidar. Novamente Suzana não se referiu à presença do outro no momento dramático que vivenciou, o que nos sugere uma vivência de solidão.

Além da perda de controle sobre si mesma provocar dor, o modo como não conseguia realizar efetivamente seu trabalho suscitava incômodo:

*Outra coisa também, Ana Cláudia: eu bebendo daquele jeito... eu trabalhava na associação dos empregados da Cemig, Gremig. Eu trabalhava lá no financeiro. Tinha dia que eu chegava lá numa ressaca, mas ruim! O coração disparando, a boca seca. E eu fazia cheque para fazer pagamento. Menina, já aconteceu de preencher cheque lá de milhões (risada) com maquininha. Eu preenchia e quando eu olhava: “nossa, o que eu fiz?” Eu rasgava e tinha que ter o maior cuidado para ninguém saber.*

Além de o mal-estar surgir de uma forma intensa no ambiente profissional, ela reconhece o quanto a *ressaca* a prejudicava no modo de exercer o próprio trabalho. A falta de domínio sobre si emergia no ato da atividade, ao *preencher* o *cheque* de modo errôneo. Não deixava de fazer seu trabalho; contudo não o realizava da forma esperada. E isso a incomodava a ponto de se questionar: *nossa, o que eu fiz?* Ou seja, o erro não era ignorado, mas era ponto que a mobilizava a consertá-lo. Assim, Suzana nos comunica que realizar bem o próprio trabalho é valor para si, ainda que o efeito do álcool prejudicasse esse processo.

Os prejuízos ocorriam ao realizar os afazeres domésticos, ao não levá-los a cabo de um modo cuidadoso e as atividades profissionais, por não haver preservação das capacidades intelectuais a ponto de não efetuá-los do modo adequado. Além disso, o relacionamento com seus filhos é um ponto de drama em sua vida. Vejamos dois exemplos em que o filho não era considerado enquanto outro.

A necessidade da bebida alcoólica era tamanha que o relacionamento com um de seus filhos foi diretamente afetado:

*Do meu trabalho, eu ligava para meu filho: “Daniel, vai comprar lá uma... Tem dinheiro em tal lugar, ou cartão. Compra meia dúzia de latinhas para mim e põe na geladeira...” Eu já fazia uma coisa errada porque ele era de menor. Mas é depois que você vai tomando consciência disso tudo. Aí: “tá bom, mãe”.*

Suzana se dá conta que suas ações mais uma vez estavam direcionadas para findar a fissura pela bebida, ou seja, estavam em função de si. Ou seja, o outro é apenas um meio para atingir o fim de consumir mais rapidamente o álcool.

*Aí ele comprava... Às vezes, eu chegava ele tinha colocado no congelador e não tirava. Aí eu brigava com ele, sabe? Gritava e xingava... que... aquilo ali para mim era o principal. “oh mãe,*

*desculpa, eu esqueci e tal.” “Eu não quero saber não! Por que você não tirou daqui e pôs em baixo?” Ou então, se ele se esquecia de colocar?: “e agora como é que eu faço?”.*

Se o filho não correspondesse à sua necessidade, emergia em si uma reação de raiva que desdobrava num embate com ele, permanecendo numa postura de cobrança e de punição, pois *brigava, xingava, gritava*. Dessa forma, Suzana nos comunica que a falta de cuidado com o filho estava presente não somente no momento de tentar eliminar sua fissura pelo álcool pedindo para comprar *cerveja*, mas também no modo como reagia com ele quanto este não correspondia o seu anseio. Suzana não considerava seu filho em sua subjetividade a não ser como objeto para atingir o objetivo de estruturar-se pelo consumo da bebida. Nesse momento, o outro está presente em sua vivência, mas não num relacionamento recíproco, e sim como meio para alcançar um fim.

Suzana chega num juízo dramático acerca de seu relacionamento com seus filhos:

*Eu defendia a cerveja como... eu acho que eu defendia mais que os meus filhos.*

Se o sentido de sua vida restringia-se ao consumo do álcool, em torno de si mesma, o outro enquanto figura de seus filhos era negado, não era cuidado a ponto de emitir um juízo acerca de si: *eu defendia mais a cerveja que os meus filhos*. A falta de cuidado com os filhos se revelava no distanciamento de Suzana em relação a eles; e o fechamento sobre si mesma tornava-se mais concreto:

*Porque principalmente com eles, que eu não tinha tempo para ouvi-los. Não tinha. Nunca que dava... Olha eu já fui na reunião do meu filho... Estava procurando ele na oitava série, ele tinha tomado bomba! Eu não sabia! Ele não falou comigo. Entendeu? Quer dizer, se eu fosse uma mãe mais atenta, se eu estivesse... Eu era, sempre fui. Mas essa fase que eu estava, de 2007, 2008, entendeu? Essa fase foi uma das piores até 2011, quando ingressei. Então, quando ele me falou: “Mãe, vai ter reunião.” Mas ele não falou comigo que tinha acontecido isso não. E eu sempre fui em reuniões dele. Fui na oitava série. Estava procurando ele, o nome dele. A professora: “você não sabia que ele tomou bomba, não?” Que vergonha! Eu falei: “Não.” Porque eu já tinha perdido o interesse, até de escola. Ir lá procurar saber...*

Ao relembrar esse momento, emerge uma dor em si por não ter se dedicado, empenhando no relacionamento com os filhos, pois não *tinha tempo para ouvi-los*. Não mais participava da vida de seus filhos, por exemplo, ao não acompanhar o rendimento escolar, a ponto de não um de seus filhos ter *tomado bomba*, e ela não saber. Ao refletir sobre o modo como cuidava de seus filhos emerge uma percepção de si enquanto uma *mãe atenta* que *sempre* foi, mas deixou de ser. E ao mesmo tempo, tem clareza do que significou essa fase: *foi uma das piores*. Havia tanto interesse em se empenhar em assuntos referentes à educação de

seus filhos, que era *conselheira da escola deles*. Nesse sentido, Suzana vivia uma perda da capacidade de acompanhar o filho e de se dar conta do que acontece à sua volta.

*Eu trabalhava na parte do Conselho da diretoria. Entendeu? Depois que o negócio começou a manifestar mais no alcoolismo, até isso eu parei de ir.*

Mas a intensificação do alcoolismo dificultava de se responsabilizar pelos compromissos. Não havia mais *interesse* nem pelos filhos, nem pelas atividades na escola que em algum momento fazia sentido para si mesma. Desse modo, não se cuidar coincidia com a falta de cuidado com os filhos enquanto outros e com os compromissos assumidos. Não se cuidar coincidia com o centramento sobre si mesma, sobre as próprias necessidades.

Apesar de não ter cuidado do relacionamento com seus filhos, Suzana reconhece que os prejuízos na relação com eles não foram determinantes para o rompimento do vínculo com os mesmos:

*Eu dei graças a Deus assim, que eu não é... o álcool não fez com que eu causasse problema com meus filhos, relacionamento meu com meus filhos. Graças a Deus.*

Nesse trecho, emerge uma gratidão por não ter vivido uma situação pior, o afastamento de seus filhos em relação a ela. Nesse sentido, Suzana nos comunica o tanto que seus filhos são um valor para ela. Cuidar do relacionamento com eles coincidia com o cuidado com o que a própria experiência apontava: o quanto Suzana tinha afeição pelos seus filhos.

E justamente por não ter vivenciado a perda de seus filhos que ela não se considerava alcoolista, deixando de lidar com o problema do álcool e de se cuidar:

*Alcoólatra para mim... no caso, na época, é aquele que estava na sarjeta... quem estava no chão... quem tinha perdido família... Quem já estava assim... tinha perdido tudo, não tinha mais esperança de nada.*

Em sua concepção de alcoolismo, Suzana não se identificava como *alcoólatra*, apesar das situações degradantes, da perda de dignidade que vivenciava. O critério para se considerar alcoolista era a perda dos vínculos familiares, algo que não havia acontecido consigo. E outro ponto que dificultava sua busca por ajuda era o apego à sensação prazerosa, *alegria momentânea* que o efeito do álcool lhe proporcionava:

*Sabe quando você sabe que está precisando de uma ajuda, mas não quer assumir? Não queria largar aquela... aquela, aquela alegria momentânea entre aspas que é... a bebida traz para gente, né?*

Quanto menos lidava com o problema do álcool, por não se considerar alcoologista, mais a falta de cuidado consigo mesma emergia:

*Problema de saúde... Eu tenho pressão alta. Eu bebia, Ana Cláudia, e sentia o corpo tremendo. A minha visão ficava no mesmo ritmo do coração. Minha pressão devia estar nas alturas. E não parava não. Continuava bebendo, continuava bebendo. Eu não tinha aquela força de mesmo sabendo que eu podia cair para trás ali, com AVC, qualquer coisa, não adiantava. Era muito mais forte. Você entendeu?*

Suzana ressalta que embora percebesse o mau que beber lhe causava, o risco de consequência mais graves em sua saúde, não dava conta de parar de se alcoolizar, pois não *tinha força*. A dependência ao álcool *era muito mais forte* que a sua própria vontade de parar. Apesar de vislumbrar sua necessidade de se cuidar, não conseguia. E assim o ciclo vicioso se instalava em si: quanto mais bebia para findar a dor da fissura, mais deixava de se cuidar, e o valor da própria vida se esvaía juntamente com a perda de si mesma.

*Então foi uns 17 anos bebendo direto. Direto. E bebendo assim... sabendo que não podia. Eu tinha essa consciência. Mas eu não conseguia. Não tava dando conta de parar.*

Emergia em si *consciência* do modo como se alcooliza. Reconhecia que não estava adequado aos padrões saudáveis de consumo de álcool. Foi dominada pelo vício, já que não *conseguia* controlar a si mesma apesar de tentar parar de se alcoolizar. Assim, se passaram *17 anos bebendo direto*. Nesse sentido, é evidente que ter deixado de levar a sério os próprios incômodos em relação à falta de controle sobre a própria vida culminou num processo gradativo de falta de autocuidado. E quanto mais deixava de se cuidar, mais o vício a dominava.

Após essa trajetória, compreendemos que a vivência do alcoolismo é marcada por alguns elementos centrais. A princípio, a busca por valorização de si a partir do olhar do outro e por momentos de descontração dependiam do consumo de álcool. Assim, o ato de beber possuía uma função social. Por outro lado, quanto mais tentava se estruturar pela bebida, mais perdia a si mesma para o domínio do vício. Ao mesmo tempo em que vivia a perda de domínio sobre a própria existência, reconhecia que aquela forma de viver não correspondia a si mesma, emergindo uma desvalorização de si mesma. Da perda do controle sobre a própria vida, nasce uma dor, mostrando o quando é fundante de si tomar a sua vida nas próprias mãos.

Juntamente com a perda de si, da própria dignidade, vivia também a impossibilidade de fazer uma experiência de correspondência ao cuidar de si, do outro e do trabalho. Nesse sentido, a busca por se estruturar na bebida não a realizava. Posicionar-se na vida a partir do

critério do cuidado é que propiciava uma experiência de realização. Contudo, nesse período não conseguia se guiar por ele, mas sim pela satisfação da fissura por álcool.

Após anos a fio se alcoolizando, o que aconteceu para ela decidir se cuidar? Como o outro se insere na dinâmica de reconhecimento da necessidade de ajuda?

## 1.2. A.A. entrando no horizonte da pessoa

O modo como Suzana ignorou o problema do alcoolismo era evidente, a ponto de negar ajuda do próprio irmão que frequentava A.A.:

*Tem meu irmão mais velho que é do A.A. Já tem 22 anos que ele é do A.A. Sempre me falou também, mas nunca conseguiu me levar. Quem conseguiu me levar foi outra pessoa. E ainda via aquilo tudo acontecer. Ver meu irmão lutando antes de ele ir para o A.A. Vi ele lutando com o álcool. Teve até delírio. Chegou até esse estágio. E mesmo assim... Mas aí o que que a gente pensa: mas comigo isso não vai acontecer. E assim, continuei bebendo.*

Ter-se apoiado na expectativa de que não viveria uma situação grave de saúde impossibilitou Suzana encarar seu processo de dependência ao álcool. Além do irmão, recusava também auxílio do próprio namorado que frequentava A.A.:

*Aí ele [seu namorado de A.A.] começou a frequentar minha casa e me vendo bebendo daquele jeito. Aí ele virou para mim e falou: “você não ficar chateada se eu falar uma coisa não?” Eu falei: “não.” “Você não acha que você está bebendo demais, não?” Eu não conhecia nada de A.A. Eu falei: “Não, eu não estou bebendo nada demais não, ué.” Eu também falei: “quem é você pra falar isso comigo?” Aquela ignorância total, sabe?*

Nesse trecho, Suzana nos revela uma abertura para o relacionamento afetivo ao conseguir namorar. Mas quando o namorado reconhece sua fragilidade e questiona seu modo de beber, ela toma a provocação do mesmo como ofensa, ao dizer *quem é você pra falar isso comigo?* Percebe a tamanha *ignorância* que se manifestava. Não estava atenta a si mesma, ao quanto estava se prejudicando alcoolizando-se, e não reconhecia o movimento de cuidado do outro em direção a ela, fechando-se em si mesma. Mas, o que aconteceu ao recusar enfrentar o problema do alcoolismo, deixando-se de se cuidar?

*Aí um dia eu caí em depressão. Deu uma depressão de uma hora para outra, que eu fiquei trancada no quarto, só bebendo água e fumando. Eu fumava também, Ana Cláudia. Bebendo água e fumando. Só fiquei nisso uns três dias direto. Tranquei o quarto e fiquei lá.*

O que emergia em sua vivência era a perda de sentido de sua vida, vivida na forma de *depressão*, isolando-se do mundo, *trancada no quarto*. Mas Suzana apreendeu outras consequências ao fechar-se sobre si mesma:

*E pensando o que eu ia fazer. Gente, eu tenho que sair dessa, eu não posso, não posso. Deus está me dando oportunidade novamente de... Eu separei. Eu não estou mais sofrendo com o casamento. Então, não estou mais com ele, quer dizer, é uma vida nova que eu posso a partir de agora; mas bebendo desse jeito, como é que vou conseguir viver desse jeito.*

Suzana, ao mesmo tempo em que imergia no drama, na dor e na solidão, refletia sobre o que estava lhe causando sofrimento. E chega a emitir um juízo que reconfigura o modo de perceber a própria vida: *Deus está me dando oportunidade novamente*. Mas para trilhar *uma nova vida*, não poderia permanecer *bebendo* daquele *jeito*. Nesse sentido, ao abrir para si lidando com a ausência de sentido, ao invés de surgir uma vivência de autopiedade, ela retoma a busca por uma vida satisfatória. Desse modo, viver a dor profundamente foi ocasião de retomar essa busca que pulsava em si que ajudou a vislumbrar a possibilidade de percorrer um novo caminho.

O relacionamento consigo mesma ao elaborar o sentido de seu sofrimento não bastava para decidir se cuidar. Foi em companhia de seu namorado V. que a possibilidade de se cuidar concretizava-se cada vez mais. Como a relação com seu namorado a ajudou nesse momento de tamanha dor?

*Aí o V. conversou muito comigo. Ele entende demais do A.A. Foi conversando, conversando. Eu falava com ele que tinha vergonha de ir lá falar sobre minha vida. Ele falava assim: “você não precisa falar de sua vida. Você vai escutar... Se quiser ingressar, você ingressa. Conversa com alguma companheira lá, que também é uma alcoólatra.”* *Aí foi o que fiz.*

Num gesto de empenho e cuidado com Suzana, conversando com ela, seu namorado era ali uma referência de superação. O diálogo no qual os dois se envolviam foi o ponto fundamental para ela continuar abrindo-se para si mesma. Enquanto ele demonstrava um caminho de possibilidade de se cuidar em A.A., Suzana se revelava, demonstrando a *vergonha* e receio de abrir a própria *vida* na reunião. Mesmo diante do limite apresentado, ele não se recuou: *você não precisa falar de sua vida*. Nesse sentido, a companhia do outro em mostrar a possibilidade de superação em A.A. reconfigurou o olhar de Suzana para si mesma: brotava ali uma saída para o sofrimento.

E foi nessa relação em que o outro abriu espaço para Suzana se posicionar livremente juntamente com o vislumbre da possibilidade de encontrar mulheres alcoolistas que ela aceitou o convite de participar da reunião. Desse modo, o outro enquanto presença

provocadora do autocuidado era aceito e reconhecido por Suzana. Enquanto no momento anterior ela tomava sua fala como ofensa, agora se abre para o ponto central para qual o olhar de V. se direciona: o seu bem e a possibilidade de alcançá-lo. Encontrou no outro uma referência de mudança de vida a partir da qual pôde confiar na própria capacidade de se cuidar.

Comprendemos, após esse primeiro percurso, que nesse período em que se alcoolizava Suzana não vivia relacionamentos afirmando o outro em sua subjetividade. E quando vivenciava momentos de prazer na relação com o outro, ela não se colocava de uma maneira livre e sincera, mas sim sob o efeito do álcool. Nesse sentido, a perda de controle sobre si mesma, a vivência de situações degradantes, perda do sentido da vida e solidão marcaram o ápice de seu processo de dependência ao álcool, revelando impossibilidade de constituição de vínculos comunitários. No entanto, o relacionamento com o namorado revela outro tipo de vínculo que estava sendo construído: um vínculo com uma dimensão comunitária, de reconhecimento e valorização da singularidade de Suzana que a ajuda a perceber as próprias buscas genuínas.

Mas um ponto nos intrigou: por que seu namorado sugeriu que ela conversasse com algum membro do sexo feminino? Por que não se referiu a qualquer pessoa? O que uma conversa desse tipo pode despertar em Suzana? Adentremos agora os momentos em que vivenciou A.A. para tentar responder a essas questões e aprofundar no modo como faz experiência em A.A. considerando a relação intersubjetiva de cunho comunitário.

### **1.3. Processo pessoal no grupo de A.A.**

#### **1.3.1. Início em A.A.**

Voltemos nosso olhar para a tentativa de responder às questões que nos colocamos anteriormente. Como Suzana vivenciou o encontro com outra mulher no grupo?

*Olha o melhor momento para mim foi quando eu ingressei. Aí eu fui numas duas reuniões que eu assisti e ingressei na terceira vez. O momento melhor para mim foi o dia que eu ouvi uma mulher lá na frente, sabe? Na palavra franca. Parecia que ela estava falando... ela estava contando a minha vida, né?*

Para Suzana, *o melhor momento* foi ter ouvido *uma mulher*. Ali pôde se ver na outra: *ela estava contando a minha vida*. O impacto que vivenciou ao escutar o depoimento gerou

um reconhecimento de si na outra. O que foi comunicado especificamente por uma mulher comoveu-a a mirar o olhar para si mesma. Que elementos semelhantes à sua vivência a ajudou a considerar esse momento como importante em sua vivência em A.A.? O que ela reconheceu como semelhante à sua vida que a comoveu?

*Teve uma que parecia que era... até a casa dela é igual a minha. (...). E ela contando que ela sabia as escadas de gatinho. Às vezes acontecia isso comigo. Eu bebia, bebia, bebia na parte de baixo quando ia para dormir tinha que subir de gatinho. (...). Então, até isso [ênfase] ela contando encaixou, sabe? Aí foi esse momento – sabe, Ana Cláudia? – quando eu virei e falei “eu sou uma alcoólatra” acabou. A partir disso aí eu abracei aquilo ali o máximo que eu pude. Sabe. Comecei a ir em todas as reuniões... Eu chegava, ficava louca para chegar a noite pra poder ir...*

A situação degradante de *subir de gatinho as escadas* que vivenciaram a ajudou a se perceber em sua condição de alcoolista, assumindo-se para si e para o outro: *eu sou alcoólatra*. Desse modo, foi tão correspondente a si mesma, fez tanto sentido para si presenciar depoimento da outra mulher, que além de admitir o próprio limite, pôde afirmar com clareza seu movimento de autocuidado: *eu abracei aquilo ali o máximo que eu pude*. O outro enquanto presença provocadora contribuiu para a percepção e aceitação da própria fragilidade.

Mas focalizar o gênero feminino como fator determinante para a aceitação do próprio limite tinha uma razão de ser, não era apenas uma coincidência:

*Porque é diferente, Ana Cláudia! Assim, o que o homem conta, o que a mulher conta, é diferente. Porque homem – você sabe? – ele cabe em qualquer lugar. Se ele entra num boteco, ele entra, sai e ponto. A mulher não, quando entra num boteco, ela passa por muitas coisas ali dentro. Então, elas começam a contar o que passavam lá dentro, as humilhações e tudo.*

Para ela, há uma diferença na dinâmica do alcoolismo entre *homem* e *mulher*: enquanto o homem é aceito em *qualquer lugar*, a mulher sofre pré-julgamentos e *humilhações*, como ela mesma já viveu. Por isso, Suzana se identificou com a outra *mulher*, e não com um *homem*, ao perceber a semelhança das situações vividas. Mas além da identificação com a outra *mulher*, emergiu outro nível de elaboração da própria vivência no momento de escuta:

*Aquilo ali, eu falava assim: “gente, eu também sou capaz de chegar lá. Por que não? Se eu continuar bebendo assim, eu posso chegar ao jeito que elas estavam. Por enquanto, eu estou com a minha família, com os meus filhos, tenho minha casa. Mas eu posso chegar lá.” Que elas também... muitas saíram de casa. Tinham família, tinham tudo e acabaram caindo na sarjeta. Aí eu deixei o orgulho de lado achando que eu podia passar por aquilo. E aceitei, sabe?*

Outro ponto que reconhece como sendo decisivo para se mobilizar a se cuidar foi a reflexão despertada a partir da escuta de vivências de perda de vínculos familiares. Emergiu

em si um receio de perder tudo aquilo que lhe é importante caso continuasse se alcoolizando. Apesar de não ter perdido sua *família* e *casa*, pôde se perceber como alcoolista. Se antes de A.A. sua concepção de alcoolismo era a pessoa estar na sarjeta destruindo-se totalmente, naquele momento pôde aceitar-se enquanto alcoolista. Nesse sentido, a outra mulher novamente foi uma presença que a solicitou uma reafirmação do valor atribuído aos seus filhos e seu lar. Decidir continuar cuidando de si mesma era um modo de preservar e cuidar do outro.

Além disso, ao mesmo tempo em que houve identificação com a outra mulher, reconheceu a própria condição de limite, por ser alcoolista, e vislumbrou a superação desse limite, por encontrar uma lição de vida à sua frente. Emergiu em si um ponto de esperança, por ser possível encontrar uma saída para a sua fragilidade, e não se definir por esta. O outro despertou em si um dinamismo em direção ao autocuidado. Naquele momento, brotou em si uma experiência tão correspondente por assumir o próprio limite e por vislumbrar um horizonte de esperança para si, que não poderia mais deixar de lado o problema do alcoolismo. Continuar abraçando as reuniões como ocasiões para se cuidar passou a ser estruturante de si e fator fundante para fazer uma experiência de correspondência ao seu eu em A.A.

O fato de não precisar mais negar a si mesma, aceitando ser alcoolista, foi tão marcante em sua vivência que ela descreve a dinâmica presente na ocasião de partilha:

*Aí o dia em que eu cheguei lá na frente e falei assim, que eu sou alcoólatra. Gente, parecia que eu tirei um monstro de dentro de mim, sabe? Eu fiquei com isso aqui doendo (apontando para as bochechas) de tanto que eu ria (risada de Suzana e de Ana Cláudia). Sabe quando você desabafa... só essa palavra. Parece que eu reconheci. Parece assim... parece que foi uma mágica, reconheci, de falar... É... aquele receio que eu tinha de chegar e falar que eu era uma alcoólatra acabou. Na hora que eu falei: "eu sou uma alcoólatra", falei meu nome, e pus para fora mesmo, desabafei.*

Ter reconhecido sua condição de fragilidade despertou em si um alívio, como se estivesse retirado de si um *monstro*. Se antes ela vivenciava o drama de não se reconhecer alcoolista, sustentando estar tudo bem, nesse momento ela pôde se perceber em sua inteireza e compartilhar o encontro consigo mesma. Reconhecer o limite de ser alcoolista lhe proporcionava uma experiência de correspondência, manifestada por meio do riso. Para ela, esse momento de partilhar uma descoberta de si foi tão surpreendente que o definiu como uma *mágica*, ou seja, foi um acontecimento que permitiu uma mudança significativa em seu modo de compreender a si mesma. Desse modo, Suzana encontrou na reunião um espaço seguro e de acolhimento, além de pessoas semelhantes em sua vivência, que propiciou não somente

uma percepção de si, mas inclusive uma ação de se assumir perante o outro. Nesse momento, o outro não é considerado uma ameaça, e sim uma provocação para se afirmar na busca por cuidar de si. É justamente conseguir cuidar dessa busca constituidora de si no contexto grupal que sustenta o modo de viver A.A.

A partir da decisão de se cuidar na reunião de A.A., como Suzana sustentou esse posicionamento em sua vida num âmbito mais amplo nesse período inicial de sobriedade? Como ela continuou se percebendo e se relacionando com o outro a partir desse novo modo de se colocar no mundo?

*Isso foi num sábado em que eu ingressei. Num domingo eu não acreditei que eu consegui fazer almoço sem beber. Eu não acreditei! Eu falei: “gente, será que eu vou..?” E aquele medo que dá: “será que eu vou conseguir fazer uma comidinha gostosa igual sempre saia e sem precisar de beber?” E consegui. Consegui.*

Nesse trecho, Suzana reconhece o receio que teve de não conseguir realizar a tarefa doméstica, cozinhar, bem feita sem a ingestão de álcool; receio de fazer algo que fazia antes. Porém, naquele momento sem a bebida. Contudo, surpreende-se com a própria capacidade: *consegui*. Percebe que conseguir ficar sem beber e realizar uma tarefa sem estar alcoolizada configurava-se como uma conquista pessoal, que não foi alcançada sozinha:

*Em casa também eu tenho dois filhos já rapazes e os meninos também cooperaram muito, sabe? Não falaram no assunto. Então, deu certo, né? O primeiro dia, o primeiro fim de semana (risadas de Suzana e de Ana Cláudia). E aí foi.*

Fez questão de pontuar o apoio e companhia de seus *filhos*, que *cooperaram muito* com ela. Se no período em que se alcoolizava ela não considerava seus filhos em sua subjetividade, tomando-os como objeto para atingir o objetivo de beber, agora ela reconhece o empenho deles em direção ao seu bem estar. Ela se abre para o outro o valorizando em sua ação e percebendo o quanto a presença dos filhos contribuiu para se sustentar em seu processo de sobriedade.

Apesar de ter alcançado momentos de descoberta de si, das próprias potencialidades e do reconhecimento acerca da incidência do posicionamento dos filhos em seu processo de recuperação do autocuidado, ela não deixa de nos mostrar momentos de dor que vivenciou ao decidir permanecer cuidando de si:

*Então, é quando foi o primeiro Natal, também, foi uma coisa muito estranha. Eu amanheci no dia 25 de ressaca (ênfase), mas aquela ressaca sem ter nem chegado perto de bebida. Mas eu acho que é o subconsciente da gente. Eu não sei. Essa área é vocês quem entendem, né? (...). Eu acho assim, aquelas datas comemorativas em que a gente mais bebia... no meu caso em que eu mais bebia. Eu acho que o cérebro da gente ou então não sei... já sabe que já tem aquela*

*data ali certa. Só pode ser essa explicação, Ana Cláudia. Eu levantei passando mal, como se eu tivesse bebido, assim, a noite toda.*

Sustentar o cuidado consigo mesma distanciando-se da bebida não significava que a experiência de dor estava findada. Apesar do alívio encontrado em se cuidar, um mal-estar intenso também emergia em datas festivas, como o *Natal: eu levantei passando um mal*. Se ela não havia bebido, como poderia sentir *ressaca*? Suzana não compreendia as próprias sensações, de onde vinham. Assim, como ela lidava com essa reação que lhe causava estranhamento?

*Aí eu comentei com um amigo meu do A.A. que estava lá em casa esse dia e falou: “É assim mesmo. É assim mesmo.” O seu corpo está pedindo, né? Porque é aquela manifestação... aquela festa... todo mundo... cheiro de vinho, cheiro de uma coisa e de outra. Mas lá em casa nem tinha bebida. Mas ele falou assim que só de lembrar que aquela noite ali era noite que foi anos e anos bebendo, né?...*

Ao invés de aliviar a tensão por meio da bebida, recorreu ao outro, *amigo do A.A.*, para melhor acessar o sentido da própria vivência. Ao compartilhar o próprio estranhamento com ele que já havia passado por aquela situação, este transferia força para ela encarar de uma forma mais tranquila os incômodos que o processo despertava. Se ele conseguiu lidar com o mal-estar, então Suzana também iria sustentar o autocuidado sem recair. Mesmo não se sentindo bem optou por continuar se cuidando ainda que isso implicasse em sustentar a tensão própria do movimento de cuidar de si. Nesse sentido, a abertura para companhia de um outro ajudava Suzana a se compreender e a reafirmar seu movimento de cuidar de si.

Além da companhia do outro em outros âmbitos de sua vida como fator importante para seu crescimento pessoal, vamos compreender como o grupo de A.A. contribui para seu processo de ser mais si mesma.

### **1.3.2. O contexto comunitário como possibilidade de crescimento pessoal**

É também no grupo de A.A. que o impacto vivenciado nos primeiros dias na reunião, a partir da escuta da vivência de outras mulheres, é vivido por ela a cada encontro. E a cada etapa vencida, ela não deixa de expressar gratidão àqueles que compartilham suas vidas:

*Eu agradeço muito, sabe? Principalmente quando eu vou pegar minhas fichas<sup>13</sup>... eu falo lá: “eu agradeço a todos, principalmente às mulheres.” Por quê? Elas expuseram as vidas delas lá para poder me ajudar. Porque elas ficam falando da vida delas lá, o que elas passaram, que tem coisas absurdas! Eu falo, “meu Deus, como é que essa mulher chegou a isso?” Ai depois cai a ficha: “nó, peraí. Eu também estava indo para o caminho.”*

Estar presente na reunião de A.A. ouvindo o outro, *principalmente as mulheres*, acrescenta algo em si, apesar de reconhecer a incidência da totalidade das partilhas em sua vida. O impacto recebido a partir da fala das mulheres é que a mobiliza de um modo mais intenso, conseguindo *ajudar* a se cuidar. Ela compreende o ato de compartilhar não apenas como uma ação de dividir algo com os outros, mas sim como uma ação intencionada, com um objetivo: *elas expuseram as vidas delas lá pra poder me ajudar*. É ajudada ao dar-se conta do próprio *caminho* de degradação a que *estava indo* espantando-se com as *coisas absurdas* vivenciadas que a possibilita a reafirmar o valor de se cuidar. Desse modo, um fator que sustenta sua experiência em A.A. é retomar continuamente a possibilidade de vivenciar um sofrimento maior ainda, a cada reunião, e não apenas no momento em que decidiu ingressar no grupo. E justamente retomar essa possibilidade que a ajuda a afirmar a necessidade de continuar frequentando as reuniões enquanto uma ação de autocuidado.

Mas, Suzana ainda se pergunta:

*Ela chegou a isso, por quê? Não teve uma mão amiga... não teve uma compreensão... ou porque ela tinha que passar por aquilo mesmo, né?*

Se a integrante não teve uma *mão amiga* que a compreendesse, que a ajudasse a se cuidar, ela nos comunica que teve a oportunidade de ser valorizada e cuidada pelo namorado e pelo amigo de A.A. Nesse sentido, ela nos aponta o quanto o outro é um fator potente para se cuidar, retomar a importância de si. Se antes de A.A., o outro não era apreendido em seu valor, nesse trecho ela nos sugere o quanto o outro passou a ser reconhecido em sua ação.

Como a dinâmica de cuidar de si despertado pelo namorado pôde resultar em um processo pessoal, e não em dependência desse?

*A gente [ela e o namorado] vai junto, frequenta junto. Depois disso, ele quebrou a ficha de novo [recaiu]. E eu continuei. Muita gente pode ter achado que eu estou lá por causa dele. Não é. Porque eu continuei firme e estou até hoje. (...). Eu falei: “ele tem que firmar, ele tem que firmar.” Ele está firme agora. Mas, não depende dele não, porque minha vida está uma maravilha hoje.*

---

<sup>13</sup> A cada etapa vencida em A.A. mantendo-se sóbrio, o integrante pega uma ficha de cor diferente, referente ao tempo de sobriedade. As fichas possuem formato arredondado.

Suzana faz questão de mostrar que posicionar-se indo às reuniões não está condicionada à presença do namorado. Se por um lado ele incitou o olhar de Suzana para si a ponto de cuidar da própria vida, por outro ela reconhece que esse processo de autocuidado *não depende* do processo do outro. O outro recaiu, mas ela permaneceu estruturada: *eu continuei firme*. Diante da fragilidade do outro, ela manteve-se em seu eixo passando a ser inclusive ponto de apoio e companhia dando força e incentivo para o namorado retomar o cuidado consigo: *ele tem que firmar*. Caso houvesse um processo de alienação, ela teria recaído junto com ele. Desse modo, o outro novamente é reconhecido como a *mão amiga*, mas não o sustento para continuar o processo pessoal. Emerge, assim, um caminho próprio que passa a ser referência para aquele que ajudou no início. *Não depende dele* para ir à reunião nem caminhar em direção à realização de si: *minha vida está uma maravilha hoje*.

Vejam os fatores em sua experiência que a ajudam a emitir o juízo de que *hoje sua vida está uma maravilha?*

*Nossa! (...). Tudo que eu vou fazer eu penso várias vezes. Antigamente eu era muito afoita, sabe? Tudo que eu ia resolver, eu resolvia assim, eu queria para ontem. Tudo era para ontem... Eu era muito elétrica... E nada dava certo, praticamente. Por quê? Eu não pensava direito. Mas aí depois que eu estou lá, está muito gostoso! Bom demais!*

*Pensar várias vezes* antes agir enquanto modo de lidar com a ansiedade é um ponto fundamental de seu novo modo de se posicionar no mundo. Se antes *nada dava certo* por agir impulsivamente, de maneira *afoita*, agora percebe o quanto se sente satisfeita com a capacidade de esperar e compreender os fatores envolvidos na situação para então se posicionar. Reconhecer a mudança pessoal alcançada após participar do grupo, estando *lá*, inclui a dimensão do gosto, pois *está muito gostoso!* Da percepção do crescimento pessoal, brota uma experiência de realização: *Bom demais!*

Suzana também identificou em si outras mudanças no modo de viver o mundo:

*Outra coisa que eu aprendi demais... aprendi muita coisa, muita coisa. Eu mudei muito, muito (...). Estou mais realista. Hoje não estou tanto na ilusão. Porque a bebida te faz viver numa ilusão. Agora não. Agora eu estou mais assim, sabendo mesmo o que eu quero... o que que eu tenho que enfrentar. E antes não.*

Ao jogar luzes sobre a própria mudança, emerge uma percepção de si, de que aprendeu *muita coisa*. Se no período em que se alcoolizava não enfrentava a própria vida recorrendo aos efeitos do álcool que a distanciava dos problemas, vivendo na ilusão, agora ela se estrutura a partir do que lhe é importante – *sabendo* o que quer – e do que a realidade lhe

solicita – reconhecendo o que precisa *enfrentar*. Mas, como A.A. a ajudou a *ser mais realista*?

*Me ajudou porque é... questão de ver assim... como o ser humano pode mudar a vida deles. Pelas coisas que eu já ouvi, que eu vi acontecer... a mudança social, sentimental, financeira, física da pessoa, então quando ela admitiu que era uma alcoólatra, viu que o mundo dela não era aquilo... que ela tinha que enfrentar aquele problema, a vida dela melhorou.*

Novamente, estar em contato com as mudanças e o crescimento alheios a ajudou a vislumbrar uma outra possibilidade de vivenciar o mundo, um caminho de esperança, pois se o outro pode *mudar* a própria vida, Suzana reconhecia que era possível se transformar. Ela dá continuidade ao que a experiência no contexto comunitário pôde lhe proporcionar:

*Então, a partir disso aí (...) eu vi que eu tinha que enfrentar aquilo ali. (...). Que eu não podia mais beber. Qualquer problema que tinha eu tinha que enfrentar de cara limpa. Então, falei assim: o gente eu caí na real. Eu tenho que cair na real. Eu tenho que ver que se eu tenho um problema para resolver, sou eu quem tenho que resolver. E sem nada na cabeça! Sem bebida... sem nada.*

Não apenas escutar o drama do outro a mobilizava a voltar-se para si mesma, mas também o modo como conseguiram superar o sofrimento alcançando um posicionamento no mundo mais correspondente. Encontrar outros sujeitos que compartilham as próprias mudanças na vida é compreendido por Suzana como um momento de aprendizado. Aquelas pessoas passam a ser exemplo de vida para os companheiros do grupo mostrando que é possível viver de outra forma. Suzana apreende na vivência partilhada um caráter de dever em *enfrentar* os próprios *problemas*, como ela mesma menciona: *eu tenho que cair na real*. É preciso resolver os problemas sem nenhum artifício, a partir das próprias capacidades. É justamente respeitando esse chamado interior que consegue viver. E nos comunica ainda que sua vida *melhorou* ao reconhecer que é possível se realizar sem estar se alcoolizando. Desse modo, a atenção para a vivência partilhada foi ocasião para emergir novamente uma consciência de si, do próprio modo de lidar com os problemas, uma exigência de estar atenta à realidade e respondê-la sem alcoolizar-se desenvolvendo as próprias potencialidades. É estruturante de sua experiência em A.A. poder aprender e crescer a partir da percepção do outro em seu processo.

O posicionamento do outro de partilhar a própria mudança não ficou sem efeito sobre Suzana que pôde elaborar o próprio processo de cuidar de si a partir de aprendizado de novos modos de se posicionar perante si mesma e o mundo. Abrir-se para o outro coincide com abertura para si mesma e para a realidade realizando-se ao mesmo tempo em que o outro é

reconhecido e valorizado em seu processo: eis uma experiência propriamente comunitária vivida por Suzana.

A percepção de si continua ajudando a sustentar a espera que a realidade solicita?

*É saber que agora eu posso fazer. Conseguir isso tudo, mas sendo eu mesma. Entendeu? Sabendo que eu posso, que eu tenho é... potencial para aquilo. Que eu não sou mais aquela pessoa fraca, aquela pessoa que precisava de beber para ter alguma coisa. Agora não, eu posso fazer, tendo minha cabeça tranquila. Minha cabeça ali sem é... sem culpa, principalmente. Sem culpa de nada. Sabendo que eu não precisei beber pra resolver aquilo né? É que eu sou capaz! Que eu sou uma pessoa assim que não tem estudo não, mas eu sou capaz!*

O que emerge em sua vivência é a descoberta de si: *eu posso conseguir isso tudo sendo eu mesma*. Antes se reconhecia como uma pessoa *fraca* que recorria à bebida para enfrentar o mundo e a si mesma, agora ela faz uma experiência de correspondência ao próprio ser, se reencontrando. Se antes brotava em si *culpa*, agora vive uma experiência de paz, tendo a consciência *tranquila* com as próprias ações. Suzana não precisa mais fugir da realidade, pois se percebe como capaz de responder às suas solicitações seja esperando a melhor forma de agir, seja se posicionando pessoalmente. Estar atenta à realidade não significa perder a si mesma, mas justamente o contrário. Respeitar o que o mundo lhe provoca condiz mais consigo mesma do que impor o próprio ritmo para responder às exigências da realidade. Dizer *eu sou capaz* revela uma percepção de si ao mesmo tempo em que a desperta uma experiência de realização. Poder fazer esse tipo de experiência respeitando o próprio dinamismo de ser si mesma é ponto fundamental para seu processo de crescimento em A.A.

Suzana ainda aponta outro fator importante da percepção de seu próprio processo de crescimento:

*Como eu consegui, parar... como eu estou conseguindo mudar minha vida... sem precisar de beber, então, eu sei que sou capaz de ir mais para frente, não é não?*

Suzana poderia se contentar com as mudanças pessoais positivas que já alcançou. Contudo, emerge na vivência de si mesma uma consciência de que é capaz de *ir mais para frente*, de continuar se realizando.

Até aqui compreendemos que o processo pessoal de cuidado consigo mesma não depende do movimento do outro; e a experiência de aprendizado no contexto comunitário do grupo a ajuda a se desenvolver e vislumbrar um processo contínuo de realização de si. No grupo, estrutura formal, encontra pessoas enquanto referências de superação que passam a despertar a possibilidade de mudar a própria vida, vivendo assim uma dimensão comunitária. O outro como presença suscita percepção de si em sua inteireza, pois não deixa de lado a

própria condição de alcoolista, mas não se reduz a esse limite. Pelo contrário, abre-se para si mesma resgatando a busca por uma vida que a satisfaz, que traz tranquilidade. Desse modo, o outro é provocação para ela se reconhecer em sua integridade e afirmar a busca por realização de si. Nesse sentido, a experiência comunitária em A.A. é ponto estruturante para a afirmação de si.

Se para Suzana ser ela mesma é um ponto importante para sua vida, como é possível sustentar o próprio modo de ser ao aderir à proposta de A.A.?

*Eu não sigo muito, não leio muito sobre (...) os passos, tradições não. Eu vou fazendo as coisas do jeito que toca meu coração, entendeu?*

É preciso que seu jeito emergja ao experienciar A.A. Não adianta orientar-se a partir dos *passos e tradições* se esses não fazem sentido para si, por isso não os seguem *muito*. *Fazer as coisas do jeito que toca seu coração* emerge como critério para se posicionar em A.A.: é preciso se realizar em seu processo de cuidar de si. Seguir só por seguir não a mobilizando interiormente não faz parte de sua experiência. No entanto, há um passo de A.A. que ela identifica como importante:

*Mas assim, uma coisa [que me marca] é pedir perdão às pessoas que você machucou, sabe? Isso aí eu já fiz demais, assim... É... as pessoas das quais me lembrei que eu feri. Falei palavras, coisas que... Eu cheguei a ferir para incentivar, para incentivar a pessoa.*

Mesmo não sendo importante seguir à risca a proposta de A.A., percebe que o oitavo passo correspondeu a si mesma. O processo de voltar-se para si mesma reconhecendo o modo como agia com as pessoas possibilitou-a retomar o valor de não machucá-las. Dar se conta apenas do quanto causou dor no outro não bastava, a machucava também, afinal vivia uma relação significativa. A culpa que sentia era sinal da consideração do outro, não apenas de si mesma. Reconhecer o mal que fez a mobiliza a ser construtiva no relacionamento, pedindo *perdão* e a retomar o que é importante para si, vivendo uma experiência de inteireza.

Um dos princípios de A.A. contido no oitavo passo sugerindo aproximar-se de pessoas admitindo o próprio erro e o reparando por meio, por exemplo, do perdão, condizia com o próprio movimento de cuidar de si e do relacionamento. Após ter realizado em sua vida a proposta, emergiu uma experiência de correspondência ao seu processo de crescimento pessoal. Desse modo, a realização de si sintonizava-se com o próprio movimento de ser construtiva no relacionamento, reconhecendo o valor do outro e demonstrando o crescimento pessoal nesse processo.

Suzana também vivencia a dimensão da espiritualidade sugerida por A.A.: uma alteridade de nível superior também intervém em seu processo de cuidar de si.

*Eu sou kardecista, sabe? Então, eu vejo que realmente a espiritualidade que tem ali dentro é muito grande. É grande. Pelas coisas assim, eu não sei... Isso aí já mistura religião. Então, eu não posso falar nada disso lá, né? Mas o tanto que eu leio sobre isso. É igual a minha bolsa vive cheia de livros, eu leio demais sobre isso. (...) Porque o álcool não é uma coisa boa. Então, os espíritas falam, né? E se você for olhar, tem lógica, sabe, Ana Cláudia? E quando você está ali bebendo, fumando, com vícios... existem espíritos ao seu redor sugando aquilo ali. A partir do momento começa a frequentar a reunião, para com os vícios... Tem gente que entra bêbado lá dentro e sai sã.*

Por ser *kardecista*, compreende o dinamismo que possibilita a ajuda ao integrante na reunião sob o ângulo de sua crença religiosa. Para Suzana, está claro que *realmente a espiritualidade ali dentro é muito grande*; é esta que favorece um distanciamento dos espíritos que ficam *sugando* a energia de quem bebe. Apesar de não poder se falar em *religião* lá, é proposta de A.A. confiar em um Poder superior. E Suzana aderiu a esse convite, mas de modo pessoal, seguindo a linha do espiritismo por fazer sentido para si, por ter *lógica* compreender os acontecimentos sob essa ótica.

Ao continuar elaborando o modo como vivencia os princípios de A.A., reconhece que é preciso permanecer cuidando do outro em sua vida:

*Suzana: Eu acho que a partir do momento que eu parei de beber, eu estou seguindo aqueles passos (risada). Eu penso assim. A partir do momento que eu parei de beber, eu estou seguindo, sabe? Estou tentando não magoar mais ninguém, né? Tentando assim procurar ajudar mais às pessoas do que prejudicar, igual eu fazia.*

*Ana Cláudia: O negócio é que para você é importante estar ali...*

*Suzana: Para mim é importante estar convivendo e tentando ajudar as pessoas da maneira que eu posso. Para mim importante é aquilo ali.*

Parar *de beber* para Suzana é seguir *os passos*, a proposta de A.A., a estrutura formal desse contexto. No entanto, parar *de beber* enquanto consequência do que é sugerido não contempla o significado nem dos princípios de A.A., nem de sua própria vivência em A.A. É preciso tentar *não magoar mais ninguém*. Além de reconhecer que é estruturante para sua vida não prejudicar as pessoas, também emite o juízo: *para mim é importante estar convivendo e tentando ajudar as pessoas*. Ainda que não consiga ajudar, há uma busca por contribuir com processo do outro. Desse modo, fica cada vez mais claro que o crescimento pessoal coincide com o modo pessoal de se posicionar no mundo colaborando para a vida alheia. E no grupo, em sua dimensão comunitária juntamente à societária, é onde consegue afirmar a dinâmica de autocuidado e a busca por ajudar que a constitui. Ajudar a si mesma e ao outro é se realizar.

*Fazer as coisas do modo como toca seu coração é aderir à proposta de A.A. de um modo pessoal, reconhecendo o valor de conviver, cuidar da relação e ajudar o outro. E como Suzana convive e ajuda outras pessoas no contexto comunitário de A.A. de modo a constituir a realidade que está diante de si?*

### **1.3.3. O contexto comunitário em construção**

Logo no início da participação de Suzana em A.A. o modo de se colocar já revelava a incidência de sua ação na constituição do contexto comunitário. Acompanhemos como Suzana constitui a realidade grupal nos próximos trechos:

*Quando eu fiz três meses, eu (...) já estava fazendo coordenação. Então, em todo grupo que ia coordenar, eu convidava o pessoal para poder participar da minha entrega de ficha de três meses. Só que caiu em pleno dia 24 de dezembro! Na noite de Natal. (...). E eu fui chamando o pessoal. Mas eu chamei por educação, como todo mundo faz. No dia mesmo, era só eu que ia pegar a ficha. (...). Lotou, Ana Claudia! (...). Esse grupo que eu frequento, lá perto de casa, lotou. Quando eu cheguei e vi aquele tanto de carro, que eu entro... a reunião começou, todo mundo sentou, tinha gente em pé! Nos lugares que eu fui falando, o pessoal foi ouvindo... e um chamou outro, chamou o outro.*

Mas além de se surpreender com a quantidade de pessoas que estavam ali valorizando-a, acompanhando mais uma etapa vencida, ela nos indica que esse fator numérico aponta o fator relacional enquanto indício de reconhecimento do outro direcionado a ela:

*Teve gente lá assim que... o pessoal foi para sitio, a pessoa ficou para depois ir, que falou: “não, Suzana, eu tinha que vir.” Aí alguns lá na frente falaram assim... que aí você é centro das atenções nesse dia, né? Aí teve alguns lá na frente que falaram: “eu vim mais é para te dar um abraço e também para dizer que eu estou admirando o seu trabalho, seu desempenho aqui dentro. Que a gente precisa de pessoas assim.” Muitos elogiaram, sabe?...Muitos falaram. Aí eu falei assim: “mas eu não estou aqui para receber elogio disso, não. Porque eu quero é trabalhar.”*

As pessoas não estavam naquele momento para fazer número, mas para demonstrar o quão era valorizada pelo *trabalho* que concretizou no grupo. Além do afeto que recebeu, por meio do *abraço*, também foi admirada na forma de *elogio*. O reconhecimento do outro acerca de sua ação é importante para seu processo ajudando-a a afirmar o valor de si.

Nesse momento inicial, apesar da fragilidade que carregava por estar no início do processo de autocuidado, o grupo aceitou que ela o coordenasse, apostando na sua capacidade construir algo, de se colocar no mundo. Não somente seu namorado de A.A. confiava em seu potencial, mas também o conjunto do grupo. Diante da confiança que foi conferida a ela, pôde se colocar em ação fazendo um bom trabalho. Se antes de A.A., ela não conseguia se sustentar

nos compromissos que firmava, seja no trabalho, seja no conselho da escola, nesse momento ela consegue não apenas cumprir com a responsabilidade de coordenar, mas inclusive fazê-la bem. Tomar posição em direção ao que a corresponde interiormente é valor para si mesma e para aquele que a acompanha e vive as repercussões de seu ato. Enquanto no período em se alcoolizava, ser o *centro das atenções* advinha da atitude de fazer piadas despertado pelo efeito do álcool, nesse momento, o reconhecimento do outro, sentindo-se no *centro das atenções*, era consequência das contribuições pessoais no grupo. Ser valorizada pelo o outro é significativo para o próprio ser.

Agir baseado na formalidade convidando o outro *por educação* abre espaço para um experiência de reconhecimento típica de uma vida comunitária. É estruturante cuidar do que é valor para si, ou seja, construir algo no contexto comunitário de A.A. a partir de sua ação pessoal. Realizar-se trabalhando constitui a realidade grupal que é sustento para seu processo de cuidado consigo e de crescimento pessoal.

O que tem de tão importante na ação de trabalhar a aponto de afirmar que o importante é realizá-la? Ela nos convida a reconhecer que o interesse de fazer algo pelo outro permeia seu ato:

*Olha eu sempre quis trabalhar com alguma coisa assim, social, sabe? Sempre quis. Mas eu não tinha condições de estudar. Não tive, até casar. Depois que eu casei, eu tive; eu que não fiz. Hoje, eu tenho consciência disso. Eu não fiz. Mas eu queria ter feito serviço social para ser assistente social. Meu sonho era... era não, é. Quem sabe, né? Não sei. Posso fazer ainda.*

O interesse por trabalhar não envolve qualquer tipo de trabalho, mas sim aquele que favorece uma ajuda ao outro. Ao elaborar o sentido do ato de ajudar se dá conta que pode retomar seu *sonho* de ser *assistente social*. Assim, Suzana nos comunica sobre uma inclinação pessoal de contribuir para a vida do outro nos ajudando a compreender o sentido dessa ação. Não se trata apenas de uma adesão à proposta de A.A. que sugere ajudar outro alcoolista. É mais que isso: é um jeito próprio que se atualiza no contexto comunitário de A.A.

Mas não foi apenas esse interesse de trabalhar que contribuiu para Suzana exercer alguma função no grupo, como ela mesma continua:

*Mas aí quando eu ingressei, falei: “gente, eu tenho que trabalhar também! Eu tenho que fazer alguma coisa. Do mesmo jeito que eu ingressei, o pessoal me recebeu, me deu tanto carinho... Igual o que eu estou recebendo aqui, eu quero fazer alguma coisa.”*

Ter sido acolhida, recebendo *carinho* dos integrantes no momento em que ingressou foi tão significativo que despertou em si a vontade de fazer algo do mesmo nível. Da mesma forma que foi olhada, valorizada, também quis proporcionar ao outro essa vivência de

satisfação e consideração. A realidade grupal passou a ser ocasião para ela desenvolver o próprio interesse de fazer algo não apenas para o grupo como um todo, mas também pelo outro, propiciando-lhe a mesma experiência de realização que viveu. Dessa forma, ouvir as pessoas compartilhando na reunião não era suficiente para viver uma experiência correspondente ao seu eu:

*Para mim, é pouco eu ficar na cadeira e ficar escutando os outros falarem. Para mim era... Para mim era pouquíssimo (ênfase) eu ficar lá escutando, escutando, escutando e ir embora para casa. Voltava, escutava, escutava, escutava ia embora para casa. Eu queria fazer alguma coisa.*

Além de ser insuficiente para si apenas ficar escutando no momento da reunião, ela pontua que trabalhar é fator fundamental em sua experiência:

*Eu acho que a gente precisa... você precisa de trabalhar no A.A. para ter forças para ficar. (...). Nesse meio tempo, (...) eu parei de ir à reunião das mulheres. (...). Lá no grupo eu também parei de ir. Eu fiquei uns dois meses sem ir à reunião nenhuma. Eu não estava bem. Eu comecei a ficar sabendo de algumas coisas que acontecem no A.A. que eu não gostei. Mas o quê? É homens se aproximando de mulheres que tem condições financeiras melhores... aproveitar a fragilidade... sabe? Eu fiquei sabendo aonde? (ênfase). No grupo de mulheres! Entendeu? E aquilo eu falei: “nossa...”.*

Além de Suzana encontrar no contexto comunitário oportunidade de afirmar a dinâmica de cuidado consigo mesma e experiências de realização, ela também viveu decepção, ao saber de coisas que acontecem no A.A. que não condizia com a busca de posicionamentos éticos. Emergiu indignação: *nossa*. Se fazia sentido fazer experiência em A.A. por encontrar ali ocasião de viver a realização de si, então, quando isso não foi mais possível, deixou de frequentar. Mas, Suzana deu-se conta que estava focando demais nessa situação negativa deixando de lado as experiências de correspondência ao eu que a participação no grupo lhe propiciava:

*Eu enfatizei demais uma coisa, depois eu vi que era outra. Mas só tem que depois eu fui pensando bem e falei: “eu tenho que resolver a minha recuperação”. Que isso, isso em todo lugar tem, né? Aí eu também parei de ir à reunião que eu vou lá perto de casa. Eu comecei a não me sentir muito bem... já comecei a pensar em bebida, sabe?*

Apesar do percalço, compreendeu que é importante focar no cuidado de si que conseguia ao fazer um experiência significativa em A.A.:

*Aí o que que eu fiz? Liguei. Falei... eles estavam montando um comitê novo. Falei: “eu quero trabalhar. Eu quero participar, quero trabalhar, fazer qualquer coisa.” “Ah Suzana tem o encargo de secretário. Você aceita?” Eu falei “é claro, quero trabalhar.” Porque aí, me falaram que se eu fizesse isso eu ia ter mais força para ficar... que isso ia sair da minha*

*cabeça... E foi mesmo! Foi. Porque eu estava trabalhando direto. Fui e parei. Nesses dois meses que eu parei... Nossa! Parecia que foram dois anos.*

Não apenas os integrantes compreendiam o trabalho como fator importante para a vivência em A.A. e manutenção do cuidado de si, mas também Suzana vislumbrava a ação de fazer algo nesse contexto comunitário enquanto propiciador de *força* para seu processo de cuidar de si. Foi com essa elaboração que afirmou: *quero trabalhar*. Não importava que tipo de encargo, pois o fundamental era *participar* de uma outra forma do grupo, trabalhando, além de apenas partilhar ou ouvir o outro. Nesse sentido, ao contribuir de alguma forma percebe-se construtiva. O ponto que a ajuda a se cuidar ali não focando nos aspectos negativos de A.A. e a se realizar é fazer algo no contexto grupal. E o modo como se volta para si, percebendo o que faz sentido em A.A., auxilia Suzana a retomar a própria busca, elaborando as tensões, seja os limites pessoais, como o mal que sentia ao não frequentar o grupo, seja os limites do contexto, como os posicionamentos antiéticos.

Estar em ação constituindo o contexto comunitário do grupo é tão correspondente a si mesma que encontrava diferentes maneiras de contribuir. Acompanhemos uma delas:

*[Quando] chegavam mulheres, eu chegava perto delas. Fazia uma pequena abordagem. Eu falava: “olha se você estiver precisando... se for problema de bebida, é aqui mesmo. Se não, se for para alguém da sua família, se alguém da família estiver bebendo, ou irmão, marido, o que for, você pode pedir ajuda aqui, (...)tem o AL-ANON, também, onde a família frequenta...” Então, eu tinha que fazer, eu tinha que (...) fazer uma orientação ali dentro, entendeu? Isso me fez falta demais de não fazer. Aí foi quando comecei... Aí pronto voltei normal... Tudo assim estava uma maravilha... está até hoje, sabe?*

Nas reuniões, Suzana pôde redescobrir o quão significativo é acolher a pessoa que chega pela primeira vez no grupo: *isso me fez falta demais*. Reconhece um ímpeto de proporcionar alguma ajuda ao outro, pois *tinha que fazer alguma orientação*. Assim, emerge em sua vivência no grupo um caráter de dever fazer algo, mas que não era vivido como obrigação. Pelo contrário, o resultado de sua ação corresponde tanto a si mesma que afirma: *tudo está uma maravilha*. Ao mesmo tempo em que cuida de quem chega, realiza a si mesma e constrói o grupo em sua dimensão comunitária com seu modo de se posicionar.

Suzana ajuda novamente uma mulher que chega pela primeira vez:

*Aproveito também, toda vez que eu vejo que tem alguma mulher lá dentro, acontece a mesma coisa que aconteceu comigo. Teve um dia desse aí, que teve uma senhora (...) que estava visitando. (...). Estava vendo ela ouvindo os companheiros falando e ela assim [fez expressão de desinteresse]. Eu falei assim: “vou lá”. Fui lá e comecei a contar um pouco de mim.*

Nesse momento em que estava participando da reunião, Suzana se mantém atenta a quem chega ao grupo. Ao perceber a presença de uma nova *mulher* que demonstrou não estar motivada com o depoimento de um integrante, não perde a oportunidade de tentar despertar interesse nela. Retoma a experiência de correspondência do período em que ingressou para tentar mobilizar essa mesma dinâmica na outra pessoa. A partir do posicionamento de *contar um pouco* de si, *acontece a mesma coisa que aconteceu* consigo. Mas como Suzana percebeu que foi despertado dinamismo semelhante ao que viveu?

*Menina, ela ficou assim na ponta da cadeira [sentou mais na ponta do sofá] e fez assim [expressou um olhar mais atento], interessou, quis ouvir, porque tenho certeza que ela também passou por tudo que eu estava falando. Que é igualzinho o... como é que fala? O crescimento no alcoolismo da mulher é igual. É igual.*

Esteve atenta à *mulher* não apenas no momento em que ela escutava os homens, mas no instante mesmo da própria partilha. Suzana percebeu o quanto ela interessou-se pela sua partilha. Carregava em si uma experiência de certeza em relação ao valor do próprio testemunho enquanto potente mobilizador de empatia alheia. Sua ação ressoou de uma maneira tão intensa na outra *mulher* que:

*Ela depois foi lá, me deu um abraço e falou: “eu precisava muito de ouvir isso”. Eu fiquei sabendo (...) que ela voltou no grupo e ingressou. Olha que maravilha!*

O *abraço* que recebeu enquanto gesto de afeto e as palavras expressando gratidão era sinal do quanto pôde ajudar aquela mulher. Além de se sentir reconhecida, Suzana também nos comunica que o ingresso no grupo significava uma tomada de posição em direção ao cuidado dela mesma, de modo semelhante à sua própria vivência de ingresso a A.A. O que desperta em si ao dar se conta do processo de autocuidado do outro é uma experiência de maravilhamento: *olha que maravilha!* Desse modo, ao mesmo tempo em que se posiciona ajudando o outro a se cuidar e isso é realizador de sua pessoa, vive uma experiência de correspondência a si ao ser valorizada nessa ação.

Suzana continua nos relatando sobre o modo como vivencia o grupo construindo-o:

*Eu larguei o [encargo de] secretariado de correspondência... [Então] eu chego lá [no grupo] (...) lavo um copo... faço um café... vou lá e olho como estão as vasilhas, como é que estão os panos, como é que está... Eu tenho que fazer alguma. Se eu não fizer, Ana Cláudia, eu não sei. Isso aí eu acho que já é meu mesmo, sabe? Meu jeito de ser. Se eu não fizer alguma para mim... eu não estou sendo útil (ênfase), sabe?*

Embora Suzana não esteja exercendo alguma função no grupo oficialmente, com o encargo de *secretariado*, precisa continuar contribuindo de algum modo com o grupo em sua

dimensão comunitária, seja lavando *um copo*, fazendo *um café*, observando sobre o estado das coisas, como *vasilhas*, *panos*. *Fazer alguma coisa* contém um caráter de dever: há um ímpeto por cuidar do contexto grupal, realizando esses simples gestos, que para Suzana carrega seu *jeito de ser*. Não realiza tais ações de qualquer modo, mas sim com cuidado, que faz parte de si mesma. Se não faz alguma coisa não se sente *útil*. Desse modo, é um valor para Suzana contribuir com a preservação e constituição do contexto comunitário que é sustento para o próprio processo. É justamente levar a sério esse valor e orientar-se por esse critério que sustenta seu modo pessoal de viver A.A. e realizar a si mesma. É em ação que ela constitui A.A. e desenvolve a própria característica. Cuidar de si mantendo-se sóbria, crescer e construir a realidade diante de si – seja ajudando o outro, seja cuidando do ambiente grupal – coincidem-se, são fatores estruturantes do ser Suzana.

Mesmo conseguindo cuidar do ambiente do grupo, emerge em si uma necessidade de fazer mais:

Suzana: *Nossa, eu fico borbulhando na minha cabeça coisas, sabe?... Só que o A.A. não é entidade filantrópica. A gente não pode ajudar em questão de roupa, calçado, é... Igual eu vejo lá, muitos, muitos querem sentar na mesa, fazer uma coordenação, ou fazer uma ata. Não sabem ler, escrever... E já veio na minha cabeça de tentar pegar uma turma ali, ensinar a ler e escrever. Entendeu?* (riso)

Ana Cláudia: *Que legal.*

Suzana: *Mas diz que não pode, sabe? Não, não... Nas regras do A.A. não pode ser assim. Mas então eu faço o que eu posso.*

Além do que consegue fazer no grupo, em sua estrutura societária com diretrizes, Suzana imagina outras formas de ajudar o outro: *fico borbulhando na minha cabeça coisas*. Considerar e respeitar as regras de A.A. não conseguindo fazer tudo aquilo que deseja carrega a busca por ir de além da proposta formal. Ao invés de se distanciar do grupo por possuir princípios que a impede de realizar a sua busca por ajudar mais, ela nos comunica que permanece fazendo experiência significativa na realidade de A.A. O grupo é ocasião de se realizar: *eu faço o que eu posso*. Apesar de viver o limite das regras, dá-se conta de que é justamente o grupo em sua estrutura formal que a possibilita se posicionar construindo o contexto comunitário e se desenvolvendo. Nesse sentido, colocar-se em A.A. enquanto critério que a direciona no modo pessoal de conviver é tão estrutural em sua experiência que ela mesma continua descrevendo esse dinamismo:

*Eu não posso é parar! Ficar parada! Se eu pudesse eu fazia muito mais, o Ana Cláudia. (...). Meus filhos estão na época de faculdade, querendo estudar, né? Então, eu tenho que trabalhar mesmo. O pai deles não ajuda. Então, eu tenho que ralar. (...). Chego em casa muita coisa para*

*fazer ainda... Fim de semana... também... Mas eu acho que o que eu estou tendo condições de fazer está sendo bem feito, sabe? Está sendo uma grande ajuda. Eu acho.*

Não apenas a proposta de A.A. é considerada por ela como um limite para sua busca por fazer mais no grupo, mas também o modo como cuida dos *filhos*, pois tem *que trabalhar mesmo* para poder sustentar o estudo deles na *faculdade*, e o modo como cuida da sua *casa*, onde faz *muita coisa* ao chegar do trabalho. *Se pudesse faria muito mais*, mas não há tempo nem energia para realizar tudo o que emerge como ímpeto: *não posso parar*. Assim, ao elaborar o que vive em A.A. brota uma consciência de si enquanto alguém que está aproveitando as *condições*, as possibilidades para *fazer* algo, e o modo como é realizada está *sendo bem feito*. Além de *fazer bem* o que se propõe, ela emite um juízo sobre as consequências do próprio *fazer*: *está sendo uma grande ajuda*. Nesses termos, tanto ajudar o outro no grupo como cuidar dos filhos, favorecendo a realização dos mesmos, e da casa são fatores estruturantes da pessoa de Suzana. Contribuir apenas para o contexto comunitário grupal não corresponde à busca mais totalizante de cuidar de tudo aquilo que é valor. Se para ela é importante exercer alguma atividade de modo satisfatório e cuidadoso, então é preciso não assumir muitos compromissos.

Além de ter clareza de sua necessidade de fazer algo em A.A. revelando um modo pessoal de constituir a realidade diante de si, Suzana também aponta para outro nível de construção da qual participa: a amizade. Como ela identifica a presença de amigas de A.A. no âmbito mais amplo de sua vida?

*Mas assim, outra coisa que é muito gostoso, né? Porque nada muda, nada muda assim... A amizade que (...) você tem lá dentro você pode ter aqui fora também. Só que não tem mais a bebida! Você pode dançar, ir ao cinema. Você pode convidar uma amiga para ir ao restaurante... Pode continuar fazendo tudo! Só não tem a bebida. Uma coisa que vai ter com pessoas que é do seu convívio aqui fora, não vai ter mais lá dentro. Mas a amizade é mais gostosa!*

A possibilidade de conviver com amigas de A.A. *fora* desse contexto é vivenciada com gosto por Suzana, afinal é *muito gostoso*. Ao dar-se conta dos momentos prazerosos que pode viver junto do outro, como *dançar, ir ao cinema, ir ao restaurante*, emerge em si uma surpresa: poder *continuar fazendo tudo*; *só não tem a bebida*. Ou seja, continuar se cuidando, estando sóbria, não significa que não viverá momentos semelhantes do período de alcoolização. Dá-se conta que cuidar de si coincide com o próprio movimento de construir amigas, de conviver com o outro desfrutando de circunstâncias que lhe dá satisfação não dependendo mais do consumo de bebida alcoólica. Assim, Suzana nos comunica que vive uma liberdade de poder fazer *tudo* aquilo que fazia antes, mas agora se sentindo mais

realizada ao se relacionar com os amigos de A.A.: *a amizade é mais gostosa*. Nesse sentido, é evidente que conviver com os amigos é estruturante de sua pessoa e é um modo de constituir vínculos intersubjetivos que inclusive fortalecem o contexto comunitário de A.A.: eis uma experiência comunitária realizadora da pessoa de Suzana.

Como se dá a relação com esses amigos a ponto de considerar a *amizade mais gostosa*?

*O pessoal fica doido para te ver! Te liga. Aniversário está sempre te ligando... Ou é... dia de aniversário de A.A., te liga. Igual, gente, eu não imagina o que ia ter no Natal e aquele tanto de gente que apareceu lá, sabe? Nossa (ênfase), é uma amizade assim...: é um vínculo que cresce tão grande!*

A relação de amizade que cria no grupo permanece sendo cuidada em outros momentos de sua vida. O ponto central para Suzana considerar amigo é o outro demonstrar que ela é valor, lembrando-se de datas importantes, como a data de seu *aniversário*, tanto referente ao seu nascimento quanto ao seu ingresso em A.A., que marcou seu novo nascimento, como ela descreveu anteriormente. Desse modo, a experiência possibilitou Suzana constituir novas amizades que estão presentes na totalidade de sua vida, não se restringindo apenas ao âmbito de A.A. O grupo, em seu caráter societário, que poderia ser somente um ambiente de encontro entre os integrantes configura-se como um contexto comunitário enquanto ocasião para que os integrantes estabeleçam um tipo de relacionamento mais aprofundado, com convivência maior. E assim, emerge no modo como vive a amizade um juízo que realiza Suzana: *é um vínculo que cresce tão grande!* Não é apenas um *vínculo* que se estabelece, mas sim um relacionamento intenso recíproco. Não somente ela é valorizada pelo outro, mas este também é valor para Suzana. Esse é um fator comunitário importante para a constituição de uma experiência de vida em comum. Assim, cuidar desses relacionamentos estando presentes uns com os outros realiza a pessoa de Suzana e constitui uma convivência que propicia seu crescimento pessoal e construção de uma experiência compartilhada.

Vejamos outro exemplo em que a amizade está presente:

*Uma vez eu machuquei minha perna... aí eu liguei lá e falei assim: “gente eu não vou poder ir não porque eu estou mancando, está doendo demais a minha perna...” Da minha casa até lá dá para ir a pé. Uns cinco quarteirões, mas dá.*

Diante de um momento de dificuldade em comparecer no grupo por ter machucado a *perna*, Suzana não deixa apenas de ir à reunião, mas manifesta um cuidado de comunicar que não poderia estar ali. É importante o outro participar de suas decisões. Como foi a reação dos integrantes?

*Suzana: Aí, na mesma hora apareceu um monte de carro na minha porta (risadas de Suzana e de Ana Cláudia). Um já estava lá. Aí o outro ligando no meu celular: “eu estou indo te buscar.” “Não, não precisa não, o fulano já está aqui.”*

*Ana Cláudia: Como é que foi para você isso?*

*Suzana: Nossa! Menina, aquilo para mim... Eu me sentia uma princesa... eu sentia assim...: que importância que eu tenho!*

Embora não tenha solicitado nenhum tipo de auxílio ou até mesmo demonstrado vontade de comparecer ao grupo, apenas avisado sobre sua situação, *um monte* de pessoas se prontificou a buscá-la. Suzana enquanto provocação suscitou um posicionamento do outro, que poderia apenas aceitar o fato de faltar à reunião, mas pelo contrário, cuidou dela. O movimento do outro em ajudá-la foi reconhecido por Suzana como um ponto importante em sua experiência de amizade. O que emerge em sua vivência é o quanto se sentiu valorizada pelo outro com quem convive – *eu me senti uma princesa* – reconhecendo a *importância* que tem para o mesmo. Não basta estar apenas próximo convivendo, mas essa convivência precisa estar em função do bem alheio, como modo de ajudar o outro a se sustentar no processo de cuidado consigo mesmo.

E Suzana também ajuda:

*Se eu sei de alguma coisa, se eu sei fazer alguma coisa, aí já chega... A pessoa precisou: “eu estou precisando mexer com uns papéis lá em casa... uns documentos...” Se eu sei fazer aquilo, vou lá e faço. Entendeu? É bacana demais! É só falar.*

Se sabe *fazer alguma coisa* de modo a ajudar a outra *pessoa* que *precisa*, então se mostra disponível para o auxílio. É simples: *se eu sei fazer aquilo, vou lá e faço*. Dessa forma, diante da necessidade alheia comunicada a ela, não mede esforços para ajudá-la naquilo que consegue. Da doação ao outro brota uma experiência de realização, pois é *bacana demais* contribuir para a vida das pessoas.

A ajuda que se concretiza transcende o próprio ambiente da reunião. O auxílio ocorre fora da sala de A.A., em outros âmbitos da vida do integrante, seja dando uma carona para participar da reunião, seja elaborando um documento. O que importa é ajudar diante da dificuldade. Desse modo, o crivo a partir do qual Suzana considera ser possível construir amizades no contexto comunitário de A.A. é ser companhia ajudando o outro. E essa ajuda recíproca constitui um elemento importante em sua experiência comunitária que corresponde a si mesma.

Ao dar continuidade à elaboração de sua vivência, ela dá um passo a mais emitindo um juízo acerca do que é viver:

*Porque eu acho – sabe, Ana Cláudia? – que a gente não vem nessa vida para passar por isso. Eu acho que todo mundo... todos nós nascemos com algum dom. Nascemos com alguma sapiência... já escrito um destino ali para você passar. Então você tem a inteligência... você tem aquele dom... E você desperdiça, você paralisa, desperdiça... Muita gente que até morre e nem descobre isso. E outras pessoas que desperdiçam tempo, né? Que ficam ali bebendo, sem saber que pode fazer isso. Quando acorda..., sabe? Mesmo que acorde com 60 anos... Igual tem gente que ingressa no A.A. com 65 anos. Não tem problema. A felicidade é tão grande (ênfase) de ser útil para alguma coisa...*

Ela dá se conta de que há um significado maior contido na vida, pois *a gente não vem nessa vida para sofrer: todos nós nascemos com algum dom, com um destino*. Reconhece que o *dom* pode ser ou não desenvolvido. Ao decidir se cuidar, não mais se alcoolizando e buscando crescer, Suzana nos comunica que tem desenvolvido o próprio *dom*. *Ser útil*, independente do ato concretizado, realiza Suzana, provocando uma *felicidade que é tão grande*.

Compreendemos até aqui, que Suzana ao mesmo tempo em que deseja o bem ao outro, também segue em direção ao próprio crescimento. E é construindo o contexto comunitário de A.A., ao contribuir para o processo pessoal alheio e ao construir relações de amizade, que ela se realiza em sua inteireza. Além disso, a estrutura formal do grupo possibilita Suzana experienciar uma realidade comunitária que é meio fértil para ela se descobrir, tornar-se mais si mesma, reconhecendo e desenvolvendo as próprias potencialidades a partir de posicionamentos pessoais, que inclusive, constitui esse contexto. Esse processo de desenvolver-se singularmente formando si mesma e a dimensão comunitária de A.A. é marcado pelo seu modo de ser companhia, doando-se ao outro, propiciando ajudas concretas nos âmbitos interno e externo do grupo. Tanto o outro quanto si mesma são presenças que valorizam o movimento alheio e solicitam tomadas de posição: esse dinamismo recíproco estrutura a pessoa de Suzana e a sua experiência comunitária. Há uma solidariedade que emerge como ponto fundamental da realização de si, das amizades constituídas e da vida em comum. Nesse sentido, evidenciamos o quanto o contexto de A.A. emerge como sustentador do processo de realização de Suzana que coincide com o seu posicionar-se vívido cuidando dessa realidade e a constituindo.

#### **1.4. A.A. e os diversos âmbitos da vida**

Fazer experiência em A.A. revela-nos tão estruturante de Suzana que o modo como se relaciona consigo e com o mundo carrega a aprendizagem vivida.

*Então, se eu cheguei até hoje... igual agora arrumei esse emprego... todo emprego que eu arrumava eu queria era ganhar muito! Eu não era humilde a ponto de: “vamos começar devagar e tal...” Não! Agora estou começando... Não estou ganhando bem não. Mas, vou. Eu já ganhei muito melhor [estralando os dedos] que hoje. Eu estou começando tudo de novo, sabe? Parece que eu estou nascendo de novo! Em tudo! Tudo! Relacionamento com meus filhos... Relacionamento com meu namorado, agora. Comigo mesma... No trabalho... Até minha casa.*

Dar se conta da capacidade de ser *humilde* e esperar por um prestígio maior no *trabalho*, abre espaço para se surpreender com a mudança pessoal proporcionada pela experiência em A.A.: *estou começando tudo de novo*. Está *nascendo de novo em tudo*, seja cuidando dos relacionamentos (com os *filhos* e com o *namorado*) e de sua *casa*, seja colocando algo de si no *trabalho*, seja no modo de se relacionar consigo *mesma*. É em *tudo* que observa uma melhora no modo de se relacionar, e à totalidade de sua vida que direciona seu olhar. Nesse sentido, junto com a consciência de si brota um espanto com o próprio eu e uma experiência de realização por estar cuidando dos relacionamentos de um modo mais correspondente a si mesma. É estruturante de Suzana cuidar de *tudo* que é valor para si; e agora ela consegue fazê-lo por estar cuidando de si, não mais ignorando a própria fragilidade; trilhando, assim, uma nova vida. Vamos compreender que dinamismo é comum em cada um desses âmbitos, nos perguntando: como A.A. a ajuda a cuidar dos seus relacionamentos? Que tipo de relacionamento ela constrói?

*Lá no meu trabalho agora, minha chefe um dia falou assim: “Suzana você é tão observadora”. Eu fico vendo você aí, quietinha, calada... só observando as coisas... Eu falei: “eu sou assim, mesmo”. [A chefe] falou assim: mas por que você é assim? Eu falei: “eu sempre fui assim”. Mas eu não queria falar para ela como estou hoje. Aí ela falou assim: “mas é até bom você ser assim, que é bom que você...” – pela idade... porque só tem rapaz e moça lá, todos novinhos... 25 anos... 27 anos... – “é até bom que me ajuda a ver quem está trabalhando bacana, quem não está.” Aí um dia nós sentamos... Tem um mês que eu estou lá. Aí ela falou assim: “e aí o que você está achando dos meninos que estão trabalhando com você?” [Suzana:] “Ó, o fulano de tal está assim, assim, assim”. Ela falou: “eu não estou falando com você, que você é observadora, porque eu já estou vendo isso há muito tempo”. (risada)*

Assim como observa o movimento das pessoas que frequentam A.A., tanto percebendo o momento em que o outro precisa de ajuda, quanto o crescimento pessoal alheio, a atenção ao outro também emerge em seu local de *trabalho*. Não é uma percepção de si que surge apenas dela mesma, mas é inclusive condizente com o que a *chefe* reconhece como sendo uma característica própria de Suzana. Por ser *tão observadora*, Suzana nos comunica que essa característica a ajuda a estabelecer uma relação de confiança no ambiente de trabalho, pois a própria *chefe* reconhece um valor em seu jeito de ser: *é até bom que me ajuda a ver quem está trabalhando bacana, quem não está*. Se antes de A.A. ela sofria os efeitos da ressaca

enquanto prejudiciais de sua capacidade de atenção, agora percebe o quanto estar atenta faz parte de seu jeito de ser, é ponto estruturante de seu modo de construir algo em seu trabalho e é propiciador de uma relação de confiança com o outro. Colocar-se no mundo pessoalmente constitui tanto ela mesma quanto as relações e o contexto profissional.

Acompanhemos o modo como direciona a atenção não somente ao outro, mas também a si mesma.

*Eu a partir do A.A., eu comecei a pensar mais em mim, também. Em questão de cuidado, em me cuidar mais... Não é que não me cuidava, mas eu sempre me deixava para depois. Isso eu acho super errado. Aprendi que isso é errado.*

Nesse trecho, fica claro que A.A. contribui no modo como passou estar mais atenta a si mesma, iniciando um novo processo pessoal de voltar-se para si: *comecei a pensar mais em mim*. Pensar em si é cuidar de si mesma, embora perceba que antes de A.A. *cuidava* de si de um modo diferente, deixando-se *para depois*. Desconsiderava seu próprio movimento em função do outro: aprendeu que isso é *errado*. A princípio, poderíamos compreender que o aprendizado obtido em A.A. carrega um caráter de autocentrimento pelo fato de o cuidado passar a ser em função de si mesma, prioritariamente. Contudo, ela nos comunica outro aspecto importante no modo de elaborar essa experiência de aprendizado. Afinal, qual seria o modo certo de cuidar?

*Que primeiro você tem que cuidar de você para depois ter forças para cuidar das pessoas que estão ao seu redor, né?*

Cuidar de si não significa que o outro não esteja em seu campo de atenção. Pelo contrário, é preciso *primeiro cuidar* de si, para *depois ter forças* para *cuidar* do outro. O cuidar de si está em função do cuidado com o outro. No entanto, esse aprendizado ainda nos incita a pensar que há uma fragmentação no modo de cuidar de si, pois não há uma concomitância entre cuidar de si e cuidar do outro. Mas a vivência mesma de Suzana revela que o cuidado que passou a direcionar a si própria não está desvencilhado de sua busca por cuidar do outro:

Ana Cláudia: *e como você cuida de você?*

Suzana: *Hoje, primeiro eu olho a minha felicidade. Em questão, assim, vamos supor: eu quero sair para passear, né?... Nó... mas hoje meus filhos estão rapazes. Eu não chego e falo, “olha, estou saindo”. Sou franca com eles também: “estou saindo fim de semana, vou passear com meu namorado.” Sentei com os dois, expliquei o que estava acontecendo... Isso aí é uma coisa que eu deixo bem claro lá em casa. A gente tem sempre que está falando sobre isso.*

A dinâmica de cuidar de si que coincide com a busca pela própria *felicidade* poderia ser compreendida como um ato egoísta, em função do próprio eu. No entanto, ao descrever o exemplo acima, Suzana revela que ao buscar ser feliz, cuida do relacionamento com o namorado, investindo na convivência, ao *passar* com ele. Além disso, direciona atenção aos filhos mediante o ato de dialogar, sendo *franca*, sentando com *os dois*, explicando sobre *o que estava acontecendo*, sobre a própria vida afetiva, ajudando-os a compreender que ela também quer cuidar do relacionamento amoroso. Não corresponde à própria busca por realização apenas comunicar que está *saindo*: o que a realiza é possibilitar que seus filhos participem de sua vida. Desse modo, é ponto fundamental em sua experiência cuidar de si buscando a própria realização, que coincide com o cuidar dos relacionamentos.

O modo como cuida dos relacionamentos de A.A. e como direciona atenção em seu ambiente de trabalho está em sintonia com o modo pessoal de se atentar ao outro no âmbito familiar e afetivo. Ao mesmo tempo em que cuida da relação com os filhos também se sente cuidada e valorizada por eles:

*Nó, o dia que eu falo que eu não vou à reunião. (...) Eu ligo lá em casa: “hoje eu não vou à reunião não.” [Os filhos:] “vai sim! Deixa que a gente arruma a janta aqui.” Eles me empurram. Dia de sábado principalmente...*

No momento em que se inclina a faltar à reunião, ao invés de guardar a decisão consigo mesma, Suzana comunica aos filhos, demonstrando seu modo de incluí-los em sua vida. A comunicação, que poderia ficar sem efeito sobre eles, é provocação para os filhos posicionarem incentivando a mãe: *vai sim*. Não somente ela cuida do relacionamento com os filhos, mas eles também buscam o seu bem, ajudam-na a retomar o movimento de autocuidado. Desse modo, é evidente que há um relacionamento vivo de reciprocidade: os filhos são companhias solicitadoras que auxiliam Suzana a se estruturar.

Suzana ainda aponta sobre o modo como favorece o desenvolvimento dos filhos:

*Nossa! A gente conversa muito! Eu procuro sempre manter... ter um tempinho para a gente bater um papo. Eu falo do alcoolismo para eles, né? Nenhum dos dois bebe. O maior, que já tem 22 anos, um dia falou assim: “mãe, um dia eu queria experimentar uma cerveja.” Eu falei: “pode experimentar. Não tem problema meu filho. Mas isso aí é uma coisa assim... você vai experimentar e vai ver o que você acha. Se você quiser continuar bebendo, isso aí... você está vendo o exemplo aqui, meu principalmente.” Aí ele falou assim: “eu vou experimentar só para ver como é que é. O pessoal fala tanto.” Ele tomou um copo e passou mal. (riso) Nunca mais. Não falou mais nada. Ele não sai de casa assim... para farrear. Nenhum dos dois. E ficou muito melhor – viu? – o meu relacionamento com eles, em questão assim de... mais diálogo. A gente tem mais diálogo um com o outro.*

Se antes de A.A., os filhos eram apenas um meio para favorecer o ato de beber, agora eles são considerados, valorizados. Há uma relação de liberdade entre mãe e filhos e não mais de imposição e cobrança como era anteriormente. Seu *filho* se abriu para Suzana demonstrando o desejo de experimentar *cerveja*; e ela acolheu seu movimento dando espaço para ele escolher – *pode experimentar* – e revelando a própria história como referência a partir da qual o mesmo pôde refletir e se posicionar –  *você está vendo o exemplo aqui*. Emerge em sua vivência uma percepção de si quanto ao relacionamento com os filhos: *ficou muito melhor o relacionamento com eles, a gente conversa muito*. Nesse sentido, o ponto central para reconhecer o próprio processo de crescimento pessoal é constituir o relacionamento por meio do *diálogo*, abrindo-se e estando aberta ao outro. É valor para si que o relacionamento seja pautado pela liberdade, confiança e abertura recíproca.

Apesar de A.A. ser ponto de referência para experiências de aprendizado e retomada da própria busca por felicidade, Suzana revela que se apoiar de modo excessivo no grupo a prejudica no movimento de cuidar de si e do outro:

*Eu não pretendo assim... não quero ficar igual eu estava: de ir a A.A. todo dia, todo dia, todo dia. Porque eu tenho minha família também, então eu tenho que regerar. Porque quando você começa... ainda mais quando você está com aquela vontade mesmo, só vê A.A. na sua frente! Livros... vídeos... Tudo é A.A.*

Para Suzana, participar do grupo exageradamente, indo *todo dia*, percebendo que *tudo* que realizava era em função de A.A., não condiz com o movimento atual de dar atenção a sua *família*. Buscar equilibrar o cuidado consigo, frequentando as reuniões, e o cuidado com a *família*, tendo mais tempo para convivência com os filhos possui um caráter de dever: *eu tenho que regerar*. Mas precisar respeitar a própria exigência de cuidar de todos os fatores de sua vida que valoriza não é vivido como obrigação, mas sim como possibilidade de se corresponder nesse processo. É a partir da ação de cuidar de tudo que se realiza. Mas o que aconteceu para ela perceber que agir priorizando A.A. enquanto modo de se cuidar inviabilizava uma experiência de inteireza?

*Suzana: Agora não. Agora eu manirei um pouquinho, porque eu ouvi uma pessoa lá falando isso.(...) Diz que até dentro de casa ela estava deixando marido... deixando os filhos... por causa de A.A.*

*Ana Cláudia: Você se reconheceu nisso?*

*Suzana: Isso. Eu falei: “nó, eu tenho que parar. Parar. Eu estou começando a fazer isso. Deixando as coisas...” Não é deixando de fazer não. Mas dando menos atenção para meus filhos e estava começando a pegar o A.A. igual eu estava com o álcool. Não posso! Não é? Eu acho que tudo demais atrapalha.*

Novamente, Suzana revela o quanto foi importante estar atenta ao testemunho de outra mulher, que deixou de cuidar de outras pessoas importantes por *causa do A.A.* Ela se reconheceu na outra, pois estava *começando a fazer* do mesmo modo: *dando menos atenção aos filhos*. Nesse sentido, a integrante do grupo foi uma provocação para Suzana repensar a própria maneira de se posicionar tanto em A.A. quanto na relação com seus filhos. Se *pegar o A.A.* sendo dependente do grupo revela a mesma dinâmica de quando dependia do álcool para se estruturar, então há um ímpeto por não repetir o mesmo processo: *não posso!* Do reconhecimento de que *tudo demais atrapalha*, emerge uma busca genuína por cuidar de si em sua totalidade, não deixando nada que lhe importa de lado; é preciso cuidar de tudo. O modo de se vincular ao outro é doando *atenção* a ele, revelando novamente o quanto é seu abrir-se a quem lhe interessa, a quem é valor para si.

A.A. com a proposta de compartilhamento de experiência favoreceu o processo de percepção de si de Suzana, de retomada pelo sentido de cuidar de si que coincide com o cuidar do outro, e de reafirmação do critério que orienta seus posicionamentos: ir em direção ao próprio bem, ao bem alheio e ao relacionamento intersubjetivo. Ao mesmo tempo em que o contexto comunitário de A.A. favorece a descoberta de si e o crescimento pessoal, Suzana nos comunica que essa realidade também pode ser uma forma de não se estruturar. O movimento pessoal de buscar se sustentar pela bebida que ocasionava justamente o próprio desequilíbrio assemelha-se com o sua ação de focalizar A.A. como meio unicamente possível para se cuidar, resultando na perda de si.

Até aqui percebemos que o relacionamento com os filhos e o namorado é ponto central na vida de Suzana. Cuidar desses vínculos propicia a realização de si. Também é importante retomarmos um ponto fundante em sua experiência: a amizade

*Mas assim, outra coisa que é muito gostoso, né? Porque nada muda, nada muda assim... A amizade que (...) você tem lá dentro você pode ter aqui fora também. Só que não tem mais a bebida! Você pode dançar, ir ao cinema. Você pode convidar uma amiga para ir ao restaurante... Pode continuar fazendo tudo! Só não tem a bebida. Uma coisa que vai ter com pessoas que é do seu convívio aqui fora, não vai ter mais lá dentro. Mas a amizade é mais gostosa!*

É também na totalidade da vida de Suzana que os integrantes de A.A. participam. Trata-se de uma vinculação interpessoal que transcende o ambiente do grupo; é mais forte. Por isso, ela se relaciona com a *amiga* em momentos de lazer, indo *dançar, ao cinema, ao restaurante*. O que Suzana constitui no modo como cuida dos relacionamentos é uma *amizade* que realiza sua pessoa, que é mais *gostosa*. Nesse sentido, compreendemos que é estruturante do seu ser

viver os vínculos com os membros, seja dentro do grupo, seja em sua vida num âmbito mais amplo. O que importa é relacionar-se com eles, e essa dinâmica é correspondente ao seu ser.

Findando esse percurso, Suzana acentua sobre o processo de mudança pessoal propiciado pela decisão de cuidar de si que ocorreu a partir de sua experiência em A.A.:

*Então, assim... Por isso que eu falo com você que mudou muito! Nesses dois últimos anos, minha vida, assim... mudou totalmente, totalmente (tom sereno). E estou feliz por isso, e eu não quero mudar não. Quero sair dessa não. Porque quando está bem assim, né não? Estou bem graças a Deus!*

Da percepção de si, das mudanças em sua vida, brota a busca por continuar trilhando o caminho em direção à realização de si: *estou feliz por isso, não quero mudar não*. É marcante a importância de manter-se crescendo, pois não quer *sair dessa não*. Permanecer como está em seu processo de cuidar de si coincide com o *bem* que vivencia. Nesse sentido, é estruturante de si buscar aquilo que corresponde à inteireza de seu ser.

Suzana reafirma sua busca por

*continuar... Continuar firme. É. E eu vou continuar. Vou conseguir sim. É só pegar firme e pegar com Deus, e procurar..., né?*

Se no período em que se alcoolizava Suzana dependia do álcool para se sustentar, agora percebe que A.A. não pode ser o único meio para se cuidar, como vimos anteriormente. E ainda, nesse trecho nos comunica que *Deus* passa a ser fonte de sua estruturação, para *continuar firme* em seu processo de cuidado consigo e crescimento pessoal: *pegar firme*, empenhando-se e *pegar com Deus*, entregando-se a um ser absoluto. Dependendo de *Deus* não significa que ela está se perdendo como acontecia anteriormente, tanto ao alcoolizar-se quanto participar excessivamente das reuniões de A.A. Direcionar-se para uma Presença é justamente encontrar a si mesma: nesse dinamismo Suzana acredita no próprio caminho e recebe força para conseguir cuidando de si e se desenvolvendo.

Nesse sentido, participar de A.A. que a propiciou retomada do cuidado consigo mesma, deixando de beber, não foi apenas ocasião para se perceber nesse contexto comunitário, mas foi inclusive um modo de crescer pessoalmente, vivenciando os aprendizados na totalidade de sua vida: colocando-se no mundo, cuidando dos relacionamentos e de seu lar, contribuindo com a formação dos filhos e relacionando-se com um Outro.

### **1.5. Experiência de Suzana: uma síntese**

Partindo da elaboração do modo como Suzana vive A.A., apreendemos que retomar o passado de alcoolização é significativo para ela enquanto forma de reconhecer e afirmar a mudança pessoal. O modo próprio como elabora a vivência do período anterior à participação em A.A. é marcado pela busca por compreender o sentido da alcoolização em sua vida. Se, em um primeiro momento, o ato de beber possui para si uma função social – por ser uma forma de interagir com o outro e ser valorizada nessa relação –, no período em que é dominada pelo alcoolismo, o outro passa a ser apenas um meio para findar a fissura por álcool, e as atividades diárias passam a ser sustentadas pelo efeito do álcool em si mesma. Suzana vivencia dor por não ter conseguido controlar as próprias ações; cuidar do relacionamento com os filhos, a princípio tomando-os como objeto e depois ignorando a presença deles; e cuidar das tarefas no trabalho. Assim, reconhece o valor desses âmbitos de sua vida para si.

Suzana percebe que a ausência de busca por ajuda advinda da não aceitação do problema do alcoolismo culminou em falta de sentido da própria vida. Mas a dor foi possibilidade de retomar a busca por uma vida realizadora de si. A companhia do outro ao qual se abriu e que apostou em sua capacidade de se cuidar possibilitou-lhe enxergar um novo caminho existencial. E reconhece, ainda, que esse percurso começou a ser trilhado pelo encontro com a mulher no primeiro dia na reunião, por ter sido um exemplo de superação, a partir do qual pôde aceitar a própria fragilidade ao mesmo tempo em que vislumbrou uma saída para lidar com o limite e se realizar nesse processo. Em ambas as situações, emerge uma experiência propriamente comunitária vivenciada por Suzana. Foi sob base da ressignificação da própria vida e do limite pessoal que decidiu por se cuidar no contexto comunitário do grupo enquanto apoio para seu processo pessoal.

Decidir por se cuidar alcançando a sobriedade culminou em experiências de realização profunda, de reencontro com as próprias capacidades, desde o primeiro dia sem beber, quando conseguiu cozinhar de forma satisfatória. Reconhece também que o processo de autocuidado foi marcado por percalços, como a dor pela sensação de ressaca, embora estivesse sóbria. O modo como enfrentou o sofrimento não foi recaído, justamente por ter sido acompanhada pelo outro que a ajudou a ressignificar as próprias vivências e se firmar em seu processo. Nesse sentido, Suzana nos comunica que a relação intersubjetiva é um fator estruturador de seu movimento por se cuidar, mas não o único determinante, já que a busca pelo próprio bem emerge de seu centro. Essa busca vibra em si de tal forma que a decepção vivida em A.A. não

se configurou como um obstáculo para o próprio processo, e sim uma ocasião de elaboração das tensões pessoais e contextuais, reafirmando o ímpeto por correspondência no mundo.

É na relação com o outro que vive seu processo de crescimento pessoal como uma maravilha por poder aprender com as partilhas na reunião a ser uma pessoa mais realista e a retomar o valor dos relacionamentos de modo a não descuidar deles em função da participação exagerada nas reuniões. Vivencia uma gratidão pela ajuda recebida reconhecendo o valor daquelas pessoas com quem convive.

O modo como se coloca no grupo é expresso pelo cuidado com o local, imprimindo sua marca; atenção e acolhimento carinhoso ao outro que sofre, doando ajuda: em todas essas ações, a partir das quais constrói o grupo em sua dimensão comunitária, emerge uma realização de si por conseguir colocar em prática o dom que a constitui. Também estrutura esse contexto ao constituir vínculos de amizade marcados pela ajuda mútua e fortalecidos pela convivência com os integrantes no ambiente externo à reunião.

Compreendemos, então, que cuidar de si mantendo-se sóbria, formar-se, crescendo, e construir o contexto comunitário de A.A. são fatores estruturantes da experiência de Suzana. E a forma pessoal como vive e constrói esse contexto nos revela que adere à proposta sociocultural de A.A. correspondendo a si mesma. Vivencia um crescimento pessoal em sintonia com o princípio de reformulação de vida sugerido por A.A. Compreende, também, como fatores importantes para o alcance da sobriedade a abertura para e a incidência de um ser absoluto – em conformidade com os princípios de A.A. – a partir do qual se fortalece e se vitaliza. E com o ato de solidariedade ao contribuir para o autocuidado e autorrealização do outro, Suzana estrutura o contexto comunitário em consonância com o convite de A.A. para auxiliar àquele que ainda sofre.

Suzana ainda nos comunica sobre como a experiência em A.A. não se dissocia da totalidade de sua vida. O modo de estar atenta no ambiente de trabalho, atenta a si mesma retomando o que é fundamental em sua vida, como a atenção aos filhos, ao namorado e o cuidado com seu lar nos revela que há, com efeito, uma aprendizagem vivaz em A.A. que se conecta com a inteireza de seu ser. Nesse sentido, cuidar de tudo aquilo que é valor para si coincide com o cuidado com a autorrealização. Poder fazer esse tipo de experiência em sintonia com sua busca por crescer e se cuidar, vivenciando uma satisfação em sua plenitude revela a força do significado que o contexto comunitário de A.A. contém: *é uma amizade assim, um vínculo que cresce tão grande.*

## **2. Lilita: A companheira me deu um abraço: que delícia! A gente começa a sentir fazendo parte**

Agora, vamos conhecer um pouco da experiência de Lilita em A.A. Mas quem é Lilita? Lilita, que tem 50 anos de idade, trabalhou por alguns anos como agente e supervisora administrativo. Desde 1997, está aposentada por apresentar LER e atualmente é do lar. Em seus 16 anos de adesão a A.A., já foi diretora do ESL, coordenadora do Comitê Trabalhando com os Outros<sup>14</sup> e coordenadora da área 2 de A.A. de Minas Gerais. Atualmente, frequenta o grupo de A.A. em seu bairro e a reunião de A.A. feminina. Com seu jeito acolhedor e risonho, foi possível estabelecer uma relação de confiança desde o nosso primeiro encontro, que aconteceu quando fomos ao ESL, antes mesmo de iniciarmos a presente pesquisa. A partir de então, fomos presenteados com o seu depoimento, carregado de vida e beleza.

Acompanhemos, nesse primeiro momento, a retomada do período em que se alcoolizava, para identificarmos as mudanças pessoais que ela mesma pontuou.

### **2.1. Antes de A.A.**

Ao elaborar a própria experiência em A.A., Lilita se lança a retomar momentos de sua vida, identificando o modo como vivia si mesma e as relações interpessoais. Retomar o próprio passado de alcoolização provoca uma percepção de si em alguns aspectos que caracterizavam seu modo de ser. Vejamos como ela os descreve:

*Eu tinha muita dificuldade para aceitar, mesmo calada, porque eu nunca fui muito de revidar não (...). Eu dava um jeitinho ... de manipular, de fazer com que fizessem a minha vontade, sem me abrir ... abertamente. Igual tem uma irmã que fala “É isso, é isso ... Eu gosto disso por isso, isso, isso (...).” Eu não, eu não era assim, não. Eu estava bem dissimulada, sabe? Ainda mais que minha mãe falava assim: “A Lilita tem um jeitinho que ela consegue tudo o que ela quer.” Eu acreditei nisso. (risos de Lilita e Ana Cláudia). E fui fazendo isso, sabe?*

Ao jogar luzes sobre como se posicionava nas relações com o outro, emerge uma percepção de si, centrada no próprio eu, afinal “sem se abrir dava um jeitinho de manipular”. Ou seja, viver agindo em função de si mesma, configurava-se numa tendência de dissimular para alcançar os próprios anseios. Por ser uma inclinação de Lilita, a própria mãe reconhecia tal tendência. Mas sem ajuda para elaborar o modo de ser, foi fazendo tais ações, inclusive no

---

<sup>14</sup> O Comitê Trabalhando com os Outros (CTO) é formado por integrantes de A.A., com a finalidade de organizar, estruturar, padronizar e facilitar a divulgação da mensagem de A.A. para outros alcoolistas.

período de consumo de álcool. Nesse sentido, o outro é apontado como meio para atingir um objetivo. Sem abrir-se sinceramente ao mesmo, comunica-nos a impossibilidade de uma relação intersubjetiva genuína.

O fechamento sobre si também se revela em situações cotidianas, no período em que se alcoolizava:

*Porque, quantas vezes eu estava dentro do ônibus e alguém perto de mim, eu fechava os olhos (ela fechou os olhos e cruzou os braços) e fingia que eu estava dormindo (risos). Eu não tenho nada com isso. As pessoas não carregam minha bolsa porque eu tenho que carregar? (risadas de Lilita e Ana Cláudia) Sabe? Uma infantilidade (risos).*

Ao resgatar o momento que permanecia *dentro do ônibus*, Lilita reconhece que fechar *os olhos*, fingindo *que estava dormindo*, com a intenção de *não carregar* a bolsa das pessoas, não corresponde a um posicionamento pessoal atual. O que emerge ao elaborar como agia é uma percepção da *infantilidade* que a definia. Enquanto o outro se fazia presente, ela o negava, distanciando de qualquer tipo de relação. Fechar-se sobre si mesma, não sendo solidária com o outro, fazia parte de seu jeito de viver.

No entanto, Lilita, *mesmo bebendo* e centrada em si, se relacionava com os seus filhos:

*Para a gente não discutir qualquer coisa, ela [filha] ficava calada. “Camila, porque que ...” “Não, não quero falar nada não”: fechada. E o rapaz, o menino, sempre foi falante. Ele expunha a opinião dele. E eu sempre fui mais retraída em dar minha opinião, mas eu ensinei para eles [filhos] que eles devem falar. Se eles não falarem, como é que a pessoas vão saber? Acho que pelo fato de eu ter sofrido tanto com isso, de ficar calada, eu fui mostrando para eles que era importante eles falarem. Isso, mesmo eu bebendo.*

Apesar do fechamento em si, tendo dificuldade de *dar* sua *opinião* por se considerar *retraída*, Lilita abria-se para seus filhos, incentivando a abertura deles mesmos para os outros. Por ter *sofrido* por *ficar calada*, estimulava seus filhos para se sentirem livres, para se colocarem no mundo, *falarem*, buscando o próprio bem. Desse modo, há uma expressão de cuidado com os filhos: por meio do diálogo, Lilita conseguia passar um ensinamento a eles sobre a importância de se posicionarem. O outro na figura dos filhos é considerado e recebe sua atenção e interesse. Contudo, o cuidado não era direcionado a si mesmo a ponto de centrar-se ainda mais em si:

*Sabe, Ana Cláudia? Olha pro'cê ver. Eu, quando estava bebendo, fui me isolando dentro de casa mesmo. Eu bebia muito em casa. Eu fui me isolando e tal... E aí vem as culpas, os remorsos... Eu não quero beber, mas aí eu bebo. Aí eu falo “já que eu bebi, eu vou beber mesmo”.*

Ao continuar retomando o passado, percebe o quanto foi se *isolando* na sua *casa*, fechando-se sobre si mesmo, vivendo em função do consumo de álcool. Emerge uma relação consigo mesma: quando percebia as *culpas* e *remorsos*, por se isolar e por não conseguir controlar seu modo de beber, posicionava-se bebendo para eliminar a dor. A vontade não sobressaía sobre o impulso de beber, demonstrando que a dependência do álcool já havia tomado conta de si: *eu não quero beber, mas aí eu bebo*. Nesse sentido, apesar de viver a perda de controle sobre si mesma, e a dor provocada nesse processo, a busca por ajuda não era concebida. Além disso, compreendemos que, enquanto o outro estava ausente, a solidão a acompanhava.

*Mas é um peso muito grande. Quando vai chegando num p... eu fui chegando... naquele momento assim que eu não... Eu vi que a bebida não era uma coisa boa mais para mim. Que eu não estava conseguindo controlar minha forma de beber. Aí, você fica entre a cruz e a espada: não quer beber, mas precisa beber até mesmo para ter um ânimo, para conversar, para rir... Porque aquilo acaba fazendo parte da... Começou a fazer parte da minha vida.*

Alcoolizar-se não era fonte de satisfação e alívio, *não era mais uma coisa boa*; pelo contrário, tratava-se de um *peso muito grande*. Querer parar de beber não significava conseguir parar, pois não dependia mais dela mesma ter forças, *ânimo para interagir, conversar*, e ter momentos prazerosos, como *rir*; dependia, exclusivamente, do efeito do álcool. E, assim, perdia a si mesmo, ao tentar se estruturar por meio da alcoolização. A relação com o outro era intermediado pelo consumo do álcool, propiciado pelo efeito da bebida. E a falta de domínio da própria vida passou *a fazer parte* de sua *vida*:

*Às vezes, eu dormia sem tomar banho. No outro dia quando eu acordava, falava “o que eu fiz? Será que eu dormi, tomei banho ou não tomei; estou com a mesma roupa...” Aí deu remorso, aí a gente bebe mais. Então, a autoestima fica muito baixa. Sabe aquele negócio assim? Eu... Não sei por que eu estou viva, porque que Deus não me leva? Eu não sirvo para nada. Eu não sirvo nem para fazer comida mais. Nem para chamar os meus filhos para ir para aula, por exemplo. Nem para ir numa reunião de escola. Eu já não estava fazendo mais nada disso. Então, a autoestima estava lá em baixo e, junto, a culpa.*

Vivia um drama ao não conseguir se localizar no tempo e no mundo: esquecendo-se se tomou *banho* ou não; não conseguir se lembrar das próprias ações (*o que eu fiz?*); não ter condições de cuidar dos *filhos*, não os chamando para ir à *escola* ou não indo à *reunião* escolar; não ser possível parar de beber, pois se emergia *remorso* então bebia *mais*. Vivia *culpa* e *remorso*, e dor por não encontrar em si valor, afinal, *a autoestima* estava *muito baixa*. Se não servia *para nada*, para cuidar daquilo que é importante para si, então não havia sentido algum permanecer *viva*: *porque que Deus não me leva?* O que conseguia fazer antes dessa fase, não era possível realizar mais. Nesses termos, em sua vivência do período em que se

alcoholizava, emergia a perda de si mesma, vivida com uma dor intensa e o centramento sobre si mesma. Além da desvalorização que vivia consigo mesma, Lilita também vivenciou rejeição do outro:

Lilita: *Porque, por exemplo, eu bebi muito em casa, mas tem muitos companheiros que beberam muito na rua, companheiras também que, na rua, sendo expulso de bar. “Não, você não!” Companheira, você vê uma mulher sendo expulsa de um bar, ser expulsa de... Em família, às vezes: “e já vem ela falar, já está bêbada” Então como diz um companheiro “é resto depois de nada”* (risada de Lilita e de Ana Cláudia) *Alcoólatra na ativa... é resto depois de nada. Isso é forte, não é?*

Ana Cláudia: *Nossa.*

Lilita: *Muito forte.*

Apesar de não ter sido discriminada do mesmo modo como foram alguns *companheiros*, Lilita percebia como foi rejeitada pela própria *família*. Não ser valorizada significava não existir para o outro e nem para si mesmo: *alcoólatra na ativa é resto depois de nada*. O drama que essa expressão carrega é amenizado com o tom descontraído de Lilita, que expressou por meio do riso o caráter de absurdo que a vivência do alcoolismo contém, e o alívio de estar vivendo um caminho diferente, um caminho de vida e contentamento, a ponto de agora poder rir sem o álcool.

A partir da vivência do alcoolismo de Lilita, compreendemos que o consumo da bebida alcoólica, a princípio, era um meio para se interagir com o outro. Contudo, com o agravamento da dependência ao álcool, o isolamento social, a falta de interesse pelos filhos e por si mesma propiciava que o leve prazer que obtinha com a bebida tornasse um grande *peso*. O drama vivido por ela carregava uma perda da dignidade, de si mesma, e uma vivência de solidão. O outro, que por ora esteve presente, não obtinha o olhar de Lilita que se fechava em si mesma em busca de findar a fissura pelo álcool. Era apenas essa meta que a guiava em sua vida. Ao não conseguir enfrentar o problema do alcoolismo, deixava de se cuidar, a ponto de sua existência não conter mais sentido. Afinal, ser *resto depois de nada* já significava não existir. Nesse sentido, compreendemos que a relação intersubjetiva de consideração mútua da humanidade de subjetiva não era vivida por Lilita, e, assim, vivia a impossibilidade de constituição de uma experiência compartilhada.

Diante da dor que apresentou nesse período, podemos nos perguntar: como Lilita conseguiu superar a dependência do álcool ao adentrar em A.A.? Que tipo de experiência o A.A. possibilitou à Lilita? E o que aconteceu em A.A. para Lilita decidir permanecer participando dos grupos?

## 2.2. Processo pessoal no grupo de A.A.

### 2.2.1. Início em A.A.

Se antes de A.A. o peso vivenciado por se alcoolizar revela o drama que Lilita vivia, quando inicia sua participação no grupo de A.A., o alívio predomina no momento da partilha de experiências:

*A gente fala que a gente chega em A.A. com um saco nas costas enorme! Um peso! Enorme! E a gente precisa ir tirando esse peso... nas palavras francas. À medida que a gente vai falando, a gente vai, sabe? Aliviando...*

O sofrimento vai sendo reduzido com o decorrer da partilha *nas palavras francas*. Para Lilita, trata-se de uma vivência comum, traduzida pela expressão que o grupo utiliza para definir o modo como adentram em A.A.: *a gente fala que quando a gente chega em A.A. com um saco nas costas enorme*. Não somente Lilita reconhece que falar de si na reunião é um meio de conseguir reduzir o sofrimento, mas trata-se de uma experiência compartilhada: *a gente precisa ir tirando esse peso*. É necessário que cada um amenize a dor para conseguir se cuidar, para dar um passo a mais na decisão de manter a sobriedade. E reduzir essa dor implica em reconhecer a própria fragilidade, a doença do alcoolismo, de um modo que não traga peso, mas, sim, possibilidade de cuidar de si. Ou seja, perceber a si mesma na própria condição de alcoolista é possibilitado justamente pelo grupo que oferece acolhimento e aceitação de si. Nesse sentido, a possibilidade de ser aceita e de se aceitar na própria fragilidade é ponto importante para aderir ao grupo, por propiciar, inclusive, o dinamismo de autocuidado. Ao mesmo tempo em que emerge percepção e aceitação de si, num processo de abertura recíproca no grupo, Lilita se realiza por ser livre para se mostrar e afirmar o próprio caminho de cuidado consigo mesma.

Nesse período inicial, não somente partilhar a própria experiência favoreceu o processo de afirmação do próprio bem, mas também poder *encontrar* outras *pessoas iguais* a ela:

*Eu, no início, ia para reunião com ânimo tão... porque eu ia encontrar pessoas iguais a mim, que iam, sabe? Que me entendiam, né? Então, isso é o estímulo para a gente continuar.*

Ao *encontrar pessoas* com a mesma necessidade de se cuidar, encontrava também compreensão: elas *me entendiam*. É a semelhança que mobilizou em si um *estímulo para continuar* sustentando a decisão por se cuidar. Saber que não é a única pessoa que passava

pelo drama do alcoolismo e reconhecer no outro a possibilidade de superação são fatores centrais para aderir ao grupo.

Lilita não se sentia apenas compreendida pelas pessoas do grupo, mas também valorizada:

*Aí, você é resto depois de nada, você passa a ser alguma coisa dentro de A.A.. Aí você passa a ser importante... A ser visto! Olha bem! Você começa a ser visto. Na hora que você chega, alguém: “Ô que bom!”. Igual, hoje, a companheira veio e me deu um abraço: “Nossa Lilita, tanto tempo que eu não te via”. Ah que delícia! Sabe? Então, a gente começa a sentir fazendo parte de alguma coisa, e de alguma coisa que está me fazendo bem! Que está me ajudando a ficar sem beber! Olha bem!*

Se antes de A.A. Lilita era *resto depois de nada*, ou seja, não existia, em A.A. *ser visto* significava ser valorizada pelo o outro, ser *importante*. Para ela, foi tão marcante essa experiência de ser vista que se surpreende com a mudança vivida: de *nada* para alguém que é *visto*. Não se trata somente de um olhar qualquer direcionado a ela, mas, sim, de uma atenção e interesse por ela, que Lilita não conseguia dirigir a si mesma, e que são demonstrados pela manifestação afetuosa de saudade de uma *companheira*. Do ato de carinho doado à Lilita, a mesma experiência um horizonte de significado mais amplo: conviver com o outro e ser valorizado por ele propicia uma vivência de satisfação (*que delícia!*) que se conecta com a uma experiência de pertença a A.A., sentindo-se fazer *parte de* um contexto comunitário que a ajuda a se cuidar. Se antes de A.A. o álcool fazia parte de sua vida, agora reconhece que é ela mesma quem faz parte de algo, além de si, que faz *bem*.

É a partir da relação com o outro, que se importava genuinamente com Lilita e acreditava na possibilidade de sua superação, que ela mesma pôde se valorizar, encontrar vida em si, se cuidar e se integrar à realidade de A.A.

Além de se sentir valorizada pelas pessoas do grupo, Lilita também se percebia cuidada por elas:

*No grupo que cheguei era longe do meu bairro, era no outro bairro. Eu pegava dois ônibus para ir ao grupo. Na hora de ir embora, acabava a reunião, os companheiros iam comigo no ponto do ônibus: eu achava lindo! (...). E aí a gente ficava ali batendo um papo, batendo um papo. E eu ficava pensando assim: “Por que eles vieram comigo?”*

Ser acompanhada pelos *companheiros*, até ao seu *ponto de ônibus*, ao final da *reunião*, despertava em si uma vivência de beleza: *eu achava lindo!* Estarem juntos ali esperando o ônibus era, inclusive, ocasião de conviverem mais um pouco, *batendo um papo*. O ato de solidariedade do outro em direção a ela a surpreendia, perguntando-se *por que eles vieram comigo?* Afinal, como Lilita compreendia este posicionamento?

*E aí, eu fui entender que isso é companheirismo, é proteção. Não faziam só comigo, faziam com outros companheiros também, com companheira. E isso vai dando assim uma, uma... Sabe aquela coisa assim de redescobrir a vida? De falar “puxa vida, eu tenho valor, alguém se importa comigo”. Sem falar nada, fazendo... Mas é muito, muito bonito.*

A partir da vivência de surpresa, emite um juízo acerca do posicionamento daquelas pessoas: *isso é companheirismo, é proteção*. Não precisou *falar nada*, pedir que a acompanhassem, mas eles foram de um modo livre. Ora, poderiam ir cada um para sua casa, diretamente. Mas ficaram, ali, junto dela. Assim, o outro a olha de uma forma que ela sozinha não conseguiria direcionar para si mesma. Ao mesmo tempo em que percebe tal gesto dirigido a ela, também reconhece que fazem o mesmo com outros integrantes, revelando, assim, uma unidade de posicionamento desses companheiros. É a partir da valorização do outro em direção à Lilita que ela percebe o próprio *valor*, a ponto de *redescobrir a vida* que há em si. Apreender esse sentido da ação dos *companheiros* provoca em si uma vivência de beleza que realiza a pessoa de Lilita: *é muito, muito bonito*.

Se antes de A.A. ela não conseguia valorizar seus filhos e nem se valorizar, questionando a razão de viver, nesse período inicial em A.A., Lilita retoma a autovalorização, a partir do interesse genuíno que o outro direciona a ela. Desse modo, outro ponto fundamental que estrutura a sua experiência em A.A. é o reencontro consigo mesma e com o sentido da própria vida, possibilitados pelo valor que é para o outro.

Lilita demonstra uma gratidão pelo cuidado recebido:

*Aí quando a gente fala assim “ah, puxa vida, você fez isso por mim, obrigada.” “Não, não me agradeça não, faça para outro, um dia você vai fazer isso com outra pessoa” (risos). E é verdade, né? E quando a gente menos assusta está chegando alguém ao grupo. A gente tem oportunidade de fazer a mesma coisa que fizeram com a gente, de, por exemplo, bater um papo.*

Se ela tem valor, agora vislumbra como possibilidade valorizar o outro, fazendo a *mesma coisa* que fizeram com ela. Em sua elaboração, emerge uma experiência compartilhada de gratidão, de percepção de quem está *chegando ao grupo* e de reconhecimento da *oportunidade* de valorizá-lo, batendo *um papo*.

No entanto, sustentar o posicionamento por se cuidar no início não trouxe unicamente alívio e autovalorização, mas desperta também outras vivências:

*Mas no início da minha caminhada no A.A ... eu já fui para reunião chorando. Eu não queria ir! Não queria! Eu pensava “gente, porque que eu sou alcoólatra? Porque eu que tenho que ir nessa reunião? Chegando lá, os homens falando: “ah porque não sei o que que tem e tal...” E bate palma. (risada) Não quero ir na reunião.*

Ir à *reunião* era tão sofrido a ponto de não querer *ir*, e quando se direcionava ao grupo ia *chorando*. Ou seja, a dor fazia parte de seu processo de cuidar de si e emergia por não aceitar a própria condição de alcoolista. Além de não admitir as limitações pessoais, também não apreendia um sentido em participar das reuniões: ora, ouvir *os homens falando* não a mobilizava. Nesses termos, nesse período inicial, emergia uma não aceitação de si e do grupo. Diante disso, ao invés de ter desistido de frequentar A.A., ela permaneceu. Que fatores a ajudaram a continuar participando das reuniões?

*Nessa época era eu que abria o grupo. Aí eu abria “Só vou porque tenho que abrir! Mas hoje eu passo a chave para outro”. Às vezes, eu até passava... “Ah, Lilita, tal dia eu posso abrir” “Então toma a chave...” Mas eu ia também, mesmo no dia que não era de eu abrir o grupo.*

Ter se comprometido em *abrir o grupo* a ajudava a participar das reuniões. Ao invés de fechar em si mesma, guardando a raiva por possui o dever de *abrir o grupo*, ela se expressa para os outros integrantes, solicitando uma alternativa para o próprio incômodo. Desse modo, a responsabilidade a que se comprometia era um fator importante para não deixar de ir às reuniões. Era uma forma de se implicar com o processo de se cuidar, indo ao grupo, e de lidar com as próprias emoções. Contudo, há ainda outro fator:

*Mas aí eu lembrava o que os companheiros diziam: “O dia que você não quer ir, vá! Porque é nesse dia que você precisa!” Então, é de uma sabedoria, assim, tão grande, porque eram os dias, que, para mim, eram os melhores; eram os dias que eu não queria ir.*

Seu ímpeto de cumprir o dever no grupo a impulsionava a frequentar as reuniões, mesmo quando não fazia sentido ir. Retomar a orientação dos companheiros – *o dia que você não quer ir, vá* – por ser justamente *o dia* em que a pessoa mais *precisa* comparecer, ajudava-a a resgatar o sentido das reuniões e o significado da decisão por cuidar de si. Passava a vislumbrar a possibilidade de viver algo de bom na reunião. Era com essa espera que Lilita se dirigia ao grupo, ainda que a dor prevalecesse. Desse modo, o outro, como presença provocadora para Lilita, era considerado e valorizado, afinal naquele aconselhamento continha *uma sabedoria tão grande*, pois *os dias que não queria ir eram os melhores para si*. Assim, a estrutura societária de A.A. que abrange a forma de funcionamento do grupo, como o exercício de funções e frequência às reuniões, possibilitou uma experiência realizadora de Lilita como fator fundamental para continuar o processo de autocuidado em A.A.

Lilita continua elaborando o período inicial de participação no grupo de A.A. e identifica a ação do outro durante a reunião como ponto importante para a realização de si. Acompanhemos o exemplo que descreve:

*É tão interessante isso de ver o exemplo mesmo. (...). Na época em que eu cheguei, fumava-se na sala de A.A. (...). Cada cadeira tinha um cinzeiro. No decorrer da reunião as pessoas iam fumando ali e tal. Aí de repente saía um, vinha com uma lixeirinha e vinha recolhendo as cinzas do cinzeiro. Eu achava aquilo tão bonito! Eu olhava assim e pensava “Gente, ninguém pediu para ele fazer isso! Mas ele está fazendo, ele está limpando os cinzeiros, sem ninguém pedir”.*

A atenção para o movimento do outro de cuidar do ambiente da reunião e das pessoas ali presentes, recolhendo as cinzas do cinzeiro, despertava em si uma percepção de beleza: *eu achava aquilo tão bonito!* A satisfação provocada ao perceber um gesto genuíno e livre de cuidado do outro a surpreendia, afinal *ninguém pediu para ele fazer isso. Ver o exemplo mesmo* de posicionamento no grupo *é tão interessante* que a mobiliza em si uma vontade de agir da mesma forma:

*A lixeirinha ficava no cantinho lá, sabe? Aí eu até pensava assim: “Será que eu posso fazer também?” Porque ele fazia com uma expressão tão, tão feliz (com ênfase) de estar ali... Olha que gesto mais simples: pegar o cinzeiro, jogar as cinzas na lixeira, ir lá para fora. Aí a gente vê o outro fazer, a gente quer fazer também.*

Não reconhecia apenas uma ação de cuidado do integrante direcionado à totalidade da reunião: para Lilita, era evidente que aquela tomada de posição, como *um gesto simples*, carregava um sentido potente que realizava o outro, pois ele agia *com uma expressão tão, tão feliz*. Essa dinâmica incitava nela a possibilidade de vivenciar semelhante nível de satisfação. *Querer fazer também* aquele gesto era um modo de corresponder à busca por se realizar.

*E quando alguém fala: “se você quiser ajudar em alguma coisa; se você quiser ajudar aqui na reunião de cabeceira de mesa. Se você quiser ajudar ali, se você quiser ajudar na reunião de círculo...” O coordenador está lá e de repente aparece alguém que traz um copo com água. (pausa) Sem ninguém pedir. Não é falando “Ah alguém tem que levar água”. Não se fala isso, mas se faz!*

Os próprios integrantes do grupo estimulam os outros a ajudarem na organização da reunião e no cuidado com o grupo, em seus diversos elementos, fazendo *alguma coisa*. Apesar de ser uma proposta, há espaço para a pessoa aceitá-la ou não, pois é somente se a pessoa *quiser*. E há atitudes específicas que não são sugeridas, como *levar água para o coordenador*, mas *se faz!* Ou seja, a tomada de posição de cuidado com o grupo e com o outro revela uma experiência de liberdade que sustenta essa ação; é justamente por se posicionarem de modo livre que a sinceridade e realização de si marcam o gesto.

Desse modo, Lilita poderia estar apenas concentrada nos testemunhos compartilhados, mas ela se ateu ao gesto simples de cuidado com o contexto grupal. E, assim, o posicionamento do outro ressoa em Lilita, solicitando-lhe uma retomada das próprias tomadas

de posição que a correspondem. Além disso, perceber a realização alheia também é uma forma de se realizar.

Lilita, ao continuar elaborando o modo como as pessoas ajudam o grupo, dá-se conta de que o rapaz que recolhe as cinzas

*Está prestando atenção na reunião toda. É onde eu vejo que entra em prática a primeira tradição de A.A. que fala do bem estar comum... do bem estar comum. Que dentro de uma sala de A.A. predomina não é o que eu quero, não é para meu bem estar, é o bem estar de todos. Então sem perceber, o companheiro que vai lá e pegava o cinzeiro e leva a água [para a coordenadora] está preocupado com o bem estar geral! Olha como que isso é lindo! Porque é muito bonito. E isso, ó Ana Cláudia, é... Isso atrai!*

A ajuda dos integrantes em direção à totalidade do grupo condiz com a proposta de A.A., mais especificamente a *primeira tradição* de A.A. Há um direcionamento dos integrantes em oferecerem o cuidado com o todo, assim cada um é ensinado a transcender as próprias vontades a favor de um bem coletivo. A ação no grupo não está em função de si mesmo, do próprio *bem estar*, mas, sim, direcionado ao *bem estar geral*, e, precisamente, por isso, que o cuidado com a totalidade do contexto grupal desperta em Lilita uma percepção de beleza que revela realização de si: *olha como isso é lindo!* O bem-estar alcançado por ela ao perceber o outro cuidando do todo possui uma potência tal que a motiva a continuar participando, afinal, *isso atrai*. Nesse sentido, além de se realizar a partir do posicionamento alheio, também a própria ação em direção ao bem estar geral desperta em si mais satisfação do que posicionar-se apenas em virtude do próprio bem. É tão correspondente ao seu ser não centrar em si mesma, doando-se, abrindo-se e cuidando da totalidade que viver esse dinamismo em A.A. a realiza. Um dos fatores que sustenta sua experiência em A.A. é poder se constituir por essa dinâmica.

Lilita prossegue jogando luzes sobre o que vive no contexto comunitário de A.A.:

*Lilita: Aí vem essa coisa assim quase que automática, mas é de eu... Eu vejo que é de uma... essa energia que eu sinto, sabe? Essa energia que é de espiritualidade mesmo. Em A.A., a gente não fala em religião. Mas é uma espiritualidade... do fazer o bem sem olhar a quem. Isso é visível dentro de A.A.*

*Ana Cláudia: Da onde que vem isso? "Fazer o bem sem olhar a quem"?*

*Lilita: Olha para mim, vem de Deus.*

O que *atrai* Lilita a continuar seu processo em A.A. é ter a possibilidade de vivenciar o cuidado mútuo. Fazer o bem ao outro desperta uma *energia* instantaneamente, de forma *automática*, que faz muito sentido para si, afinal é *visível no A.A.* Ao mesmo tempo em é verdade para si a manifestação dessa *energia*, essa também é misteriosa, *é de espiritualidade*, correspondendo a um ser absoluto que está presente no contexto de A.A. Não se trata apenas

de uma Presença, mas está interconectada com o sentido ético de *fazer o bem* a qualquer um, independente de quem seja, isto é, *sem olhar a quem*. Ajudar o outro, se doando, é viver essa *energia* que não brota de si mesma, mas, sim, da intervenção de ordem superior, que *vem de Deus*. Nesses termos, é mais importante para Lilita doar-se, favorecendo o bem do outro, do que guiar-se em função de si. É notório que fazer esse tipo de experiência em A.A. corresponde à sua pessoa, realizando-a. É poder viver esse dinamismo de realização de si, concomitante à realização do outro que constitui Lilita e estrutura o modo de viver A.A.

A partir disso, compreendemos que fazer o bem gratuitamente ao outro, como fator comunitário, é um ponto importante que caracteriza o modo de Lilita se inserir em A.A., ao mesmo tempo em que a realiza. Como Lilita continua a se impactar com o posicionamento do outro após esse período inicial? E como ela age ajudando o outro ao longo do tempo em A.A.? Que outros fatores são centrais em sua experiência? Diante dessas questões, acompanhemos o modo como Lilita continua elaborando sua vivência em A.A.

### 2.2.2. O contexto comunitário como possibilidade de crescimento pessoal

Ter conseguido alcançar a sobriedade como forma de se cuidar não eliminou a busca de Lilita por continuar seu processo pessoal em A.A. Ela descreve que tipo de dinâmica A.A. propicia a ela e a outros integrantes:

Lilita: *Tem um livro [de A.A.] que chama Viver sóbrio. No finalzinho dele está lá: encontrar seu próprio caminho. Quer dizer, você veio, parou de beber. Cheguei em A.A. e parei de beber. A partir daí... o grupo já fez a parte dele: me ajudou a parar de beber. A partir dali, eu faço o que eu quiser. Só que na maioria dos membros de A.A., o "que quiser" é o grupo!* (risadas)

Ana Cláudia: *Que interessante!*

Lilita: *Olha bem! É o grupo!*

O objetivo de A.A. é propiciar a sobriedade ao membro e, sendo alcançada, a pessoa pode *encontrar o próprio caminho*, ou seja, pode fazer *o que quiser*, continuar ou não frequentando o grupo. Assim, a realidade grupal abre espaço para o outro seguir livremente a própria vida, cuidando de si. Mas, para Lilita, o ato livre é justamente permanecer aderindo ao grupo. Não somente ela se posicionou desse modo, mas também a *maioria dos membros de A.A.*, demonstrando uma experiência compartilhada. Novamente, podemos nos perguntar quais pontos estruturam o processo de Lilita em A.A. por tanto tempo, afinal são 16 anos de participação em A.A. Ela encontra tanto a possibilidade de continuar se cuidando e crescer quanto uma ocasião para constituir o contexto comunitário - ambas as dinâmicas a realizam.

Acompanhemos os elementos estruturantes dessas vivências, primeiramente no contexto comunitário, como possibilidade de crescimento.

O primeiro elemento que favorece seu crescimento, que salta aos nossos olhos, é a possibilidade de continuar se cuidando. Indo à reunião

*primeiro eu reforço minha sobriedade, né? Hoje eu já não fico mais com aquela coisa assim “o coitada de mim eu não bebo”. Mas eu tenho consciência que eu sou portadora da doença do alcoolismo e eu não quero ativar essa doença, vamos dizer assim. Não quero. Então, eu vou à reunião para buscar isso.*

O grupo com sua estrutura formal é apoio para ela seguir o caminho de cuidado consigo mesmo, reforçando a sua *sobriedade*. Se antes vivia uma autopiedade, não aceitando a condição de alcoolista, hoje tem *consciência* das próprias limitações, por ser *portadora da doença do alcoolismo*, e do posicionamento na vida que precisa ter para não ativá-la. Desse modo, ir às reuniões é uma forma de não perder a si mesmo e continuar se estruturando.

Há também outro ponto importante que estrutura a sua experiência em A.A. Acompanhemos um exemplo em que o cuidado do integrante consigo mesmo é uma provocação para ela:

*Por exemplo, chegou hoje, está todo para baixo; a feição está toda desfigurada porque ainda está de ressaca. Aí na próxima reunião já chega mais bonitinho, você tem que ver a alegria que dá. Que digo assim “Meu Deus, olha lá”.*

O modo de Lilita estar atenta ao processo do outro se configura como um elemento marcante. Se no primeiro dia o recém-chegado revela uma reação emocional de desânimo, por estar para *baixo*, e um aspecto físico comprometido, por estar com a *feição toda desfigurada*, na próxima reunião ele chega com um estado melhor, *mais bonitinho*. Essa mudança revela um sentido maior: a mudança exterior coincide com uma transformação de posicionamento na vida em direção ao cuidado consigo. O outro, ao mostrar esse passo de afirmação da própria pessoa, provoca satisfação e contentamento *você tem que ver a alegria que dá*. Nesse sentido, abrir-se ao outro, dando-se conta de seu processo pessoal em direção à realização pessoal, também é fator estruturante da própria realização. Ela não apenas percebe a mudança, mas também compartilha a própria percepção com o integrante:

*Aí eu falo, “puxa, mas como você está bonito!” E realmente está mais bonito! Não é só para poder bajular. Não é isso. Quando eu chegava, eu falava “Hum, está falando isso só para me agradar.” (risos) Mas, aí, quando eu comecei a ver isso em outras pessoas, não é só para agradar, porque realmente muda o olho, fica um brilho melhor, a pele... Com pouco tempo que está sem beber e vem com aquele ânimo.*

Da diferença percebida no outro, nasce um posicionamento de partilhar a própria surpresa, dizendo como ele *está mais bonito*. Ao destacar que *realmente está mais bonito*, revela que está atenta à realidade, à mudança nos mínimos detalhes: e *realmente muda o olho, fica um brilho melhor, a pele*. Não é um mero elogio direcionado ao outro, para *bajular*, mas, sim, um gesto que carrega sua sinceridade. Lilita só pôde chegar a essa compreensão quando ela mesma se deu conta da mudança no outro, pois no período em que chegou em A.A. não confiava no gesto alheio, pensando que era apenas para lhe *agradar*. O cuidado do outro consigo mesmo anunciava um processo de superação que poderia ser alcançado pelo mesmo e esse processo alheio a realizava: esse dinamismo é estruturante da experiência de Lilita em A.A.

Nesse sentido, se antes de A.A. fechava-se em si mesma, ignorando a presença de pessoas no ônibus e de seus filhos em casa, ao decidir se cuidar em A.A. uma nova dinâmica pessoal se revela: a abertura para o outro, se atentando à realidade e presenciando o autocuidado do mesmo carrega uma mudança em si enquanto crescimento pessoal.

Acompanhemos outro exemplo em que o processo de desenvolvimento pessoal emerge como um desdobramento evidente de sua experiência em A.A.:

*Tem um companheiro... eu conheço ele há muitos anos... e ele sempre bateu assim no peito "porque eu sou assim e não mudo! Porque eu não sei..." Fiquei tão feliz um dia desses, há uns três meses atrás ... Tinha muito tempo que eu não via esse companheiro e ele foi falar que a filha dele ficou grávida e que teve a netinha na reunião do meu grupo base. Aí ele virou e falou assim: "olha eu vou falar uma coisa, viu? Eu agradeço os companheiros aqui que mudaram a minha mente!" (risadas de Lilita e Ana Cláudia) [Ele continua:] "Porque se fosse um tempo atrás eu ia por minha filha para fora de casa porque ela engravidou... Mas agora não. Eu tenho uma netinha eu tenho o prazer... eu posso cuidar da minha netinha!" Menina, eu quase chorei quando eu vi esse companheiro falando. Ele que batia na tecla que ele era assim, era assado, que não muda, porque tal... "Eu vim para A.A. só para parar de beber! E eu não quero saber de mais nada!" Sem ele perceber, ele mudou! E ele foi lá para frente e falou.*

A mudança do fechamento do *companheiro* na própria concepção de si, por ele acreditar que foi ao A.A. *só para parar de beber*, o seu crescimento pessoal ao cuidar do relacionamento com a *filha e da netinha*, desperta em Lilita uma surpresa: afinal, não esperava tamanha transformação, pois *ele batia na tecla que não iria mudar*. Dar-se conta do desenvolvimento alheio incita uma vivência de satisfação profunda, por ter se sentido *tão feliz*.

O contentamento por presenciar o novo modo de ser do *companheiro* abriu espaço para Lilita cuidar da relação com ele:

*Aí na hora do intervalo estava eu e uma outra companheira, nós falamos com ele: “Menino, que maravilha... olha pro'cê ver... você acabou de dar uma demonstração de prática de passo ...você fala que não gosta dos passos, o que você fez?” (risadas) Não é? Uma aceitação, uma humildade... de mudar. Ir à frente e falar!: “eu mudei graças a vocês!” Não foi “graças” só a vocês, os companheiros, né? Graças a ele próprio. Claro que é todo um conjunto. E foi mudando, mudando...*

Mais uma vez guardar para si a mudança percebida não condizia com seu modo de ser, era preciso compartilhar com a própria pessoa. E novamente revela uma experiência de maravilhamento pela realização alheia: *menino, que maravilha*. Outro ponto importante que Lilita nos comunica é que orientar o processo de cuidar de si pelos 12 passos é correspondente a sua pessoa. Praticar os passos é crescer, aceitando a si mesmo e demonstrando *humildade*, de *ir à frente* e agradecer pela participação do grupo no desenvolvimento pessoal.

*Então, é... Isso, essa coisa que muita gente não entende em A.A.: o que que acontece em A.A. para dar essa transformação toda? E é longo, né? Por um período... Não é chegar em A.A., parar de beber e as coisas já irem mudando não. É um processo! Por isso, Ana Cláudia, que é importante voltar às reuniões. Se eu não continuar voltando, trocando experiências de como a gente está hoje, eu não vou vivenciar nada disso. Porque eu não vou aprender isso, sabe? Eu não vou aprender.*

Lilita reconhece que A.A. possibilita essa *transformação toda* nas pessoas, não imediatamente, mas ao *longo* do tempo. E esse crescimento pessoal somente é possibilitado quando o integrante continua aderindo ao grupo, *trocando experiências*. Apesar de Lilita estar há bastante tempo em A.A., ela não deixa de demonstrar o quanto experimenta novos aprendizados: *se eu não continuar voltando, eu não vou aprender*. Testemunhar a vivência compartilhada pelo outro possibilitou a Lilita tanto a viver satisfação quanto aprender com o posicionamento dele. Desse modo, o outro é provocação para Lilita continuamente retomar as ações pessoais que correspondem a si mesma; e a estrutura formal do grupo possibilita Lilita experienciar a dimensão comunitária de A.A. por ser mobilizado pela experiência alheia e se posicionar reconhecendo a singularidade e humanidade do outro.

Lilita descreve mais uma situação em que o outro, ao partilhar a própria experiência é provocação para ela aprender um pouco mais:

*Tem um companheiro... Quando eu estava com um ano e pouco de A.A... Eu nunca esqueci o que esse companheiro falou. Ele é analfabeto, não sabe ler. ... Ele brigou em casa com vizinho. O vizinho quebrou a porta da casa dele e tal. E ele chegou ao grupo muito nervoso, nervoso mesmo. Aí os companheiros: “Faz ele pagar”. O outro: “Ah se fosse eu, eu ia bater.” Porque o vizinho dele avançou nele, e ele só se defendeu. Aí como ele estava muito nervoso, veio aquela coisa, de um aconselhar daqui: “ah não, faz ele pagar a porta”. O outro: “eu já teria batido nele”. Aí ele virou e falou assim: “olha, eu tive vontade de fazer isso tudo, mas eu não posso fazer porque sou um A.A.!”*

Por que o posicionamento do companheiro a marcou significativamente a ponto de se passarem mais de 14 anos e ela ainda se lembrar de sua fala?

*Nó, eu arrepio quando eu me lembro disso! Eu entendi na hora o que é ser A.A., né? Eu sou um A.A. Então, quer dizer eu não posso, eu não devo fazer, eu estou aprendendo que eu preciso ser uma pessoa melhor. E isso vindo de um companheiro que não sabe nada de passos! (tom de surpresa). Porque com a gente que tem oportunidade de ler, praticar, entender os passos fica mais fácil. Nada de tradição do A.A. Ele só entendeu que o A.A. é para ir, parar de beber e reformular a vida...*

A mudança de postura do outro diante de uma situação de conflito saltou aos seus olhos: ter se defendido, não sendo levado pelos impulsos, correspondia mais a ele que agredir o outro. Por ser *um A.A.* não poderia agir da mesma forma que no período em que se alcoolizava. Lilita compreendeu que ser *um A.A.* transcende o fato de frequentar as reuniões de A.A., significa tornar-se *uma pessoa melhor*. A partir desse entendimento, Lilita pôde emitir um juízo acerca de si mesma: *eu sou um A.A.* Ao mesmo tempo em que apreende o sentido da fala do companheiro, também se surpreende com o fato de ele ter captado o significado de A.A. sem se empenhar em aprofundar no âmbito teórico da proposta, por ser *analfabeto* e não saber *nada de passos*, nem de *tradição de A.A.* Esse companheiro é mais uma lição de vida para Lilita. Com o crescimento pessoal alheio, pôde apreender que tipo de posicionamento na vida ela precisa ter: *estou aprendendo que preciso ser uma pessoa melhor*. Há, assim, uma percepção da exigência interna em crescer como ser humano, formar-se: agora não pode e nem deve agir do mesmo modo do período em se alcoolizava. Nesse sentido, aderir aos princípios de A.A. corresponde a encontrar a si mesma, num processo de transformação pessoal em direção a um crescimento de seu ser.

Na experiência de Lilita como ela se torna *uma pessoa melhor*?

*E entendi que é o lado espiritual do A.A. Essa reformulação de vida é eu mudar meu comportamento! Eu não devo ser mais igual eu era antes: agressiva, briguenta, ficar implicando, ficar... Então, agora, eu sou um A.A., eu parei de beber, estou reformulando minha vida, preciso ser uma pessoa melhor. Até mesmo porque, se eu não mudar algumas atitudes eu corro risco de voltar a beber. Se eu continuar com as mesmas atitudes de quando eu bebia: deixar a raiva tomar conta, né? É, é, egoísmo... egocentrismo, aquela coisa de "eu sou a melhor". Eu corro risco de voltar a beber, né? Então, é onde... Essas coisas assim inexplicáveis em A.A. são só sentidas, né? (risos).*

Para Lilita, a possibilidade de crescimento pessoal corresponde ao *lado espiritual do A.A.* Não se posicionar seguindo os próprios impulsos, a ponto de ser *agressiva, briguenta* como *era antes* e não agir centrada em si mesma, com *egoísmo*, corresponde mais a ela, ao seu novo modo de ser: *sou um A.A.* Novamente ressalta que se propor ser *um A.A.* significa que precisa *ser uma pessoa melhor*. Reconhece que seu desenvolvimento é necessário

justamente para não voltar a beber, ou seja, continuar se cuidando. Desse modo, agir mantendo a sobriedade, fazendo experiência em A.A., cuidando de si, é possibilidade de se desenvolver como ser humano e como Lilita. Crescer coincide com processo de cuidar de si, de busca por não se perder alcoolizando-se. Esse dinamismo vivido em A.A. é tão correspondente a si mesma que se torna uma evidência em sua experiência: *essas coisas são inexplicáveis em A.A., são só sentidas*. Além disso, demonstra que viver a proposta de A.A. como *reformulação de vida* corresponde à inteireza de seu ser, ou seja, a mudança de si é própria, é sua, não é uma fala vazia que contém uma reprodução de uma ideologia. Há, com efeito, um crescimento pessoal que a realiza.

Lilita também continua sua elaboração dando-se conta de uma busca mais radical em sua vida – a religiosa – que coincide com a busca por crescimento pessoal:

*Eu sou Kardecista. E aí eu vejo a semelhança com o A.A.! Nossa, mas é uma coisa de louco! É incrível! Eu estou lá, aí quando eu olho assim numa palestra (...). Eu falo: “em A.A. também é assim” (risadas). (...). Mas é fantástico, sabe! É fantástico! Não veja sua mão esquerda o que a direita fez... Olha o anonimato em A.A. “O que importa é a mensagem, não o mensageiro.” É olha, é impossível... E olha eu já conheci assim, algumas religiões, por exemplo, filosofias... Seicho-no-ie: participei um tempo; eu já estava em A.A. É aquela busca: o que eu quero além de A.A.? Aí procurando eu via tanta semelhança. (...). Eu falava assim: “gente, eu acho que eu tenho que ficar só com A.A. mesmo porque tudo que eu participo eu vejo o A.A.” Eu vejo um pouco de A.A. em cada coisa.*

O que corresponde à Lilita são os princípios éticos contidos tanto nas *religiões* quanto em A.A. Ao experienciar a semelhança nas propostas, emerge uma experiência vivificada de correspondência de si mesma emitindo o juízo: *é fantástico!* A partir disso, reconhece que, no fim, pode viver a busca religiosa na própria realidade de A.A. Além disso, salta aos nossos olhos a pontuação feita por Lilita acerca do *anonimato* proposto por A.A. como modo de viver o mundo. Como esse valor é vivido por ela?

*Aí eu tiro a conclusão que realmente os princípios de A.A., a filosofia do A.A., é essa mistura ... de religiosidade, da espiritualidade, com a medicina para falar da doença e com a experiência do próprio alcoólico. Aí juntando tudo forma essa coisa assim boa e bonita, de eu não só parar de beber, mas me tornar um ser humano melhor, para mim mesmo! Para mim mesmo! Não é querer ser melhor que o outro para o outro ver “olha que bom que ela está boa”. É claro que isso é consequência, né? Mas, é para mim mesmo eu saber que ... dos meus limites... da minha capacidade! Nó, a quantidade de coisas que eu posso fazer, né? Da minha presença na sala de A.A. só de eu está ali eu sei que estou ajudando alguém! Que eu estou somando!*

Para Lilita é tão correspondente a si viver a proposta de A.A. em sua globalidade, a *mistura de religiosidade, medicina e experiência do próprio alcoólico*, que emite um juízo acerca do significado profundo desses princípios: *juntando tudo forma essa coisa boa e bonita*. Reconhece a incidência de sua experiência em A.A. na inteireza de sua vida, pois não

somente a ajuda a *parar de beber*, mas também a se tornar *um ser humano melhor*. E ressalta que o importante é o próprio crescimento pessoal, para si mesma, e não como recurso para ser valorizada pelo outro. Desenvolver-se para si significa ter percepção de si, em seus *limites* e capacidades. E mais uma vez ressalta o valor que apreende na própria ação de ajudar o outro em A.A. Ao mesmo tempo em que afirma o valor da doação de si, é com esse ato que se valoriza. Nesse sentido, colocar-se no mundo *ajudando alguém* é ser uma pessoa *melhor*, e esse dinamismo a realiza. E, ainda, Lilita nos comunica que a adesão à proposta de A.A. propicia uma formação de si correspondente a sua pessoa, ao invés de vivenciar alienação do próprio eu, apenas reproduzindo os princípios sem apreender um sentido sintonizado com seu centro.

Até aqui, compreendemos que o critério que orienta o modo de viver, o contexto comunitário de A.A., é a possibilidade de se realizar e crescer, seja com o desenvolvimento do outro, seja por meio dos princípios de A.A. É o movimento pessoal de se abrir e responder à provocação do outro é que realiza sua pessoa, e justamente poder viver esse dinamismo que sustenta sua experiência pessoal e comunitária nessa realidade. A abertura também se dá, como vimos anteriormente, por meio da doação de si em direção ao bem do outro. Nesse sentido, a pessoa com quem se relaciona é considerada em sua humanidade e singularidade e valorizada. Aqui, emerge um ponto importante para constituição de sua experiência comunitária. A possibilidade de crescer também acontece na reunião feminina. Essa reunião

*só com mulheres, eu vou trabalhar minha autoestima, meu relacionamento com o marido, com o filho, o meu dia a dia como ser humano, como mulher, né?*

A reunião com as *mulheres* é ocasião para se desenvolver em seu *dia a dia* como *ser humano* e *mulher*, seja no relacionamento consigo mesma, trabalhando *autoestima*, seja no relacionamento com o outro, *marido* ou *filho*.

O que há de específico na reunião feminina para ela ter destacado a dinâmica ali presente?

*Porque é diferente a reunião só com mulheres. É muito interessante, porque é diferente assim. (...). Aquela coisa assim de mais igualdade, porque na reunião com homens e mulheres a gente se sente igual pela doença, pelo alcoolismo. Então, tem essa empatia. Mas, só com as mulheres é um preenchimento maior...*

O que Lilita encontra na *reunião só com mulheres* é uma experiência *diferente* da que vive em uma reunião comum, *com homens e mulheres*. Na troca de experiências entre *as mulheres*, Lilita reconhece que há *mais igualdade*, não apenas ao reconhecer a mesma

necessidade de se cuidar, mas também um modo semelhante de vivenciar o mundo, por serem *mulheres*. Assim, ela nos sugere que se sente livre, à vontade para falar de si na reunião feminina. Ao mesmo tempo em que reconhece a si mesma na outra, vive uma experiência de inteireza que a constitui: *só com mulheres é um preenchimento maior*. Nesse sentido, essa modalidade de reunião configura-se como possibilidade de se vivenciar uma aproximação, uma empatia com a outra e essa dinâmica contribui em seu crescimento e realização pessoal. E não somente, pois é ocasião inclusive de ajudar a outra a se desenvolver:

*E sem contar a possibilidade de... por exemplo, uma experiência que eu tenha passado que eu posso dividir com outra para que ela também melhore em algum ponto da vida dela. Então, é como se fosse assim um combustível mesmo, sabe?*

O que dá o *combustível*, a energia motivadora para Lilita continuar participando da reunião feminina é vislumbrar que pode ajudar a outra mulher. A abertura de si para as mulheres, ao *dividir* a própria *experiência*, pode ser uma presença provocadora para o outro melhorar *em algum ponto* de sua *vida*. O próprio posicionamento no momento de partilhar com a intenção de contribuir para crescimento alheio já vivifica Lilita: a possibilidade de a outra se desenvolver é ponto estruturante para a realização de si e constituição do contexto comunitário. Desse modo, já há um anúncio de que o processo de crescimento pessoal, proporcionado pela estrutura societária, marcada pela reunião mesma, e pela convivência comunitária de abertura e consideração mútuas, tanto constitui Lilita quanto contribui com o processo de desenvolvimento do outro. Para melhor compreender o modo como ela se estrutura constituindo a realidade comunitária, adentremos às próximas compreensões.

### **2.2.3. O contexto comunitário em construção**

Como vimos anteriormente, um ponto importante para Lilita no modo viver em A.A. é contribuir com o processo pessoal da outra mulher durante a reunião feminina. Ao continuar comunicando sua experiência, identifica que não apenas a possibilidade de ajudar o outro é propiciador de seu *combustível*, mas, sobretudo ajudar de fato o outro alcoolista:

*E o termo de responsabilidade<sup>15</sup>, ele é... cada membro de A.A. se declarando responsável por qualquer alcoólico que venha a... procurar, pedir ajuda. É: “quando qualquer um seja onde for estender a mão pedindo ajuda quero que a mão de A.A. esteja sempre ali, e por isso eu sou*

---

<sup>15</sup> O termo de responsabilidade adotado por parte dos grupos de A.A. é pronunciado pelos integrantes no início e/ou ao final das reuniões.

*responsável”. Então, eu acho [o termo de responsabilidade] ... muito bacana. (...). Ele já existe há muito anos... Começou a ser adotado em reunião de serviço, em eventos. E aí os grupos começaram a adotar também, assim, de uma forma livre. Ninguém falou que deveria fazer, mas é aquela coisa de... É um termo que realmente que me puxa para a minha responsabilidade como membro de A.A. para eu dar de graça o que eu recebi de graça. (...). O A.A. é exatamente isso: eu ajudar o outro alcoólico! É o que dá o meu combustível!*

Lilita, ao viver a proposta de A.A., representada pelo *termo de responsabilidade*, não age reproduzindo o que foi apreendido de um modo alienante, mas justamente colhe um sentido correspondente à sua pessoa, pois caracteriza termo como *muito bacana*. Não apenas reconhece um valor no *termo de responsabilidade*, mas também os grupos o apreendem, já que *começaram a adotá-lo de uma forma livre*. Para Lilita, o termo é uma provocação real para ela responder ao chamado em direção à ajuda ao outro: *é um termo que realmente me puxa para minha responsabilidade*. Desse modo, ao mesmo tempo em que se sente impulsionada, puxada pela proposta para ser responsável por *ajudar o outro* alcoolista, Lilita percebe que *dar a ajuda que recebeu de graça* é um fator que sustenta e vivifica a si mesma, emitindo o juízo: *é o que dá o meu combustível*. A doação de si coincide com a realização vitalizada de seu ser. É justamente poder se fortificar e se corresponder em sua inteireza que Lilita reafirma a importância de se integrar ao contexto comunitário de A.A. Nesse sentido, estar no grupo, em sua dimensão societária, é uma ocasião de Lilita vivenciar a dimensão comunitária de contribuição pessoal com o processo alheio: o que acontece no grupo transcende, por conseguinte, a sua estrutura formal.

Visto que *ajudar o outro alcoólico* estrutura o modo de experienciar A.A., que elementos a ajudam a compreender a importância de dar o que recebeu? E de que forma ela doa auxílio?

*Fizeram comigo, me acolheram. Então, eu sinto um prazer em fazer com o outro, e o outro quer fazer com o outro. Pelo... Assim... Simples. Simples entre aspas. O simples fato de eu saber que você tem um problema, sofre com ele, o mesmo que eu sofri, eu quero que você esteja bem. É tão, é tão bonito isso, assim! É inexplicável! Não sei explicar. Porque a gente não encontra palavras para definir, né? (...). E é gostoso a gente saber que a gente contribuiu um pouquinho.*

A vivência de ser acolhida, que poderia ser tomada apenas em sua dimensão de ressonância afetiva agradável, carrega um significado importante ao encontrar alcoolistas em sofrimento: *saber* da dor do outro é provocação para se posicionar buscando seu *bem*. Abrir-se para o drama do integrante possibilita-lhe retomar a importância de ter sido acolhida. Ao ser acolhida, foi cuidada e ajudada em seu processo pessoal de cuidado consigo mesma. Essa experiência foi tão correspondente que deseja cuidar do outro, ajudando-o a se cuidar. A tomada de posição em direção ao *bem* do outro se torna, inclusive, uma solicitação para esse

agir do mesmo modo, ajudando os outros. Daí, nasce uma cadeia de posicionamentos favoráveis ao processo alheio de cuidar de si: *eu sinto um prazer em fazer com o outro, e o outro quer fazer com o outro*. Da possibilidade de ajudar o outro assim como foi auxiliada emerge uma percepção de beleza intensa: *é tão, é tão bonito!* É uma experiência tão realizadora de si e evidente que não sabe *explicar* o dinamismo do processo de dar o que recebeu. Não apenas ela apreende o sentido da ação de ajudar, mas reconhece que se trata de uma dinâmica compartilhada: *a gente não encontra palavras para definir*. Além da percepção de um processo comum de ajuda mútua em A.A., Lilita também se dá conta de que ajudar o outro contém uma dimensão de gosto: *é gostoso a gente saber que a gente contribuiu um pouquinho*. Não é necessário que Lilita e os outros integrantes ajudem consideravelmente o outro para vivenciarem satisfação, basta que a contribuição exista, podendo até ser um *pouquinho*. Nesse sentido, o importante para ela e o restante dos componentes é o processo de auxiliar o outro a se cuidar e a crescer. Ao mesmo tempo em que cuidam do outro, cuidam de si; que contribuem para o crescimento alheio, eles mesmos se realizam nesse processo.

Fica nítida, também, a mudança pessoal vivida por Lilita: se antes do A.A., ela se sentia inútil, agora pode ser referência para o outro, contribuindo com processo de crescimento pessoal alheio; agora ela pode constituir o contexto comunitário com a ajuda que oferece ao outro. Trata-se, portanto, de um importante auxílio que obteve ao experienciar A.A.: ser capaz de se colocar no mundo cuidando de si e colaborando com o outro. Aqui se apresenta um dinamismo propriamente comunitário de cuidado com afirmação do outro e contribuição com o processo pessoal alheio, mútuos.

Compreendemos, mais uma vez, que a consideração mútua e posicionamento recíproco em direção ao bem alheio marcam a experiência de Lilita e daqueles integrantes com quem convive. Ajudar o outro é construir o contexto comunitário que coincide com a estruturação de seu ser. Doar-se ao outro, como possibilidade ou ação concreta de ajuda, vivifica Lilita, dando-lhe *combustível*, força. Esse dinamismo de mútua constituição de si e do contexto comunitário de A.A. que realiza Lilita é sustento de sua experiência em A.A.

Continuemos, compreendendo outros fatores que concedem *combustível* para Lilita permanecer integrada a A.A.:

*No grupo que chegam poucas pessoas... Porque tem grupo... Hoje em dia está mais comum isso, porque as opções para cuidar do alcoolismo são maiores, né? Aí quando fica sem chegar alguém novo é como se fosse assim... A gente fala em Itabirito, igual casal, marido e mulher depois de muitos anos de casado, os filhos casam, não tem bebê... (risada de Lilita e riso de Ana Cláudia) Não tem combustível, aí um começa a implicar com o outro. Isso acontece no grupo de A.A. também. (...). Sabe aquela coisa da mesmice?*

*Pessoas novas no grupo é um fator importante da experiência Lilita em A.A., pois se não chega alguém novo, não há combustível, energia que evita conflitos. Já que a mesmice é algo que a desmotiva, que dinâmica a novidade desperta em Lilita?*

*Então, por isso que o grupo precisa trabalhar bastante a divulgação para sempre chegarem pessoas, né? Para dar esse... Para nascer de novo essa coisa boa que nasce na gente de querer voltar, de querer voltar, de querer fazer alguma coisa.*

Ter pessoas novas no grupo é um fator importante para nascer dentro dela uma coisa boa de querer voltar e fazer alguma coisa pelo outro, ou seja, de se posicionar ajudando-o. Se o integrante está em sofrimento por ser recém-chegado e estar ainda vivendo o drama do alcoolismo, a possibilidade de ajudá-lo é maior. Ao invés de apenas esperar o outro chegar, tanto Lilita como a totalidade dos integrantes reconhece a importância da divulgação da reunião para que o estímulo para retornar à reunião sempre esteja presente. A dimensão da novidade configura-se como um elemento central da motivação para frequentar a reunião:

*Por exemplo, eu estava vindo na reunião de hoje, ai amanhã eu falo: “eu acho que eu vou lá no grupo porque se, se aquela pessoa voltar, eu quero estar lá. Se ela voltar eu quero estar lá, nem que seja para fazer número, eu posso não falar nada. Mas a presença da pessoa no grupo já é um fortalecimento para o outro que está chegando, né?”*

Não apenas o momento de encontro com o novato como ocasião de ajudá-lo é fator vivificador da experiência de Lilita em A.A. A espera pelo reencontro com ele e, por isso, novamente a possibilidade de contribuir para o seu processo de autocuidado, revitaliza a vontade de se dirigir ao grupo: *se aquela pessoa voltar, eu quero estar lá*. Não importa se irá ajudar ao falar da própria vivência ou se irá apenas fazer número, pois o que é fundamental para Lilita é poder ajudar. Ser somente presença no grupo já é um fortalecimento para o outro, ou seja, uma forma de auxiliar o outro é conceder força para continuar se posicionando a favor de si mesmo. Desse modo, ao mesmo tempo em que Lilita busca ajudar o recém-chegado, ela é vitalizada em seu processo de cuidado consigo em A.A. Além disso, a espera pela ajuda, que poderá propiciar, configura-se como elemento estruturante de seu processo em A.A. Esse dinamismo, caracterizado pela ajuda e pela espera por auxiliar, fortifica Lilita que se realiza e constitui o contexto comunitário, seja ajudando o outro, seja fazendo a divulgação do grupo. Contribuir com o processo do outro no grupo como dimensão comunitária configura-se como sustento para a própria realização e precisamente por isso um elemento fundante de sua experiência em A.A.

Mas a espera por ajudar não está presente somente em relação ao recém-chegado, mas também ao integrante do grupo:

*“Não vou, não vou ao grupo porque eu estou cansada.”* *Aí vem aquela coisa assim: peráí. E se o fulano for, e se o fulano não for, quem vai... Quarta-feira: ih hoje é dia de jogo. Dia de jogo fulano não vai, ciclano não vai... então, fulano vai estar sozinho. Então, eu vou!*

Diante da própria diminuição de energia, por estar *cansada*, e, conseqüentemente, da tendência de não ir *ao grupo*, surge uma atenção para a possível realidade do grupo. Ao pensar sobre quem serão os possíveis componentes da reunião – *fulano não vai, ciclano não vai* –, conclui que um membro estará *sozinho* e decidi ir. Lidar com o próprio cansaço, indo ao grupo, estava em função do bem do outro. Posiciona-se solidariamente em relação ao componente do grupo, como modo de ajudá-lo sendo companhia. Assim, Lilita nos sugere que se dá conta da importância que tem enquanto presença em A.A.

Mais uma vez, o modo de voltar para o outro em detrimento de si mesmo para ajudá-lo, sendo companhia, presença, ou compartilhando a própria experiência é um dinamismo central na experiência de Lilita em A.A., que ao mesmo tempo constrói o contexto comunitário e realiza a si mesma.

Além disso, Lilita nos mostra que não apenas momentos de ajuda são evidentes em A.A., mas também percalços:

*Teve um companheiro que fez uma raiva em mim no grupo. Fez raiva não. Eu deixei, né? Lá no meu grupo base, no meu bairro, a gente ia decidir se ia continuar ou não com a reunião californiana. Que é essa em círculo. Já tinha três meses que estávamos fazendo. Aí esse companheiro chegou e na hora de dar opinião dele, ele era contra essa reunião. Ele quase não ia ao grupo, mas ele era contra a reunião. Ele chegou, levantou e falou assim: “mas essa reunião, essa reunião não deve ser feita não, porque essa reunião não é daqui, ela é da Califórnia!”* (mudança de tom da voz) (risadas) *Bateu na mesa* (risadas). *Ana Cláudia, me deu uma raiva e eu estava coordenando. Aí eu falei: “Ah é? Então, a gente tem que acabar com o A.A., porque o A.A. é dos Estados Unidos!”* (risadas de Lilita e Ana Cláudia) *Aí eu xinguei ele no grupo, dei um tapa na mesa. Aí o companheiro: “Lilita, calma!”* *Meus companheiros até ficaram assustados, porque eu sou calma. Por natureza, eu sou tranquila* (risos).

Nesse trecho, Lilita nos descreve um episódio de conflito durante um momento de decisão que provocou a ressonância afetiva de *raiva*. O incômodo que vivenciou ao escutar a *opinião* do *companheiro* foi despertado em função do argumento superficial que embasava seu pensamento. Ora, se *a reunião californiana* tivesse de ser banida por ser da *Califórnia*, então *o A.A.* não poderia ser implementado no Brasil, por ser originado nos *Estados Unidos*. O modo como se exaltou naquele momento, xingando-o, dando um *tapa na mesa*, demonstrando que saiu do próprio eixo, foi uma forma de revelar o quanto era importante

continuar com o modelo californiano de reunião. Agiu em função de si mesma, ignorando a liberdade de expressão que o grupo prezava. Lilita, por ser coordenadora na reunião e, conseqüentemente referência de membro para os outros integrantes, e ter reagido impulsivamente, não propiciava o bom funcionamento da reunião. Assim, a própria reação não condizia com seu modo de ser calmo nem com a o posicionamento exigido pela função de coordenadora, e por isso surpreendeu seus *companheiros*, que não deixaram de se posicionar: *Lilita, calma*. Ou seja, tanto ela reagiu a partir do posicionamento do companheiro que deu a opinião contrária a dela, quanto os outros companheiros tomaram posição ao serem afetados pela reação de Lilita. Assim, a ação de um não deixa de ressoar na totalidade do grupo enquanto contexto comunitário.

Que outras conseqüências Lilita apreendeu a partir dessa situação?

*Quando só tem uma mulher no grupo, sem perceber os companheiros fazem tudo o que ela quer. Eu vivi isso. Depois, eu percebi que eu estava manipulando o grupo, sabe? ... Quando eu descobri isso, que vergonha! Um dia numa reunião [temática] para discutir sobre passos, falando sobre manipulação, como que a gente é, tomar esse cuidado. Aí que minha ficha caiu, aí falei: “gente, o que estou fazendo?”*

Não apenas a reunião de recuperação é ocasião para Lilita se perceber, mas também a *reunião* temática abre espaço para o integrante se descobrir. Diante da solicitação do outro para *tomar cuidado* de não ser levado pela tendência de manipular própria do alcoolista, emerge uma percepção de si: *eu estava manipulando o grupo*. Assim, ao invés de se fechar e ignorar a própria ação de *manipulação*, Lilita se reconhece no que era exposto na reunião, sentindo *vergonha* por estar se posicionando de uma maneira que não era correspondente ao modo de ser que esperava de si mesma. Diante da descoberta de si, quando sua *ficha caiu*, questionou a própria postura diante do grupo: *o que estou fazendo?*

E como ela se posicionou a partir dessa descoberta?

*Aí eu mudei! Foi difícil! Muito difícil! (risadas) Nossa senhora, principalmente quando o resultado não era como eu queria. ... Ainda é assim! Eu tenho essa dificuldade ainda! (...). Mas, eu já consigo – sabe? – entender que o bem estar do grupo vem em primeiro lugar. Não é a minha opinião. E às vezes o que eu acho que é o bom, não é o bom para o grupo. É outra coisa que a segunda tradição de A.A. fala sobre isso. Que em última análise, quem manda é o Poder superior, o Deus amantíssimo, que se manifesta na consciência coletiva. Então, depois que todo mundo vota, discute, todo mundo fala, coloca uma proposta. Um fala, o outro fala, dá opinião, dá opinião. Aí chega, até chegar num consenso. Se chegou naquele consenso, é porque tinha que ser aquele. Por votação. Eu demorei demais para aceitar. Entender eu entendia. Mas eu não aceitava, eu queria assim... Sabe, aquele negócio assim, bem de alcoólatra mesmo, de achar que eu tenho razão?(...). Tudo eu, tudo eu, sabe? Então, assim. É outro, outro grande benefício que eu estou tendo em A.A. através dessa reformulação de vida: entender isso.*

A tendência de agir em função de seu *eu*, das próprias vontades e *razão*, era tão proeminente na vida de Lilita, que foi  *muito difícil* mudar, deixar de manipular os outros. Apesar de reconhecer que mudou, ainda percebe que tem  *dificuldade* de lidar com situações que não correspondem aos próprios anseios. Não bastava entender que o  *bem estar do grupo* é prioridade tal como é proposto por A.A., em sua  *segunda tradição*. Somente após aceitá-la, apreendendo de modo pessoal o sentido da proposta que Lilita, pôde agir em função do dinamismo do contexto comunitário de A.A., e não mais de modo centrada em si mesma, autoafirmando-se. Nesse sentido, colaborar com a realidade de A.A. a espera do melhor para a mesma é ponto estruturante de sua experiência. Retomar o ponto que aprendeu ser importante – o bem maior – ajuda a lidar com a própria tendência autocentrada e a não se definir por essa fragilidade. Nesse sentido, o modo como se colocava no grupo, manipulando, passou a não corresponder à própria busca pelo bem da coletividade alcançado pela  *votação e consenso*. Apreender o valor de favorecer o bem grupal configura-se como  *outro grande benefício* na vida de Lilita. Da mesma maneira que emerge uma percepção das próprias fragilidades e da própria busca por crescer, Lilita muda, reformulando  *a própria vida*, e constitui o contexto comunitário de um modo mais coerente consigo mesma.

Nesse trecho, é evidente que ao invés de ter ficado na ressonância de incômodo pela sua dificuldade de aceitar o diferente, Lilita volta-se para si mesma, compara sua ação com o que realmente corresponde ao seu ser e toma posição, empenhando-se para não agir manipulando mais. É mais estruturante de si controlar a própria tendência do que conseguir o que almeja. Brota, aqui, um ponto que salta aos nossos olhos: a ação não está mais em função de si mesma, mas, sim, direcionado ao bem comum. E, assim, emerge uma convivência genuinamente comunitária, a partir da estrutura formal de A.A., que constitui a vida em comum e realiza Lilita.

A espera por ajudar o outro, e a ação de contribuir com o processo alheio e comunitário, configura-se como elemento central em sua experiência em A.A.: busca por fazer o bem ao outro integrante e ao grupo em sua totalidade. Ajudar o outro e favorecer o alcance de uma decisão justa no grupo configuram-se como um modo pessoal de construir a realidade comunitária e estar em consonância com a estrutura societária de A.A. ao mesmo tempo em que se vivifica em seu processo de cuidar de si, realizando-se.

Vamos acompanhar outro elemento fundamental ao experienciar A.A.: constituição de vínculos intersubjetivos:

Lilita: *E uma outra coisa que está acontecendo na reunião feminina é que a gente está mais unida! Tem uma companheira que ela fala muito assim: “eu cresci ouvindo que mulher é inimiga de mulher, que mulher tem inveja de mulher, mulher é rival de mulher, a mulher se arruma para a outra mulher, não é para outro homem, né?”*

Ana Cláudia: *o tempo todo a gente escuta isso...*

Lilita: *É. E no A.A. isso continua. A gente está aqui para parar de beber, mas continua. Aí a companheira olha para outra de cima em baixo. A companheira não apresenta marido ou namorado com medo da outra... Aí nós temos que quebrar isso. E nessa reunião feminina a gente está conseguindo ir desmitificando isso. Quer dizer, criando outro padrão de relacionamento entre mulheres: mulheres iguais unidas pelo alcoolismo, que precisam uma da outra. E aí tem que quebrar a barreira dessa coisa, de antagonismo entre mulheres, de inveja...*

A reunião feminina é ocasião para se criar outro tipo de relacionamento entre as mulheres que vão em direção contrária às crenças culturais de que *mulher é inimiga* da outra, *tem inveja* da outra. Assim, o que emerge a partir da estrutura formal do grupo é uma dimensão comunitária marcada por uma experiência compartilhada que contém o caráter de dever em *quebrar* o *antagonismo* entre mulheres, que não corresponde ao ser de Lilita nem das outras integrantes do grupo. A presença desse caráter de dever no posicionamento de Lilita não elimina a possibilidade de realização que esta ação contém. Ora constituírem relações de amizade, estando *mais unidas*, é uma forma de Lilita junto com a totalidade das mulheres irem *desmitificando* essas crenças e constituírem vínculos genuínos. Se fora do grupo a mulher é concebida como *rival* da outra, no grupo *as mulheres são unidas pelo alcoolismo*, pela necessidade de se cuidarem continuamente, encontrando no relacionamento um modo de se sustentarem nesse processo: *as mulheres precisam uma da outra*. A amizade que se constrói é uma forma de constituir a própria realidade comunitária que é, inclusive, apoio para cada mulher em seu processo de cuidado consigo mesma:

*Até de a gente criar o hábito de de vez enquanto uma liga para a outra. (...). Isso é tão fantástico que já teve companheira que, por exemplo, está em casa, às vezes está angustiada com alguma situação que ela não está legal, ela pode ligar para uma outra. E a gente incentiva isso. Olha se você ligar para uma e ela não atender, liga para outra, mas não fica guardando aquilo ali não porque nossa reunião vai acontecer daqui a 15 dias! Então a gente precisa dessa... E isso motiva, sabe? É muito gostoso saber que você tem para quem ligar.*

As mulheres terem criado o *hábito de ligar para outra* revela que não somente a reunião é ocasião de fortalecimento de vínculos, mas também fora dela. E num momento de angústia, a necessidade de companhia torna-se mais intensa, a ponto de uma poder *ligar para a outra* como meio de aliviar o sofrimento. A possibilidade de alívio e ajuda que o contato por telefone proporciona é uma compreensão tão marcante que Lilita e as outras integrantes incentivam o posicionamento de se comunicarem: *se ela não atender, liga para outra, não fica aguardando a nossa reunião*. Há, nesse sentido, um reconhecimento de uma experiência

compartilhada pela totalidade das mulheres. Além disso, a nova concepção construída por elas de que uma mulher alcoolista precisa da outra se revela tanto no momento da reunião quanto no cotidiano das integrantes. E as possibilidades de convivência e de ajuda mútua configuram-se como elementos tão correspondentes à Lilita que ela emite o juízo: *isso é tão fantástico!* O relacionamento harmonioso que se cria *motiva* Lilita a continuar cuidando dos vínculos. Saber que também é cuidada e valorizada pela outra desperta em si uma experiência de realização que contém uma dimensão de gosto, afinal, *é muito gostoso* ela sentir-se segura pelo vínculo de confiança ao *saber que tem para quem ligar*.

Desse modo, há na reunião um incentivo para a abertura mútua com cuidado recíproco, favorecendo a construção de vínculos que são o próprio apoio para as integrantes nos momentos de dificuldade. Criar os vínculos e cuidar dos mesmos revelam a dimensão comunitária em A.A. que é sustento para Lilita continuar se cuidando e se realizando como pessoa. É esse dinamismo que transcende a troca de experiências na reunião e que revela vínculo de amizade, cuidado tanto por ela quanto pelas outras, que estrutura a experiência de Lilita. É um fator tão central no modo como vive o contexto comunitário de A.A. que ela continua descrevendo outro momento de convivência que ocorre após a reunião feminina:

*A gente não fala “vamos reunir lá embaixo...” Não, não é programado. Termina a reunião... Algumas descem, a gente desce e fica... Sempre tem um assunto. Aí a gente fica na porta do prédio.*

O fato de permanecerem interagindo *na porta do prédio não é programado* como a reunião. E justamente por isso, esse posicionamento compartilhado revela a liberdade presente no relacionamento entre elas. Poderiam ir para suas casas logo que terminasse a reunião. Mas por terem *sempre um assunto*, um motivo para a interação, decidem continuar a convivência:

*Teve um dia (risos) que nós ficamos quase uma hora. “Gente tenho que ir embora fazer almoço” (risadas de Lilita e Ana Cláudia). Mas estava tão (ênfase) bom o papo! Sabe quando a gente vai falando, falando... E isso fortalece mais porque fica aquela saudade gostosa não só da reunião como do papo que teve ali. E a gente se conhece mais porque está fora da reunião. ... Aí uma fala uma coisa, conta, vai contar um pouco mais da vida. É... e o interessante também é que a gente comenta não o que foi falado na reunião, o que a companheira, a outra falou. Não é isso. O assunto vem! Sabe? Sobre nós mesmas. ... A reunião da portaria lá, ela é fantástica! (risadas)*

O *papo* que se tem após a reunião é *tão bom* que as mulheres se relacionam livre e intensamente, *falando e falando*, a ponto de Lilita se surpreender com o tempo de *quase uma hora* que permaneceram juntas. Ocasão de dialogarem *sobre elas mesmas*, constituindo, assim, um momento que cada uma participa da vida da outra se conhecendo mutuamente. O

momento de satisfação que se cria ali não origina o relacionamento, pois esse já está constituído; mas *fortalece mais* o vínculo entre as integrantes e anuncia uma espera por vivenciar novamente o dia da reunião. O que desperta em Lilita é uma experiência correspondente a si com uma dimensão de gosto, pois *fica aquela saudade gostosa* de conviver mais, de desfrutar de um momento de abertura mútua em que cada uma *conta um pouco mais da vida* pessoal. Esse relacionamento pautado em diálogo realiza Lilita e contribui para que cada integrante vivifique os laços de amizade e conseqüentemente uma vida comunitária.

A reunião feminina abre horizontes de aprendizado para Lilita, possibilitando o crescimento pessoal diante da ocasião para constituir relações de amizade. Posicionar-se ajudando o outro em qualquer tipo de reunião e criar vínculos com as mulheres na reunião feminina são dinamismos que constituem Lilita e estruturam seu modo pessoal de experienciar e construir A.A.

Agora, adentremos em como a experiência de Lilita em A.A. repercute nos mais variados âmbitos de sua vida. Como Lilita vive suas relações interpessoais a partir da aprendizagem no grupo?

### 2.3. A.A. e os diversos âmbitos da vida

Não poderíamos deixar de iniciar esse momento sem retomar o significado de A.A. para Lilita, por justamente abrir um horizonte mais amplo de sentido para a própria vida. Acompanhemos como a experiência em A.A. possibilita modificar o posicionamento diante da totalidade de sua existência.

*Por exemplo, eu parei de beber, se eu ficar quieta na minha casa, tudo bem. Eu posso até não voltar a beber. Mas eu não vou ter esse prazer de viver, essa alegria de viver, de compartilhar com outro, de... sabe? É um retorno mesmo, de uma forma geral. Aí eu faço isso no grupo e automaticamente em casa, com os vizinhos, no serviço...*

Lilita poderia ficar *quieta em casa* sem *beber*, mas o que a motiva de se integrar a A.A. está além do desejo de se manter sóbria. Do encontro com o outro, ao *compartilhar* a própria mudança, nasce uma vivência de satisfação que ressoa na inteireza de sua vida; fazendo experiência em A.A., emerge o *prazer de viver*, a *alegria de viver*. O que emerge dessa experiência não é apenas uma ajuda no processo de cuidar de si, mas, sobretudo, *um retorno mesmo* em todos os âmbitos de sua vida. Viver o contexto comunitário de A.A. é encontrar

novos horizontes de posicionamento no mundo e na vida. Abrir-se para o outro convivendo na reunião é um dinamismo que tanto estrutura a vivência em A.A. como a totalidade de sua vida, nos relacionamentos seja *em casa*, seja *com os vizinhos*, seja *no serviço*. Assim, esse modo próprio de Lilita se posicionar em A.A. se conecta com o modo de experienciar sua vida. Ou seja, não vive uma fragmentação, mas, sim, uma sintonia entre suas ações. Justamente por não haver dissociação, compreendemos que Lilita fez uma experiência em A.A. tão corresponde a si mesma, que carrega os juízos emitidos nesse contexto consigo.

Diante da percepção da ressonância da experiência em A.A. em outras áreas de sua vida, ficamos curiosos em compreender o modo como se relaciona com os outros:

Ana Cláudia: *Essa questão de você olhar para o outro, de querer ajudar o outro aparece lá fora também...*

Lilita: *Olha eu não sei explicar assim, mas... É... para mim. Eu fico muito mais motivada. Coisas pequenas. Por exemplo, dentro do ônibus: eu me sinto mais com vontade de segurar a bolsa de alguém, o embrulho de alguém, que é uma extensão do que acontece dentro do grupo, sabe? É muito interessante, assim! No início, eu não percebia nada disso.*

Se no período em que consumia álcool ela fechava em si mesma e *não percebia* o outro em sua necessidade por estar em pé no *ônibus*, agora se atenta a ele se sentindo *motivada de segurar a bolsa* do mesmo. Compreende o próprio posicionamento solidário como *extensão* da vivência no contexto comunitário de A.A., ou seja, há, com efeito, uma mudança no modo de ser que se revela em outras situações de sua vida, inclusive nas *pequenas coisas*. Ao dar se conta do próprio movimento de ajuda que não se reduz ao ambiente de A.A. e das consequências da mudança pessoal, emite o juízo acerca desse dinamismo: *é muito interessante!* Assim, em situações do seu cotidiano realiza gestos simples que são sinais do crescimento pessoal potencializado ao vivenciar A.A.

A dinâmica de mirar seu olhar para o outro, o considerando em sua singularidade, é um fator estruturante em sua experiência que também constitui o modo de se relacionar com a sua família, *em casa*.

*Aí em casa acontece isso: porque quando vai discutir qualquer coisa em casa eu escuto mais, eu escuto mais... Eu aceito mais a opinião dos outros (...). Hoje eu exponho mais minha opinião. Claro que o meu jeito continua o mesmo, mas eu já não tento mais impor minha vontade, “eu que tenho razão” “eu que”, sabe? E isso eu aprendi em A.A.!*

Da percepção da abertura de si para o outro, por meio do diálogo, reconhece que escuta *mais*, aceitando *mais a opinião dos outros*, da mesma forma que se expressa *mais*. A mudança pessoal que reconhece em si não elimina a própria fragilidade, pois seu *jeito* centrado na própria *razão continua o mesmo*. Agora consegue controlar as próprias tendências

em função do valor que apreende na outra pessoa. O modo de valorizar o outro que aprendeu em A.A. se revela na forma de cuidar das relações *em casa*, não impondo sua *vontade*. Corresponde *mais* à pessoa de Lilita transcender o próprio eu e atentar-se ao outro, que agir em virtude de si.

Lilita se surpreende com os frutos colhidos em A.A. que são desfrutados na totalidade de sua vida:

*Olha pro'cê ver: um lugar que eu vim para parar de beber, só para parar de beber. Cheguei ao A.A., eu queria parar de beber. Só! Aí eu encontro essa coisa, assim, sabe? (ênfase) Uma escola de vida fantástica! Fantástica. E realmente melhora o meu relacionamento.*

A busca por A.A. continha exclusivamente a finalidade de findar o drama que vivia, parando *de beber*. Contudo, ao integrar ao contexto de A.A., como oportunidade para se cuidar, não só conseguiu a sobriedade, mas também se deu conta da possibilidade viva de crescer como pessoa. Da percepção do alcance de novos horizontes de aprendizagem emerge um juízo acerca de A.A. que realiza a pessoa de Lilita: *eu encontro uma escola de vida fantástica!* Ou seja, não se trata de um meio qualquer no qual se apreende a ser uma pessoa melhor, mas aderir ao grupo corresponde à Lilita na inteireza de sua vida. Tanto é assim que vivencia de modo harmonioso a suas relações como uma verdade, pois *realmente melhora o seu relacionamento*.

A mudança de posicionamento de Lilita nos relacionamentos se evidencia no exemplo a seguir:

*E só para você ter uma ideia. Eu tenho um casal de filhos. Quando eu parei de beber minha filha tinha... 15 anos. Eu já estava com 4 anos em A.A. (...). [Ela] estava namorando e tal. E aí a gente discutindo... Eu não estava gostando do comportamento do namorado... Aí um dia... eu tinha acabado de vir de uma reunião. As reuniões eram aos sábados. E eu cheguei em casa e fui conversar com ela. E essa minha filha, ela não falava nada. (...). Nesse dia, Ana Cláudia, eu falei: "oh Camila, se você não falar, como eu vou saber?" [A filha:] "A senhora quer que eu fale?" [Lilita:] "Quero!" [A filha:] "Então, eu vou falar!" (risadas) Aí ela começou: "porque a senhora, a senhora é uma sargentona!" Eu pensei: "Eu? Sou tão boazinha!" (risadas) "A senhora é sargentona, que a senhora fala e a gente tem que obedecer. (...). A senhora mexe nas minhas coisas, a senhora está interferindo no meu namoro, porque eu não aceito, porque não sei o que..." Ela foi falando, falando, falando, falando...*

O fechamento de sua *filha*, por *não falar nada*, foi uma solicitação para Lilita *conversar* com sinceridade com ela: *se você não falar, como eu vou saber?* Ao abrir-se para sua filha, foi ocasião dessa abrir-se sem melindres expondo a própria percepção acerca de Lilita, como *sargentona*. Se, a princípio, Lilita defendeu-se, pensando ser *tão boazinha*, ela continuou

disponível para o diálogo, deixando espaço para sua filha ir *falando*. O que ajudou a permanecer nessa posição de abertura?

[Eu] *já tinha ouvido: “eu sou um A.A.! Não posso fazer isso!”* *Aí fui ouvindo ela. Vou ouvir, vou ouvir. Depois que ela falou (...). “Porque meu pai, meu pai é capacho da senhora...”* *Eu estava prestes a separar, não tinha separa ainda não. “Porque meu pai ... porque quando a senhora separar, se meu pai for morar em algum lugar sozinho, eu vou morar com ele! Porque eu não querer respirar o ar que a senhora... não aguento mais respirar o ar que a senhora...!”*

Retomar o valor apreendido na definição “*eu sou um A.A.*”, mencionada por um dos integrantes de seu grupo, ajudou-a a se posicionar de uma maneira diferente que condizia com seu novo modo de ser. A partir da posição de *ouvir* sua filha, deparou-se com críticas e rejeição em direção à si mesma: *meu pai é capacho da senhora; não aguento mais respirar o ar que a senhora*. Mas, ainda assim, decidiu lidar com a própria dificuldade de se abrir em função da busca por cuidar do relacionamento. Atentar-se ao movimento do outro era mais correspondente a si que seguir a tendência de se fechar.

Foi tão significativo esse momento que Lilita continua a elaborá-lo:

*Ô, Ana Cláudia, foi a primeira vez na minha vida... que eu ouvi ... sem julgar! Então, esse fato marcou muito porque eu realmente fiquei ali ouvindo, sabe? Aberta a tudo que ela estava falando! *Aí, na hora que ela parou... arregalou o olho (fez a expressão corporal) como quem diz “pronto, falei!”** (risadas de Lilita e de Ana Cláudia).

Naquele momento de diálogo, surpreendeu-se consigo mesma ao conseguir ouvir *sem julgar*, estando *aberta a tudo* que sua filha expunha. Ao jogar luzes sobre a própria abertura, experiencia uma verdade tal que afirma: *eu realmente fiquei ali ouvindo*. Ter se aberto de modo genuíno pela *primeira vez marcou sua vida* e revela uma mudança pessoal de posicionamento nos relacionamentos. Ao mesmo tempo em que descobre em si capacidade de cuidar da relação com a filha por meio da escuta, também a reconhece em suas opiniões e percepções, enfim, em sua singularidade. É esse dinamismo que passa a estruturar o modo de se vincular com o outro. E Lilita não apenas se abre a sua filha por meio da escuta, mas inclusive abre-se para a mesma:

*Aí falei assim: “olha, Camila, obrigada! Te agradeço muito por você ter falado. Não sabia que eu era assim ... eu não sabia”* *Ela ficou meio desconcertada. [Lilita continuou:] “eu estou te falando de coração! Eu não sabia! Eu vou ver o que que eu posso fazer, porque eu não sei como mudar! Agora que eu descobri que sou sargentona, eu não sei como que eu faço com isso. Agora sobre interferir na sua vida, no seu namoro, pode ter certeza que eu vou continuar interferindo sim! Eu sou sua mãe. O que eu acho que não está certo eu vou falar! Agora, sobre seu pai ser meu capacho, eu não sabia nada disso... Eu não sabia que você pensava isso...”*

Aquele encontro também foi ocasião de Lilita expressar, de modo sincero, *de coração*, que *não sabia* que *era sargentona*, que o *pai* era *seu capacho*; compartilhar as incertezas de como agir *com* essa descoberta; afirmar o cuidado com a filha, ao *continuar interferindo na sua vida, no seu namoro*. Mas que consequências continuou apreendendo com esse episódio?

*E isso foi tão bom, que eu pude analisar, pensar, tentar mudar em alguma coisa... E mudei em algumas coisas que descobri que eu fazia realmente isso sem perceber. Mas, sabe aquele negócio, pode falar... Eu deixava eles falarem tudo. Mas eles falavam, eu contradizia (expressão com mão batendo na outra). Eles falavam... para prevalecer a minha opinião.*

Ter reconhecido o próprio modo de agir nas relações, a partir do diálogo com a filha, não se encerrou na própria percepção de si, ao *analisar* e *pensar* sobre seu jeito, e se *descobrir*, mas abriu espaço para agir tentando *mudar*. Novamente, a busca por crescer direciona o modo como responde à solicitação da realidade: ao invés de fazer *prevalecer* sua *opinião*, levou a sério a percepção da filha, empenhando-se a mudar. Assim, é importante para Lilita o outro se abrir para ela, expressar-se e assim ser considerado em sua singularidade. Esse é seu modo de cuidar do relacionamento e consequentemente cuidar de si, afinal é esse dinamismo de abertura recíproca que Lilita se realiza ao mesmo tempo em que constrói vínculos.

E como essa mudança de posicionamento de Lilita no relacionamento com a filha se vincula com a experiência em A.A.?

*E aí, você pensa bem, eu aprendi a ouvir mesmo em A.A.! Da palavra franca! Os companheiros vão lá. Eles falam. Fica todo mundo ouvindo... E o fato de você não, não... É o benefício que eu vejo da reunião de palavra franca. Você não tem debate! Você ouve, o companheiro falou e pronto! Só escuta! Sabe? Olha como é tudo tão bonito! Porque dentro de A.A. eu aprendi isso e pude praticar isso em casa com minha filha (ênfase), né? Com quinze anos, uma idade difícil, né?*

Voltar sua atenção para sua filha, *ouvindo-a*, é sinal da aprendizagem vivida em A.A. O *benefício* que vive na *reunião de palavra franca* é justamente poder abrir-se para o outro, e essa dinâmica de abertura desperta em Lilita uma vivência de beleza totalizante: *olha como é tudo tão bonito!*

Crescer com a experiência em A.A. coincide com a continuidade do cuidado consigo mesma e com o constituir-se das relações. Esse dinamismo sustenta e realiza Lilita em sua inteireza.

Lilita, ao descrever a dificuldade que vivenciou no período em que esse separou do marido, expressa essa mesma dinâmica:

*Eu num processo de separação com dois adolescentes. Foi bem complicado. Mas deu para poder... tentar minimizar a situação, até da própria separação. Tanto é que ... meu ex-marido mora do lado da minha casa. Ele tem outra mulher, eu tenho outro marido. A gente vive bem, convive... Os filhos convivem bem. A filha dele vive lá em casa. Ela me chama de tia. A atual mulher dele, nós somos amigas. Sem problema nenhum. É como se ele nunca tivesse sido meu marido. E se não fosse... isso eu tenho certeza, esse modo de vida de A.A. eu não teria conseguido isso não. Eu teria separado, assim... ele para um lado, eu para o outro. Pronto e acabou. Sabe, olha como que... no processo de formação do ser humano. Eu como ser humano dentro de A.A., né? Como que isso foi... foi e é importante para mim e para tantos outros companheiros e companheiras, que tem uma história assim para poder falar.*

Emerge uma certeza em Lilita de que o seu *modo de vida* baseado em A.A. é que propiciou ultrapassar obstáculos como o contexto da *separação* que foi *bem complicado* e construir uma convivência com o *ex-marido sem nenhum problema*. Novamente, enfatiza sobre a importância de alcançar o próprio desenvolvimento enquanto ser humano e que esse processo é possibilitado por fazer experiência em A.A. Não somente reconhece a própria *formação*, mas também a mudança em seus companheiros e companheiras: é esse processo de crescimento que possibilitam os integrantes a lidarem com situações difíceis criando relações interpessoais harmoniosas. Ao mesmo tempo em que se realizam, cuidam dos relacionamentos.

Lilita nos comunica que a *escola da vida* do A.A., por si só, não propiciaria seu crescimento pessoal; foi a partir da ação buscando relacionar-se de um modo cuidadoso e aberto e empenhando-se em lidar com as próprias tendências egoístas que possibilitou tanto seu desenvolvimento pessoal e humano quanto constituição de vínculos intersubjetivos genuínos.

Do isolamento e centramento sobre si mesma, que caracteriza o modo de ser de Lilita no período em que bebia, nasce uma busca por se cuidar em A.A. É ao viver esse contexto que emerge a descoberta de si mesma, do que a realiza. Apreende o sentido vivificador de atentar-se ao movimento do outro ao mesmo tempo em que se satisfaz com esse posicionamento. O modo de se relacionar com o outro em A.A. transcende esse contexto, correspondendo a um modo de fato pessoal de viver a totalidade de suas relações. Abrir-se para si mesma encontrando o valor do outro coincide com a abertura para o outro cuidando da relação: movimento esse que propicia os cuidados com a própria experiência e a realização de si mesma. O que nasce desse dinamismo é constituição de relacionamentos, da totalidade de sua vida, de si mesma.

## 2.4. Experiência de Lilita: uma síntese

O modo como Lilita comunica sua experiência é expressa pela alegria e satisfação por se integrar a A.A. Contudo, apreendemos também uma dor que emerge em si ao relembrar de momentos sofridos do período de alcoolização. Se no início desse período a bebida possuía uma função social como meio para conviver com os outros, no ápice da dependência do álcool vivenciou um isolamento do mundo, falta de interesse pelos filhos e por si mesma. Tem clareza de que, por ter negado o autocuidado, viveu um esvaziamento de valor da própria vida.

Por outro lado, no período inicial em A.A., compreendemos a importância de se abrir ao outro como referência de superação, a partir da qual pôde se aceitar, reconhecendo a própria fragilidade e aliviando a dor por reencontrar um sentido em sua existência: cuidar de si e viver. Não somente partilhar a própria vida é fator que estrutura sua experiência em A.A., mas também vivenciar uma valorização de si a partir dos encontros com os integrantes que doaram cuidado, atenção e ajuda. Nesse sentido, Lilita nos comunica o valor que apreende nos companheiros e a gratidão por ter sido acompanhada em seu processo.

Apreendemos que o critério que orienta o modo de participar de A.A. é poder se realizar no processo de doação ao outro, o ajudando; atentar-se à transformação do outro, que revela um autocuidado, vivenciando um contentamento pelo bem alheio; aprender com a experiência do outro, afirmando o quanto é significativo crescer; orientar seu processo de cuidado consigo e de desenvolvimento pessoal a partir da adesão à proposta dos 12 passos, nos quais apreende um valor especial por estar em sintonia com os próprios valores. Nesse sentido, afirmamos que o contexto comunitário é vivido por Lilita como possibilidade notória de crescimento pessoal.

Experienciar A.A., ao longo do tempo, foi sustentado pela possibilidade de se cuidar nessa realidade a partir de sua doação, buscando o bem do outro independente de quem seja. Compreendemos, assim, que o importante para si é se entregar ao outro, ajudar principalmente os recém-chegados, que vivem um sofrimento mais intenso. Para Lilita, a doação ao outro não se trata de uma experiência apenas individual, mas, sim, de uma experiência compartilhada, em que vivencia um “nós”. A ação de ajudar fornece combustível a si, fortificando-se em seu processo de autorrealização e se concretiza por meio do próprio depoimento compartilhando experiências que podem contribuir com o processo de crescimento do outro; e ao ser companhia ao outro. Do movimento de doação de si, constrói vínculos de amizade com as mulheres a partir dos quais vivencia uma experiência de

correspondência profunda de si, tanto na reunião como no contexto externo ao grupo. Assim, Lilita nos comunica o quanto é estruturante de seu eu e de seu modo de viver A.A. poder se realizar, ao mesmo tempo em que cuida do contexto de A.A., cuida do outro, constrói relacionamentos que, inclusive, favorecem seu processo de crescimento pessoal e de integração a A.A., como ela acentua: *A companheira me deu um abraço: que delícia! A gente começa a sentir fazendo parte.*

No entanto, não deixa de viver percalços nesse caminho. Ao se dar conta do modo como estava manipulando o grupo, reconhece sua tendência, mas não se reduz a ela. Procura controlá-la justamente por ser mais significativo para si construir o contexto comunitário, favorecendo o bem comum, do que satisfazer um impulso. Assim, Lilita nos revela que aderir à proposta do contexto sociocultural que preza pelo bem do grupo em sua totalidade e pela reformulação de vida configura-se como um posicionamento singular que afirma sua pessoa e contribui para o seu processo de ser mais si mesma.

Comprendemos, por fim, que o modo como Lilita vive A.A. corresponde ao seu jeito de se posicionar na totalidade de sua vida. Vivencia a dimensão religiosa, tanto em A.A. quanto ao aderir ao kardecismo, guiando-se pelo âmbito ético de fazer o bem ao outro e reconhecendo uma força de ordem superior que incide em sua vida. As aprendizagens e o crescimento pessoal vivenciados em A.A. manifestam-se em gestos simples, como carregar a bolsa de quem está em pé no ônibus. A atenção ao outro, proporcionando um bem a ele, é um valor próprio, e não impessoal. O modo como cuida das relações, considerando o outro em sua singularidade, seja por meio de diálogo com os filhos, seja constituindo uma relação harmoniosa com o ex-marido, realiza a sua pessoa. E diante das próprias tendências de autoafirmação, não deixa de mirar seu olhar, a fim de modificar-se, pois é valor para Lilita tornar-se, continuamente, uma pessoa melhor.

### **3. Domênico: *Sinto prazer de abraçar a todos que estão lá. Isso não é viver feliz?***

No primeiro contato com Domênico, por telefone, surpreendeu-nos o seu acolhimento e o seu interesse em identificar qual dia iríamos encontrar. Como ele já sabia sobre o nosso trabalho, sentiu-se à vontade para relatar um pouco sobre sua vida e a sua vivência em A.A. Domênico, com 58 anos de idade, permaneceu, por 33 anos, dependente de álcool e cocaína. Atualmente, trabalha com manutenção de sistemas elétricos e participa de alguns grupos de

A.A., há dois anos, procurando comparecer às reuniões cinco vezes na semana, mas não necessariamente no mesmo grupo. Acompanhemos, nesse primeiro momento, como Domênico elabora sua experiência anterior à participação em A.A., para, posteriormente, compreendemos o que sustenta sua participação no grupo e como a experiência nesse contexto repercute em outros âmbitos de sua vida.

### 3.1. Antes de A.A.

Domênico identifica um período de sua vida como determinante para a busca por experimentar drogas. Vejamos o que conta:

*Para um cara que com treze anos foi a última vez que foi à Igreja... E porque eu ia à Igreja? Porque meu avô me levava. Porque eu morava com meu avô. E ele era um cara muito legal comigo. Muito carinhoso. Levava para escola, buscava (...). Aconselhava... saíamos juntos ... Aos treze anos ele morreu. De lá para cá, depois que ele morreu, (...) eu comecei a trilhar um caminho... sozinho. Lógico com meu pai e minha mãe. Mas porque eu ficava... o meu avô é que tinha o compromisso, né? (...). Depois que ele desencarnou... o que acontece? ... O processo foi... é ... através do meu pai e da minha mãe. Só que... eu não aceitei muito isso e rebelei com essa situação. Por causa das imposições, né? Meu avô chegava e falava “você quer fazer isso, você faz... mas você vai cair, vai machucar (...)”. Por isso que eu falo que não precisa de imposição. Os porquês da vida que meu pai e minha mãe me negaram... eles estão aqui dentro. E foi por causa dos porquês dos quais eu não obtive resposta que eu tive que passar para o outro lado, que eu fui fazer o que fui fazer. Eu falei: “eu tenho que descobrir o que é viver, ué.”*

O avô, ao propor um limite, repassava um conhecimento e dava espaço para Domênico verificar os conselhos do primeiro. A partir da liberdade estabelecida nessa relação, ele confiava que aderir à proposta do avô é melhor, seguindo o avô. Já com os pais, não conseguiu obter as razões das coisas, ou seja, *os porquês da vida*, mas recebeu *imposições*, não tendo espaço para se sentir livre. Como desdobramento, emergiu um ímpeto por *descobrir o que é viver*, de viver a liberdade, passando *para o outro lado*, o lado da dependência do álcool e das drogas, dependência, essa, que o machucava. Esse é um juízo, claro, sobre o que culminou em seu contato com as drogas. O avô era referência para ele se posicionar na vida e se constituir a partir do ponto que era mais importante para si: a liberdade. Assim, com a perda do avô, iniciava-se a perda da ocasião para ser livre, e, conseqüentemente, a desestruturação de si mesmo.

Como se reconhece nesse período de drogadicção? Como vive a perda de si mesmo?

*Então, aquele Domênico que julgava ser... que o poder subiu a mente, sabe? Ou seja, todo poderoso que resolvia... Na minha adicção, o insolúvel eu solucionava. Então, por aí dá para*

*entender mais ou menos como eu era. Um ser totalmente é, é... sem nenhum controle, sabe? Da coisa mais simples que tem que se chama respeito, carinho.*

Nesse período, buscar a droga era um modo de buscar viver com liberdade. Viver era em função de adquirir *poder*, de se autoafirmar, sustentando a imagem do *todo poderoso*. Ao mesmo tempo em que o *insolúvel* era solucionado por ele, não possuía *nenhum controle* sobre si mesmo. O *poder* que desejava alcançar se distanciava, à medida que o vício o dominava e o transformava. Quanto mais buscava na droga um modo de ser dono de si, mais se perdia. A perda do domínio da sua vida coincidia com a perda da própria humanidade, que se revelava pela negação do outro, por quem não tinha afeto algum, nenhum *carinho*, e a quem não direcionava nenhuma forma de consideração, muito menos *respeito*. Desse modo, a relação intersubjetiva de caráter comunitário era inviável para Domênico. A perda de domínio sobre si coincidia com a impossibilidade de viver um relacionamento.

Mas, ainda assim, conseguia abrir-se para seu pai:

*Eu servi ao exército, eu sei como manusear uma arma. Se eu quisesse ficar no crime eu ficava. No exército eu fui armeiro. Armeiro desmonta e monta arma... limpa arma... Quer dizer, agora você imagina um cara da forma que eu era... Até os meus 25 anos eu tive arma. Até que meu pai falou comigo: “eu acho que você deveria se desfazer disso.” E ele era militar também. Eu disse: “tá”. E depois eu nunca peguei de lá pra cá em arma. Você imagina um cara que era um kamikaze com arma na mão? Você acha que... daria uma boa combinação? Será que seria... algo satisfatório para um ser humano? Para o outro e para mim mesmo? Não teria sido. Não teria sido.*

Ao mesmo tempo em que Domênico possuía o poder nas mãos, tendo *uma arma*, ele aceitava a provocação do pai para se *desfazer* dela. Havia um valor naquela solicitação que revela a importância de seu pai. Hoje, elabora essa aceitação como um fator positivo, ao reconhecer que poderia ter ocorrido alguma tragédia, caso tivesse se mantido armado.

Mas, com o passar do tempo, Domênico passou a viver em função do vício, negando qualquer tipo de relacionamento:

*Eu já cheguei a usar cocaína dentro de barzinho ... boate ... bar. Dentro do banheiro. (...). Como sou alto ... quando eu conseguia alcançar a janela do banheiro. Eu fazia as carreirinhas e cheirava ali. Pedia a caneta do garçom emprestada, tirava a carga e jogava fora. Usava como um canudinho.*

Aqui, o outro é visto, mas não considerado como possibilidade de estruturar um relacionamento. Havia um contexto, como o *barzinho* ou uma *boate*, que favorecia constituição de relações. Contudo, o *garçom* foi apenas um meio para alcançar o objetivo de eliminar a fissura, ao emprestar uma *caneta*.

Domênico ainda descreve como ele também foi apenas um meio para o outro:

*Só para você entender... quando eu estava na minha militância eu vendi um automóvel. Vendi e peguei mais ou menos 5, 10 % do valor. Saí da minha casa num sábado e voltei 15 dias após... de bermuda, de chinelo de dedo e camiseta.(...) Eu fiquei 15 dias bebendo... e usando ... não sei quantas vezes. Não me lembro mais aonde eu estava, porque eu também nem sei como eu cheguei em casa. Eu só sei que fui para um aglomerado próximo do local aonde moro. Quer dizer... quando eu falo isso... você pensa bem ... 15 dias, usando... Bebendo... dormindo não sei como (...). Estando com pessoas do meu lado que eu não lembro quem... Não sei o que se passou totalmente. Eu sei que isso foi fatal. E cheguei sem nenhum centavo em casa. Ou seja, eu só fiquei 15 dias num local desse porque eu estava com dinheiro. Se eu não tivesse com dinheiro eu não teria ficado. Porque lá mesmo eles não iriam me deixar ficar. Contanto no dia que o dinheiro acabou... eu não sei se alguém me levou em casa... Eu não sei se eles me colocaram para fora... Eu não sei por que eu não lembro. Mas eu creio que pelo fato de que era um local onde eu sempre ia para poder comprar cocaína... que alguém deles lá pode ter me levado em casa ou pediu alguém para levar... Tá entendendo como é o negócio? Que até aonde eu morava eles sabiam.*

Para Domênico, enquanto possuía poder de consumo, *dinheiro*, para adquirir cocaína, conseguiu permanecer naquele *aglomerado* por 15 dias. Ou seja, ele também era um objeto para aquelas *pessoas*: quando não podia mais comprar, foi descartado, sendo *levado* para sua *casa*. Além disso, não conseguir se lembrar do que aconteceu exatamente naquele local nos revela uma perda de localização no mundo e de percepção de si mesmo. Essa perda de memória continua sendo descrita como um ponto central em sua vivência:

*Um processo que eu passei que foi doloroso para mim também era ao acordar não me lembrar do que eu tinha feito e passando um mal ... daqueles assim, dos piores... que um ser humano pode... aguentar. Então, quando o telefone da minha casa tocava... eu tremia porque eu ficava receoso... Eu não sabia se seria alguém que me conhecia e que queria conversar comigo, ou se foi algum dano que eu causei no dia anterior e pudesse ser um advogado, ou polícia me ligando! Tá entendendo?*

Além do *mal* estar físico que viveu, também sofreu um processo de perda da memória que reconhece como *doloroso*, pois *não se lembrar* do que *tinha feito* provocava um medo intenso de ser punido por algo danoso que pudesse ter feito. O drama e a tensão que viveu emergiam da falta de domínio da própria vida e por não poder se reconhecer na ação realizada.

A dor vivenciada por Domênico advém, também, da dinâmica de perda de si mesmo, gerada por não se lembrar dos acontecimentos:

*Quer dizer, quando eu falo que eu não existi, eu não existi mesmo! (...). O telefone tocava ... eu ia atender. Então, era pior quando alguém falava assim: “E aí, D ... Você lembra o que você fez ontem?” E aí, eu não lembrava ...*

Emite um juízo claro acerca da própria vida, ao perceber o quanto não possuía consciência de si, por não se lembrar: *eu não existi mesmo*. Viver é lembrar-se de si, é fazer memória da própria história, de tudo aquilo que vive. Se naquele momento não se lembrava das situações, então sua existência não possuía mais sentido. Desse modo, intuímos que é valor para Domênico se relembrar dos momentos anteriores como forma de afirmar a existência que agora vive.

E como as pessoas reagiam aos seus esquecimentos?

*As pessoas que conviviam mais... as pessoas com quem eu saía mais ... essas vinham e me davam uma alfinetada e finit... porque já sabiam também que eu não ia me lembrar mesmo... Isso quando as pessoas falam que não lembram... Não lembram mesmo! Isso não é querer cobrir o Sol com a peneira.*

A partir desse trecho, Domênico nos comunica que *as pessoas* com quem se relacionava eram consideradas uma provocação para se responsabilizar pelos atos cometidos, por meio da *alfinetada*.

*Nossa, na minha adicção as pessoas faltavam me dar um tiro na testa, claro, lógico e evidente. Lógico não aconteceu por uma proteção supra-humana. Uma proteção supra-humana. Eu fui protegido durante um longo momento, né? Por fases das quais... foram todas cruciais para que acontecesse algo de errado comigo. E não aconteceu. Não aconteceu porque... não sei... simplesmente porque talvez não era o momento... porque eu precisava hoje estar aqui conversando com você. É. Eu vejo assim.*

Apesar de ter agido de forma a se destruir, surpreende-se pelo fato de estar vivo. O que emerge ao relembrar dessa fase que vivenciou é um juízo claro acerca da própria história, de si mesmo: *eu fui protegido!* Para ele, só pode ter sido uma *proteção supra-humana* que interviu no processo de vida. Não se trata de uma intervenção de ordem superior que ocorreu momentaneamente, mas, sim, por um *longo* período de sua vida, em que se drogava e se alcoolizava. Desse modo, o outro é representado por aqueles que desejam *dar um tiro* nele, eliminá-lo, ou seja, era uma ameaça à própria vida. Assim, o processo de se relacionar, intersubjetivamente, emergia como impossibilidade.

Até aqui, compreendemos que sua vivência da dependência das drogas é marcada por alguns tipos de relação. O relacionamento com avô foi vivido com liberdade e compromisso que estruturavam sua pessoa, e na convivência com ele pôde encontrar o significado das coisas. Já com seus pais, ele viveu uma imposição ao invés de uma relação que desse espaço para um ato livre e pessoal, o que culminou na busca por exercer os próprios anseios, no *outro lado*. Ainda assim, seu pai ao sugerir a ele um posicionamento direcionado ao próprio bem, apresentou uma provocação aceita naquele período e valorizada hoje. No entanto, ao ser

dominado pelo vício, as pessoas configuravam-se como objetos para findar com a fissura, seja no *bar*, seja no *aglomerado*, como provocações na forma de cobrança, quando davam *alfinetada*, as quais Domênico não respondia, ou como ameaça para sua vida. E ao longo do tempo, a relação com o outro se tornava cada vez mais esvaziada, a ponto de viver a solidão intensamente. Acompanhemos alguns pontos centrais dessa vivência.

*Houve momentos de minha vida, que eu dirigindo, chegava em casa... abria a garagem... entrava com o carro e não tinha forças para sair do carro e entrar dentro de casa. Eu dormia dentro do carro. Dormia, não! Eu apagava porque eu já estava... Naquele momento era o restinho que eu tinha de subdomínio, porque eu não estava coordenando mais nada. Então, isso foi várias vezes...*

Dirigir o carro até sua *casa* era expressão do *subdomínio* que ainda restava de si mesmo. Afinal, o vício o dominava de tal forma que não possuía mais *forças* para se controlar e *sair do carro*. Desse modo, nessa situação degradante vivida continuamente, por *várias vezes*, Domênico se encontrava sozinho. Não havia ninguém ali, nem mesmo para alfinetá-lo. Ao mesmo tempo em que vivia uma solidão, vivenciava uma ausência de controle sobre si mesmo, uma degradação e perda do próprio eu. Contudo, a busca por ajuda para se cuidar não emergia em seu horizonte de possibilidades.

Essa vivência de perda de si é tão marcante para Domênico que, novamente, a descreve de um modo mais radical:

*Para mim, por exemplo, que eu já... Eu vim tomar contato com isso que vou falar agora pelo fato seguinte. Quando eu cheguei na Irmandade, eu estava... eu era, era um destroço só. Destroços de um ser humano. Eu não era ninguém, porque uma pessoa que perde sua dignidade, eu vou lhe dizer, ele passa a não ser nada! Hoje eu vejo isso. Só que até então quando eu ingressei eu julgava ser alguém! Eu julgava ser alguém que estava passando por momentos difíceis de sofrimento...*

Além de a memória ser um ponto estruturante da própria vida, a dignidade é um valor fundamental para se considerar *alguém*. Hoje é *alguém* que consegue perceber a si mesmo, o drama que viveu e afirmar o valor de sua existência, justamente por já ter sido *um destroço de ser humano*, um *nada*. Novamente, a perda de si emerge em sua vivência da dependência química e alcoólica, mas agora sob a forma de perda *da dignidade*.

Domênico descreve os elementos que constituem sua vivência de perda da dignidade que marcou sua história:

*Nesses dois anos perdi... materialmente, eu perdi tudo. O que você imaginar que um ser humano pode ter para uma vida que a gente considera digna... eu perdi. Casamento, filhos... enfim, tudo, tudo (...). Então, tudo isso me foi retirado! Porque eu não tinha como administrar essa situação (...). Eu moro só com a minha mãe.*

Nesse trecho, Domênico ressalta sobre a perda da dignidade vinculada às perdas materiais e de relacionamentos. *Tudo*, que considerava fazendo parte do próprio eu, como *casamento e filhos*, não conseguiu preservar. Reconhece que não havia outro caminho se não viver essas perdas, afinal era impossível *administrar* o que tinha. Vivenciar as perdas não era algo que quisesse, pois emite o juízo: *tudo isso me foi retirado!* Não encarar o problema do vício impossibilitou Domênico agir em busca de ajuda e, conseqüentemente, de cuidado consigo mesmo, culminando num drama e perdas radicais em sua vida.

A vivência de perda de si possui como elementos centrais a ausência de memória e, conseqüentemente, de percepção de si; a perda dos vínculos familiares e da construção material que concediam dignidade ao próprio ser. Perder tudo que concedia valor à Domênico coincidia com inexistência do sentido da sua vida.

Mas o que aconteceu para Domênico procurar ajuda? Como ficou sabendo de A.A. para então se lançar a participar de um grupo? Acompanhemos, a seguir, a elaboração da experiência do primeiro contato com A.A.

### 3.2. A.A. entrando no horizonte da pessoa

Foi num momento de cuidado consigo mesmo que Domênico vislumbrou uma possibilidade de findar o drama que vivia: continuar esse processo em A.A.:

*Quando ingressei... tinha seis dias que eu estava limpo<sup>16</sup>. Eu não usava nada. Tá certo? Sendo que... com a droga, que eu usava era a cocaína, eu parei (...) um tempo antes de conhecer Alcoólicos Anônimos, porque eu tinha internado no hospital André Luiz. E foi lá, que eu tomei contato. E eu sai do hospital no sábado. (...). Eu não conseguia falar aqui no ESL, com o escritório, pois estava fechado. Na segunda-feira, sim, eu consegui.*

O movimento de buscar o autocuidado no *hospital* foi ocasião para Domênico entrar em contato com *Alcoólicos Anônimos* e, assim, vislumbrar uma saída para o próprio sofrimento. Podemos inferir que o encontro com o outro na reunião de A.A. o mobilizou de uma forma tal que reafirmou a busca por se cuidar. Ainda que no momento em que saiu do *hospital* estivesse *limpo por seis dias*, estava firme no propósito de buscar ajuda em A.A. E assim o fez:

*E inclusive esse companheiro com quem nós estávamos conversando agora que me acolheu e me deu o endereço de um grupo e foi assim... Então, para mim, o momento fantástico (ênfase)*

---

<sup>16</sup> Estar limpo significa não estar consumindo drogas.

*foi o meu primeiro dia, tá? Até então, continua sendo o mais fantástico porque ele me acolheu, eu fui muito bem recebido...*

Foi justamente o acolhimento humano do *companheiro*, a partir do qual foi *muito bem recebido*, que revelava um interesse do mesmo por Domênico, pela sua vida. O que emergiu em si foi uma satisfação tamanha, a ponto de reconhecer esse *momento* como *fantástico*, que realizou sua pessoa. E a partir dessa experiência de correspondência com a própria busca por se cuidar, tomou posição direcionando-se ao *grupo* sugerido. Nesse sentido, ser valorizado em sua humanidade pelo outro foi fundamental para retomar o valor por se cuidar e esperar por se realizar novamente em A.A.

Adentremos, em seguida, nos pontos fundamentais que sustentaram o modo de viver o contexto de A.A., compreendendo num primeiro momento, o período inicial em A.A. que foi decisivo para a sua permanência no grupo; posteriormente, a experiência de crescimento pessoal propiciado pelo contexto comunitário de A.A., e logo após, o modo pessoal de construí-lo.

### **3.3. Processo pessoal no grupo de A.A.**

#### **3.3.1. Início em A.A.**

Apesar da decisão de Domênico em continuar se cuidando em A.A., não foi fácil dirigir-se até a sala do grupo no primeiro dia:

*A primeira vez em que eu fui numa reunião, foi num grupo que ele me indicou... Próximo do bairro onde moro, muito próximo. Tão próximo que eu ia a pé e voltava a pé. (...). Eu cheguei e fumei três cigarros... para criar coragem para transpor, sabe o quê? Um portão e dois degraus... que levava ao pátio do grupo onde eu iniciei.*

Afirmar a dinâmica de cuidado consigo mesmo não permitiu que o medo, que o barrava de passar por *um portão e dois degraus*, para adentrar o *grupo*, ganhasse espaço em seu interior. Tomou posição com *coragem* e transpôs o obstáculo interno. O que ele encontrou ali?

*E é muito até bonito, arborizado, sabe? É um local que eu acho que para mim foi o melhor que poderia existir. Aliás, eu acredito muito no seguinte... porque eu não acredito na morte. Eu acredito muito na vida após a morte. Então, quando eu vi tudo aquilo foi fantástico.*

Ao encontrar o espaço vivo *arborizado e bonito*, Domênico viveu uma experiência de correspondência à própria busca por harmonia, pois aquele ambiente *foi o melhor que poderia existir* para si. Ali, pôde viver um alívio diante da dor e perda de si que ainda carregava consigo, afinal eram apenas seis dias de sobriedade, diante de tantos anos de perda de tudo. Naquele local, vislumbrava possibilidade de viver de outra forma, e, por isso, *tudo aquilo foi fantástico*, foi realizador de sua pessoa. Por acreditar *na vida após a morte*, compreendeu sua vivência como um acontecimento de caráter misterioso e providencial. Nesses termos, esse primeiro impacto com o ambiente do grupo era um sinal para si de uma experiência mais significativa que poderia viver ali.

Além do contexto acolhedor, como um elemento importante para fazer experiência em A.A., também ter vivido novamente um acolhimento humano foi fundamental para essa decisão:

*Eu cheguei. Fui muito bem acolhido pelos companheiros. E tinham três que tinha o mesmo problema que eu de adicção. Só que... companheiros que estão na Irmandade há mais tempo. Ou seja, eles estavam me esperando.*

O encontro com outros *companheiros que tinham o mesmo problema de adicção*, e por isso viveram o mesmo drama que Domênico, foi significativo para ele na medida em que se reconheceu no outro e vislumbrou uma saída para lidar com o próprio vício, já que eles *estão há mais tempo na Irmandade*. Para ele, era claro que *eles estavam o esperando* para ajudá-lo, que havia uma prontidão e disponibilidade para auxiliá-lo. Se no período em que se drogava o outro era uma provocação na forma de imposição ou cobrança, ou era percebido como ameaça a própria vida, agora o outro é um semelhante que o considera e o valoriza. Assim, abre-se, nesse período inicial, um novo horizonte de possibilidade de relações, que agora tanto ele quanto o outro são reconhecidos em sua humanidade. A abertura mútua entre Domênico e os integrantes anuncia possibilidade de constituição de relacionamentos.

A saída que vislumbrava para si tornava-se uma possibilidade real uma vez que o encontro com os outros em A.A. era marcado novamente por uma aceitação da sua pessoa:

*No primeiro dia, vi que eu estava encontrando um caminho de esperança. Foi a primeira palavra em que eu pensei no dia em que ingressei. Por que esperança? Porque se eu cheguei totalmente destruído... Já julgava que minha vida pudesse até artefinalizar muito rápido... naquele processo em que eu estava. Então, eu encontrei um amparo, um carinho, uma proteção, um colo... um ombro para chorar. Ou seja, eu comecei a vislumbrar uma nova vida.*

Diante daqueles integrantes que olhavam Domênico, valorizando-o, aproximando-se dele, demonstrando um interesse genuíno, encontrou um afeto, *um carinho*, que o mobilizou a

interessar-se pela própria vida. E com o *amparo* de *um colo* ou *um ombro para chorar*, e a *proteção* que os membros o ofereceram, ele pôde sentir-se seguro para se mostrar e começar a olhar para si, para a própria fragilidade, reconfigurando a percepção de si. Nesse momento, inicia um reconhecimento de si não mais como um *eu totalmente destruído*, mas como uma pessoa que possui valor, e, por isso, ele pôde dar-se conta de seu ser, e *vislumbrar uma nova vida*. Desse modo, Domênico emitiu um juízo com clareza: *eu estava encontrando um caminho de esperança*. Do encontro com aquelas pessoas, encontrou esse caminho e iniciou uma espera, uma busca por si, diante da perda do próprio eu.

E torna-se mais evidente ainda que o fator central para a descoberta das próprias possibilidades, diante da fragilidade, e para realizar seu processo pessoal em A.A. foi perceber o interesse genuíno do outro em direção a ele. Acompanhem como esse ponto emerge ao continuar descrevendo o modo como foi acolhido no grupo:

*Com palavras... Através de palavras simplesmente. Através de um olhar... através de um acolh... de um abraço! Através de um abraço... eu aprendi que abraçar é bom... que abraçar com sinceridade é fantástico! Através desse abraço eu vi que eles estavam satisfeitos por estar me recebendo... por estarem me recebendo... Recebendo um ser que já estava assim é... artefinalizando a minha vida.*

Domênico foi acolhido pelos integrantes que por gestos simples demonstravam um interesse livre e sincero por ele, seja simplesmente com *palavras*, seja com *um olhar*. Mas foi do *abraço* recebido que emergiu uma surpresa pelo afeto que pôde dar e receber. O *abraço*, como um ato de carinho e interesse, configurava-se como um gesto livre, pois era evidente para Domênico o quanto *eles estavam satisfeitos* em recebê-lo desse modo. E justamente esse gesto de afeto mobilizou uma descoberta de si: ao mesmo tempo em que se sente bem ao ser abraçado, aprendeu que realizar esse gesto *é bom*. Nesse sentido, mais uma vez o outro com seu olhar valorizando-o de uma forma livre, sincera, provocou um reencontro consigo mesmo, com a própria capacidade de se abrir, expressar afeição pelo outro e se realizar com esse ato: dinamismo propriamente comunitário.

A partir desses trechos, compreendemos que a dinâmica de Domênico ser olhado, valorizado pelo outro, mobilizando em si um interesse pela própria vida, uma descoberta do próprio eu e uma busca por trilhar um novo caminho pessoal, realizava-o e era sinal da dimensão comunitária que vivenciava. É esse dinamismo que se configura como ponto fundamental na experiência que faz em A.A. nesse período inicial. Domênico ainda pontua com clareza que o encontro com aquelas pessoas foi determinante para a afirmação do processo de cuidado consigo mesmo:

*Eu encontrei é... em duas horas... foi o período que eu fiquei lá dentro... em duas horas eu pude encontrar toda a ajuda necessária para não sair dali e recorrer aos aditivos que eu precisava para sobreviver. Isso para mim foi... Explicar com palavras não tem jeito. Não tem como. Eu não encontro uma palavra para definir.*

Ao encontrar, *lá dentro* do grupo, num breve momento de *duas horas*, toda a *ajuda necessária* para não recorrer aos aditivos, encontrou uma possibilidade de continuar se cuidando. Emergia um alívio por ser possível lidar com a própria fragilidade e não viver mais o drama da fissura. Desse modo, o que viveu no primeiro dia, apesar de ter sido há dois anos, consistiu numa experiência tão correspondente a si e realizadora de sua pessoa que se configura, ainda hoje, como uma evidência, pois *não há palavras para defini-la*.

Podemos vislumbrar, até aqui, que o grupo em sua estrutura societária possibilita a Domênico realizar uma experiência comunitária como sustento, a partir do qual pode se olhar, descobrir-se e se cuidar – dinâmica que realiza sua pessoa. Acompanhemos, agora, como esse dinamismo emerge, mais especificamente no relacionamento com seu *padrinho*:

*Eu aprendi também naquele dia ... Eu lembrei de uma palavra que para mim também nunca funcionou ... Honestidade. Foi quando esse padrinho, que não era padrinho no dia ... Ele falou: “venha aqui Domênico”. E me apresentou o programa de A.A. Os 36 princípios ... E pediu para que eu lesse apenas 12 dos 36. Eu li esses 12 três vezes. (...). E depois ele me perguntou quais dos 12 tinham me despertado. E eu disse, o primeiro e o quinto. Isso foi o momento que eu estava sendo honesto comigo. Coisa que eu nunca fui. Julgava ser. Infelizmente eu julgava ser. Então, não era para menos, né? Um ser que (...) está numa, numa adicção total, ele não tem domínio realmente.*

*Naquele primeiro dia*, Domênico nos comunica que foi olhado pelo padrinho de uma maneira que ele sozinho não conseguiria, afinal vivia uma ausência de *domínio* da própria vida. Com a posição de confiar em Domênico, o padrinho solicitou a leitura dos *12 princípios* e ao perguntar sobre quais deles haviam *despertado* mais interesse, ofereceu um espaço para Domênico se expressar, ser *honesto* consigo mesmo, ser livre para se mostrar e se colocar em sua singularidade, sem imposição de todos os passos como sendo importantes. Surpreendeu-se com a possibilidade de se expressar livremente diante da própria fragilidade. Desse modo, ao se dar conta do drama que viveu a época da drogadicção, Domênico percebeu que a busca por liberdade na droga permitiu viver justamente o contrário, a perda de *domínio* sobre si. Por outro lado, em A.A. pode exercer a própria liberdade de modo a ser si mesmo.

Viver essa liberdade de ser si mesmo o surpreendeu:

*Eu fiquei tão entusiasmado! Tão estarrecido, porque era algo para mim... tudo novo. Era como se eu estivesse em outro plano. (...). É sério! (...). Então, para mim... Peraí... isso aqui é outro*

*plano, isso aqui não é o mundo que eu vivo não. É uma parte dele que me colocaram aqui... me enviaram para cá.*

Ter vivido a abertura do padrinho que possibilitou um posicionamento livre, apresentava-se com uma novidade que correspondeu intensamente a sua pessoa, a ponto de sentir-se *tão entusiasmado*. O que brotava ali era vivenciado como uma surpresa que o deixava *estarecido* diante da experiência de consideração de sua singularidade na relação com o outro. Se antes daquele momento havia perda de si, no encontro com o padrinho a percepção de si foi reconfigurada: agora Domênico era alguém visto por um outro, que abria espaço para que ele se expressasse livremente e se reencontrasse. Aquele espaço de abertura, como possibilidade de ser si mesmo, o ajudou a confiar na própria capacidade de emitir um juízo sobre as coisas, de um modo mais coerente consigo, diferente do que estava habituado. E por isso que foi vivido como um *outro mundo*, um *outro plano* distinto do que vivia. Desse modo, o outro se apresenta como um companhia provocadora para Domênico se posicionar de um modo livre e honesto, e, portanto, realizador de sua pessoa. Trata-se de uma experiência que carrega um caráter de novidade, de liberdade e de esperança por viver novamente uma realização assim, que estrutura si mesmo.

Não foi apenas esse momento em que Domênico afirmou seu próprio ser exercendo a liberdade de se expressar. Acompanhemos outras situações daquele mesmo dia, que possibilitaram-lhe experienciar dinamismo semelhante:

*Então, continuando... Após essa reunião do primeiro dia onde eu falo que o companheiro que estava na reunião... Além desses três que tinha adicção que eu tenho... Nós começamos a conversar pós-reunião. (...). Então, ficamos cinco. Três foram embora porque tinham outros afazeres. Eu fiquei com um. E nós conversamos pós-reunião uma hora e meia! Literalmente no meio da rua. Sério! (...). Uma hora e meia. E o apadrinhamento... que foram as sugestões.*

A experiência de liberdade que viveu também foi vivida pelo seu padrinho, que permaneceu conversando com ele *pós-reunião*. Surpreendeu-se com o longo tempo de *apadrinhamento, uma hora e meia*, que correspondia a um posicionamento espontâneo, pois ele não era obrigado a ficar além do horário da *reunião*, muito menos nesse período prolongado. Não apenas o posicionamento de ficar ali junto dele foi percebido por Domênico como livre, mas também o modo como o padrinho dialogou com ele, transferindo apenas *sugestões*, ao invés de imposições. É por isso que

*a Irmandade é fantástica. Ela não impõe coisa alguma. Ela não exige coisa alguma. Ela não faz com que eu tenha que submeter a questionamentos, a subjugação... a nada disso, a nada disso. Ou seja, o fato de ser assim... é que permite (...) ser honesto consigo mesmo... a palavra que eu... vislumbrei, que eu já nem lembrava talvez que existisse... é ... No primeiro dia, ela [a*

palavra honesto] *fez com que eu ficasse e recebesse apadrinhamento deste companheiro durante uma hora e meia.*

Ao emitir o juízo de que a Irmandade *é fantástica*, por não impor *coisa alguma* aos integrantes, comunica-nos o quanto é estruturante de sua experiência em A.A. a possibilidade de fazer experiência de liberdade, que corresponde a si mesmo. É poder ser livre, sem se *submeter a questionamentos e subjugação*: é o que o realiza radicalmente e sustenta seu modo de viver a realidade de A.A. A partir de sua compreensão de que A.A. oferece um caminho de expressão pessoal, elabora o modo como recebeu *apadrinhamento* como um posicionamento livre que possibilita, inclusive, ele ser *honesto consigo* e com o outro.

Se antes buscava liberdade centrada em si mesmo, por meio da adicção, agora ele adere ao relacionamento com o padrinho de um modo dedicado.

*O meu padrinho foi muito sincero comigo. Ele foi correto comigo no primeiro dia, desde o primeiro di ... Então, o apadrinhamento... Se você recebe o apadrinhamento de um ser que está na caminhada há mais tempo. De um ser que está preocupado em transferir para você o seguinte: “você é o único que pode cuidar de você mesmo... Não serei eu seu padrinho que irei cuidar de você... Eu não vou correr atrás de você... Eu não vou ficar te telefonando no dia que você faltar à reunião ... Só que (...)” Isso ele me falou: “só que vai acontecer se você se afastar das reuniões... você vai voltar lá para fora... Mas nós vamos estar aqui te esperando. Você tem o livre arbítrio.” (...). Então, meu padrinho, ele me transferiu tanta coisa... Quer dizer se você chega no primeiro dia num grupo ... Você que chegou destroçado... detonado, encontra um ser... que você nunca imaginou que pudesse encontrar... e ele te dá este tipo de conselho... Você acha que se a pessoa for honesta com ela mesma, ela vai deixar de voltar?*

O *padrinho* sendo livre com ele, o valorizando, desejando o seu bem de modo sincero, abriu espaço para ele se olhar de uma maneira diferente, reconfigurando a percepção de si, de destroçado, para uma pessoa capaz de se *cuidar*. Além de apreender em si possibilidade de se *cuidar*, encontrou ocasião para ser livre consigo e na relação. Foi tão correspondente a si mesmo ter vivido aquele relacionamento que não poderia *deixar de voltar à reunião* e continuar convivendo com *o padrinho*. Assim, agiu com liberdade, a partir do *conselho* recebido, não negando-o, mas aderindo à proposta de A.A. e indo *à reunião*. Desse modo, vislumbramos um modo de se relacionar semelhante ao relacionamento com o avô, baseado na liberdade, na dinâmica de se mostrar uma proposta e deixar espaço para ele escolher. O *padrinho* é provocação para Domênico se cuidar, o que ele aceita, possibilitando, inclusive, a constituição de um relacionamento genuíno. Optar por seguir a orientação como adesão à proposta de A.A. corresponde a uma experiência de liberdade, que é ponto central para a sua constituição. Assim, poder se realizar no contexto comunitário é ponto fundante em sua experiência em A.A.

A partir de agora, acompanhemos como Domênico elabora sua experiência ao longo do processo pessoa em A.A. Primeiramente, compreendamos como o grupo, em seu caráter comunitário, favorece o crescimento Domênico como pessoa, e, no segundo momento, como se posiciona, constituindo a realidade comunitária de A.A.

### 3.3.2. O contexto comunitário como possibilidade de crescimento pessoal

Aceitar a própria fragilidade abre espaço para Domênico se lançar na vida, cuidando de si e se desenvolvendo em sua humanidade:

*Eu reconheci a minha doença. Então, hoje eu não sofro por causa disso, porque eu vejo que sou doente. Mas eu não aproveito da minha doença para autopiedade, é diferente. Se eu ficasse com autopiedade eu ia ficar choramingando lá no meu quarto, lá na minha casa. Entendeu? Eu não queria saber de nada. Eu não teria a chance de encontrar esse local maravilhoso que se chama Alcoólicos Anônimos... Eu não estaria reformulando um ser humano. Eu estou reformulando a mim mesmo! E é um processo gradativo. Porque eu tenho essa doença... de dicção, mas, em compensação, ela está num patamar hoje para mim de uma forma assim: eu reconheci que eu sou doente ... preciso de tratamento.*

Reconhecer a própria *doença*, como limitação, não significou se render a ela ou se colocar numa posição de *autopiedade*, mas, sim, o possibilitou a lidar com a própria fragilidade, de modo a cuidar de si. Para Domênico, foi fundamental essa percepção de si e o modo como a levou a sério, para se posicionar, buscando ajuda, ao invés de ficar *choramingando no seu quarto*. Foi a partir da tomada de posição a favor do autocuidado que encontrou o grupo, com sua estrutura societária e dimensão comunitária, como possibilidade de cuidar de si e, ao mesmo tempo, de se desenvolver. É com essa experiência vitalizada que Domênico também faz uma experiência de maravilhamento em A.A.: *eu não teria chance de encontrar esse local maravilhoso. É maravilhoso* por ser ocasião viva de cuidar de si mesmo, não mais se drogando, mas, sobretudo, viver uma realização de si na forma de crescimento pessoal; afinal é sob base dessa oportunidade de se cuidar que está *reformulando a própria vida*. Desse modo, Domênico nos comunica que reconhecer ser *doente*, precisar *de tratamento*, não impossibilita tomar a vida nas próprias mãos; pelo contrário é justamente atentar-se para a própria realidade não escolhida que propicia uma tomada de posição que considera sua pessoa inteira. É nessa inteireza que pode cuidar de si; cuidar de si para se realizar, para crescer.

Então, A.A. é experienciado por ele como ocasião para se cuidar e, conseqüentemente, para crescer. Acompanhemos como Domênico compreende e lida com a própria fragilidade, se cuidando, num primeiro momento, e depois como ele cresce a partir da experiência em A.A.:

*Eu costumo dizer que a minha adicção está em coma induzido (riso de Ana Cláudia). É sério! Mas por que eu falo isso? Eu falo porque o seguinte... em coma induzido. Se eu vacilar um milissegundo... não precisa muito não... um milissegundo... na minha programação, eu começo a me desvirtuar... sabe?*

Compreende que sua doença, *adicção, está em coma induzido*, ou seja, só não está se manifestando, pois seu desenvolvimento está sendo impedido. Por isso, reconhece que se não continuar se cuidando poderá viver todo o drama de quando se drogava. É uma tensão que se vivencia: por um lado, a fragilidade como possibilidade de sofrer como antes, caso não se cuide, por outro, como ocasião de viver, ao ser admitida. Diante disso, considerando essa dinâmica que vive, decide permanecer se cuidando, para não vacilar *um milissegundo*. É a partir da estrutura formal do grupo, seguindo a *programação* de A.A., que se cuida, impedindo se *desvirtuar* do caminho escolhido: viver se realizando:

*Eu posso fazer tudo! Eu só não posso duas coisas. Não é muito pouco pelo o que eu posso fazer? Eu só não posso beber e nem usar cocaína. Só! E até eu posso. Mas eu sei o dano que vai me causar. Então, dentre milhões... infinitas coisas que eu posso fazer, eu só não posso duas. Eu tenho a certeza disso. Não é muito pouco? Para eu poder desesperar e acabar com essa vida que eu posso ter hoje?*

Mais uma vez, é nítido para Domênico que aceitar a própria fragilidade possibilita cuidar de si, e, conseqüentemente, viver fazendo *tudo*, a não ser *duas coisas: beber e usar cocaína*. Vive uma experiência de verdade ao se dar conta do horizonte de *infinitas* possibilidades de ação pessoal: *tenho certeza disso*. E dentro dessas alternativas todas, percebe-se livre para voltar a se drogar e *beber*, mas escolhe permanecer se cuidando e se realizando, preservando a *vida* que tem *hoje*. Desse modo, ao decidir se cuidar, posiciona-se de modo singular a favor da própria liberdade. Basta lembrarmos-nos do período anterior a A.A., em que o vício o dominava, e no qual não conseguia se controlar. É com essa experiência pessoal que, hoje, realiza a pessoa de Domênico. Assim, ao invés de se *desesperar* com a própria limitação, encontra nela justamente possibilidade para viver de um modo mais correspondente a si.

Domênico continua descrevendo sobre a importância de se cuidar em A.A.:

*Eu já fui em um curto período que tenho na Irmandade (...). Dois anos. Então, é... esse curto período... porque uma programação que é por toda a vida... Então, ele é curto para mim. Eu quero continuar achando que ele é curto porque quanto mais eu achar que ele é curto... o processo da minha caminhada, o processo da minha recuperação eu passo a ter um pouco mais de carinho.*

Vislumbrar que seu *processo de recuperação* é curto, ou seja, não é suficiente o tempo de participação em A.A. solicita um posicionamento urgente de continuar se cuidando, por meio da valorização e afeição por si mesmo na forma de *carinho*:

*Porque se eu achar que já está bom... aí eu acho que eu posso deixar de ir às reuniões... eu acho que eu posso... simplesmente ficar em minha casa no dia em que eu estou com dor de cabeça... Porque eu passo por momentos de dor de cabeça horríveis... Porque também é sequela, né? Do uso que fazia tanto do álcool quanto da droga. A dor de cabeça... se eu não tomar medicamento, ela vem em momentos que dá vontade de sair batendo a cabeça na parede. Dói de uma maneira... parece que tem algo espremendo os neurônios, sabe? É uma coisa... Nossa... é difícil.*

Tanto achar que seu processo *está bom*, suficiente, quanto ser acometido por uma *dor de cabeça* intensa, são empecilhos para frequentar *as reuniões*. No entanto, Domênico toma posição diante do que o acomete: não se permite ter esse tipo de pensamento e lida com o sofrimento advindo da dor física, não desistindo de ir ao grupo. É mais importante para si viver a *dor* no grupo do que lidar com ela de modo mais confortável *em casa*. O critério que orienta a sua ação diante da dificuldade é a afirmação do cuidado consigo, que transcende o bem estar físico e a possibilidade de se realizar em A.A. Ou seja, diante de possibilidades de se desviar do autocuidado como necessidade vital, posiciona-se em função dessa urgência, que carrega inclusive um chamado para a autorrealização. Mais uma vez fica evidente o quanto é fundamental para Domênico fazer experiência em A.A., participando das reuniões para afirmar o processo de cuidado consigo que o realiza.

Mas o que ele encontra na reunião que o ajuda a lidar com a dor física?

*Acontece por exemplo de eu chegar à reunião com aquela dor de cabeça explodindo, com vontade de até bater a cabeça na parede. Só que ali naquele momento... (...) ali naquele momento o que mais conta é a espiritualidade. Porque eu vejo... Por isso que eu te falei que aqui dentro desse macacão de carne tem um suporte.*

Até chegar ao grupo, a *dor de cabeça* é vivida intensamente, mas ao participar da reunião a dor passa a ser secundária, pois *naquele momento o que mais conta* é algo de nível superior que vive ali: *a espiritualidade*. Se consegue lidar com a própria dor física é porque compreende que seu próprio corpo de nível biológico – *macacão de carne* – é sustentado por um suporte de nível superior. Desse modo, comunica-nos uma crença em um ser

transcendente que o constitui e o estrutura. Justamente por poder viver essa presença de nível superior no grupo, tem-se um ponto importante para continuar seu processo em A.A.

Compreendemos, até aqui, que é vital para Domênico se cuidar, não de qualquer modo, mas frequentando as reuniões. Por isso, é ponto fundamental fazer experiência em A.A. para viver. O que o sustenta nesse contexto é a experiência de afirmação do próprio ser, cuidando de si e vivendo a espiritualidade:

*A minha recuperação é administrada por dois fatores: frequência às reuniões e entendimento... leitura, entendimento e aplicação dos passos.*

Está claro para Domênico que é fundamental se cuidar, aderindo à proposta de A.A., seguindo a forma de funcionamento grupal, como estrutura societária: frequentar *as reuniões* do grupo e compreender e aplicar os *passos*. Mas o que acontece no grupo que o ajuda a sustentar esse movimento próprio de cuidar de si?

*Depois de ter passado por momentos horríveis... Ter passado por momentos em que... Eu tenho que lembrá-los! (...) Eu não vou dizer para você que são prazerosos, eu lembrar os meus momentos. Mas pelo menos eu não sofro mais em lembrá-los... pelo fato de eu estar na Irmandade, pelo fato de eu ter reconhecido a minha necessidade.*

Salta aos nossos olhos, a mudança de Domênico referente ao elemento da memória. Enquanto que no período em que se drogava era impossível fazer memória de si mesmo, perdendo o próprio eu, agora com a capacidade de se lembrar, utiliza-a para resgatar momentos dolorosos, *horríveis* justamente para se estruturar. É por isso que emerge um caráter de dever nessa dinâmica: *eu tenho que lembrá-los*. Assim, ao mesmo tempo em que retomar o *passado* não suscita emoções positivas, pois não contém *momentos prazerosos*, reconhece que consegue lidar com ele de um modo, não sofrendo mais. Então, lembrar os momentos de sofrimento, como proposta de A.A., constitui-se como um modo importante de se cuidar. Aderir ao que é sugerido em A.A., quanto à retomada do passado ao invés de ser vivido como reprodução de uma proposta, corresponde à possibilidade de fazer experiência de si, apreendendo um valor nas ações passadas, como modo de sustentar o próprio movimento de se realizar, afinal reconhece a *necessidade* de se cuidar.

E resgatar momentos difíceis do período em que se drogava – como modo de se cuidar – possibilita Domênico a viver uma transformação pessoal:

*Então, eu estou moldando minha vida, uma nova vida! Eu não posso mudar nada do meu passado pelo fato único e simplesmente... porque ele já existiu. Eu não posso mudar uma vírgula, um ponto... Nada, nada, nada. Eu tenho que conviver com ele... graciosamente, para*

*que eu não venha cometer os mesmos erros. Erros estes que foram... é... totalmente preponderante para que eu deixasse de existir.*

Recordar o próprio drama, como constituinte de sua história de vida, é uma forma de firmar o cuidado consigo, mas, sobretudo de resgatar o próprio eu. Se no período em se drogava, *os erros* cometidos provocavam uma perda de si, do próprio *existir*; agora é hora de retomá-los em sua memória, para não repeti-los, para afirmar o valor de se cuidar, o valor de trilhar *uma nova vida*. Ao dizer *tenho que conviver com o passado* revela um caráter de dever nessa ação, que não é vivido como obrigação, mas como possibilidade potente de afirmar o próprio ser. Assim, *conviver com o passado*, aceitando-o em cada *vírgula e ponto* e tomando-o como aprendizagem, é um posicionamento estruturante do próprio eu, que possibilita viver e crescer. Desse modo, compreendemos que é fundante em sua experiência em A.A. vivenciar uma reformulação de si.

Quais outros elementos de sua experiência em A.A. o ajudam a manter-se em seu processo de autocuidado?

*Domênico: eu tenho outro fator que me ajuda muito é porque eu sou secretário do grupo que eu frequento. Então, o que acontece? Eu tenho que estar lá em todas as reuniões... Eu tenho que abrir a sala. Eu tenho que preparar a sala para reunião. Eu tenho que comprar, por exemplo, eu chego lá está faltando alguma coisa, alimento. Alimento assim... biscoito, ou bolo, ou o que for... Lanche, presunto, sei lá. Algum lanche. Cada dia a gente varia o lanche lá, a gente modifica. Então, eu tenho que comprar. Então, esse encargo que eu exerço de secretário... É encargo. É um encargo. É simplesmente uma responsabilidade que eu tenho.*

*Ana Cláudia: que você optou?*

*Domênico: Optei. Não. Até que não, porque isso me foi sugerido. Eu fui convidado... fui convidado porque a Irmandade é assim, não impõe nada. Tudo é sugestivo.*

É claro para Domênico que possuir o encargo de *secretário do grupo* o ajuda a se cuidar, frequentando as reuniões. O caráter de dever contido em suas ações condizentes com sua função poderia indicar uma obrigação em realizá-las. Contudo, por ter sido sugerido esse encargo, Domênico pode escolher em aceitar ou não. Diante da liberdade da proposta de A.A. em apontar um possível caminho para si no grupo, ele se posicionou, aderindo-a na medida em que aceita a responsabilidade. Nesse sentido, Domênico nos comunica que precisa de um ponto de referência concreto, formal, que não seja ele mesmo para se estruturar, para firmar o processo de autocuidado. Além disso, ter sido *convidado* é sinal de que alguém apostou novamente nele, na sua capacidade de ser responsável. Assim, o outro emerge como provocação para Domênico se posicionar de um modo livre e novamente a aceita, aderindo à proposta de A.A.; e o contexto societário, bem como a dimensão comunitária, favorecem o seu processo pessoal em busca do próprio bem.

Não somente possui uma responsabilidade pelo grupo, mas também participa de outras atividades de A.A.:

*Eu já participei de todos os ciclos nestes dois anos. Eu tenho agora, compromisso com Brasília... Eu tenho compromisso com uma cidade aqui perto de Ouro Preto... Cachoeira do Campo... Eu tenho compromisso com a cidade de Contagem... Eu tenho compromisso é ... agora em Fortaleza. Agora até... chegar dezembro eu tenho quatro compromissos inadiáveis. E o interessante é que nós mesmos é que bancamos a nossa vida. Olha pro 'cê ver como a coisa é fantástica!*

O empenho em participar dos *ciclos*, como propostas de A.A., seja por ter comparecido em todos *estes dois anos*, seja ao compreender os *compromissos* como *inadiáveis*, revela uma mudança de posicionamento no mundo. Se antes não conseguia controlar as próprias ações e se responsabilizar por elas, agora ele consegue fazê-las. Ao se dar conta da capacidade de responder a *compromissos* em nível de A.A., ele se surpreende com o quão interessante é ser capaz de ter responsabilidade por si mesmo; afinal, *nós mesmos é que bancamos a nossa vida*. Trata-se de uma experiência tão realizadora de sua pessoa que emite o juízo acerca dessa dinâmica que vivencia: *como a coisa é fantástica!* Ou seja, é valor para si e para o conjunto dos integrantes ter autonomia, ser dono de si mesmo. Não se trata de um dinamismo próprio de Domênico, mas de uma experiência compartilhada, de um *nós*.

Além de ter as responsabilidades como um dever, Domênico apreende um sentido maior no ato de cumprir os compromissos: colhe na própria ação um valor pela capacidade de se estruturar. Conseguir se sustentar, ainda que precise de um apoio concreto, possibilitado pela estrutura societária do grupo, trata-se de uma mudança radical em sua vida, tendo em vista o período anterior em que o vício o dominava. Ao invés da perda de si, reencontra o próprio ser, afirmando-se em seu processo de cuidado consigo mesmo.

Além desses elementos, que emergem como fundamentais na experiência de Domênico em A.A., o momento de convivência no grupo emerge como outro fator central. É essa circunstância que se configura como ocasião para afirmação de sua pessoa. Vejamos como ele chega a essa elaboração:

*Quer dizer, as pessoas dentro da Irmandade... quando às vezes o companheiro está falando algo que não condiz, nós não questionamos ele naquilo não. Nós deixamos para que a consciência dele... ele possa refletir e ver se valeu a pena ou se não valeu.... se foi necessário ou se não foi... se ele quer continuar daquela forma que está.*

Domênico reconhece que não somente ele se posiciona com respeito ao movimento do outro, quando esse comunica algo que não condiz com a realidade, mas também a totalidade das pessoas dentro da Irmandade, que toma esse tipo de posição: *nós não questionamos*.

Junto com essa atitude, emerge uma espera por um movimento do outro de *consciência* de si como ocasião para o outro refletir sobre as próprias atitudes, enfim, sobre si mesmo. É essa abertura ao outro e confiança no processo pessoal desse que constitui uma experiência de *nós*, comunitária, que Domênico vive. Desse modo, o outro é considerado em sua singularidade e é olhado com confiança, da mesma forma que ele, como um integrante, também é reconhecido. Mas ele ainda apreende outras consequências ao se dar conta do dinamismo presente no contexto comunitário de A.A.:

*Então, o de eu não receber nenhuma imposição! Nenhuma! É a melhor coisa que existe. Porque eu sei que posso ser o Domenico que está a sua frente! Aqui agora, conversando com você. Isso para mim é prazeroso... é satisfatório... é maravilhoso... Até acreditar em Deus eu acredito! (risos). Um agnóstico... já pensou bem? (risadas).*

A experiência de liberdade presente no primeiro dia, novamente emerge no contexto de convivência. Poder se expressar livremente, recebendo *nenhuma imposição*, e sendo o *Domênico*, é especialmente correspondente ao seu ser, pois *é a melhor coisa que existe*. Viver um espaço no qual pode se mostrar em sua inteireza *é prazeroso e satisfatório*. Junto dessa vivência de satisfação, emerge uma experiência de maravilhamento com a própria capacidade de ser si mesmo: *isso é maravilhoso*. Não há dúvida de que ser si mesmo é realizador da totalidade de sua pessoa. E é justamente fazendo uma experiência desse nível que se abre para uma alteridade mais radical, surpreendendo-se com a própria capacidade de crer em algo além de si mesmo, em um ser absoluto: *até acreditar em Deus eu acredito!* Nesse sentido, compreendemos o quanto é estruturante de seu ser poder fazer uma experiência de liberdade. E o grupo, em sua dimensão formal e comunitária, é ocasião para realizá-la. Se antes de A.A. vivia a perda de si, agora, com o reencontro consigo mesmo, pode se mostrar, abrindo-se para o outro com sinceridade.

Além de A.A. ser vivido como possibilidade de fazer experiência de liberdade, Domênico ainda descreve outro aspecto do dinamismo intersubjetivo das reuniões:

*Porque essa nossa recuperação, ela só é funcional um conversando com o outro, nas reuniões. Por que ela é funcional? Porque nós (ênfase) começamos a entender. Nós aprendemos a cuidar de nós mesmos através do que o outro nos fala. E o outro vai aprender a cuidar dele mesmo através do que eu falo para ele. Ou seja, (...) pego o que tem sido bom para ele. E quando ele tem alguma coisa que não está... que está menos boa... eu tenho a oportunidade de mostrar para ele que... através de sugestão, tá? Mostrar através de sugestão que ele pode mudar aquele quadro. Ele pode mudar aquele quadro. Eu estou escrevendo uma nova vida.*

Para Domênico, o autocuidado em direção à *recuperação* só se realiza *nas reuniões* quando *um* se abre *conversando com o outro*. Trata-se de um modo comum dos integrantes se

posicionarem a favor do autocuidado, pois emerge um *nós* que se cuida, a partir da aprendizagem possibilitada pela troca intersubjetiva. Ou seja, cada um apreende algo na experiência do outro, que pode ser *bom* para si mesmo, ajudando no processo pessoal. Da mesma forma, Domênico com a própria aprendizagem, também pode ajudar o outro quando tem *oportunidade de mostrar para ele* outro horizonte de possibilidades de vivência. Afinal, se Domênico está *escrevendo uma nova vida*, é sinal de que o outro também pode se transformar. Nesse sentido, tanto ele quanto os outros são considerados em sua humanidade, vivem uma abertura mútua e são provocação para posicionamentos pessoais: dinamismo, esse, como um importante fator comunitário.

É diante desse processo vivido por ele e pelo outros que emite alguns juízos acerca do processo:

*Isso aí que é a unidade, é ajuda, é transferir para o outro o que eu recebi de graça. Que é importantíssimo. Então, Alcoólicos Anônimos é algo supra-humano (risos).*

Para Domênico, o processo de troca de experiências vivido por ele corresponde à *unidade* proposta por A.A. Estão unidos pela ajuda mútua que vivem ali. O que recebeu de *graça* transfere-se ao *outro*. Essa dinâmica que vivencia no contexto comunitário é *importantíssimo* para seu processo de se cuidar e crescer, ao mesmo tempo em que estrutura a própria realidade de A.A. Por possibilitar esse dinamismo que o realiza, compreende *Alcoólicos Anônimos* como um acontecimento de ordem superior, *algo supra-humano*, sagrado.

Mas os percalços também são experienciados por Domênico, que descreveu um momento marcante de sua participação em A.A.:

*O que marca mais são... Hoje, para mim, são os momentos menos bons. Porque os bons, todos os dias eu estou vivenciando. E o mau, o menos bom é que tem marcado para mim. Em um grupo... da Irmandade... aconteceu uma situação... de que um companheiro queria exercer uma autoridade dentro do grupo. E isso não é permitido.*

*O que marca si mesmo são os momentos de tensão, menos bons, ao contrário do que é prezada por uma ideologia. A partir do fato de um companheiro ter se posicionado no grupo de maneira a exercer uma autoridade, Domênico emitiu um juízo de que *isso não é permitido*, ou seja, vai contra aos princípios de A.A. Mas quais preceitos não foram respeitados?*

*Porque nós não temos autoridade sobre nada. Nós só temos autoridade sobre os nossos comportamentos, pensamentos e ações. Só. É a única autoridade que nós temos. (...). E nesse grupo eu tenho um encargo e ele também. Mas o fato de ele ter um encargo de coordenador não quer dizer que ele possa passar por cima dos outros. Então, não dá direito a ninguém agir*

*sozinho. Por isso a unidade funciona. (...). Ele queria agir... exercer algo que naquele momento ele não poderia fazer sozinho. Você entendeu? Então ele ultrapassou todos os limites dos passos, tradições, conceitos.*

A liberdade individual proposta por A.A., na forma de *autoridade* sobre si, e a responsabilidade pela própria vida geram *a unidade* entre os membros, ou seja, é o ponto a partir do qual eles estão juntos. Ao reconhecer esse princípio, Domênico elabora o relacionamento com os outros no grupo, compreendendo que é justamente por estarem juntos, que as pessoas respondem, decidindo de modo conjunto, e não sozinhos. A união emerge, independentemente se alguém tem *encargo* e do tipo de função exercida.

Como ele reagiu ao posicionamento do outro que foi contra ao que é valor para si: a liberdade?

*E eu questionei ele. Eu falei: “não, você não pode agir assim...” E ele continuou insistindo. (...). Dentro da Irmandade, a pessoa não pode ser manipulada. Eu não posso deixar ninguém me manipular. Porque, senão, onde ficam a minha consciência, as minhas vontades? Aonde fica a unidade quando eu deixo alguém me manipular? Eu não tenho autossuficiência. Então, não. O programa de A.A., todo ele... é ... dos passos ... é moldado para que a gente possa exercer as nossas vontades... os nossos pensamentos... os nossos, é, sentimentos... mas de maneira comum. Ou seja, todos imbuídos em um único objetivo. Qual que é o único objetivo? Primeiro a recuperação... depois levar a mensagem para o outro... Tudo isso. E aí a unidade. Você vê que nada desmembra! Nada desmembra. A não ser aquele que queira agir dessa forma como estou te falando.*

Nesse trecho, é evidente que *a unidade* emerge porque ali há pessoas conscientes e livres que estão juntas em torno de *um objetivo comum* proposto por A.A.: cuidar de si, da própria *recuperação* e ajudar, levando *a mensagem para o outro*. Então, a liberdade como princípio dessa realidade societária e comunitária não deve estar apenas em função de si mesmo, de modo a *manipular* o outro, mas em torno do respeito à expressão livre de cada pessoa em todas as suas dimensões, das *vontades*, *pensamentos* e *sentimentos*. Pelo fato daquele integrante ter ignorado esse princípio que é fundamental para a sua experiência em A.A., Domênico toma posição para defender o que é valor para si. No entanto, o questionamento tomou uma outra proporção posicionando-se de modo radical:

*Então, eu questionei. E ele continuou muito alterado. Eu também alterei. Pronto. Aí eu mandei ele para PQP... xinguei... Não chegamos a brigar porque a minha idade com a dele tava um pouco distante. Quer dizer, então, aí eu acho também que seria um absurdo. Mas eu agi de uma maneira... pro 'cê ver como sou um cara explosivo. Sou igual uma dinamite. Agora menos. (...). Eu só sei que eu xinguei muito ele! Ele um senhor, sabe? Mande ele para PQP... falei tudo que eu queria falar com ele. Quer dizer esse foi um momento que marcou para mim porque eu agi intempestuosamente e dentro de uma sala de reunião. Quer dizer não me orgulho disso. A única coisa que me faz sentir bem, que ameniza, é porque eu agi único e simplesmente dentro das tradições. Só que eu agi... mas a forma que eu agi é que foi a errada.*

Se há uma autoridade sobre Domênico, em forma de autoritarismo impedindo unidade e expressão da liberdade, como propostas de A.A., ele se incomoda radicalmente a ponto de *brigar*. Agiu desse modo justamente por ter aderido a A.A. Era preciso embater quando percebeu a não concretização do valor da liberdade que o constitui. No entanto, reconhece que a forma de agir em função do que era importante para si estava *errada*, embora estivesse dentro das *tradições*, coerente a elas. Sua reação foi inadequada pelo fato de o homem ser um *senhor* mais velho que ele, cuja *idade* exigia outro tipo de tratamento, e pelo fato de ter sido na *sala de reunião*, contexto que convida para outra forma de relacionamento. E ainda percebe que não se define pelas tendências, pelo fato de ser um *cara explosivo, uma dinamite*, e, por isso, não concorda que o modo razoável de se relacionar seja via violência. Assim, o modo de se relacionar com o outro não se define pelas suas tendências e busca um relacionamento que não seja marcado pelo conflito.

Compreendemos, com esses últimos trechos, que a liberdade é, com efeito, um critério tão estruturante em sua experiência em A.A. que não permite imposição. Desse modo, seu processo em A.A. se dá em função da correspondência que encontra ali. Ou seja, mais uma vez ser livre na sua experiência é aderir à proposta, ao invés de ir contra ao contexto. E ainda mostra uma capacidade de elaborar maior que a época em que se relacionava com os pais. Agora, consegue ter clareza do ponto fundamental que o estrutura: a liberdade. Mas também percebe que nem toda forma de ação é adequada para esse critério ser respeitado.

Após o percurso apresentado até aqui, apreendemos alguns elementos fundantes da experiência no contexto comunitário e societário de A.A. como possibilidade de crescimento pessoal: do encontro com o outro que o valorizou, pôde tomar consciência de si e ressignificar a própria vida, apreendendo um valor de si, a viver uma esperança de se realizar e a fazer uma experiência de liberdade correspondente ao seu ser; a aceitação da própria fragilidade é vivida como possibilidade de se cuidar; em A.A., pode afirmar o valor da espiritualidade, reconhecer a própria capacidade de ser si mesmo e de ser responsável pela própria vida, pelos compromissos assumidos; no diálogo com o outro, pode crescer e ajudar o outro em seu desenvolvimento pessoal; na adesão à proposta de A.A., refirma o valor da liberdade de se expressar e ser si mesmo. Em cada experiência, em que vivencia esses elementos, afirma o próprio movimento de busca por se realizar e, assim, alcança o próprio crescimento.

### **3.3.3. O contexto comunitário em construção**

Adentremos, nesse momento, na experiência de Domênico, destacando o modo próprio como constrói o contexto comunitário de A.A. que estrutura seu modo de vivê-lo.

Primeiramente, o significado que apreende em A.A. não é desconectado do sentido que o mundo tem para ele; pelo contrário, abre espaço para compreender o próprio mundo:

*Quando a gente chega [a ser] adulto, nós já somos massacrados! E aí o que acontece quando chega adulto? Aí entra a competitividade. Nós somos preparados desde criança é para enfrentar a competitividade do mundo! Nós somos uma máquina... nós somos componentes desta máquina, para fazer essa máquina funcionar, que é o mundo. Isso tudo eu estou aprendendo, estou tomando conhecimento dentro da Irmandade. Por quê? Porque hoje eu posso ter o prazer de sentar e refletir sobre o que eu leio. Coisa que antes não existia para mim... E eu posso ter o prazer de sentar e refletir sobre um, um, um bate papo que nós temos pós e antes de começar, iniciar as reuniões... Entendeu? Então, quer dizer... cultura de paz ela não existe.*

Se antes da participação em A.A. Domênico era dominado pelo vício, vivendo em função de findar a fissura, e, por isso, tinha um sentido esvaziado em sua própria vida, agora ele é capaz de se posicionar perante a realidade, com satisfação. Dentro da Irmandade, foi convidado a buscar *conhecimento*, a partir da reflexão sobre o que lê, sobre o *mundo*. É evidente o quanto foi correspondente aos próprios anseios ao aceitar esse convite, já que hoje tem o *prazer de refletir* sobre as coisas e compreender sobre a realidade que vive, ainda que essa seja marcada por aspectos que considera negativos, como a *competitividade* e a inexistência de *cultura de paz*. Assim, se por um lado na sociedade ele se sente *massacrado*, em A.A. pode fazer outro tipo de experiência que o realiza. É na interação com o outro, no contexto comunitário de A.A., que emerge uma descoberta de si, da própria capacidade de compreender o seu redor e do modo como esse ato o constitui. Além disso, emerge uma descoberta do mundo que vivencia, tanto em A.A. quanto fora de A.A.

Mais uma vez Domênico destaca que é em A.A. onde faz uma experiência de liberdade, que o corresponde ao mesmo tempo em que esse tipo de dinâmica proposta constitui e fortalece o próprio contexto comunitário caracterizado pelo respeito mútuo:

*Domênico: Sabe como eu vejo a cultura de paz? Cultura de paz seria o seguinte. Educação. Mas educação, ela na íntegra. Que é o que o A.A. faz. Veja só. O programa de Alcoólicos Anônimos... Os Alcoólicos Anônimos está preocupado sabe em quê? O prioritário dele? É recuperar o ser humano. Ele não está preocupado se o cara vai beber ou não. Por isso que eles não perguntam. Por exemplo, nós temos companheiros que recaem e voltam para sala e às vezes nem falam que recaíram. Mas ele não está sendo honesto com ele. Concorde? Nós também não tocamos o dedo na ferida dele não. Nós o recebemos... o tratamos como se nada tivesse acontecido! Isso se chama respeitabilidade. Respeitabilidade à opinião do outro... Respeitabilidade aos atos do outro. Coisa que lá fora não existe.*

*Ana Cláudia: E como você se sente respeitando o outro?*

Domênico: *Eu me sinto muito bem. Maravilhosamente bem. Me sinto de uma forma que eu nunca senti em toda a minha vida lá fora*

Domênico vive liberdade no grupo de A.A. ao invés de imposição de regras, característico do contexto *lá fora*. A liberdade é sentida não somente por ele, mas também pelo modo como se colocam diante do outro é de uma forma livre, aceitando o outro em seu ritmo, em seu processo. É a partir da *respeitabilidade* pelo outro, que o acolhe em sua fragilidade, que o sujeito sente-se livre para voltar à *sala* quando quiser. Para ele, o objetivo do grupo não é ditar o que fazer, mas estar aberto para o outro, independentemente se está conseguindo se cuidar ou não. O que é *prioritário* para os integrantes é *recuperar o ser humano*, é proporcionar um meio que favoreça o crescimento pessoal, respeitando a livre decisão de cada um. Viver esse dinamismo de respeitar o outro provoca em Domênico uma experiência vívida de realização: *eu me sinto maravilhosamente bem*. Desse modo, o outro não é definido pela fragilidade, não é cobrado; mas considerado em sua singularidade. É esse tipo de reconhecimento mútuo correspondente à Domênico que constitui a *cultura de paz* da realidade comunitária de A.A., possibilitando a afirmação do ser humano.

É nesse meio fértil de consideração recíproca da humanidade e singularidade do ser que brota em Domênico uma das manifestações mais sublimes de reconhecimento do outro: o *amor*.

*A palavra que eu também não conhecia: amor! Eu sinto prazerosamente que... Você já calculou bem... um homem falar que gosta de outro homem? Eu não sou bissexual. Mas gosto porque... Poxa, com respeito, com carinho! O carinho de quê? Que é o que um jovem moço... que esteve entre nós há 2013 anos, nos pedia: amor! O carinho ele está no amor.*

Domênico vivencia uma surpresa ao se descobrir capaz de *amar*, de viver o *amor* que não conhecia, de gostar de *outro homem*. É notória a satisfação e realização de si ao doar *amor*, *carinho* ao outro, pois *prazerosamente* se posiciona dessa forma. Ao ser indagado sobre a maneira como mostra o *amor*, ele prossegue:

*Como? Nossa! (risos) Sentindo prazer de chegar ao grupo, antes da reunião. Abraçar a todos que estão lá! E tem uns que eu chamo de guru, que já tem a idade cronológica um pouco maior que a minha. Até beijo na testa eu dou. Olha, um cara que não conhecia nada disso! Quer dizer, isso não é viver feliz? Eu saber que hoje eu posso ser... o Domênico que nunca fui.*

Mais uma vez, evidencia-se que o tipo de relacionamento a que Domênico estabelece com o outro, fundamentado na doação do amor, o constitui e constrói vínculos intersubjetivos. Não se trata de um amor hipotético, mas de um posicionamento guiado pela doação de afeto, seja por meio do ato de *abraçar*, seja dando um *beijo na testa*. Isso é tão realizador de sua

pessoa que afirma *viver feliz* se interagindo desse modo, livre. Lançar-se na relação dessa maneira é ser *o Domênico* que *nunca* foi. Nesse sentido, há uma abertura sincera ao outro que é considerado e amado. É nessa radicalidade de relacionamento que Domênico se descobre, encontra em si a capacidade de se relacionar com afeição e se contentar com essa ação. Essa dinâmica é, com efeito, estruturante do próprio ser; é a partir dela que se reencontra e que constitui relacionamentos, e, conseqüentemente, o contexto comunitário do grupo.

Não apenas no contexto da reunião de A.A. que vive um relacionamento de abertura viva com o outro:

*O meu convívio com o outro. Esse convívio, ele é um convívio que às vezes ele vai além... das quatro paredes... de uma sala de reunião. Nós temos, por exemplo... Quando eu apadrinho alguém, a primeira coisa que eu faço, eu dou o cartão do meu grupo em que eu frequento, com o meu número de celular e do meu telefone fixo, para que ele possa contar comigo 24 horas por dia, aonde ele estiver. Se ele tiver passando por alguma turbulência... ele tem a liberdade de me ligar. Eu nunca encontrei isso em lugar nenhum. Eu ainda falo: "você pode me ligar das 6 da manhã às 6 do outro dia. 24 horas, você pode me ligar, se quiser..." Então, você está entendendo? E eu também tenho o processo... eu ligo para eles. Não só eu, somos nós. Por quê? Porque é uma forma de que você mostrar para a pessoa que ela é significativa (pausadamente) naquele processo!*

Mais uma vez o modo como toma nas mãos a proposta de apadrinhamento é de modo próprio, mostrando-se disponível e pronto para ajudar o outro, *24 horas por dia*. Abre espaço para o outro se posicionar com *liberdade*, buscando companhia quando *quiser*. Não somente abre-se para o outro revelando prontidão em acolher, mas também o próprio Domênico se posiciona cuidando do outro, ao *ligar* para esse. Além disso, reconhece que esse tipo de posicionamento, de *convívio*, é comum aos outros integrantes: *não só eu, somos nós*. Como experiência compartilhada, Domênico percebe também que é por meio desse caminho de ser que eles demonstram uma valorização da *pessoa*, que passa a se considerar *significativa* no *processo* de cuidar de si em A.A. Desse modo, vivem uma abertura mútua que favorece o cuidado do outro. É importante favorecer o autocuidado do outro, não apenas o próprio. É um modo pessoal de experienciar o contexto comunitário e de agir nele, construindo relações intersubjetivas que favorecem o alcance do objetivo comum de se cuidarem em seu caráter formal. Assim, estruturar-se no grupo, como contexto societário e comunitário, coincide com a construção do mesmo que é o próprio sustento em seu processo.

Novamente, Domênico revela uma dinâmica de interação com o outro que o realiza, também num contexto externo à reunião:

*A conversa do poste é a conversa... A conversa do poste é a conversa que mais sai besteira (riso). Um sorri do outro... um encontra uma... Um fala ali na hora, né? Só estamos em*

*companheiros, né? Aí a gente vê alguma situação do que o outro provocou que não tenha sido assim... que ele se julga... sabe? Que ele começa querer envaidecer, aí a gente pega no pé dele. Você entendeu? Porque não pode! Nós não podemos. (...) A gente conta piada, várias piadas. Só piada assim sabe muito pesada. Piada de todas... Que são fantásticas. Mas é um momento de lazer! É o nosso momento de lazer. Então, a gente conversa sobre todo e qualquer assunto, dentro de um contexto... dos princípios. Você está entendendo? Ou seja, nós temos um mundo nosso. E esse mundo é assim. Naquele momento a gente conversa sobre tudo... sobre namorada... sobre situações desagradáveis do passado... situações desfavoráveis e ótimas do presente... E contamos as piadas, igual eu te falei... Um pega no pé do outro... para poder encher o saco mesmo né? Porque nós não vamos deixar de encher o saco um do outro só porque estamos na Irmandade não. É um direito, né? (riso de Domênico e de Ana Cláudia). Nós podemos espezinhar ele também... Mas entre nós.*

Durante *a conversa do poste*, os integrantes constituem entre si um vínculo baseado na liberdade. Não somente Domênico encontra-se livre para interagir com o outro fora do contexto grupal, mas os outros também se lançam nessa convivência. O que se constitui ali não é algo formal, sustentado pela estrutura societária do grupo, mas um tipo de relação em que se prevalece a espontaneidade, próprio da vida comunitária. Cada um *conversa de tudo, conta piada, sorri do outro, pega no pé do outro, enche o saco mesmo*: trata-se de uma dinâmica de liberdade que constitui *um momento de lazer* e relações de amizade; que realiza Domênico. Nesse sentido, a abertura mútua por meio do diálogo, que se dá de um modo livre, possibilita tanto uma experiência de correspondência ao ser de Domênico quanto a constituição de convivência que é ocasião de cada um se colocar no mundo e fortalece as relações provenientes de A.A. Ou seja, Domênico, ao constituir vínculos com as pessoas participantes do grupo, não somente nesse contexto, faz uma experiência em nível pessoal, que se conecta com o próprio ser ao invés de estar em função de uma formalidade de relação proposta. E, assim, com efeito, constrói a realidade comunitária que vive e a partir da qual se estrutura em seu processo pessoal de ser mais si mesmo.

O dinamismo que vive nesse tipo de convivência proporciona uma reconfiguração do sofrimento que marca sua história:

*É reunião do poste... reunião do banco... reunião do muro... porque a gente fica encostado no muro batendo papo às vezes quarenta minutos e não se cansa. Esse é o processo também que alivia as dores da alma (pausadamente). Esse processo alivia as dores da alma.*

É na reunião do poste, marcado pela liberdade e satisfação, por permanecerem *quarenta minutos ali e não se cansarem*, que Domênico encontra um alívio vivificante para sua vida. É no encontro com o outro, *batendo um papo*, que faz uma experiência de serenidade, que pode atenuar *as dores* de seu ser, *da alma*. Nesse sentido, no relacionamento com o outro, vive

uma experiência de correspondência ao eu, que ressignifica o próprio sofrimento encontrando um horizonte de possibilidade de realização de si.

Após realizado o percurso de compreensão da experiência de Domênico ao longo do tempo em A.A., marcado pelo crescimento pessoal articulado com o posicionamento de se colocar na realidade comunitária, constituindo-a mediante a doação de si ao outro e de vínculos intersubjetivos, joguemos luzes no modo como vivencia os outros âmbitos de sua vida em conexão com o experiência que vive em A.A.

### 3.4. A.A. e os diversos âmbitos da vida

Agora vamos nos lançar a compreender como Domênico vivencia os variados âmbitos de sua vida, a partir da experiência em A.A. Ou seja, que elementos vividos em A.A. também emergem no modo como vive a totalidade de sua existência. Vejamos como cada aspecto emerge no modo de elaborar sua experiência.

Da forma como Domênico se apropria da proposta de A.A., quanto à leitura dos princípios, ele apreende outras consequências:

*Então, o processo ele é único, mas eu mesmo, eu não tenho que ficar só dentro da literatura da Irmam, dos Alcoólicos Anônimos não. Eu tenho que ler outros escritos, eu tenho que ler livros dessa doutrina que eu sigo. (...). Espírita. Eu tenho que lê-los. Eu tenho que ler, por exemplo, um jornal... durante do dia, embora crime... qualquer tipo de crime eu não leio. Eu gosto muito de um determinado jornal de belo horizonte que é O Tempo, que ele traz cultura... traz esporte, né? Então, é... não fica só naquela de crime. Então, crime para mim hoje... porque crime eu sei que acontece. Eu sei que acontece.*

Na experiência de Domênico, a sua busca por conhecer o mundo suscitado em A.A. não trata de uma reprodução da proposta, pois lançar-se para compreender as coisas por meio da leitura é seu modo de se aproximar da realidade. O ato de *ler*, seja adentrando a *literatura dos Alcoólicos Anônimos*, lendo *escritos da doutrina espírita*, ou lendo *um jornal*, carregam um caráter de dever em realizá-lo: *eu tenho que ler*. Essa ação que poderia ser apenas configurada como obrigação emerge contendo um gosto quando, por exemplo, diz *eu gosto muito do jornal O Tempo*. Mas não se move a conhecer qualquer contexto da vida; aquele que revela situação de violência é rechaçado, como notícias de *crime*, as quais o conhecimento não acrescenta em nada. Desse modo, é evidente para Domênico o ponto que estrutura seu posicionamento no mundo: busca por aquilo que lhe corresponde interiormente. Guia-se, assim, pelo critério de se aproximar daquilo que o interessa e o estrutura, movimento esse que

está presente tanto em A.A. quanto no modo de se posicionar, a fim de conhecer outros âmbitos da vida que o constituem.

A busca por estar em contato com o mundo não se restringe ao ato da leitura. O movimento de entrar em contato com a vida da *mãe natureza* também realiza Domênico:

*Essa mãe natureza é prodiga e muito beneficente. Então sentimentos desse é que nos norteiam dentro da Irmandade. A mim me norteia isso. É saber que prazerosamente... por exemplo, eu posso ir lá no parque das mangabeiras... ficar... [fazer] uma caminhada ali. Sentar num daqueles bancos de madeira que tem lá. Ter o prazer de ver aqueles quatis que são em número muito grande. Passo lá por aquele aquário lá (...), aquário natural... aquelas carpas maravilhosa ... Posso ver tonalidades de verde que antes eu não enxergava. Então tudo isso é um processo. E esse processo lá dentro, lá na hora que o companheiro está falando... eu aproveito tudo que ele fala. Porque às vezes a dificuldade dele é a mesma que eu estou tendo.*

Para Domênico, o modo como vive a *Irmandade* e como vive a *natureza* se estrutura a partir da possibilidade de se realizar na relação com a vida que está diante de si. Se no período em que se alcoolizava e de drogava não era capaz de se atentar para o outro e para a realidade por vivenciar a perda de si, agora, tomando a sua existência nas próprias mãos, consegue experienciar o mundo com *prazer*. É no contato com a vida que há naqueles *quatis*, naquelas *carpas maravilhosas*, nas *tonalidades de verde* que ele se vitaliza e faz uma experiência de maravilhamento, de realização da inteireza de seu ser. E no encontro com o *companheiro* lá dentro na reunião pode se dar conta de possibilidades de posicionamento que antes não considerava. É nessa dinâmica de abertura, atentando-se à realidade natural e ao outro sujeito, que Domênico passa a enxergar coisas novas, ao mesmo tempo em que se dá conta das próprias possibilidades de viver o mundo e de se corresponder nesse encontro. Esse é o *processo* de atenção para aquilo que o realiza, que constitui Domênico, seja em A.A., seja na relação com a natureza. Assim, tanto a experiência em A.A. quanto em outros âmbitos de sua vida possibilitam um mesmo nível de constituição de si, um processo de descoberta, de percepção de si e das coisas.

Voltemos o nosso olhar para o primeiro dia em A.A. Lá Domênico já revelava essa sensibilidade de se satisfazer ao entrar em contato com a natureza. É um modo seu de viver a realidade, ou melhor, a vida que constitui si mesmo e o mundo.

É próprio de Domênico se atentar à realidade, ao outro, e inclusive a si mesmo na relação intersubjetiva:

*Coisa que antes para mim era sofrimento hoje é aprendizado. Ou seja, os momentos em que eu julgo que alguém está me torrando, me enchendo demais... Aquele momento é um aprendizado. Ou seja, ali eu tenho trabalhado... Porque às vezes [vem] aquele ímpeto de explosão, eu explodo. Mas depois... a consciência... ela começa a fazer perguntas para mim: “vem cá, você*

*acha que agiu certo?”, “você não acha que você poderia ter contornado de uma outra maneira?” “Será que naquele momento ... o que você fez com Fulano, Beltrano, Ciclano... valeu a pena?”, “Olha como você está aí agora ... olha só, você está sofrendo, está preocupado... você está se questionando (...)” É aprendizado. O que momentaneamente foi um sofrimento... logo após se torna um aprendizado. Me molda. Faz com que eu entenda de que eu posso contornar.*

Voltar-se para si e refletir sobre as próprias ações, como dinâmica proposta por A.A., é vivida por Domênico não apenas na circunstância da partilha, mas, sobretudo trata-se no *aprendizado* que integra a sua vida. O modo como se posiciona impulsivamente, pelo *ímpeto de explosão*, em direção ao outro que o incomoda, que o *está enchendo*, lhe gera *sofrimento*. Ao invés de ignorar a própria dor, ele toma *consciência* de sua ação e se posiciona, refletindo sobre outras formas de lidar com *aquele momento*. Por meio desse diálogo consigo mesmo e da percepção de si, aprende que é possível *contornar* a própria tendência e se posicionar de outra *maneira*. Viver por meio do impulso não corresponde a si mesmo; pelo contrário, provoca dor. Por isso o ponto estruturante de si é a busca por viver momentos que valem *a pena*, que não ferem o outro, e, conseqüentemente, não ferem a si mesmo, ainda que não consiga sempre concretizá-la. Embora viva momentos de *explosão*, guia-se pela referência de posicionamento pessoal, afirmando a própria busca por crescer. Assim, o outro, que a princípio é negado e machucado por Domênico, passa a ser considerado em sua humanidade.

É estruturante para Domênico reafirmar, continuamente, a importância de se relacionar com o outro de um modo mais correspondente de si mesmo. E esse dinamismo torna-se mais evidente na sua experiência ao destacar que o outro é incluído em seu campo de interesses:

*Eu (...) nem sei quando vou artefinalizar a minha vida. Agora eu não tenho a certeza de que eu irei artefinalizar minha vida. Está vendo a diferença? Hoje, eu não preocupo nem se ela... quando ela vai acontecer... Eu não sei se eu vou envelhecer... Eu não sei se meus cabelos vão ficar brancos... Não me preocupo se ficarem. Mas se o processo de artefinalizar minha vida tiver um pouquinho mais longe do que eu imagino, eu vou envelhecer. E quero envelhecer bem. Eu quero envelhecer com qualidade de vida. Eu quero envelhecer com a consciência tranquila de que eu posso fazer algo pelo outro.*

Se no período anterior a A.A., entrever a morte se vinculava ao modo de se destruir ao usar droga e álcool, hoje a considera como parte de um processo natural. Ao se surpreender com a possibilidade de cuidar de si sem agir de modo a *não artefinalizar* a própria vida, percebe que o importante é viver de um modo realizador de si. Emerge uma busca por *envelhecer*, não de qualquer modo, mas *bem e com qualidade de vida*. Não se trata de uma busca em que vive sozinho, mas que o *outro* é considerado como fator importante para se realizar. É estruturante de si viver uma espera por *fazer algo pelo outro*, ter *consciência*

*tranquila* da capacidade de contribuir para a vida alheia. Assim, um ponto fundante de sua experiência no mundo é posicionar-se, considerando o outro como valor e provocação para responder ajudando-o, demonstrando uma dinâmica semelhante ao que vive em A.A.

Abrir-se para o mundo exterior e interior corresponde à mesma dinâmica que sustenta o modo como se lança a compreender a realidade infinita por meio de perguntas radicais:

*Eu sou um cara que acredito na religiosidade. Acredito no espírito. Acredito na vida após a morte. Que é sempre muito ingrato um mundo maravilhoso igual a esse... esse vasto, essa vasta, vasta, vasta, vasta dimensão... que nós não conhecemos seria muita ingratidão do Criador... só a Terra ser habitada. Porque então criar uma vastidão de universo desse? Será que é por nada? Será que isso aí surgiu só do Big Bang mesmo? E antes do Big Bang? Então são perguntas que eu me faço.*

Com a experiência de maravilhamento, ao dar se conta do *mundo maravilhoso* que vive, surpreende-se com o mistério que o sustenta. E, assim, lança-se a encontrar o sentido maior da realidade, seja se perguntando sobre o que há mais além da *Terra habitada*, seja se questionando sobre a veracidade do *Big Bang*. E é deparando-se com essas perguntas que afirma:

*E isso tem me colocado numa condição... de certeza. Hoje já não são dúvidas. É a certeza justamente porque estou no programa [de recuperação de A.A.].*

Ana Cláudia: *Certeza de ...*

Domênico: *De que a vida após a morte ela existe... de que esse mundo que nós estamos não é o único... de que eu fui muito protegido pela espiritualidade, clara e evidente. Embora também tenha sido obsediado...*

Não nascem *dúvidas* em Domênico ao tentar responder as perguntas sobre o sentido da existência humana. Emerge uma experiência de verdade por ter *certeza* de que existe um ser absoluto, a *espiritualidade*, que cuidou dele ao longo de sua vida. E justamente por aderir à proposta de A.A., na forma do *programa* de recuperação, que pôde fazer uma experiência de correspondência ao compreender o mundo em sua dimensão infinita e ao considerar a própria vida como intervenção de nível superior:

*Eu acredito em uma força supra-humana... porque poxa bem olha... você veja... eu não sei quem é Deus ou se Deus é... o que é Deus! Não sei. Mas em compensação eu sei que ele realmente existe... Deus me colocou lá [em A.A.], tá? Na minha concepção, Deus é esse poder do qual a gente adquire... adquire uma sustentação muito fantástica, né? Porque o fato de ser supra-humano não quer dizer... que eu não possa acreditar. E acreditar hoje para mim tem sido uma meta. Uma meta.*

Mais uma vez o movimento pessoal de *acreditar* em *Deus* é realizador de Domênico. Não importa saber sobre o que Ele é: *eu sei que ele realmente existe*. Ou seja, dessa atenção para a realidade infinita emerge uma certeza de que é cuidado por um ser absoluto,

constituído por uma *força supra-humana*, que o sustenta e o vitaliza. Pelo fato de a liberdade ser ponto que norteia a própria ação no mundo, essa sustentação de ordem superior não é vivida como aprisionamento, mas como possibilidade de viver, de continuar se cuidando e afirmando o próprio ser na relação com o infinito.

Ao jogarmos luzes sobre a experiência de Domênico em A.A. interconectada com a totalidade de sua vida, apreendemos um modo próprio de viver, tanto no contexto de A.A. quanto na sua existência de uma maneira mais ampla. Conectar-se com o mundo, conhecendo-o e atentando às suas maravilhas; aprender com a própria experiência, com os próprios erros; colher no ato de doar-se ao outro um significado que reconfigura o significado de sua vida; e relacionar-se com um ser absoluto, compreendendo o sentido da vida humana e apreendendo uma força que sustenta seu processo pessoal são modos de Domênico se colocar no mundo e se realizar nesse dinamismo. Compreendemos, também, que o fato de não se referir a relacionamentos no âmbito mais amplo de sua vida não significa que o processo de realização de si não inclui o vínculo com o outro. Domênico se encontra em um período de constituição de novos relacionamentos diante de tantas perdas de relações interpessoais. Ao viver laços de amizade com os integrantes de A.A. fora do contexto grupal, sinaliza o processo de reconstrução de vínculos comunitários, nos quais apreende uma riqueza que o realiza.

### **3.5. Experiência de Domênico: uma síntese**

Domênico, ao elaborar a própria experiência em A.A., retomando os momentos de sofrimento do período em que se alcoolizava e se drogava, afirma a própria superação e o valor de sua vida. Reconhece que, a partir da ausência de um relacionamento com os seus pais pautado em liberdade, encontrou nas drogas um meio de se afirmar. Compreendemos que com a própria busca por liberdade e poder nas drogas, Domênico vivia justamente a perda de controle sobre si mesmo. À medida que o vício o dominava, vivenciava uma perda profunda de si, dos vínculos familiares, além das perdas materiais. O outro se configurava como um meio para findar a fissura pela droga; uma provocação para se responsabilizar pelos seus atos; uma ameaça à própria vida, até o ponto de viver uma solidão intensa. Ou seja, o vínculo intersubjetivo inexistia, principalmente o de caráter comunitário.

No entanto, Domênico nos comunica que vislumbrou uma saída para o próprio sofrimento em A.A., atentando-se para o movimento próprio de buscar ajuda e cuidado

consigo mesmo. O encontro com o outro, no início, seja por telefone, seja pela longa conversa com o padrinho no primeiro dia, foi fundamental para decidir se cuidar. A atenção e interesse sincero do outro em direção à Domênico mobilizou uma percepção da fragilidade juntamente com as possibilidades de realização de si. Descobrir-se, aceitar-se e poder se expressar livremente na relação com o padrinho foi vivido como uma experiência de correspondência à sua pessoa inteira. Por isso, reconhece o caminho de esperança que começou a trilhar nesse primeiro momento.

Aprendemos que Domênico permanece experienciando A.A. por poder: vivenciar, no contexto comunitário, um poder superior que incide em sua vida, ajudando-o em seu processo de autocuidado; afirmar a necessidade de se cuidar, a partir da compreensão e vivência dos princípios de A.A., que são orientadores em seu processo, ressaltando a importância para si de retomar o passado como forma de não cometer os mesmos erros; poder resgatar a autonomia, sendo dono de si mesmo, reconhecendo que essa experiência é vivida por um “nós”; sustentar-se, a partir de um ponto de referência concreto, na forma do encargo de secretariado, a partir do qual pode se firmar, cuidando-se; viver a experiência de liberdade e proporcioná-la ao outro, ao se colocar no grupo, de modo a respeitar o ritmo do integrante, realizando-se nesse processo; e aprender com as experiências compartilhadas um modo melhor de se cuidar. Nesse processo, surpreende-se com a capacidade de ser si mesmo e de crescer, vivenciando experiências de realização vitalizadas, a ponto de se maravilhar com a própria crença em um ser absoluto que intervém em sua vida, fortalecendo-lhe, e que possibilita a existência humana. Eis a experiência religiosa, como fundante de seu processo pessoal, tanto em A.A. quanto na totalidade de sua vida. Assim, experienciar o contexto comunitário de A.A. por justamente proporcionar-lhe experiência de liberdade, que o realiza. Ou seja, seguir os princípios não significa uma alienação de si, mas uma afirmação de sua pessoa por apreender um valor na proposta de A.A. que está em sintonia com as próprias buscas.

É também no contexto comunitário de A.A. que se coloca de um modo pessoal, abrindo-se ao outro, doando afeto, amor, demonstrando o carinho pelo outro por meio de abraços e beijo na testa. Vive vínculos de amizade com os integrantes do grupo, com quem pode ter momentos de diálogo e descontração e que realizam a inteireza de seu ser. Também ajuda o outro a se cuidar, a crescer, dando sugestões, compartilhando sua experiência, sendo uma referência de superação para os outros, mostrando-se disponível para ajudar, ao apadrinhá-los. Desse modo, compreendemos que Domênico constrói o contexto comunitário pela doação de si ao outro, seja constituindo relacionamentos vivos, seja ajudando o outro a

alcançar a sobriedade e crescimento pessoal. Cuidar desse contexto coincide com o movimento de cuidar de si mesmo, vivendo experiências de correspondência.

E é também na totalidade de sua vida que vivencia uma transformação de si, reconhecendo a incidência de sua experiência em A.A. no modo de se colocar no mundo. Empenhar-se para compreender os princípios de A.A. não é suficiente diante da busca por conhecer o mundo, que ele realiza por meio da leitura, e a partir da qual pode se realizar ao se aproximar do que corresponde a si mesmo, como a parte de cultura do jornal. O modo de atender-se ao outro também se revela na maneira de se abrir para a realidade, mirando sua atenção aos mínimos detalhes da natureza que carregam vida, realizando-se nesse processo e vivenciando uma surpresa por perceber nuances de verdes que se conecta com a descoberta de possibilidades de ação pessoal a partir da partilha do outro. Carrega consigo a busca por retomar o que é importante para si quando age impulsivamente: respeitar o outro. Além disso, ajudar o outro se configura como um valor, a partir do qual se constitui dando sentido ao seu processo de envelhecimento, pois afirmar que poder fazer algo pelo outro provoca em si tranquilidade. Compreendemos, ainda, que a relação com o infinito fundamenta seu processo de ser si mesmo da mesma forma que A.A. possibilita constituição de vínculos a partir das quais se realiza plenamente. Eis o que diz: *Sinto prazer de abraçar a todos que estão lá. Isso não é viver feliz?*

#### **4. Aguinaldo: O grupo é a maior paixão da minha vida**

Na tentativa de adentrar numa reunião californiana, nos deparamos com a impossibilidade de fazê-lo. Em contrapartida, encontramos Aguinaldo, engenheiro civil, com a idade de 69 anos de vida e de 20 anos de A.A. Demonstrou um jeito acolhedor e simpático, nesse primeiro contato, além de nos surpreender com a vivacidade com que relatava sua compreensão de A.A. Foi a partir disso que nos propomos a conhecer sua história, convidando-o a participar da pesquisa como sujeito. Aceitou o convite com grande alegria.

Acompanhemos como ele elabora a sua experiência em A.A., partindo de seu olhar para o período anterior ao processo pessoal em A.A., para, então, acessarmos o modo como vivencia as relações comunitárias nesse contexto. E, por fim, iremos compreender como o modo de viver A.A. repercute nos variados âmbitos de sua vida.

#### 4.1. Antes de A.A.

Aguinaldo, ao retomar os momentos em que se alcoolizava, volta-se para a própria história, revelando um episódio importante na infância que o ajuda a se compreender:

*Eu, por exemplo, hoje já tenho algum tempo de abstinência. Falo honestamente, sabe? Eu acho que não foi por acaso que Deus me fez alcoólatra. Não foi. E depois a gente relembrando o passado... Lá em casa, meus pais não bebiam. Meu pai tomava uma taça de vinho no Natal, bebia coisa nenhuma. Nós éramos cinco filhos homens, mas a diferença de idade [era] muito grande entre nós. Eu era o caçula. E tinha festa, por exemplo, aniversário da minha mãe... aniversário não sei de quem... Então, faziam aquelas festas e, lógico, evidente, que serviam bebida. Normalmente, naquela época, era vinho. E eu era menino de seis, sete anos no máximo... quando as bandejas iam para cozinha, eu ia lá e bebia o restinho dos copos todos, entendeu? (risada de Aguinaldo e de Ana Cláudia) Quer dizer, eu tenho certeza que nasci alcoólatra. E um dia eu fiquei de fogo (risada). Descobriram: “esse menino bebeu”. Ai você vê como são as coisas. Então, é uma doença que...*

Apesar de apreender a razão de ser alcoolista, já que não foi *por a caso que Deus o fez alcoólatra*, ele não se atém a esse sentido. Contudo, elabora que a sua doença foi algo que não escolheu para si, é inato a ele: *tenho certeza que nasci alcoólatra*. Ao remontar essa cena do passado, ele identifica elementos que propiciam essa experiência de verdade. Desde seus *seis anos*, procurava pela bebida, movimento que, para Aguinaldo, partia exclusivamente dele e não como consequência da influência do ambiente familiar, pois *ia para cozinha*, afastando-se das pessoas, para beber *o restinho de vinho dos copos*, denotando, assim, uma situação degradante. Desse modo, o consumo da bebida não possuía uma função social, não era um meio para ele se entrosar com as outras pessoas. Pelo contrário, sua intenção era beber escondido e sozinho, já que o fato de ter sido descoberto configurava-se como um problema para ele: *descobriram*. Aguinaldo nos comunica, assim, que o consumo de álcool era acompanhado por solidão e uma situação de degradação.

Mas, além de identificar em si uma *predisposição* ao alcoolismo, ele percebe que a bebida alcoólica também possuía uma função social em sua fase da adolescência:

*Eu, por exemplo, bebi 36 anos. Muita coisa. A gente começa a beber com 13, 14 anos, quando é rapazinho, mocinha, né? Porque todo homem bebe! Tem que ser macho! E o comportamento grupal, sabe? Das turmas, as turmas! (tom de brincadeira) A turma nos leva a beber: “todo mundo bebe, você vai tomar uma, não sei o que, pepepepe...” E aquelas pessoas que têm a predisposição para ser doente alcoólico, lógico e evidente que rapidamente viciam e aí, passam a beber. E a necessidade do organismo vai pedindo mais, e mais, e mais, e mais, e mais.*

Ao se incluir na compreensão da dinâmica comum das relações sociais da adolescência, reconhece que começou *a beber* diante da influência *grupal*, que transmitia a mensagem que

*todo homem bebe, e tem que ser macho*, e da necessidade de ser aceito pelo outro, relacionar-se. Foi levado pelo grupo e não mais conseguiu parar de beber, já que possuía *predisposição para ser doente alcoólico*. Ao mesmo tempo em que revela a própria vivência, também nos mostra sua concepção acerca do alcoolismo, compreendendo-a como uma doença que possui fatores genético e social para sua manifestação, além de viciar gradativamente: *o organismo ia pedindo mais e mais*. Surpreende-se com o longo tempo em que passou se alcoolizando, durante *36 anos*, e emiti o juízo: *muita coisa*. Aguinaldo nos comunica, assim, o drama que viveu ao não conseguir controlar o modo de beber, dominar a doença, que iniciou com sua intenção de ser aceito pelo grupo social em que participava. Da necessidade de se relacionar, abria-se para a relação com o outro, mas deixava-se levar pela influência grupal. O que emergia dessa dinâmica era a perda de si, por encontrar-se num processo de dependência do álcool.

Apesar de perceber a perda de domínio de si, por viver uma dependência ao álcool, tem clareza de que não deixou de se empenhar para eliminá-la e para cuidar da família:

*Eu tentei. Eu, eu, Aguinaldo, tentei parar de beber muitas vezes, sabe? Eu fui um homem de muita, de muita luta. Perdi meu pai muito cedo, com 15 anos. Com 17, eu já sustentava família. Depois eu casei muito cedo. Aí eu passei a sustentar duas famílias. Eu fui um cara que lutei muito. Era um trator para trabalhar. E fui muito vitorioso, principalmente na minha profissão, em que tinha muita pouca gente.*

O modo como Aguinaldo acentua esse trecho, que foi um *homem de muita luta*, e que foi *um cara que lutou* muito, revela uma percepção de si como um lutador, mesmo com as dificuldades do alcoolismo. Revela que para ele é valor batalhar, para transpor tanto os obstáculos da vida, quanto *sustentar duas famílias*. Quanto a sua doença, tentou *parar de beber muitas vezes*. Ele começa a nos comunicar que se estrutura a partir desse valor, para se sustentar diante das dificuldades. Mas o fato de ter lutado para findar com o sofrimento advindo do alcoolismo não trouxe alívio diante do drama vivido. Ao longo do tempo, a doença o dominava cada vez mais. Acompanhemos como Aguinaldo vivenciou o processo de agravamento do alcoolismo:

*O alcoolismo nos leva a perder a sanidade. Agora, ninguém perde a sanidade da noite para dia: “Eu estou bebendo muito e fiquei insano”. Não! Fiquei insano coisa nenhuma. Como o meu caso. Eu era pai de família, sempre trabalhei, sempre sustentei minha família, nunca dei prejuízo a ninguém, nunca roubei, nunca matei; sempre procurei respeitar os valores e tal. Porém, a minha sanidade foi se perdendo, perdendo, perdendo, perdendo, até o ponto de eu estar caindo no fundo do poço e achar que não era alcoólatra. Eu era um bebedor violento! Alcoólatra, não. Não tem o menor sentido. É aí que eu falo tem que ter humildade para reconhecer, sabe?*

Novamente está presente em sua vivência a percepção de si, como um homem trabalhador, responsável pelas despesas domésticas, um homem digno, que respeita o outro. E justamente por ter cuidado do outro, percebia-se com valor. Contudo, com o alcoolismo, ele foi *perdendo* a sanidade, foi se *perdendo, perdendo* o próprio valor, a ponto de chegar ao *fundo do poço*, vivendo um drama tamanho. Hoje, reconhece o próprio modo irracional e insano ao destruir a própria vida, na forma dos *valores*. A falta de *humildade* para admitir naquele momento a necessidade de ajuda impossibilitou a busca por se cuidar.

Como a insanidade se revela no modo de viver si mesmo e as relações?

*Eu sempre fui muito católico. Mas um católico, daquele católico que você conhece do catecismo. Aquele velho de barba grande... Eu não frequentava... A pessoa que bebe não pode frequentar igreja. Eu acho que nada mais separa de Deus do que o vício. Eu alcoolizado quero saber de Deus? Eu sou deus com d minúsculo, eu sou engenheiro mais competente, eu sou fodão. Eu não preciso de ninguém, eu resolvo tudo. Eu só não resolvo a minha vida. Mas o resto... Eu resolvo o problema do Lula, da Dilma, de qualquer um; da Rússia, do Obama. Eu não quero saber de Deus. É uma prepotência, um orgulho, uma arrogância. É um negócio desenfreado! É uma coisa desenfreada!*

Apesar de se considerar *católico*, reconhece que relacionar-se com um ser absoluto, *Deus*, estava longe de acontecer nesse período. Recorrer a um relacionamento desse nível requereria humildade, algo que Aguinaldo possui a clareza de não ter. Enquanto era dominado pelo *vício*, ele reconhece o quanto se sentiu poderoso, capaz de resolver os problemas *de qualquer um*. Recorrer a alguém para buscar ajuda não era possibilidade. Apesar de dar-se conta das próprias dificuldades que não conseguia transpor, ainda, assim, afirmava para si mesmo que resolvia *tudo*. Assim, emerge percepção do quanto foi dominado pelo *orgulho, arrogância*, características presentes de modo intenso, *desenfreado*. Dessa forma, Aguinaldo nos comunica sobre a percepção de si, fechado em si mesmo, autoafirmando-se a partir da *prepotência*. Negava, assim, a possibilidade de se relacionar, seja com outra pessoa, seja com uma figura transcendente; afinal, não precisava de *ninguém* para viver.

O mínimo sinal de abertura de Aguinaldo para o outro não se sustentava:

*Quando você começa a conversar comigo, eu já te corto, já cheguei ao final. Você não tem chance de conversar comigo! Eu sei tudo.*

Viver era em função do próprio eu, pois mesmo se abrindo para se relacionar com alguém, não reconhecia o movimento do outro. *Saber de tudo* impossibilitava o diálogo e considerar o outro na sua singularidade. Emerge-se uma percepção de centramento sobre si

mesmo, em qualquer relação e como esse modo de ser insano aparece mais especificamente na relação com a família.

*Ela [ex-esposa] achava que me amava, eu achava que eu amava ela. Tivemos dois filhos (...). Havia respeito e tudo e tal, e responsabilidade. Eu tratava... sustentava a casa. Eu dava o melhor pro meus filhos, para ela (...). Mas não, não dá pra viver assim não. Você tem que ter aquela liga do bolo (...). Eu sei que tem que ter amor, muito amor, sabe? Tem que ter aquela amizade plena, sabe? Desprendida, sabe? Eu não tenho que pensar em mim, tenho que pensar nela, nos meus filhos. E isso não houve, a gente sempre está: “eu preciso trocar o meu carro, eu preciso disso, preciso daquilo” (...). Acontece alguma coisa, ela falava: “vamos conversar”. Eu falava: “Não, eu não tenho tempo. Você sabe que eu não tenho tempo. A porra, eu dou tudo em casa, você estão reclamando do quê?” Aquela história que você sabe...*

Ao resgatar o modo como se relacionava com sua ex-esposa, dando *coice*, *maltratando*, ele percebe que não a *amava* e a inexistência de um fator que passou a ser importante em sua vida: a *liga do bolo*, isto é, a *amizade plena*. Para Aguinaldo, o ponto central para ter uma *amizade* é a doação de si ao outro, o que não acontecia em seus relacionamentos *em casa*. Como não era um critério que guiava suas ações, sempre se esquivava do cuidado com os relacionamentos, como o diálogo e a abertura. Se no período em que se alcoolizava ele não se doava, não se aprofundava nesses relacionamentos familiares, desconsiderando o outro, ocupando-se de atividades consumistas, e tendo como critério para o cuidado com a família arcar com as despesas domésticas, *dando tudo em casa*; hoje percebe como fundamental reconhecer o outro, doando-se. Assim, reconhece que não cuidou do relacionamento com a, até então, esposa nem dos *filhos*, a partir dos elementos fundamentais, como a constituição de amizade e doação plena de si ao outro. Hoje, tem clareza de que agir a partir desses critérios é que faz bem e favorece a constituição de um relacionamento amoroso real. Mas quando se alcoolizava, o fechamento sobre si, ao negar o diálogo, dificultava um relacionamento genuíno com o outro no âmbito familiar.

Aguinaldo continua nos revelando o modo irracional de se relacionar com o outro, jogando luzes sobre o relacionamento com a ex-esposa:

*O álcool foi um fator muito presente, porque é... eu fui um marido muito bruto, um sujeito grosseiro, sabe? Eu errei muito. E num casamento ninguém gosta de ser maltratado. Ser maltratado uma vez ou outra, tudo bem, passa. Mas ser maltratado todo dia, durante quanto tempo?*

Ao perceber-se como *bruto*, *grosseiro* com sua ex-esposa, na época em que bebia, Aguinaldo emite o juízo sobre si: *eu errei muito*. Hoje, ao colocar-se no lugar dela, reconhece o quanto lhe fez mal, o quanto foi violento na relação, por ter *maltratado* por tanto *tempo* e *todo dia*. Espanta-se com a violência proferida por si e suportada pela ex-esposa. O que

emerge é dor por ter se relacionado de um modo que não condiz com o que valoriza atualmente.

Prossegue, compreendendo o seu modo de ser como irracional, não somente com a esposa e os filhos, mas também no âmbito profissional:

*Então eu acho o alcoolismo uma doença terrível, é a doença da irracionalidade. Quando eu estou alcoolizado eu só faço coisa errada. Sabe? Eu brigo com a minha mulher, eu xingo meus filhos, eu brigo com meu chefe no serviço. Eu só faço coisa errada. E depois que passa: “Não, não é possível! Como é que eu fiz isso?” Então, vem aquele remorso... aquela ressaca moral que é terrível! Um sofrimento grande. E o pior é que isso vai aumentando, vai aumentando e vai aumentando.*

Percebe que foi irracional quando agia contra ele mesmo, fazendo *só coisa errada*. Quando *alcoolizado*, embatia-se contra todos, contra a sua *mulher*, seus *filhos* e *chefe*, inclusive contra si mesmo. Não se sentia em paz com as próprias atitudes, reconhecendo *um sofrimento grande*, uma *ressaca moral terrível*, ao se dar conta das ações que minaram a própria vida. Destruir a si mesmo, a partir do modo como agia nas relações, também se revela no modo de arriscar concretamente a própria vida:

*Eu, pessoalmente, só carro, eu acabei com cinco. Desastre. Graças a Deus que eu não matei ninguém e nem morri. Até trombar com carreta, eu trombei. Não sei como não morri, porque acho que Deus protege mais os pingüços, sabe? (risadas de Aguinaldo e de Ana Cláudia).*

Apesar de ter feito tudo para destruir a própria vida, como colocar-se em risco, em desastres de *carro*, emerge um espanto pelo fato de estar vivo. Mesmo diante do drama revelado, ele finaliza o trecho com um tom alegre e de brincadeira, ao revelar uma surpresa diante do fato de ter sido cuidado por uma presença de ordem superior; afinal, acha *que Deus protege mais os pingüços*. Do posicionamento de ir contra si e contra o outro não advinha uma sensação de tranquilidade, pelo contrário, emergia uma dor.

Ao continuar retomando sua vivência do período do alcoolismo, revela-nos que ao longo do tempo em que o vício ia se agravando, o cuidado consigo não era uma realidade, muito menos a possibilidade de pedir ajuda. Acompanhemos o elemento preponderante para o ápice de sua dependência ao álcool:

*Por exemplo, tem alcoolismo de 30 anos, de 35, de 40 anos. Que a pessoa chega ao fundo do poço, completamente escornado, seja em casa, seja num botequim. E acha que não é alcoólatra. “Não, eu bebo muito, mas eu não tenho problema”. Assim foi o meu caso. Quando eu entrei no A.A. eu estava com um pé na sepultura e um pé na vida. Não sabia de nada. A única coisa que eu não era, era alcoólatra. Por quê? Porque eu nunca bebi em botequim, era a concepção que eu tinha.*

Para Aguinaldo, o alcoólatra era aquele que bebia em *botequim*. Diante dessa *concepção* pessoal, não se definia como *alcoólatra*; afinal, bebia em *casa*. Estar com *um pé na sepultura* e outro *na vida* não era suficiente para admitir a própria fragilidade. Por não assumir que estava doente, distanciou-se dos problemas provocados pela bebida, a ponto de não se cuidar. Como desdobramento desse posicionamento, o isolamento e o sofrimento passaram a ser aspectos notórios em sua vida. Vamos compreender que elementos vivenciais identificados por Aguinaldo contribuíram para afirmar que estava com *um pé na sepultura* e outro *na vida*.

*Mas em casa, eu estava escornado... todo sujo, na cama, sabe? Sem saber se era de manhã, de tarde ou de noite. Quer dizer, é um sofrimento tão grande! Eu me lembro dos meus finalmentes. Eu tinha que beber com canudinho, porque eu não conseguia segurar mais o copo, tinha que beber com canudinho... bebia, bebia, bebia. Aí, chorava, chorava, chorava. E rezava! Eu pedia a Deus para poder me levar. Não que eu quisesse suicidar! Não! Nunca me passou na cabeça me suicidar. Eu pedia a Deus porque eu não aguentava mais sofrer. Aí, chorava, chorava, chorava. Caía para o lado. Apagava. Que hora que acordava? Não sei. Acordava, a primeira coisa, era uma sede, uma vontade louca, desenfreada de beber. Enquanto não bebesse, não conseguia falar, raciocinar, tremendo todo, entendeu? Quer dizer a bebida nos leva a esse ponto, sabe? Como leva à loucura.*

Em seus *finalmentes*, o que emergia em Aguinaldo era apenas uma fissura pelo álcool, o que provocava *um sofrimento tão grande*. Viver em função de tentar eliminá-la, provocava menos domínio sobre si mesmo, revelado em momentos de degradação, por *dormir sujo*; na perda de localização no tempo e no mundo, por não saber *se era manhã, tarde, ou noite*, a *hora que acordava*; perda de controle sobre si e da vitalidade, pois não *conseguia segurar mais o copo*, e nem *falar, raciocina*. Enfim, demonstra uma perda de si mesmo, em meio à solidão que a cena relatada nos mostra. Mas, ainda restava algum grau de discernimento, a partir do qual lançava-se a rezar, solicitando uma intervenção de ordem superior, de *Deus*, para que a dor findasse. Assim, mesmo diante de tamanho sofrimento, uma busca por uma vida diferente daquela que vivenciava ainda pulsava dentro de si. E foi a partir dessa busca que se posicionou em direção a ajuda procurando A.A., como descreve em seguida.

#### **4.2. A.A. entrando no horizonte da pessoa**

Depois de tanto tempo isolando-se do mundo e das relações, Aguinaldo decide procurar ajuda:

*Eu, quando entrei no A.A., eu fui lá escritório central. Telefonei para lá, conversei e tal, não sei o que. Como é que aconteceu isso? Eu não sei! É o dedo de Deus.*

Apesar de não possuir o domínio sobre si e agir apenas em função de findar a fissura pelo álcool, posiciona-se rompendo com a extrema solidão que vivia. Surpreendeu-se por ter conseguido fazer algo: *telefonei para lá, conversei*. Sozinho não teria dado conta de gestos como esses, ainda que simples. Abrir-se para o outro de A.A., solicitando ajuda, foi percebido como um acontecimento: *é o dedo de Deus*. Não foi ele quem determinou: foi uma providência divina.

Um novo germen de movimento pessoal direcionado ao cuidado consigo mesmo emergia; era um passo a favor de si mesmo e em direção à relação com o outro. Se antes se isolava completamente do mundo e dos relacionamentos, agora se abre para o outro:

*E eu encontrei com esse cara [Z.] que depois se tornou meu padrinho. E conversamos, conversamos, conversamos. Eu fiquei mais ou menos umas duas horas lá... Conteí minha xaropada toda, que coitadinho de mim, com a mulher que eu tenho eu tenho que beber mesmo, destruiu minha família, me destruiu, eu estou fodido, eu estou isso, eu estou aquilo. Numa autopiedade. Então, depois ele conversou comigo, me mostrou e tal.*

Foi se sentindo livre na relação com o integrante, com o qual pôde se abrir intensamente, num período *de mais ou menos duas horas*. O modo como compartilhava o próprio sofrimento, em forma de *xaropada*, mostrando-se como *coitadinho*, era permeado por uma *autopiedade* reconhecida por Aguinaldo. Mas, naquele momento, era sinal de possibilidade de se relacionar com alguém que decidiu livremente estar ali, por tanto tempo. O que foi mostrado para Aguinaldo?

*Então, lá no A.A. me falaram: “Não sô, você não pediu para ser doente não. Isso é doença!” “Ó, e é uma doença fatal! Se você não parar de beber agora, você vai morrer! Seja lá de desastre, seja de hepatite, seja de cirrose, seja de pancreatite, o que for. Você vai morrer! Ou de loucura.” E a gente, então, acorda, sabe? Toma um impacto psíquico muito grande na vida da gente e fala: “perai, tem alguma coisa errada na minha vida que eu preciso de consertar.”*

Foi a partir da relação com outro, que foi ajudado a compreender a própria limitação por ser *doente*. O outro, como presença provocadora, mostrou a realidade sobre o alcoolismo: não se trata de uma *doença* qualquer, mas de uma *doença fatal*. Foi solicitado a encarar o drama que vivia e a possibilidade de *morrer*. O que emergiu do diálogo foi um *impacto* com relação à própria *vida*, que estava sendo destruída por ele mesmo: *se você não parar de beber você vai morrer*. Ao mesmo tempo em que se reconhecia em seus limites, também foi olhado de um modo que ele mesmo não dava conta: o outro apostava na possibilidade de Aguinaldo findar com a alcoolização. A partir da atenção alheia, direcionada a Aguinaldo, e desse olhar que confiava em sua capacidade de mudar, o *impacto psíquico* despertado pela conversa não

findou na reação emocional, pois pôde olhar de um modo diferente para a própria vida em sua totalidade, afinal *tem alguma coisa errada na minha vida*. Da percepção de si, da própria condição de alcoolista, do próprio sofrimento e da oportunidade de mudar, a pessoa inteira de Aguinaldo foi mobilizada, a ponto de refletir sobre como estava cuidando da própria vida. Reconhecer que tinha *alguma coisa errada* em sua *vida* era insuficiente para se sentir aliviado diante da tensão entre permanecer bebendo e buscar se cuidar. Era *preciso* agir, *consertar* o modo de viver. Aqui identificamos a relação com o outro, propriamente comunitário, em que a consideração da singularidade de Aguinaldo revela um potente horizonte de constituição de vínculos que auxiliam em sua formação pessoal.

Ele ainda ressalta sobre uma especificidade da relação entre dois alcoolistas, como fator fundamental para ele se perceber e decidir se cuidar:

*Mas, engraçado que essa coisa só funciona quando um alcoólatra fala com outro alcoólatra! (...). Falaram comigo “Não, é doença.” E eu acreditei. É interessante. “Eu passei pelo o que você passou, eu sei o que você está sentindo, a vontade de morrer é grande; a depressão da gente... Porque quanto mais a gente bebe...”*

A partir do encontro com outro *alcoólatra*, que partilhou sobre as próprias fragilidades, Aguinaldo reconheceu a mesma dinâmica em si. A semelhança das vivências favoreceu a confiança à definição de *doença* oferecida: *eu acreditei*. Percebe ser *interessante* a mobilização que um alcoolista desperta no outro, propiciando ocasião não apenas de percepção de si, da própria condição de alcoolista, mas também de uma busca por cuidar de si diante da superação alheia. Ao mesmo tempo em que o integrante compartilha o próprio sofrimento, é um exemplo de vida que indica possibilidade de Aguinaldo trilhar um novo caminho.

A descoberta da própria fragilidade, possibilitada pelo encontro com o outro alcoolista, e do horizonte de possibilidades de vivenciar uma vida melhor, ainda que no limite, possibilitou uma busca por compreender a doença que possuía:

*E eu saí com quatro livrinhos do A.A. debaixo do braço (...). Aí, Ana Cláudia, eu comecei a ler os livros. (...). Foi ler o livro azul<sup>17</sup> e entender o que era alcoolismo. Entendeu? Aí, as coisas começaram a clarear para mim.*

O que começou a *clarear* para Aguinaldo também se tornou ponto de alívio em sua vivência:

---

<sup>17</sup> O livro azul corresponde a *Alcoólicos Anônimos* (Alcoólicos Anônimos, 1939/2012a).

*Uma coisa que me alentou muito foi quando eu entrei no A.A. O A.A. tem um conceito de que a nossa doença é uma doença física, que é fácil de entender... biologicamente, eu já te expliquei. Ela é psíquica, lógico e evidente, porque o álcool atinge o sistema nervoso central de uma maneira brutal e muda seu comportamento, né? É como se diz a história, não sei se você conhece. A mãe falando com o filho. “Não, meu filho quando você bebe você vira outro” “Pois é mamãe, eu bebo pouco, o outro é que bebe muito” (risadas de Aguinaldo e de Ana Cláudia) O outro é que bebe muito. Eu bebo pouco. Então, realmente, a parte psíquica é facilíma de entender. E a parte espiritual... Então, a parte espiritual a gente fica sem saber o que é.*

A princípio, não pôde apreender o significado da *parte espiritual*. Mas isso não foi empecilho para Aguinaldo vivenciar um alívio diante de todo sofrimento que viveu. Assumir a própria condição de alcoolista e conhecer sua dinâmica não foi vivido como sofrimento, mas como *alento*. Compreender a si mesmo e admitir o limite pessoal foi possibilidade de Aguinaldo se revigorar e ressignificar a própria vida, apreendendo, com efeito, ocasião de viver bem, ainda que frágil.

Então, nesse primeiro contato com A.A., o acolhimento do outro integrante foi a oportunidade para Aguinaldo jogar luzes sobre o próprio drama, reconhecendo no integrante não somente as mesmas vivências de sofrimento, mas também a superação, a partir da qual descobriu uma saída para lidar consigo mesmo, com a própria condição frágil. Desse modo, a relação intersubjetiva é aceita por Aguinaldo e o outro, como provocação, despertou um valor pela a própria vida e o vislumbre de alcançar a autorrealização. Assim, decidiu cuidar de si.

Nesse primeiro momento, se por um lado Aguinaldo abriu-se para o outro, superando a solidão que vivia, por outro não aceitou a sugestão para participar das reuniões de A.A.:

*Eu pedi a ele [Z.] para eu não ir à reunião.*

Diante de nosso estranhamento diante da decisão por não visitar um grupo de A.A., buscamos ratificar essa compreensão:

*Ana Cláudia: Para não ir?*

*Aguinaldo: Para não ir à reunião. Porque eu não conhecia A.A., não sabia como era A.A. e eu fiquei muito preocupado de ir numa reunião e ver nego com o mesmo sofrimento meu. Eu falei: “se eu entrar no A.A. e ver o nego sofrendo igual eu estou sofrendo, eu porra, eu estou fodido. Meu Deus eu não quero ver isso de jeito nenhum.” Ai eu falava para ele e tal. “Não, mas nós vamos numa reunião, não sei o que.”*

De fato, não cogitava a possibilidade de *ir à reunião*, por desconhecer a dinâmica de A.A. e por prever que entrar em contato com outros alcoolistas em *sofrimento* pudesse suscitar mais dor em si. Enquanto que para Z. a reunião era possibilidade de cuidado consigo, para Aguinaldo evitar a relação com os outros no grupo era uma forma de não se fragilizar ainda mais.

Apesar de o encontro com Z. ter mobilizado uma percepção da própria doença e, conseqüentemente, uma atenção para o processo de perda de si, juntamente com a retomada de cuidado consigo, quando houve oportunidade de encontrar, novamente, semelhantes, ele a negou. Contudo, permaneceu sustentando a meta de findar a ingestão de álcool:

Aguinaldo: *E minhas 24 horas não tinham 24 horas. Era de hora em hora. Daqui a uma hora eu vou beber. Entendeu? Daqui a uma hora eu vou beber. Daqui a uma hora eu vou beber...*

Ana Cláudia: *Foi uma estratégia sua?*

Aguinaldo: *Minha. Como é que eu vou aguentar 24 horas sem beber? Eu ia ficar louco! E fui de manhã cedo, antes do almoço eu estava desesperado para beber.*

Decidir se cuidar, não mais ingerindo bebida alcoólica, não provocava alívio, mas fissura pelo álcool, pois se sentia *desesperado para beber*. Diante dessa fragilidade, buscou um modo próprio de lidar com a dor e ansiedade distinto da estratégia de pensar que não iria beber por *24 horas*, plano utilizado pelos integrantes de A.A.: *daqui a uma hora eu vou beber*. A fissura era tamanha que se sentia

*desesperado (ênfase) de subir pela parede. Tanto é que me tranquei esses dias todos em casa. Não sai para nada, para nada, nada, nada. E também não falei com ninguém. Quer dizer lá na firma todo mundo ficou preocupado. (...). E, aí foi, uma tarde, uma noite, o dia seguinte, e tal. Passando a noite em claro.*

Cuidar de si, evitando se alcoolizar, implicava em se isolar do mundo, das relações. A única forma que encontrava para lidar com essa situação era se trancar *em casa*. O fechamento sobre si mesmo era tão intenso, que fez questão de ressaltar que não saia para *nada, nada, nada...* E compartilhar o movimento pessoal de busca por recuperação era impensável, pois *não falava com ninguém*.

*Aí, rezava, rezava, rezava. Rezava para Deus me dar força. E o cara [Z.:] me telefonava de vez em quando: como é que você está?" [Aguinaldo:] "Eu estou lutando aqui. Está foda e não sei o que" [Z.:] "Fica firme!" Bom, assim os dias se passaram, eu parei.*

Enquanto lidava com a própria dor, pensando que na próxima hora iria beber, também se relacionava com uma entidade de ordem superior, a fim de se fortificar: *rezava para Deus me dar força*. Permanecer *firme* no cuidado consigo mesmo, *lutando*, não era propiciado apenas pela *força* divina, mas também pela companhia de Z., que telefonava *de vez em quando*, demonstrando zelo. Aguinaldo, por ter alcançado a abstinência, ao invés de manter-se numa posição de orgulho, característica dos momentos em que se alcoolizava, permaneceu aberto para a relação com Z., do qual recebia apoio para se sustentar na busca por cuidar de si:

[Z.:] “*Olha, você não se envergonha não, você está com o telefone lá de casa, você está com telefone de A.A., qualquer coisa que você precisar você me telefona.*” E lógico me deu uma série de dicas: “*se você tiver uma vontade desesperada de beber você toma muito líquido, você come doce, come bastante doce e tal (...). E qualquer coisa você liga. Mas não vai ligar depois que você bebeu não. Liga antes.*” [Aguinaldo:] “*Tá bom.*”

Mais uma vez, Aguinaldo descreve o modo como foi cuidado por Z., reconhecendo a sua companhia. O gesto de Z., em telefonar, mostrando disponibilidade em oferecer ajuda, suscita em Aguinaldo liberdade para solicitar auxílio: *você não se envergonha não, qualquer coisa que precisar me telefona.* Ao mesmo tempo em que se sentia acolhido, também era provocado a ficar atento a si mesmo, à possibilidade de recaída, para buscar ajuda quando *precisar*, afinal, o importante era *ligar antes de beber*. Além da abertura encontrada, também acolheu dicas de como lidar com a fissura pelo álcool, como beber *muito líquido*. E

*assim, foi. A coisa foi diminuindo, diminuindo, diminuindo, diminuindo. Voltei a trabalhar, já passava o dia todo trabalhando. As coisas foram melhorando.*

A abstinência foi se tornando uma realidade, a ponto de conseguir dominar a própria vida, realizando atividades, como *trabalhar*, que era impossível no período de ápice do alcoolismo. A melhora que alcançava possuía como ponto importante: o fato de conseguir fazer algo.

Até aqui, podemos compreender que Aguinaldo identificou em A.A. oportunidade para receber a ajuda que almejava, pois passou a cuidar de si no encontro com o outro semelhante a ele mesmo. Se Z. viveu o mesmo sofrimento que Aguinaldo e o superou, então pôde descobrir tanto a fragilidade pessoal quanto a própria possibilidade de superação. A cada conversa com Z., mais emergia a percepção de si e a afirmação do próprio movimento de se resgatar, e trilhar um novo caminho de esperança, sem a bebida alcoólica. Da aceitação do outro, como provocação para se reconhecer em sua fragilidade, emergiu uma possibilidade potente de se cuidar. E na companhia de um outro alcoolista e de *Deus*, pôde ficar firme nessa busca, apesar de não participar das reuniões de A.A.

Mas uma pergunta nos intriga: se as *coisas foram melhorando*, o que aconteceu para Aguinaldo decidir frequentar o grupo de A.A.? As companhias de Z. e *Deus* não eram suficientes? Adentremos, a seguir, os elementos estruturantes do processo pessoal em A.A.

#### **4.3. Processo pessoal no grupo de A.A.**

### 4.3.1. Início em A.A.

Vamos compreender quais elementos presentes na experiência de Aguinaldo, nesse período inicial, foram significativos para permanecer em A.A.

Apesar de Aguinaldo conseguir manter-se cuidando de si sem o apoio do grupo de A.A., chegou um momento que não era mais possível sustentar seu movimento *sozinho*:

*Mas, chegou lá para o oitavo mês, décimo mês, eu falei: “ó eu não estou aguentando mais. Não, eu não dou conta sozinho.” Eu vi que eu ia recair, sabe? Porque a recaída não é assim da noite para dia, não. O inconsciente prepara, sabe? O subconsciente da gente prepara o trem. Eu falei: “ó eu estou precisando de ajuda, não dá.”*

Apesar da luta que estava travando contra os próprios impulsos pela bebida, Aguinaldo percebeu que logo iria *recair*. A possibilidade de sofrer novamente com as alcoolizações não suscitava tranquilidade, mas uma urgência em ser ajudado a não *recair*: *eu não estou aguentando mais*. Ao invés de retornar a beber, buscou ajuda, recorrendo mais uma vez à companhia de Z. Da percepção de *não dar conta sozinho*, emergiu uma necessidade de conviver com outros alcoolistas, no *grupo*. Ora, era preciso tentar outra maneira de sustentar o cuidado consigo. Mas, não foi simples participar de uma reunião:

[Z:] *“mas você não pode ir aqui, não pode ir ali...”* [Aguinaldo:] *“Porra, eu sei aonde que não posso. Eu quero ir aonde eu posso.”*

Diante da dificuldade de encontrar um grupo que pudesse frequentar, exposta por Z., Aguinaldo não desistiu, insistiu: *eu quero ir aonde eu posso*. Era urgente sua necessidade por manter-se sóbrio; precisava de uma resposta imediata para sua dor. Z. encontrou uma saída:

*Aí, ele falou: “ó, tem um grupo muito bom lá em Contagem. Eu vou te levar lá.” Encontramos lá na praça da Magnesita numa tarde que chovia torrencialmente, sabe? Fomos lá para Contagem. Fui para o grupo. Era californiano. Mas era uma novidade na época. Ninguém fazia isso, ninguém. E era uma turma mais jovem, com abertura de mente e tal. (...). E eu gostei muito do grupo e tal.*

Aguinaldo novamente reconhece a presença da companhia de Z. e o seu empenho em identificar *um grupo bom*, no qual ele pudesse ir e esteve junto de si em seu movimento de visitar a reunião: *fomos lá para Contagem*. O encontro com pessoas com *abertura de mente* despertou em Aguinaldo uma dimensão de gosto por ter sido correspondido: *eu gostei muito do grupo*.

Mas, ao longo do tempo frequentando o grupo em Contagem, vivenciou uma dificuldade considerável: se deslocar até o município. Diante da própria situação compartilhou-a com Z. que

*falou: “Não, nós temos que dar um jeito.” Aí combinou com um camarada de lá de nós montarmos um grupo aqui.*

Novamente, Aguinaldo foi uma provocação para Z., que, mais uma vez, não mediu esforços para encontrar uma solução:

*Então, o que aconteceu? O senhor A. se prontificou a fundar o grupo. Morava em Contagem longe, coitado. Ele saía do serviço dele, que era na rua Tamoios, por ali, e vinha para cá. Você já viu condução cheia e tal, até chegar aqui. E ele começou a coordenar o negócio. Nós éramos dois ou três, só. Então, pegou uns caras lá desse grupo que frequentei. Os caras, ao invés de ir para Contagem, vinham pra cá. Porque nossa reunião era uma vez por semana. Você entendeu? Então, os caras vinham pra cá. Davam um movimento. Aí entrou um terceiro, depois um quarto, saía um, entra mais dois, e foi indo, foi indo, foi indo. Então, nós conseguimos.*

O empenho de A., em *fundar* e *coordenar* o grupo, e dos outros *caras*, em frequentarem e darem *um movimento* à reunião, para Aguinaldo era sinal do valor que os outros apreendiam nele. Da mesma forma que os integrantes de A.A. o consideravam, Aguinaldo também valorizava o gesto de ajuda de cada um em direção à formação do grupo, que foi *indo*, firmando-se a ponto de emergir um juízo acerca da conquista alcançada, não somente por ele, mas pelo conjunto de pessoas ali presente: *nós conseguimos*. Da solidariedade e empenho, surgiu o grupo, como possibilidade de Aguinaldo continuar se cuidando. Ali, também estava sendo formada uma ocasião de convivência e de constituição de algo que poderia sustentá-lo em seu processo de recuperação. A percepção de um *nós*, de uma vida compartilhada, emergia após tanto tempo vivendo na solidão. Aqui, é possível vislumbrarmos uma possibilidade viva de constituição de vínculos comunitários propiciadores de seu processo pessoal.

No entanto, os percalços continuavam surgindo na vida de Aguinaldo:

*O senhor A. me... nos abandonou. Sem avisar, sem porra nenhuma. E esse Z. continuava lá no escritório. Eu falei: “O Z. esse cara é um irresponsável, um filho da puta, que não sei o que, peperepepe...” Porque é o que falei para você, a mente era alcoólica.*

Novamente, a possibilidade de não permanecer se cuidando emergia no horizonte de Aguinaldo. Aquele que sustentava o grupo não mais estava ali, suscitando em Aguinaldo uma dor, pois A. o deixou desamparado. Mas não somente ele se sentiu abandonado, mas a totalidade do grupo também se sentiu desamparada: *nos abandonou*. A indignação e a raiva demonstradas ao conversar com Z. eram expressões da própria fragilidade por ainda perceber

em si uma *mente alcoólica*. Era evidente o quanto o contexto grupal, em sua dimensão societária e comunitária, passou a ser um fator importante para a estruturação pessoal. Por isso, mais uma vez, Aguinaldo se posicionou em busca do apoio do Z. para encontrar uma solução. A ajuda era necessária para permanecer se cuidando, afinal o medo de o grupo não mais funcionar emergia.

Acompanhemos como Aguinaldo superou mais esse momento de tensão:

*Aí ele [Z.] falou: “mas nós vamos continuar com o grupo, você vai coordenar.” “Coordenar como? Eu não sei nada de A.A.! Vou coordenar o quê?” “As reuniões sô. Nós vamos ficar, você vai e não sei o que...” E eu desandei a estudar, a ler manual de serviço, e tal...*

Apesar da demonstração da fragilidade de Aguinaldo, ao xingar A., Z. solicita um posicionamento de Aguinaldo: *você vai coordenar*. Embora emergisse uma repulsa em aceitar o conselho, pois não sabia *nada de A.A.*, Z. manteve-se firme na alternativa oferecida, pois não estaria sozinho nas *reuniões: nós vamos ficar*. Desse modo, Z. olha Aguinaldo de um modo que ele mesmo não conseguiria se olhar; percebeu nele capacidade de estruturar alguma coisa. O que emerge é uma surpresa diante da confiança depositada e uma mudança na percepção de si: enquanto estava na fragilidade, ele podia fazer algo. Aguinaldo não conseguiria confiar em si sozinho. Foi a partir da relação com Z. que pôde se perceber em suas possibilidades e criar coragem para enfrentar o desafio aceito. Era preciso tomar posição, e, assim, desandou *a estudar*, tendo em seu horizonte, novamente, possibilidade de se cuidar, apoiando-se na construção do grupo.

Desse modo, a dificuldade advinda pela saída de A. do grupo foi uma provocação importante para Aguinaldo constituir algo como constituição do contexto comunitário e societário do grupo que é a sustentação para o próprio movimento de autocuidado. Colocar algo de si ali é fator fundante para a busca pelo próprio bem e para construção da realidade que está diante de si e que o apoia. A dinâmica que se apresenta possibilita a formação de uma vida comunitária, a partir da estrutura formal do grupo.

Podemos apreender que nesse período inicial em A.A. a relação com o outro, enquanto companhia genuína, é fator fundamental para a mudança de percepção de si e da descoberta das próprias capacidades. Além de ser um elemento importante, que estruturou seu processo pessoal em A.A., encontrar outros alcoolistas foi um modo de se sustentar na busca por cuidar de si.

A partir dessas primeiras compreensões acerca da experiência de Aguinaldo em A.A., começamos a vislumbrar duas dinâmicas presentes em sua elaboração: uma se refere ao

contexto comunitário do grupo, como ocasião de se cuidar e, conseqüentemente, descobrir-se, além de crescer pessoalmente; e a outra se refere à possibilidade de Aguinaldo construir o contexto comunitário de A.A., e esse ser sustento para seu processo pessoal.

Agora, podemos nos perguntar: que dinâmica própria de A.A. ajudou Aguinaldo a sustentar o movimento de autocuidado, propiciando crescimento pessoal? Como continuou se posicionando ao longo do tempo em A.A.?

#### 4.3.2. O contexto comunitário como possibilidade de crescimento pessoal

Aguinaldo nos comunica o quanto a percepção de si em sua fragilidade é um elemento importante em seu processo de autocuidado:

*Eu acho que essa situação, ela tem que ter muita humildade e honestidade. São dois fatores importantes. A honestidade para comigo mesmo, né? Eu não sou um desgraçado não; eu sou apenas um doente alcoólico. E entender o que é um doente alcoólico. E a humildade de reconhecer isso e aceitar isso. “Eu não pedi para ser doente alcoólico, mas eu sou!” Então, eu tenho que ter humildade para poder reconhecer quem eu sou. Feito isso, minha filha, o sucesso é grande.*

Não escolheu ser *doente alcoólico*; essa condição foi dada a Aguinaldo: resta reconhecer o que o constitui, sendo honesto consigo e perceber com *humildade quem é*, afinal a *doença* faz parte da totalidade de seu ser. E a partir da fragilidade pode prosseguir lidando com a própria limitação, em busca por se cuidar, já que negar *quem é* inviabilizaria a própria vida. Somente por meio da aceitação de si, que *o sucesso será grande* nesse processo em direção ao próprio bem. Aqui, Aguinaldo nos revela que é valor para si orientar-se pelos valores de A.A., mais especificamente do primeiro passo que se refere à aceitação do limite da doença para então ser possível alcançar a sobriedade.

Para Aguinaldo, além dos *fatores importantes honestidade e humildade*, a *autodeterminação* também é significativo na busca por cuidar de si, contudo não é suficiente. É o contexto de A.A. que se revela como fundamental nesse processo:

*Lógico que querer parar tem autodeterminação, tem que ter força de vontade. Que é uma coisa interessante no A.A., a gente percebe que o problema do A.A. não é força de vontade. A decisão, autodeterminação tem que ter, mas frequentando as reuniões...*

Para Aguinaldo, a *força de vontade* unicamente impossibilita o alcance da sobriedade, apesar de ser um elemento importante. É preciso mais: *frequentando as reuniões* consegue-se afirmar essa busca por autocuidado.

Mas o que acontece na reunião, como estrutura formal, ajuda nesse processo?

*É como eu falei com você. Existe uma coisa que não se sabe explicar. É o que a gente chama de Poder superior. Como é que você vai explicar isso? Você entra, fica lá, com cara de bundão, ouvindo o que os caras estão falando, que é a mesma coisa que você fez. Entendeu? Ou está fazendo. E num determinado momento aquela fissura, aquela ansiedade, aquela loucura pra beber, passa! (tom de surpresa) Como é que pode isso? Isso é o quê? Biológico? Psíquico? Só pode ser espiritual, só pode ser espiritual (tom mais baixo). Entendeu? E passa.*

É justamente um acontecimento que emerge durante a reunião, algo misterioso, que não se consegue explicar, afinal ouvir os outros falando sobre as próprias vidas mobiliza o integrante de tal forma que os impulsos em direção ao consumo de álcool – a *fissura*, a *ansiedade* – findam. A mudança que vivencia ao se empatizar com o outro, é a *mesma coisa* que Aguinaldo dinamiza como algo em si e que ajuda a afirmar a busca por cuidar de si: uma surpresa diante dessa realidade. Para ele, essa ajuda recebida não pode advir do humano, do nível *psíquico* ou *biológico*: trata-se de outro nível, o *espiritual*. Somente uma intervenção transcendente, de um *Poder superior*, como A.A. mesmo nomeia, incidindo naquele momento, pode possibilitar mudança de tal nível. Trata-se de uma experiência não apenas de Aguinaldo, mas da totalidade dos integrantes, a ponto de elaborarem um modo de representar a incidência de algo superior:

*A gente brinca muito lá, que é o cafezinho... A gente tem a reunião e, no meio, a gente tem um cafezinho (risos) o break coffee. “É o cafezinho que tira a vontade de beber”. Então é fantástico! O A.A. é fantástico por isso. É coisa de Deus.*

É por meio da brincadeira que relacionam entre si e constroem uma forma própria de lidar com a dimensão misteriosa da reunião, ora *é o cafezinho que tira a vontade de beber*. O que emerge, ao dar-se conta da dinâmica de ajuda encontrada no contexto comunitário, é um juízo sólido sobre o A.A. que realiza a pessoa de Aguinaldo: *é fantástico, o A.A. é fantástico*. Ao mesmo tempo em que compreende o A.A., como possibilidade de ajudá-lo em seu processo, também reconhece que a sua origem também não advém da dimensão humana, mas de uma dimensão superior, afinal, *é coisa de Deus*. Nesse sentido, ali na reunião, há uma junção entre aquilo que o próprio ser humano pode realizar e o que é incidência de ordem superior. É o integrante que se empenha em manter-se sóbrio, mas é uma intervenção de nível transcendente que permite a ajuda ao alcoolista.

Assim, o encontro com outros alcoolistas, novamente, se revela como um ponto fundamental para a dinâmica de cuidar de si, que estrutura a própria vida. Viver requer cuidar de si, que se concretiza em A.A. como contribuição potente para o processo pessoal. Assim, a estrutura formal, societária de A.A., que sugere a frequência às reuniões, possibilita uma experiência pessoal comunitária que realiza a sua pessoa.

Aguinaldo dá um passo a mais no modo de compreender a intervenção de ordem superior. O nível *espiritual* encontrado em A.A. não somente possibilita o processo de cuidar de si, mas também o crescimento pessoal:

*Por isso eu falo com você, o negócio nosso é espiritualidade. Não é religião. A religião ela te bitola, a espiritualidade te faz crescer. Então, no momento que eu acho que Deus... um Poder superior está agindo na minha vida... porque eu sozinho não daria conta, alguma coisa de bom está acontecendo. Só pode ser um Poder superior, né?*

O fator mobilizador de ajuda aos integrantes, para Aguinaldo, é a *espiritualidade* que se distingue da *religião* por possibilitar a pessoa *crescer*, ao invés de bitolá-la. Desse modo, o crescimento implica em uma abertura, que se manifesta de um modo radical quando há uma entrega a um *Poder superior*. Esse nível de abertura se dá pelo reconhecimento da incidência de ordem superior na *vida* pessoal. Se Aguinaldo sozinho *não daria conta* de propiciar a própria realização, então só pode ser uma intervenção de ordem divina, de *Deus*. É justamente um cuidado que não é produzido por si, mas dado por um ser absoluto que permite o crescimento pessoal. Novamente, Aguinaldo vive de modo pessoal e correspondente a proposta de A.A. quanto a acreditar em um Poder superior. Aderir a esse convite não significa se alienar, pelo contrário, compreender a si mesmo sob o ângulo de uma presença transcendente é se realizar.

Mas além dessa abertura para uma presença transcendente, como fator importante para o próprio movimento na vida, há também outro elemento que Aguinaldo considera como fundamental em sua experiência de autocuidado:

*E tem coisa que eu tenho que lutar. Eu é que tenho que lutar. Quer dizer, o A.A. existe, o A.A. é lindo e maravilhoso; Deus é lindo e maravilhoso. Mas quem tem que parar de beber sou eu. Eu tenho que querer. Se eu não quiser, nem Deus...*

Reconhecer a própria fragilidade, e recorrer a A.A., é insuficiente para manter o cuidado consigo mesmo: é preciso *querer parar de beber* e *lutar* para conseguir. Perceber a importância de se cuidar, para *querer* mudar, juntamente com o posicionamento de *lutar* em direção à meta desejada, são fatores fundantes da experiência de autocuidado de Aguinaldo. É

valor para si *lutar* desde o período em que se alcoolizava, mas agora encontra em A.A. um meio fértil para se afirmar e se sustentar no processo pessoal de busca por se realizar.

Em contrapartida, novamente, comunica-nos sobre o quanto é fundamental para a estruturação de si entregar-se a Deus quando é preciso:

*Por isso o A.A. tem essa parte espiritual que eu acho fantástica porque aquilo que você não consegue resolver põe na mão de Deus que resolve; de uma forma ou de outra aparece a solução. Isso a gente leva a sério.*

Mais uma vez, fez questão de pontuar o quanto a espiritualidade integra a própria vida. Entregar as próprias dificuldades a uma presença transcendente, ou seja, *na mão de Deus*, é um modo pessoal de viver a proposta de A.A. Definir a *parte espiritual* que constitui A.A. como *fantástica* revela o quanto essa dimensão faz sentido para Aguinaldo e é tão correspondente a sua pessoa. Recorrer a um ser absoluto é um modo de ultrapassar obstáculos, confiando na *solução* encontrada e apreendendo um sentido que vitaliza o próprio caminhar. Não somente apreende um valor no movimento de entrega a *Deus*, empenhando-se nesse processo: trata-se de uma experiência compartilhada, comunitária: *a gente leva isso a sério*.

Compreendemos que na experiência de Aguinaldo viver a espiritualidade é uma forma de crescer, de lidar com os percalços que o aflige e de continuar cuidando de si. Ele prossegue, descrevendo a dinâmica do crescimento espiritual possibilitado pelo contexto comunitário de A.A.:

*Tem gente que cresce espiritualmente da noite para o dia. Tem gente que até hoje não sabe o que é Poder superior(...). Então o processo de crescimento de cada um varia muito. Mas de uma forma geral, o crescimento daqueles que estão crescendo muito, impulsionam, arrastam muito os pequeninhos, que estão crescendo pouco. De qualquer modo há um crescimento. E isso forma uma corrente muito forte, sabe?*

Para Aguinaldo, o processo de *crescimento* espiritual é uma evidência, pois, *de qualquer modo, há crescimento*, seja aquele que ocorre *da noite para o dia*, seja o que é possibilitado pelo incentivo *daqueles que estão crescendo muito*. O que define esse *crescimento* é viver a entrega a um *Poder superior*. Da ajuda dos integrantes, inclusive de Aguinaldo, em direção ao crescimento recíproco, emerge *uma corrente muito forte* que os une em favor de um bem comum: desenvolvimento pessoal. Nesse sentido, compreendemos o quanto é significativo viver a ajuda mútua e a união que acontece em A.A., em sua dimensão comunitária. Da mesma forma em que é ajudado, também contribui para o processo do outro, e esse dinamismo fortalece a ligação entre os integrantes.

Como um ajuda o outro a crescer?

*Lógico que os que cresceram mais espiritualmente podem falar mais, dar mais depoimentos, podem... O camarada brigou com a mulher, está desesperado: “porque eu vou matar essa mulher”. “Não, não mata não. Não, não sei o que”. “Não eu vou beber”. “Não, não bebe não.” Quer dizer a pessoa que cresceu mais espiritualmente tem condições de melhor aconselhamento, sabe? De ajudar mais.*

Os que cresceram mais espiritualmente, por terem condições de melhor aconselhamento, são referência e apoio para o outro não agir impulsivamente, por estar desesperado. Diante da dificuldade alheia, é possível orientá-lo, de modo a aprender uma nova forma de agir. E assim, o diálogo constituído torna-se possibilidade de desenvolvimento pessoal. É por meio da relação com o integrante que se cria ocasião de ajudar aquele que ainda não possui serenidade para lidar com momentos de tensão. Mas Aguinaldo não somente oferece ajuda; ele também é ajudado em seu processo pessoal de crescimento:

*E a gente vai amadurecendo. Com o sofrimento dos outros, a gente vai amadurecendo. Você vai tendo uma outra formação, uma outra visão da vida! (ênfase) Que é aquela visão do dia a dia.*

É no espaço do grupo que Aguinaldo encontra possibilidade de aprendizagem. Abre-se para o outro, colhendo em sua experiência, em seu *sofrimento*, novos horizontes de compreensão da realidade: ter uma *outra visão da vida* o ajuda em sua *formação*. Não se trata apenas de um aprendizado pessoal possibilitado pelo encontro, mas de uma experiência em comum, afinal, *a gente vai amadurecendo*. Desse modo, ali no grupo, as pessoas, apesar de se unirem pela necessidade de se cuidarem, carregam vivências singulares. Justamente por isso, Aguinaldo apreendeu um valor na experiência alheia, como possibilidade de aprender algo novo sobre a *vida* e sobre si mesmo: eis o contexto comunitário junto à estrutura formal do grupo como propiciador de seu crescimento.

Sobre o próprio crescimento pessoal, Aguinaldo ressalta que só vê

*um caminho para isso. É aquilo que eu falei com você. É uma terapia de grupo... Terapia de grupo porque na realidade você está vendo lá o nosso grupo. Mas os grupos de A.A. não se reúnem assim... (...). Não são californianas. São cabeceira de mesa. Então, o cara vai lá, fala, fala, fala, e pinguço... tem nego que vai todo dia vai lá e fala a mesma coisa, na cabeceira de mesa. Ô, Ana Cláudia, porra, é um saco. Mas é um saco! (risada de Ana Cláudia). Sabe o quê que o grupo acha? Que aquilo ali aumenta nossa tolerância ... que aquilo ali é importante para nossa recuperação. [Mas eu discordo, pois] ... o passado nosso nós não podemos negá-lo, mas ele é só importante para nós estruturarmos um presente melhor. Nada mais do que isso.*

Aguinaldo nos comunica sobre o valor apreendido num modo de partilhar, específico das reuniões *californianas*, por essas estarem em função do crescimento pessoal, ou seja, da estruturação de si, de *um presente melhor*. É daí que Aguinaldo emite um juízo acerca do

modo de reunir do próprio grupo: *é terapia de grupo*. Compartilhar a vida subjetiva apenas em seus aspectos do *passado*, típico das reuniões de *cabeceira de mesa*, não corresponde à pessoa de Aguinaldo: *é um saco* ficar ouvindo a *mesma coisa*. Dessa forma, o critério que orienta a *recuperação*, ou seja, o cuidado consigo mesmo em seu grupo é a partilha que favorece o desenvolvimento de si. É a partir desse elemento fundamental que Aguinaldo estrutura a experiência em A.A. O que favorece seu processo nesse contexto é vislumbrar aprendizados que permitem tornar-se uma pessoa melhor.

Diante do percurso apresentado até aqui, entendemos que o que estrutura a experiência de Aguinaldo em A.A. é o encontro com o outro, que favorece o cuidado consigo mesmo, o crescimento pessoal e afirmação de uma presença de nível superior que corresponde à própria busca na vida: todo esse processo é possibilitado pela dimensão formal do grupo que favorece a vivência comunitária.

Mas, Aguinaldo nos revela outro elemento estruturante de seu modo de viver o contexto comunitário de A.A., que se refere ao movimento pessoal de dar o que recebeu, como ele mesmo descreve:

*Hoje, por exemplo, independente de álcool e tal não sei o que... Graças a Deus não é o meu problema mais. É... Álcool é uma coisa que não faz parte mais da minha vida, sabe? O A.A. não! O A.A. eu vivo 24 horas por dia, porque aonde tiver uma pessoa sofrendo, eu quero que a mão de A.A. esteja ali estendida. Então, eu sou responsável, sabe? Quer dizer, aquilo que recebi de graça eu tenho que passar de graça para aqueles que estão sofrendo.*

Embora o *álcool não seja mais um problema* para Aguinaldo, permanece aderindo a A.A. como modo de cuidar daquilo que lhe é importante: ajudar o outro alcoolista que está *sofrendo*. Se o *álcool não mais faz parte* de sua vida, A.A. é central em sua vida, por vivê-lo *24 horas*. Ou seja, esse contexto constitui si mesmo. Diante da provocação de um outro, por estar *sofrendo*, responde ajudando-o, sendo *responsável*. O que emerge é um caráter de dever em ajudar da forma que foi auxiliado: *aquilo que recebi de graça eu tenho que passar de graça*. Com essa afirmação de Aguinaldo, ficamos curiosos em compreender se essa expressão simbolizava apenas obrigação e uma reprodução de um princípio de A.A.:

Ana Cláudia: *como você se sente passando de graça?*

Aguinaldo: *muito, muito feliz. Muito fortificado* (tom de serenidade). *Muito fortificado. E eu, eu pessoalmente sei que eu tenho podido, tenho tido oportunidade de ajudar pessoas que entram lá, inclusive não tem sexo.*

A princípio, as expressões próprias de Aguinaldo que poderiam carregar um tom de impessoalidade, revelam-se com vívido significado; afinal, do ato dar ajuda *de graça* emerge

uma satisfação profunda, sente-se *muito feliz*. Ou seja, fazer algo pelo outro sem pensar na retribuição já carrega uma experiência de realização. O que brota da ação de ajudar é vitalização intensa do próprio ser, por perceber-se *fortificado*. Não se trata de um ato hipotético, já que Aguinaldo percebe o quanto tem conseguido *ajudar as pessoas que entram lá* no grupo. Não desperdiça a *oportunidade* de favorecer o processo de autocuidado do outro. Cuidar do outro é cuidar de si mesmo. É justamente esse fazer solidário que mobiliza a pessoa inteira de Aguinaldo, que gera realização de si e é sinal da vida comunitária experienciada por ele. Por realizar essa experiência de correspondência profunda ao seu ser, permanece em A.A.

Mas como Aguinaldo ajuda o outro?

*aumentando a autoestima da pessoa, mostrando para ela um caminho, mostrando esperança! Mostrando uma luz no fundo do túnel. O túnel que nós somos viciados é muito comprido. Você fica numa hora que você não enxerga nada, você está numa escuridão. Então, pelo menos você tem que estar ouvindo.*

O percurso próprio que Aguinaldo trilha em direção à ajuda ao outro é valorizando-a como pessoa, *aumentando sua autoestima*; é direcionando o olhar para as suas possibilidades, *mostrando* uma saída, um *caminho de esperança*; é jogando luzes na vida alheia, marcada por um sofrimento profundo, pela falta de vitalidade e sentido, por *escuridão*. Por ter vivenciado o mesmo *túnel* de perda de si mesmo e ter encontrado *luz* ao seu final pode apostar no movimento de autocuidado alheio. E reafirma o quanto contribuir para a vida do outro é fator fundamental para a vitalização de seu ser:

*E isso me fortifica muito; isso me dá muita vontade de ajudar as pessoas, de amar as pessoas, porque a gente vê uma gratidão tão grande das pessoas que param de beber, sabe? É meu padrinho, que me abraça, me beija. E tem gente que leva coisa: “Ah, eu trouxe isso pro 'cê!; eu fui não sei aonde e lembrei de você”. Isso te dá muita vontade de viver.*

É evidente o quanto contribuir para a vida do outro o *fortifica muito*. Aguinaldo poderia se contentar com a ajuda concretizada e a força adquirida. Pelo contrário, da ação realizada, emerge mais *vontade* para se doar ao outro, seja com o ato de *ajudar*, seja com o ato de *amar as pessoas*. Mesmo não desejando algo em troca, por fazer de graça, recebe *gratidão* daquelas a quem se doou. Não apenas quem é auxiliado agradece pelo gesto de ajuda, mas também seu *padrinho* por quem se sente valorizado. É valor para si ajudar, da mesma forma que contribuir para o processo alheio confere valor à pessoa de Aguinaldo, tanto por ele mesmo quanto por aqueles que são ajudados ou por aqueles que admiram seu gesto. Esse dinamismo que vivencia, possibilitado pela dimensão comunitária do grupo, o constitui e o mobiliza de tal forma que também reafirma o sentido da própria vida: *isso dá muita vontade de viver*. Viver o

contexto comunitário é vitalizar e estruturar a própria vida, em sua totalidade. O outro é provocação para se lançar no mundo, contribuindo para o seu bem, é valor, e por isso, cuidar do mesmo é cuidar de si, é se realizar plenamente.

Compreendemos que viver em consonância com os princípios de A.A. não se trata de uma ação alienada; pelo contrário, justamente ser companhia ajudando o outro, como proposta societária do grupo, que possibilita a vivência de uma dimensão comunitária e realiza Aginaldo. O gesto de ajuda não fortalece apenas sua pessoa, mas também o contexto comunitário de A.A., que é sustento em seu processo pessoal. Contribuir com o outro, constitui Aginaldo e é inclusive ocasião de construir vínculos, e a própria realidade que está diante de si. O que sustenta sua experiência em A.A. é a oportunidade de se cuidar; desenvolver-se em sua humanidade e singularidade; contribuir para o processo pessoal alheio, ao ser companhia e provocação para o outro se realizar que coincide com a vitalização e realização de si.

Se antes não conseguia fazer nada, vivia apenas em função da fissura, agora Aginaldo percebe-se como capaz de estruturar algo maior que si mesmo: A.A. Assim, além de as realidades comunitária e societária se apresentarem como possibilidade de crescimento pessoal e de realização do próprio eu, vislumbramos outro horizonte de sentido apreendido por ele em sua experiência: a contribuição de Aginaldo para a formação do contexto comunitário. Continuemos apreendendo, em seguida, os elementos que estruturam seu modo de constituir A.A.

#### **4.3.3. O contexto comunitário em construção**

Ao continuar elaborando sua experiência do período inicial da formação do grupo, Aginaldo nos comunica sobre a ajuda mútua que viveu entre ele e seu padrinho. Diante do percalço vivido por Z., tentou *ajudá-lo*:

*E o Z. ficou numa situação muito difícil. E comecei a tentar ajudá-lo, por questão de gratidão. Porra, ele era meu padrinho! Era tudo o que eu tinha na vida. É... arrumar emprego para ele, sabe... mas estava difícil porque ele era semianalfabeto... negócio complicado ...*

Da *gratidão* pela companhia e confiança de Z. emergia um ímpeto de ajudá-lo a ultrapassar a situação difícil, na qual se encontrava. Afinal, era seu *padrinho, tudo o que tinha na vida*, diante da perda de si mesmo e das relações. Era hora de retribuir o auxílio recebido.

Apesar da própria dificuldade de auxiliá-lo, encontrando um *emprego*, Aguinaldo não mediu esforços para buscar uma solução:

*Final de conversa, acabei que eu arrumei como porteiro do meu prédio. Aí, juntou a fome com a vontade de comer. Quer dizer, nós falávamos de A.A. todo dia. Eu falava todas as dificuldades do grupo. Ele me falava o quê que eu tinha que fazer. E nós fomos. Nós fomos que fomos. Nós fomos que fomos. (...). E o grupo foi crescendo... foi se tornando conhecido... foi se tornando respeitado. Entendeu?*

Foi muito significativo para Aguinaldo concretizar a ajuda a Z., ao conseguir o trabalho como *porteiro* em seu *prédio*, por reconhecer a importância de estreitar o relacionamento com seu padrinho, em agradecimento por esse ter ajudado a constituir o *grupo* A.A. Z., como referência, ajudou Aguinaldo a construir o contexto grupal, que foi *crescendo*, estruturando-se, *tornando-se conhecido* e *respeitado* com o passar do tempo. Assim, evidencia-se uma ajuda mútua, vivida por ambos. E, novamente, a abertura para a presença e companhia de Z. propiciou uma convivência entre eles, que foi sustento para as tomadas de posição na realidade, construindo-a.

Uma curiosidade nos foi despertada:

Ana Cláudia: *Aguinaldo, como foi para você ver esse grupo aparecer, esse grupo surgir?*

Aguinaldo: *Nossa Senhora, a maior paixão da minha vida.*

Ana Cláudia: *É?*

Aguinaldo: *Ah é. Porque eu lutei muito por ele, você entende?*

É evidente o quanto o grupo é valoroso para Aguinaldo. O quanto foi significativo participar da sua constituição. O sentido do grupo coincide com o sentido que apreende em sua vida: *Nossa Senhora, a maior paixão da minha vida*. Por ter se empenhando, lutado para concretizá-lo, demonstra o quanto tomou em suas mãos o convite de seu padrinho por construí-lo. Ou seja, não foi uma provocação aceita de modo impessoal, mas de uma forma tal que a pessoa inteira de Aguinaldo foi mobilizada a preservar a realidade comunitária e societária do grupo ao longo dos 20 anos de A.A. Trata-se de um posicionamento pessoal, que revela uma afeição e contém um significado vitalizado, que o comove e o move a permanecer constituindo sua *paixão*. Desse modo, ser coordenador do grupo, atualmente, não é uma função formal, sem conexão com a sua vida, mas uma responsabilidade que adere e a partir da qual pode cuidar daquilo que o corresponde, que contém um significado vivo para seu ser, para seu viver.

Mais uma vez, Aguinaldo demonstra o quanto lutar é um valor que o constitui. A luta que permitiu o sucesso profissional antes do período em A.A, que travou contra a bebida e

contra os obstáculos do processo de construção da realidade grupal são exemplos do empenho em direção àquilo que o corresponde.

Sua ação em função da preservação do contexto grupal é um ponto fundamental da experiência em A.A., mas isso não significa que as dificuldades inexistem nesse processo:

*E depois entra gente de fora e quer mudar... Pinguço é um bicho muito complicado. Eu brinco muito com os caras: “olha, pinguço na militância<sup>18</sup> é difícil. Mas pinguço em recuperação é muito mais!”* (risadas de Aguinaldo e de Ana Cláudia).

A necessidade de cuidar do próprio sustento – A.A. – é tão presente que se posiciona diante da possibilidade de desestruturar, de *mudar* o que foi construído. Ao reconhecer que a fragilidade do alcoolista *em recuperação* pode dificultar o processo de preservação da realidade grupal, revela – mediante a brincadeira mostrada nesse trecho – liberdade e sinceridade no relacionamento com os outros e um cuidado com o modo de expressar sua opinião. Mas por que as mudanças sugeridas são consideradas um empecilho para preservação da realidade comunitária e societária do grupo?

*Porque quer as ideias..., acha que tem que ser daquele jeito, sabe? Um negócio... E pouca gente estuda... pouca gente pesquisa... pouca gente se dedica.*

A posição radical dos alcoolistas em recuperação, sem abertura ao diálogo, por acharem que a mudança precisa acontecer *daquele jeito*, é um fator que possibilita a desestruturação do grupo, ainda mais se for *gente de fora* ou que não *estuda*, não *pesquisa*, enfim, não se *dedica*. Ou seja, se não há empenho em compreender o significado dos princípios de A.A. que fundamentam o funcionamento formal do grupo e possibilitam a convivência comunitária, e em agir em função deste sentido, então, as ideias e mudanças sugeridas não são consistentes e podem desestruturar o contexto grupal caso sejam concretizadas. Nesse sentido, Aguinaldo nos comunica sobre o quanto é importante dedicar-se, seja estudando, compreendendo o que é A.A., ou agindo a favor do grupo. Um critério que emerge em sua experiência, como orientador do modo de participar e cuidar do contexto de A.A., é conhecer a realidade que vive e valoriza, para agir, preservando-o.

Afinal, como Aguinaldo cuida do contexto comunitário e formal do grupo?

*Tem um companheiro que está amolando muito, está aborrecendo, o cara não está entendendo, está indo nas reuniões alcoolizados... É um exemplo. Isso acontece, tá? O cara está indo alcoolizado... e quer falar toda hora, interrompe, quer falar, quer dar conselho... Porque o negócio de pinguço, Nossa Senhora, viu? Eles são doutores* (risadas de Aguinaldo e de Ana Cláudia). *Pinguço é doutor, gosta de dar conselho. Aí você tem que chamar o cara lá fora e*

<sup>18</sup> Militância significa período em que a pessoa ingere bebida alcoólica.

*conversar com o cara: “ó, nós estamos prontos para poder te ajudar, mas você não vem cá alcoolizado não. Você está prejudicando a reunião, etc.” É super desagradável, mas tem que fazer, e o bem estar comum?*

Diante de sujeitos que desestabilizam o bom andamento da *reunião*, *amolando* os integrantes, não respeitando o movimento singular de cada um, por estarem *alcoolizados*, Aguinaldo toma posição a favor do *bem estar comum*. Chamá-los para *conversar lá fora*, mostrando o quanto estão *prejudicando a reunião*, apesar de se configurar como um ato cuidadoso, o qual expressa prontidão para *ajudar*, não se trata de uma atitude que lhe desperta sentimento positivo. Pelo contrário, *é super desagradável* posicionar-se assim. Mas age em função do cuidado com o contexto comunitário e não em função do próprio eu, do bem estar pessoal. Assim, Aguinaldo nos revela que o critério que orienta sua ação em A.A. é preservar a estruturação da totalidade do grupo, em seus elementos comunitários junto dos societários. A dinâmica de ter *que fazer* esse ato revela um chamado que precisa respeitar para se cuidar e constituir a realidade grupal. Além disso, outro ponto é revelado em sua experiência: ao preservar o *bem estar comum*, como um dos princípios de A.A., revela que aderiu à proposta de A.A. e essa adesão não o aliena em seu processo pessoal, mas é fator estruturante de si, pois respeitar os outros é um valor que o constitui e o realiza.

No entanto, por mais que Aguinaldo se esforce por manter a estruturação da vida comunitária de A.A., por vezes ela é abalada como Aguinaldo descreve:

*Um [rapaz] até se suicidou e nos machucou muito (tom de tristeza). Mas ele estava com AIDS, você entendeu? E o cara, o namorado dele, que era de Porto Alegre, morreu acidentado. O cara foi e pulou de um prédio aí. E nos deixou muito abalados.*

A perda de um dos integrantes que ocorreu de um modo drástico, por *suicídio*, gerou uma dor profunda, não somente em Aguinaldo, mas no conjunto dos integrantes: *nos machucou muito*. O drama que viveram ao depararem com a fragilidade humana, os deixou *muito abalados*, revelando, assim, uma vivência comunitária de dor e fragilização do eu. Esse fato poderia abalar a consistência de cada um e, conseqüentemente, da realidade grupal como um todo, mas não se sucedeu assim, pois a tristeza que sentiram não foi

*nada, vamos dizer assim, que nos tirasse da linha. Entendeu? Quer dizer, não é o que gostaríamos, mas foi o que aconteceu. (...). Mas a nossa caminhada tem que continuar. Infelizmente nosso companheiro... não teve um final feliz. Mas nós temos que ter um final feliz. Porque só por hoje eu não bebi. E amanhã é outro dia. Amanhã eu não vou beber. E aí vai, um dia de cada vez.*

A dor vivida os abalou apenas momentaneamente, pois não os tirou *da linha*, ou seja, do eixo que sustenta a própria vida e a constituição da experiência em A.A. O que colaborou para

não se desestruturassem foi o modo como Aguinaldo respondeu à realidade diante de si, sendo companhia, incentivando e mostrando que a *caminhada* do grupo *tem que continuar*, apesar do impacto vivido. Não poderiam perder a si mesmo novamente. Era preciso que todos respondessem ao chamado de realizar a própria vida: *nós temos que ter um final feliz*. E alcançar a felicidade depende de manter-se cuidando de si *um dia de cada vez*. Desse modo, Aguinaldo nos comunica o quanto sua posição de solicitar aos integrantes para guiarem-se pelo dever de se cuidar e de se realizar, enfim, de ser *feliz*, é possibilidade potente de cuidar do contexto e da experiência comunitários, constituindo-os, preservando-os e si realizando nesse processo.

Novamente, a ação de contribuir para o processo pessoal alheio faz parte de experiência comunitária, ao mesmo tempo em que cuida de si. Posicionar-se em função do bem do outro coincide com a ação a favor da realidade de A.A. em sua totalidade que o realiza. Nesse sentido, o que estrutura o modo de Aguinaldo experienciar o contexto de A.A., cuidando-o e cuidando de si, é a possibilidade de viver uma experiência de realização ao prezar pelo bem comum.

Aguinaldo ainda revela outro elemento constituidor da dinâmica do seu grupo que salta aos seus olhos:

*Lá, a gente brinca que todo mundo calça quarenta. Que a doença é uma só, não importa se é homem, se é mulher, se é branco, se é preto, a condição social... sabe? Se é bem de vida, se é mal de vida... A condição cultural, se é doutor, se é bombeiro, se é varredor de rua. Nós temos catador de latinha lá. Tá lá tem 14 anos, agora a gente fala que é empresário da reciclagem. (risos) Empresário da reciclagem. E ele é uma gracinha, uma gracinha, só você vendo. Mas já teve gente mendigo que entrou lá, ficou e depois voltou a beber.*

Há uma condição de igualdade no grupo que supera as diferenças de classes e de formação: *a doença* por ser *uma só* e é um elemento agregador. É diante da necessidade comum de se cuidarem, que se ajudam nesse processo e, assim, superam as divisões, colocando-se como iguais. Ou seja, a necessidade de se cuidarem em A.A. é um fator mais importante que as próprias diferenças. O fator tempo de permanência em A.A. não é relevante, pois alguém que está mais tempo ou menos em A.A. não distancia um do outro, pois a mesma necessidade os aproxima. Nesse sentido, Aguinaldo vive uma unidade comunitária que emerge na diversidade e que o ajuda a afirmar o movimento em busca por se cuidar.

No entanto, Aguinaldo ressalta que a diversidade também pode ser um percalço para aquele que compartilha a própria vida na reunião:

[Uma] *moça*, por exemplo, que... era prostituta. (...). E ela, coitada (...). Você imagina: alcoólatra, bêbada com filho, e como é que vai sustentar isso? Como é que vai viver? Entendeu? Agora, e para ela dar esse depoimento lá? Você já imaginou a dificuldade? Numa sala, você teve lá, a maioria é homem! Que dificuldade que foi.

Ao colocar-se no lugar da *moça*, reconhece o quanto deve ter sido difícil compartilhar sua vida pessoal para um grupo, cuja a *maioria é homem*. Ou seja, a presença de integrantes do sexo masculino é percebida por Aguinaldo como um obstáculo para a livre expressão das mulheres, quando se trata principalmente de depoimentos acerca da vida íntima, como no caso da *prostituta* a quem se referiu. A diferença, nesse sentido, pode dificultar o processo de partilha que faz parte do processo de recuperação. Ainda assim, Aguinaldo reafirma o valor da unidade do grupo e descreve a dinâmica que vivencia no momento de partilha que pode o ter ajudado a compreender a *moça*:

*Eu acho que o que nos une é o sofrimento. Porque quando o camarada ou a camarada começa a falar das dificuldades dela é como se tocasse um botão dentro da gente e a gente lembrasse do sofrimento da gente. É imediato! É instantâneo. Sabe? (...). Então você percebe o que aquela pessoa está passando. Porque você lembra o que você passou.*

O que os *une* é o *sofrimento* que cada um ali viveu ou vive. E a partir da dor vivenciada, que tanto Aguinaldo como o conjunto dos integrantes identificam nas *dificuldades* do *camarada* a própria vida. Esse dinamismo comum de ser tocado *um botão dentro* de cada um é *instantâneo*, de identificar-se com o outro, revela que não é preciso nenhuma forma de elaboração intelectual para apreender a dor alheia. Essa mobilização de si provoca uma retomada da própria história, mas não finda na lembrança resgatada. Aguinaldo apreende outras consequências da vivência de ouvir o outro:

*Então, eu acho que é aí que entra essa necessidade de ajudar. De confortar, de dar força, de dar animo, sabe? Se eu consegui sair do sofrimento, porque esta pessoa não vai conseguir? Vai conseguir. Você entendeu?*

O que emerge é uma *necessidade de ajudar* aquele que sofre; afinal ter conseguido sair do próprio sofrimento é sinal de que a outra pessoa também consegue. Mas salta aos nossos olhos o modo como afirma que ela *vai conseguir*. Ou seja, Aguinaldo não coloca como possibilidade a superação, mas como certeza. E é a partir dessa clareza de concepção que confia e aposta no processo alheio de autocuidado e posiciona-se ajudando a quem precisa, confortando para aliviar a dor e dando *força* e *ânimo* para o outro ultrapassar a barreira da dor, encontrando um horizonte de possibilidades, de esperança. Da mesma forma que aquele olhar recebido de seu padrinho o ajudou a se perceber de um modo que não conseguiria por si

só, no contexto comunitário do grupo pode vislumbrar no outro uma possibilidade potente de mudança de vida: eis a experiência comunitária que fortalece a si mesmo e o outro.

É tão estruturante de sua pessoa ser possibilidade de auxílio ao outro que ele, novamente, descreve o modo como contribui para o processo de autocuidado alheio:

*Então, eu vou levando a minha vida e tentando ajudar aqueles que eu posso ajudar, ou que precisam de mim. É o que eu falei com você, hoje a gente é muito mais um espelho, é muito mais uma atração, do que qualquer outra coisa. Então, eu tenho que estar pronto. Eu tenho que estar preparado para poder ajudar os outros. Enxergar as pessoas... seja com um sorriso, seja com um conselho, seja com um abraço. Seja com o exemplo de vida. Porque a gente passa a ser exemplo de vida. Uma pessoa que bebeu durante 36 anos... que perde tudo (ênfase), reconstrói a vida de uma forma ...*

É a partir do próprio eu, do próprio *exemplo de vida que é*, que passa a ser um *espelho* para os outros se reconhecerem nele. Ao se dar conta do longo período se alcoolizando, *durante 36 anos*, quando chegou a perder tudo, inclusive si mesmo, emerge uma surpresa pela própria *vida*. Não se trata da mesma vida que tinha quando se alcoolizava, mas de uma *vida* reconstruída. E é com essa mudança surpreendente em si que carrega a certeza de que é possível ajudar. A ajuda se concretiza com o próprio ato de reconhecer o outro em sua singularidade, ou seja, *enxergar as pessoas*; com o modo afetuoso de acolher o outro, por exemplo, *com o sorriso ou com um abraço*; sendo companhia ao dar *um conselho*. E, assim, Aguinaldo mostra um caminho de esperança, de possibilidade de superação, que é uma ajuda ao outro.

Mas, também, em sua experiência emerge um caráter de dever em estar disponível para acompanhar o outro, pois tem que *estar pronto e preparado*, tentando *ajudar aqueles que precisam* de seu auxílio. Mas essa exigência é vivida como obrigação em ajudar? Não. No modo como elabora sua vivência, podemos inferir que há uma realização de si no ato de auxiliar o outro. Mas esse dinamismo se torna evidente quando continua elaborando-a:

*Isso aí [o 12º passo] é uma coisa que eu priorizo. Ajudar aquelas pessoas que eu posso ajudar. E me faz feliz, que você nem imagina! Não tem nada mais gratificante, Ana Cláudia, do que uma pessoa que você... difícil, complicada... todo ser humano, né? Difícil, complicada, e você está falando, está mostrando e está falando, e está mostrando... e o danadinho para de beber.*

Praticar o 12º passo, proposto por A.A., ao invés de ser vivido como imposição, gera em Aguinaldo uma experiência tão forte de felicidade que ele mesmo acentua: *ajudar aquelas pessoas me faz feliz, que você nem imagina!* O ato de *ajudar*, como dever, é uma exigência que realiza a sua pessoa, pois ressalta que *não tem nada mais gratificante* que ser companhia para *uma pessoa complicada*, com dificuldade em parar *de beber*, que alcança a sobriedade. A

ajuda acontece por meio da relação que Aguinaldo constitui com o outro, empenhando-se com paciência e doando-se. É um processo de ir *falando e mostrando* continuamente, até a mudança acontecer. Não apenas ajudar o outro a alcançar a sobriedade o corresponde profundamente, mas também a transformação na totalidade da vida alheia vitaliza Aguinaldo:

*E começa a falar: “porque minha vida está mudando... porque meus filhos... porque minha mulher... porque o serviço... porque não sei o que.” É um negócio tão gratificante que não preço. Não tem preço.*

O que emerge em poder participar do crescimento pessoal alheio é realização de seu eu, pois enfatiza que essa vivência *é tão gratificante que não tem preço*, ou seja, contém um valor estruturante de si. Presenciar a ajuda doada, se concretizando em vários âmbitos da vida do outro, seja com a família (*filhos e mulher*), seja no campo profissional (*serviço*), gera uma gratidão em Aguinaldo, por poder fazer parte do desenvolvimento pessoal do outro. Nesse sentido, o outro é considerado e valorizado a ponto de a doação de si, corresponder em sua plenitude.

Justamente essa ação de contribuir com o processo de autocuidado e de realização pessoal do outro que constitui a pessoa de Aguinaldo e é, inclusive, critério que o orienta no modo singular de experienciar A.A. Por ser um valor agir em função do bem alheio, a possibilidade de realizar esse movimento próprio de cuidar do outro é fator sustentador de sua experiência pessoal comunitária em A.A.

Podemos compreender que, se no período em que se alcoolizava vivencia uma solidão radical, negando qualquer tipo de relação, ao encontrar o contexto comunitário de A.A. aceita relacionar-se com o outro, não de qualquer modo, mas de uma forma vivaz, entregando-se ao relacionamento, o quê mobiliza Aguinaldo em sua inteireza.

Dando continuidade, acompanhemos um exemplo de doação de si e de mudança pessoal do outro, que foi significativo para Aguinaldo:

*Há pouco tempo, entrou uma companheira. A mulher estava no último fio da existência, sabe? Por quê? Porque ela tinha perdido a guarda dos dois filhos para o marido. Ela é terapeuta, tá? Lógico e evidente que o alcoolismo derrubou a carreira dela. O marido é terapeuta [também]. Numa separação, a coisa nunca é fácil. Perda envolve sempre muita disputa, muita coisa. E... a perda da guarda foi porque a mãe é alcoólatra, porque é safada, é isso, é aquilo. A mulher estava um farrapo, sabe? (...). [Aguinaldo:] “Olha, calma, calma e calma. Hoje você está sem a guarda dos filhos e amanhã? Como é que vai ser amanhã? Escuta, eu acho que antes de recuperar a guarda dos filhos, vamos parar de beber. Porque depois que você parar de beber a conversa vai ser diferente. Então, nós temos que provar primeiro para o juiz que você já não bebe mais. Vamos parar de beber hoje.”*

Aquela *mulher*, que *estava no último fio da existência*, isto é, em sofrimento profundo, revelando ausência de sentido da própria vida, não passou despercebida por Aguinaldo. Novamente, foi reconhecida em sua dor e tornou-se uma provocação para ele se posicionar de modo singular, ajudando-a. A forma cuidadosa com que Aguinaldo foi presença para a *companheira* revela seu modo de ser atencioso e interessado pelo o outro. Doou atenção, compreendendo a sua história; doou serenidade, solicitando dela uma posição de paciência, de *calma*; doou sensatez, ampliando o horizonte de percepção da situação, mostrando outros fatores da realidade; foi provocação para um posicionamento de cuidado urgente consigo mesmo, afinal, era preciso primeiramente *parar de beber* para mais tarde requerer a *guarda dos filhos*. O que aconteceu com essa *companheira*?

*Eu sei que essa pessoa, depois de três anos, conseguiu a guarda, os filhos moram com ela. Tem uma mocinha que fez 15 anos agora. Um rapaz de 16 ou 17. Estão muito bem encaminhados, são loucos pela mãe. (...). Ela hoje está muito bem. Voltou a ter o consultório. Voltou a clinicar. Graças a Deus. Então, isso para nós é muito importante. (...). Isso tudo é muito gratificante.*

Aguinaldo, mais uma vez, faz questão de mostrar as mudanças na vida da *companheira*, como superação das dificuldades. E, novamente, presenciar o processo de autocuidado e crescimento pessoal do outro é um valor para si. Não apenas para Aguinaldo é significativo e realizador de sua pessoa cuidar do outro, participar de sua transformação e presenciar a superação alcançada; *isso é muito importante* para a totalidade dos integrantes do grupo, que também se estruturam e se realizam nesse processo. Trata-se, então, de uma experiência compartilhada, de um *nós*. Essa experiência é vivida por Aguinaldo de um modo singular, pois, ao emitir um juízo de que *tudo é muito gratificante*, revela uma gratidão pelo bem alcançado por aquela mulher.

A partir do ato de ajudar o outro, compreendemos que essa ação realiza a sua pessoa e constitui o contexto comunitário. É fundante de sua experiência em A.A. cuidar do outro de um modo pessoal, gerando, inclusive, ocasião para construção de vínculos intersubjetivos:

*Fora da reunião existe apadrinhamento, existem as pessoas que se relacionam, que têm boa amizade. Na hora que você chegou, eu estava conversando com uma colega que estava com um problema de separação. Problema judicial. E que eu prometi a ela de olhar com desembargador amigo meu que caminho ela tinha que tomar. Então, a gente se ajuda. A gente se ajuda.*

A *colega*, como o outro, ao viver uma dificuldade, é provocação para Aguinaldo afirmar o valor daquele relacionamento, posicionando-se de modo a oferecer ajuda, *fora da reunião*. Ou seja, a convivência que se constitui no grupo também pode estar presente no contexto

externo a ele. Justamente por considerar e valorizar o outro, a exemplo da *colega* a que se referiu, é que os vínculos construídos em A.A. não são perdidos quando inexistente a ocasião do encontro formal. Assim, o fator constituinte da relação de *amizade*, que também faz parte da dinâmica do *apadrinhamento*, é a possibilidade de se ajudarem, de cada um contribuir para o bem do outro. Não é apenas Aguinaldo que ajuda o outro no contexto externo à reunião, mas *as pessoas que se relacionam* entre si, como ressalta: *a gente se ajuda, a gente se ajuda*. A ajuda mútua, que se constrói com as tomadas de posição de Aguinaldo e dos outros, estrutura ainda mais a dimensão comunitária – propiciada pela estrutura formal do grupo – e uma experiência compartilhada de *amizade*. Essa ajuda recíproca que faz parte da experiência comunitária de Aguinaldo é sustento para o seu processo pessoal em A.A., de modo a se realizar.

Ainda sobre esse trecho, o que nos chama atenção é que a ajuda oferecida por Aguinaldo, em relação ao *problema judicial* vivido pela *colega*, não se refere a um auxílio em direção ao alcance de sobriedade, ao alívio de um sofrimento decorrente do alcoolismo. Trata-se de uma ajuda que inclui a totalidade da vida do outro, que se dirige ao bem alheio de uma forma mais inteira e que inclui a possibilidade de, inclusive, Aguinaldo ser ajudado e cuidado em momentos de sofrimento:

*É como eu estou te falando, na minha doença, você precisava ver a manifestação de carinho, de amor, e de amizade que me deram. Quer dizer, é aquela gratidão que fica no coração de cada um. “Não, o Aguinaldo está doente, nós precisamos de visitá-lo; nós precisamos mandar uma mensagem para ele, né?” As pessoas... realmente com quimioterapia você fica muito ruim, sabe? Eu fiquei muito ruim. Foram oito meses, sabe? E as pessoas preferiam mandar mensagem, às vezes telefonavam. Os que foram lá em casa, foram poucos. Não foram muitos não, foram esses mais achegados. Porque no meu caso, por exemplo, quase todo mundo que chega lá: “ah eu estou lá pronto para receber.” Já tem 20 anos que o grupo fez, fui eu que fundei o grupo. Então, a gente sabe da história de cada um. A gente acaba apadrinhando cada um, a maior parte pelo menos. Então, são pessoas que ficam uma gratidão muito grande no coração, sabe? E gratidão no coração é amor. Gratidão é amor; é ou não é? (falou rindo). É amor que fica.*

Aguinaldo, em seu sofrimento, à época de sua *doença*, foi ajudado com a doação de *carinho, amor e amizade* dos integrantes. Ter sido cuidado, demonstrava o quanto é valor para aqueles que frequentam seu *grupo*. Reconhece que essa valorização não emergiu do nada, mas de seu empenho *apadrinhando a maior parte* dos membros. Afinal, ter fundado o *grupo* há 20 anos, denotava a experiência de vida e capacidade adquirida para ajudar. O que emerge em cada um que foi ajudado por ele é uma *gratidão muito grande*, revelando o quanto foi importante no processo pessoal dos integrantes. A partir de toda a sua doação ao outro, emite um juízo afetuoso acerca da marca que deixa na vida alheia, a partir desse

posicionamento: o que se constrói no *coração é gratidão; e gratidão no coração é amor*. Não é um *amor* passageiro e sim eterno: *é amor que fica*.

Mais uma vez, fica evidente que a ajuda é mutua; a doação e amizade são vividas reciprocamente; o que se constrói ali são relacionamentos genuínos de *amor*, regados pelo cuidado e pela *gratidão*; uma vida comunitária marcado pela solidariedade, reconhecimento do e abertura ao outro, num processo recíproco.

Ao ser cuidado, pôde receber

*muita força! Mas muita força mesmo para vencer a doença, para lutar. Porque foi um câncer muito violento, sabe?*

Foi com a companhia dos integrantes do grupo que conseguiu *força* para superar o obstáculo da *doença*; para *lutar* e conseguir vencer o *câncer*.

Até aqui, compreendemos alguns pontos fundantes da experiência de Aguinaldo em A.A. em direção a constituição do contexto comunitário: 1) o grupo, o qual que foi solicitado a estruturar, integra o sentido da própria vida; 2) cuidar da realidade comunitária e societária do grupo, preservando-o, é tão correspondente a si que precisa se posicionar, empenhando-se; 3) cuidar da própria experiência em A.A. coincide com o cuidar do outro no grupo e na vida, em seu horizonte mais amplo; 4) o cuidado, como ajuda, é mútuo e estrutura vínculos intersubjetivos que se firmam, principalmente em momentos de tensão. Em A.A. ele se constitui e vive uma experiência de realização de si.

Além de Aguinaldo apreender um valor em A.A., também vive o horizonte mais amplo desse contexto, com um significado que mobiliza sua pessoa inteira:

*Eu acho, Ana Cláudia, que para mim, eu tenho muito, mas muito orgulho de ser um alcoólatra em recuperação e de pertencer a uma Irmandade tão fantástica como essa. Uma Irmandade que existe em 176 países... não é brincado, não.*

O encontro com o outro em A.A. possibilitou o reencontro consigo mesmo, reconhecendo que é *alcoólatra*, e um meio seguro para se reconhecer em seu limite, afirmando que é mais do que a fragilidade: por isso pode afirmar com *orgulho* que é *um alcoólatra em recuperação*. Da percepção de si, do próprio movimento de se cuidar em A.A., percebe o valor que apreende na própria vida, no próprio processo – ao mesmo tempo pessoal e vinculado ao contexto comunitário de A.A. Foi pertencendo à vida comunitária de A.A. que retornou a pertencer a si mesmo. E *pertencer* ao próprio grupo o lança a reconhecer o valor de A.A.; viver a grandeza da *Irmandade* A.A., surpreendendo-se com a sua tamanha incidência em si mesmo, e no mundo, em *176 países*, por isso *não é brincado não*.

Aguinaldo não somente constrói o contexto comunitário, pertencendo a ele, mas estrutura, inclusive a realidade de A.A. em sua totalidade. Assim, o que sustenta sua experiência em A.A. é a possibilidade de se colocar no contexto grupal que coincide com o constituir o mundo; a realização de sua pessoa; a possibilidade de autocuidado e do desenvolvimento de si e do outro; construção do bem comum, empenhando-se e construindo laços de amizade. E, por isso tudo, Aguinaldo é valor tanto para o outro quanto para si mesmo e se realiza em sua inteireza.

Como essa experiência marcante de Aguinaldo em A.A. repercute em outros âmbitos de sua vida? Adentremos, a seguir, no modo como vive essas dimensões, apreendendo até que ponto o que colhe como valor em A.A. está em sintonia nos outros relacionamentos.

#### 4.4. A.A. e os diversos âmbitos da vida

Não poderíamos deixar de iniciar esse momento sem retomar uma elaboração de Aguinaldo, já apresentada anteriormente, que revela o quanto A.A. se integra a sua vida:

Ana Cláudia: *Aguinaldo, como foi pra você ver esse grupo aparecer, esse grupo surgir?*

Aguinaldo: *Nossa senhora, a maior paixão da minha vida.*

Ana Cláudia: *É?*

Aguinaldo: *Ah é. Porque eu lutei muito por ele, você entende?*

O sentido de sua *vida* se vincula a existência do grupo. A afeição pelo grupo emerge justamente por ter lutado por ele, por ter se colocado e se empenhado para sua constituição. Considerá-lo como a *maior paixão* de sua *vida* demonstra que participar do contexto comunitário e societário do grupo não está dissociado do restante de sua existência, mas permite o pertencimento ao próprio viver e se realizar na inteireza de seu ser.

Também Aguinaldo carregou consigo a aprendizagem de se entregar a uma força de ordem superior que obteve em A.A.:

*Eu tenho certeza que amanhã vai ser um dia melhor do que hoje. Para mim, entendeu? Tenho certeza! Eu vou lidar melhor com o problema que aparecer... Se eu não souber, vou por na mão de Deus. Entende? E vamos em frente! (risos) É por aí. Mas é muito difícil você chegar nesse ponto, não é fácil não. Não é da noite para o dia não. Tem que ter uma ascese, um trabalho, um treinamento muito grande, sabe? E é aquilo que eu falo com você, é uma reunião... é um dia de cada vez. (...). A espiritualidade de A.A. mudou por completo a minha vida!*

Viver uma espera por um crescimento pessoal, por algo de bom em sua vida, é vivido como uma experiência de verdade, pois tem *certeza que amanhã será melhor do que hoje*. E

ao reafirmar ter *certeza* de que seu modo de resolver os problemas será o *melhor* a cada dia, reconhece que diante de situações que não consegue resolver sozinho, posiciona-se, se abrindo e se entregando a uma força de ordem superior, *na mão de Deus*. Sua busca por crescer, que é afirmada em A.A., também é possibilitada pela sua relação com um ser absoluto. Desse modo, essa *certeza* no presente de que pode confiar na dinâmica da vida o estrutura em seu processo pessoal e possibilita fazer experiência de si em contato com uma realidade infinita. Essa maneira de viver foi aprendida em A.A. e é sustentada por aderir à *reunião*, a partir do próprio *trabalho, ascese e treinamento*.

Além de compreender que a espiritualidade vincula-se ao âmbito da sua relação com uma presença de ordem superior descrito por ele anteriormente. Ao concluir que a *espiritualidade de A.A. mudou por completo sua vida*, ficamos curiosos em compreender que outros elementos constituem a sua vivência espiritual. Ressaltou que a espiritualidade é

*o amor, é a dedicação, é a humildade. É... a entrega, é você enxergar o próximo, deixar de enxergar a si próprio. Não é muito mais importante que ele se realize ali do que eu. Quer dizer é um processo antiegocentrista. E tudo da gente é ego, ego, ego, ainda mais nesse regime capitalista desenfreado de consumismos que a gente vive: sou eu, eu, eu. Tem coisas muito mais importantes do que eu (tom sereno), sabe?*

Nesse trecho, Aguinaldo nos comunica uma compreensão de espiritualidade que inclui o mundo de relações. É fundamental para si viver esse âmbito espiritual que coincide com o relacionar-se com o outro, que não pode ocorrer de qualquer maneira. Viver a espiritualidade é justamente se lançar na realidade, relacionando-se consigo mesmo, reconhecendo o próprio eu, com *humildade*; valorizando mais o outro que a si mesmo, deixando de agir em função do próprio eu, para *enxergar o próximo*, relacionando-se com o outro, numa atitude de *entrega*, com *amor e dedicação*. Assim, agir dessa maneira é exercer a espiritualidade, se realizando. Mas ainda reconhece que é valor para si que o outro *se realize*; isso *é muito mais importante* que a própria realização. É justamente essa doação de si, indo contracorrente *capitalista*, numa posição *antiegocentrista*, sem se colocar como centro de suas ações, que corresponde de modo vívido à sua pessoa.

O que tem de importante, então?

*O carinho de uma criança. É... um carinho de um médico. O meu relacionamento com os meus médicos é a coisa mais fantástica que você pode imaginar! Porque quando você planta, você colhe. E eu venho plantando. Quer dizer, é aniversário do médico, eu levo uma lembrancinha; às vezes eu não posso estar com ele, mas eu deixo lá com a secretária. Eu mando uma mensagem; eu mando um email. Por exemplo, agora nessa doença minha, Nossa senhora! O carinho que eu tive dos médicos todos! De cardiologista, de oncologista, de endocrinologista. A equipe médica que me tratou no hospital toda se juntou. Isso é o que? Eu não estou pagando*

*nada. Entendeu? Quer dizer, os caras estão lá há troco de quê? É amor. Então existe amor ao próximo? Existe. Agora pergunta a ele porque que eles estão lá. O Aguinaldo é uma pessoa especial; o Aguinaldo é uma pessoa diferente. Porque a gente dá. Não é dando que se recebe? É muito bonito falar que São Francisco falou isso. Mas no dia a dia, você dar... é pouca gente. (risos)*

Nesse exemplo, Aguinaldo ressalta mais uma vez o quanto é central no seu modo de se relacionar a doação de si ao outro. É com *carinho* que se relaciona com os médicos; e com *carinho* e *amor* é cuidado pela mesma equipe. O que emerge dessa experiência de troca é uma percepção do próprio eu, como pessoa *especial*, com valor. E por serem poucas As pessoas que agem *dando*, percebe-se como *diferente*. Assim, é pelo fato de cuidar do relacionamento, *plantando-o* e *cultivando-o*, que *colhe* em si, um valor e *colhe* no outro, *amor*.

Compreendemos que o modo pessoal de Aguinaldo se colocar em A.A., relacionando-se com o outro a partir da doação de si, de modo a contribuir para o processo pessoal alheiro, é tão dele, que em sua vida mais ampla, nos gestos mais simples ele se revela da mesma forma: cuidando. Esse cuidado com o outro se torna tão evidente no modo como se relaciona com a esposa, que Aguinaldo, ao descrever o amor por ela, comove-se:

*E hoje eu falo assim com você a linguagem do A.A. Hoje eu entendo porque eu separei, porque Deus pôs um anjo na minha vida. (choro) Um anjo. (choro) Eu tenho um respeito, uma admiração, um amor por essa mulher, infinito. Infinito. (choro). Porque ela é muito linda na minha vida. Muito, muito. (choro) Eu devo muito a ela. E foi o dedo de Deus. (choro)*

É a partir do modo de compreender a vida por meio de um sentido *infinito* proposto por A.A. que emite um juízo acerca da própria história: *hoje eu entendo porque eu separei, porque Deus pôs um anjo na minha vida*. É evidente o quanto sua esposa é um valor para si. Junto do valor que apreende no ser dela, doa *um amor infinito*, ato carregado de *respeito* e *admiração*. O que emerge nesse relacionamento é uma vivência de beleza e gratidão, pois *ela*, a quem deve *muito*, é *muito linda na vida* dele. Mais uma vez, o amor e o cuidado mútuos são fatores estruturantes do relacionamento amoroso e elementos centrais que o constituem, como Aguinaldo.

Vamos compreender, nesse momento, como esse cuidado com a esposa se concretiza no momento mesmo de convivência:

*E a neta agora está com três anos e meio. E é uma gracinha, sabe? É uma gracinha. Ela foi à casa da vó materna que morava no segundo andar. E eu não sei o que ela aprontou, que ela caiu na escada. E ninguém sabe explicar como é que ela não morreu. Porque ela caiu de ponta a cabeça. E alto. Aí ligaram para avó, para R. [esposa]: “Olha, houve um acidente com a menina...” E eu fiquei muito bravo, porque estávamos viajando e não ia resolver dar notícia. A mulher ficou desorientada. Eu falei “R., calma.” E como eu falo com você: “Calma, calma, calma, vamos pedir a Deus, primeiro vamos rezar e tal”. Mas a pessoa não consegue. A pessoa*

*que não está, vamos dizer assim, espiritualmente preparada para as coisas, tem muita dificuldade. E aquela ansiedade. “Não, vamos, não sei o que”. Aí eu falei: “no dia seguinte cedo você vai ligar para lá. E pede para falar com ela. E vamos ver como ela está.” Quer dizer, ela estava no hospital. Aí ligou para filha. A filha falou: “Já estamos em casa”. “Ah, quer dizer que está tudo bem.” “Olha aparentemente está, o médico só pediu para poder ficar em observação e tal.”*

Diante de um momento de tensão, ter solicitado a sua esposa *calma, calma, calma* e sugerido a ela uma entrega da situação *a Deus* foi um modo de Aguinaldo tentar transferir a própria serenidade para um alívio da *ansiedade*. Novamente, esse jeito de cuidar do outro, sendo companhia, dialogando e incentivando uma tomada de posição mais sensata, se configura como singular, que se manifesta, seja no relacionamento em A.A., seja no relacionamento amoroso.

E é também no relacionamento com o filho que vive o aprendizado obtido em A.A.:

*Tenho muito problema com filho. Então, a gente dentro do possível... [tenta] vivenciar esses ensinamentos, porque não adianta você querer mudar as coisas, você não pode mudar o que você não pode mudar. Concorda? Como é que eu vou mudar uma pessoa que não está sabendo de nada? “a, mas eu gostaria...” “você não gostaria de nada.” Você tem que enxergar a realidade.*

Vivenciar os *ensinamentos* de A.A., como forma de lidar com as situações de dificuldade, não significa que essas findaram ou não mais existirão. Afinal, tem *muito problema com o filho*. Mas, busca lidar com as dificuldades se atendo à *realidade* que se apresenta diante de si. É a partir dessa atenção ao movimento da outra pessoa que reconhece a própria limitação em resolver os percalços. É simples, *não se pode mudar* o que não muda. Por isso, precisa responder ao chamado interior: *tem que enxergar a realidade*. E partindo da aceitação desse chamado que Aguinaldo afirma:

*Aí, fica mais fácil para você poder viver, para você não brigar com as pessoas, para você não entrar em atrito, sabe? Você fala, fala, dá conselho e o cara faz o troço ao contrário do que você fala. O trem dá errado, complica tudo. Então, é um dia de cada vez, vivendo dentro daquilo, aceitando o que não pode modificar e coragem para mudar aquilo que pode. (...). Isso é constante na vida da gente, sabe? E tem dado certo, te garanto que tem dado certo (risos), para problemas seríssimos (risos), não é só... não é receita básica não, é para problemas sérios.*

Ter *que enxergar a realidade* tal como ela é não se trata de uma exigência que não faz sentido para Aguinaldo, pelo contrário, é justamente respeitando e *aceitando* o que não se *pode modificar* que vive com mais tranquilidade, de um modo *mais fácil*. Viver dessa forma é um elemento importante *para não brigar com as pessoas*, ou seja, para preservar e cuidar dos

relacionamentos. E respeitar a dinâmica da existência implica, também, posicionar-se, enfrentando, com *coragem, aquilo que pode mudar*.

Por fim, compreendemos que Aguinaldo, ao levar a sério a proposta de A.A., como provocação para se posicionar, se colocando de um modo pessoal, ele realiza sua pessoa. Desse modo, apreende um significado vitalizado no contexto comunitário de A.A. que não poderia deixar de carregar para sua vida como um todo.

No relacionamento consigo mesmo, confiando em si; no relacionamento com um Outro, entregando-se a ele quando é preciso; no relacionamento intersubjetivo, seja com os médicos, seja com a esposa, seja com o filho. É nessas relações, que Aguinaldo afirma o próprio ser e a própria busca por crescer e por conviver. É na convivência que se doa e recebe amor e cuidado: é mútuo esse processo que realiza para si mesmo e propicia a constituição do outro. Com efeito, a experiência de Aguinaldo de longe se revela como alienação. O modo de vida de A.A. que guia seu experienciar o mundo faz parte de si e possibilita seu ser em ato.

#### **4.5. Experiência de Aguinaldo: uma síntese**

Ao elaborar a experiência em A.A., Aguinaldo revela o drama que vivenciou no período anterior, por não admitir ser alcoolista e, assim, não ter buscado ajuda para se cuidar. Reconhecer o fator genético de sua doença é um modo de compreender o limite que carrega em si. No entanto, até chegar a essa consciência de si, vivenciou momentos de sofrimento profundos: atos de desrespeito e violência em direção a ex-esposa e desconsideração com os filhos, por viver uma autoafirmação, ao invés de afirmação do outro em sua humanidade e singularidade; perda de controle sobre si mesmo, resultando em situações degradantes e de risco à própria vida; perda da dignidade, solidão e ausência de sentido da própria vida. Reconhece que viver estava em função de eliminar a fissura pelo álcool, nada mais. Por outro lado, nos comunica que é constituído pelo valor de lutar; lutou para tentar findar o vício, mas não conseguiu. Compreendemos que hoje é estruturante de si cuidar do outro, entregando-se ao outro, ao invés de centrar-se em si mesmo. E surpreende-se com o fato de estar vivo, possibilitado pela incidência de um ser absoluto em sua vida e pela procura de ajuda em A.A. quando chegou ao *fundo do poço*.

Apreendemos que o ponto estruturante para permanecer no movimento de autocuidado, ainda que não frequentando as reuniões de A.A., foi ter sido valorizado pelo o outro, como exemplo de superação que confiou em seu processo de se cuidar. A partir dos encontros

genuínos com o padrinho, pôde aceitar a própria fragilidade, não como sofrimento, mas como possibilidade de afirmar a sua vida, não reduzindo sua pessoa ao limite. Reconhece que a decisão de se cuidar no grupo de A.A., ao não conseguir sustentar esse processo sozinho, foi fundamental para se desenvolver pessoalmente e afirmar o próprio bem, distanciando-se do álcool. Apreendemos também que ter sido reconhecido novamente pelo padrinho, que apostou em sua capacidade de construir o grupo, foi fundamental para se desenvolver e experienciar a dimensão comunitária de A.A.

No modo como elabora sua experiência, Aguinaldo nos comunica o quanto é importante para si crescer em sua humanidade e pessoalidade. No grupo, ele encontra ocasião para manter-se cuidando de si e se desenvolvendo. Como as dimensões comunitária e societária do grupo é sustento para seu processo pessoal em A.A.? Por reconhecer o valor dos princípios de A.A. quanto à concepção de alcoolismo, a partir do qual se pode compreender melhor, exercitando a humildade e honestidade consigo mesmo, como modo de se atentar à própria realidade, e, assim, se cuidar. Por poder se relacionar com um ser absoluto, que intervém em sua vida, concedendo força nos momentos de dificuldade ou mostrando um caminho a seguir. Ou seja, adere também à proposta de A.A. de acreditar em um Poder superior, justamente por apreender um sentido na relação com o infinito, na medida em que se estrutura sob base da experiência religiosa. Reconhece, ainda, que no momento de partilha pode aprender com a experiência do outro, que contribui para a sua própria formação. Não somente ele aprende com o outro, mas também favorece o crescimento alheio, por meio de diálogo, aconselhando o outro. Aguinaldo nos revela que o crescimento mútuo fortalece a união entre eles, que é um valor para si.

Aguinaldo também nos comunica sobre o valor para si de corresponder ao chamado por ajudar o outro, o que realiza e gratifica a inteireza de seu ser. Ao perceber o sofrimento do outro, é mobilizado de tal forma que precisa agir auxiliando. Não é ajudar de qualquer modo, mas sim: doando-se ao outro, com carinho, afirmando a pessoa do outro; colocando-se no grupo, de modo a favorecer o bem alheio; dialogando, sendo companhia, exemplo de vida e provocação para o outro se cuidar; mostrando os aspectos da realidade e a possibilidade de realização, não desistindo de esperar pelo bem do outro; oferecendo acolhimento, com um sorriso, um abraço de modo a fortalecer o mesmo em seu processo pessoal. Nesse processo, também vivencia uma correspondência ao seu ser, quando percebe a mudança pessoal do outro, que passa a se cuidar, a se valorizar, a crescer. Ao mesmo tempo em que constrói a experiência e o contexto comunitários, entregando-se ao outro, também estrutura a si mesmo. Cuidar de si coincide com o cuidar do outro, ato que dá sentido a própria existência e a partir

do qual constitui vínculos de amizade que são cuidados por ele, tanto dentro grupo quanto fora. Doando-se, recebe amor, carinho, gratidão que alimenta ainda mais seu ímpeto por ser companhia e se realizar nesse processo. É por isso que aderir à proposta sociocultural de A.A. por ajudar aquele que sofre corresponde a sua pessoa, é significativo para si. Também reconhece que se trata de uma ajuda mútua, uma experiência compartilhada de doação ao outro e de percepção do crescimento do outro que realiza a todos, formando uma vida comunitária.

Diante dos percalços que podem desestruturar o grupo, sejam as dificuldades vividas no início de sua constituição, sejam os comportamentos inadequados de integrantes, seja o fato do suicídio, Aguinaldo reafirma o valor pelo bem comum, tomando posição em favor de si mesmo e dos outros.

Compreendemos, então, que o ato de cuidar do outro, como fator constituinte do contexto comunitário, é o próprio sustento para seu processo de ser mais si mesmo. Dedicando-se para compreender os princípios, lutando e empenhando-se para que a realidade grupal constitua e perdure no tempo, Aguinaldo se realiza e constrói os nutrientes para seu processo de crescimento pessoal. É tão estruturante de si mesmo fazer experiência em A.A. que reconhece a tamanha incidência dessa realidade em sua vida e na existência de tantas outras pessoas.

Outro ponto central em sua experiência refere-se à experiência religiosa, que tanto vivencia em A.A. quanto no contexto externo. Entregar-se aos cuidados de um ser absoluto constitui sua pessoa, é um modo singular de viver o mundo e se realizar. Outro fator estruturador de si é o modo próprio de cuidar dos relacionamentos, que tanto se revela em A.A. quanto na totalidade de sua vida. Ou seja, é valor para si se doar, tanto que pode colocar esse ato em qualquer âmbito: na relação com os integrantes do grupo, com os médicos, com sua esposa e com seus filhos. Na relação com os filhos, descobre o valor de atentar-se à realidade nos elementos que pode ou não mudar. Compreendemos que esse discernimento o estrutura e possibilita vivenciar uma vida mais harmoniosa e serena.

Além disso, Aguinaldo nos comunica o quanto A.A., em sua dimensão comunitária, integra a sua vida, é valor para si; o quanto cuidar do contexto totalizante do grupo o corresponde plenamente e favorece encontrar um sentido vitalizado em sua existência: *o grupo é a maior paixão da minha vida.*

## **V – ELABORANDO EXPERIÊNCIA-TIPO**

### **1. Experiência-tipo da relação pessoa/comunidade de Alcoólicos Anônimos**

Tendo finalizado a compreensão das experiências comunicadas, chegamos ao momento de elaboração da experiência-tipo da relação do integrante que se realiza em A.A. com esse contexto comunitário. Salta aos nossos olhos que independente do sexo dos sujeitos, do tempo de participação no grupo e da função exercida ou já exercida no mesmo encontramos elementos essenciais e significativos em suas experiências em A.A.

Aprendemos enquanto fator central na experiência daquele que se realiza em A.A. o acolhimento vivenciado nos primeiros momentos na realidade comunitária do grupo ou até mesmo antes de iniciar a participação das reuniões, no contato por telefone ou durante uma visita de algum membro de A.A. O integrante que se realiza em A.A. ao se sentir acolhido, considerado, compreendido e valorizado por um outro, que demonstra um interesse genuíno e confia em seu processo pessoal, pode passar a se olhar de outra forma, não mais como sem valor: inicia uma percepção do próprio valor e vive uma experiência de correspondência por ressignificar a própria vida. Eis um dinamismo comunitário que pode acontecer além do contexto grupal e potencializar a singularização do membro de A.A. A partir do encontro com o outro enquanto referência de superação – que pode ser a pessoa do padrinho – o integrante pode vislumbrar um caminho de esperança, uma saída para o sofrimento, pois pode aceitar o próprio limite, sem se reduzir a ele, e confiar no próprio movimento de se cuidar. Assim, tem condições de viver a fragilidade como ocasião para se cuidar tanto no grupo quanto na vida em sua totalidade e uma gratidão direcionada ao outro por poder se redescobrir.

A forma como o integrante que se realiza em A.A. se relaciona com o outro na reunião pode se expressar pela abertura ao outro, atentando-se à experiência alheia que se torna inclusive provocação para a percepção de si mesmo, aprendizagem de novos modos de autocuidado e de se posicionar no mundo, elaboração da própria experiência emitindo juízos acerca de si, do que é importante e correspondente à própria pessoa. É com esse dinamismo que tem condições de crescer, desenvolver-se em sua humanidade e pessoalidade. Nesse sentido, compreendemos como fator estruturante da experiência daquele que se realiza em A.A. a possibilidade de se perceber, cuidar de si e se formar enquanto pessoa na convivência com o outro no momento da reunião. Assim, o contexto grupal em sua dimensão comunitária pode configurar-se para o integrante como um apoio para o processo pessoal de autocuidado e

crescimento pessoal. Além disso, aquele que realiza em A.A. ao se posicionar nessa realidade estruturando-se pela doação de ajuda ao outro não deixa de ser impactado pela vida alheia. Atentando-se ao sofrimento do outro, mobiliza-se de modo a se posicionar para aliviar a dor, contribuindo para o processo alheio de superação das dificuldades. Dessa forma, é capaz de ser uma referência para o outro, um exemplo de vida que confia no processo alheio, na possibilidade do outro se cuidar. Tendo em vista esse dinamismo, compreendemos que é valor para o integrante que se realiza em A.A. favorecer o bem do outro. Eis a solidariedade que vivencia enquanto fator comunitário e pessoal que realiza o eu.

A experiência do integrante que se realiza no grupo também pode ser sustentada pela convivência com o outro com quem constrói uma relação de amizade calcada em afeição, ajuda, experiência de liberdade recíproca. Ao mesmo tempo em que constitui relacionamentos genuínos e ajuda o outro no seu processo pessoal de autocuidado constrói o contexto comunitário enquanto sustento para o próprio crescimento. Para os que fazem experiência de realização no contexto comunitário de A.A., cuidar de si coincide com o cuidar do outro e conseqüentemente o constituir da comunidade de A.A. Vivendo essa experiência, é ativado no integrante a capacidade de construir relacionamentos significativos nos horizontes mais amplos da vida, não se restringindo ao contexto de A.A.

A experiência do integrante que se realiza no contexto comunitário de A.A. não se configura como unicamente pessoal, mas sim compartilhada. Vive uma experiência de um nós na medida em que vivencia vínculos comunitários, abertura recíproca, compartilhamento de experiências que solicitam posicionamentos do integrante no grupo/comunidade e consideração do outro enquanto pessoa e provocação. Esse tipo de estrutura comunitária dá condições de o integrante que vive experiência de autorrealização lidar com a própria fragilidade, com a marginalização e preconceitos da sociedade de um modo que não conseguiria sozinho. A partir dos laços de solidariedade em A.A., construídos em um mundo onde não se espera mais esse tipo de relação, aquele que se realiza nesse contexto é capaz de se posicionar, não apenas no grupo de A.A., mas em sua realidade social, criando uma estrutura de mundo, construindo relacionamentos em um horizonte maior de vida. Nesse sentido, a comunidade de A.A. não se configura apenas como suporte para o sujeito lidar com sua fragilidade: lidando com o próprio limite, ele tem condições de se por no mundo, e esse processo também é um suporte para lidar consigo mesmo, com a realidade, realizando a si mesmo.

## **2. Experiência-tipo da relação pessoa/proposta de Alcoólicos Anônimos**

Além da experiência-tipo da relação pessoa/comunidade de A.A., apreendemos também uma experiência típica do modo como os integrantes que fazem experiência de realização em A.A. vivenciam a proposta sociocultural desse contexto.

Em A.A. é possível que o integrante realizado nesse contexto em sua dimensão comunitária adira de modo pessoal à proposta grupal sem se fixar ao seu aspecto formal, mas sim apreendendo valores fundamentais nas sugestões que se integram à vida da pessoa, que correspondem a significados vitalizados. Ou seja, seguir os passos de A.A. pode não se configurar como o ponto central de sua experiência no contexto grupal.

Ao sintonizar com o valor de “reformulação de vida” de A.A. enquanto “despertar espiritual”, o integrante tem condições de se vincular a esse princípio realizando uma experiência pessoal ao invés de uma integração no grupo simplesmente. Sendo significativo para si crescer enquanto pessoa, vivenciar a proposta de A.A. o ajuda a retomar o que é importante para o próprio eu, sem reproduzir artificialmente as sugestões.

Aceitar a própria condição de alcoolista pode coincidir com o reconhecimento da necessidade de se cuidar. Assim, o integrante que se realiza em A.A. ao apreender a importância de se perceber em sua inteireza adere à proposta de A.A. no valor que contém. Admitir a própria fragilidade torna-se ocasião de afirmar a busca pelo próprio bem, cuidando de si. Além disso, a pessoa exercitando a atenção ao outro no momento de partilha enquanto proposta de A.A. está propícia a voltar o seu olhar para si mesma, para a realidade a sua volta, percebendo os problemas que precisa enfrentar, as mudanças nos companheiros, a maravilha da natureza, enfim, à totalidade que vive e a constitui.

Aquele que se realiza em A.A. ao apreender um significado na sugestão de retomada do passado (contida nos passos e no roteiro de partilha de experiências na reunião), que se vincula ao próprio movimento de se cuidar, tem condições de aderir à proposta de A.A. de modo pessoalizado. Na medida em que elabora a experiência de sofrimento remetendo-se ao período em que se alcoolizava reconhece o quanto cresceu, o valor da mudança pessoal, da própria vida, admirando a si mesmo. Ao cuidar de si recordando o próprio drama é capaz de afirmar a busca pessoal por se realizar, de sustentar o próprio bem lidando com a condição de alcoolista e as próprias tendências.

Não apenas ao dar-se conta continuamente do sofrimento passado o integrante que se realiza em A.A. tem condições de afirmar o cuidado consigo mesmo, mas também ao se perceber em seus sentimentos, tendências, pensamentos, ações e o contexto no qual se insere;

exercício esse enquanto proposta de A.A. de reexame da própria experiência. A sugestão formal de reflexão sobre o processo pessoal de dependência ao álcool é aplicada de modo estendido a outros horizontes de sua vida por aquele que se realiza em A.A. Ou seja, ao invés de repetir o método de leitura de si no ambiente grupal, emerge um exercício pessoal, ativa-se uma capacidade de percepção e de crítica própria e das situações que vivenciam, num âmbito maior, seja no grupo, seja no trabalho, seja nos relacionamentos. A partir dessa capacidade desenvolvida ele pode lidar com as dificuldades pessoais e contextuais sem configurá-los como obstáculos para o próprio processo de autocuidado. Os limites podem ser elaborados a ponto de se tornarem ocasião para se afirmar enquanto sujeito. Assim, adere à proposta de A.A. por aprender a elaborar as próprias vivências, tomando consciência de si, da própria busca, das indicações da própria experiência, direcionando-se àquilo que o realiza, abrindo-se para as relações com o mundo: eis um processo comunitário ativado que propicia a realização de si.

Ao ter sido cuidado por um outro no grupo, por exemplo pelo padrinho que corresponde à sugestão formal de A.A., o integrante que se realiza em A.A. é capaz de voltar-se para si cuidando do próprio processo de crescimento e apreender que é valor ajudar o outro em seu movimento de busca por se cuidar. Também corresponde ao próprio eu cuidar do outro, enquanto proposta de A.A., doando-se, empenhando-se e disponibilizando-se para auxiliar na necessidade alheia, seja com a expressão de afeição, seja com as próprias palavras durante a reunião ou em diversos momentos de convivência. Apreendendo um valor na doação de si ao outro se sintoniza à proposta de A.A. de ajudar àquele que busca a sobriedade; no entanto, aquele que se realiza em A.A. pode ir além desse princípio favorecendo não somente o alcance da sobriedade pelo outro, mas inclusive o crescimento pessoal deste. É nesse dinamismo de solidariedade que o integrante realizado em A.A. tem condições de conviver, construir relacionamentos, viver uma experiência comunitária, e assim, experienciar de modo pessoal o caminho de renovação da vida anunciado por A.A.

Ao cuidar do próprio bem, o integrante que se realiza em A.A. pode reconhecer um valor da experiência no grupo e, por conseguinte, perceber que sustentar a própria experiência coincide com o movimento de zelar pelo contexto grupal. Nesse sentido, tendo A.A. em seu campo de interesses, ele tem condições de aderir ao princípio de A.A. de preservação do bem estar comum realizando novamente uma experiência pessoal, sem se fixar na formalidade da proposta. Por ser valor a preservação do grupo, empenha-se em contribuir de alguma forma com a sua estruturação e para que o mesmo se perpetue, seja ajudando o outro a se cuidar, seja exercendo alguma função que sustenta a fluidez e o bem da realidade comunitária.

Não apenas pode se relacionar com o outro integrante e cuidar do contexto comunitário, mas também tem condições de vivenciar um relacionamento com um Outro. Ao reconhecer o valor de se relacionar com um ser absoluto, é possível que o integrante realizado no contexto comunitário de A.A. se vincule à proposta de crença a um Poder Superior de A.A. vivenciando uma experiência religiosa que é a um só tempo pessoal e compartilhada. Abrir-se para uma Presença a partir da qual se fortalece em sua inteireza, esse integrante pode reconhecer a importância de cuidar do relacionamento com um Outro, favorecendo o próprio processo de crescimento e autocuidado. É nesse sentido, que viver a proposta de A.A. abre espaço para uma conexão do integrante com um Poder, vivenciando um efeito vivificante sobre o próprio ser e uma experiência religiosa singular, ao contrário de uma reprodução de passos.

### **3. Experiência-tipo da realização de si em Alcoólicos Anônimos**

Tendo em vista o percurso efetuado até aqui, apreendemos nas elaborações dos sujeitos expressão de processo de realização pessoal, a partir das quais foi possível captar uma experiência típica de autorrealização do integrante em A.A.

O integrante que se realiza em A.A. ao ser valorizado, reconhecido por um membro de A.A. que confia em seu movimento de se cuidar, seja no grupo, seja em momentos anteriores à participação em A.A., vive uma experiência de correspondência vívida por poder esperar de si mais que o próprio limite e sofrimento advindo do alcoolismo. A valorização de si e a espera por uma vida de realização passam a adentrar no horizonte daquele que se realiza em A.A. por poder cuidar da própria busca revitalizada, vislumbrar a capacidade de tomar a própria experiência nas mãos e de continuar a se relacionar com alguém que o afirma em sua inteireza, não o reduzindo em sua fragilidade.

Ao empenhar-se no movimento de cuidar de si, afirmando a estima da própria vida e da sobriedade, encontrando a si mesmo, as próprias buscas por crescer e por se realizar, o integrante pode vivenciar uma experiência de realização genuína. E assim, tem condições de buscar cuidar do que o realiza: dos relacionamentos queridos, seja no grupo, seja na vida em sua totalidade; da experiência religiosa que o nutre e o fortalece; do que constrói no contexto comunitário de A.A. e no mundo; do contato com a natureza que revigora; enfim, do próprio eu, percebendo-se e afirmando o que faz sentido, elaborando as tensões de modo a retomar o critério que orienta as próprias ações na realidade, correspondendo a si mesmo nesse

processo. Além disso, é capaz de viver uma admiração por si mesmo, pela capacidade de colocar algo no mundo, de construir relações, realizar o que é mais característico de seu ser, de poder ser si mesmo.

Na medida em que se interessa verdadeiramente pelo o outro em A.A., o integrante que se realiza nesse contexto comunitário não mede esforços de ajudá-lo, de contribuir para o percurso pessoal alheio, vivenciando na doação de si uma realização profunda de seu ser. Pode reconhecer a vitalização do próprio eu que emerge do empenho em auxiliar e da ajuda concretizada, quando o sofrimento do outro é aliviado e este passa a se cuidar, a crescer, a se realizar no percurso pessoal. A realização do outro coincide com a autorrealização. Por ser tão viva a correspondência à própria espera, a ajuda doada não finda o empenho dos integrantes que se realizam em A.A. de fazer o bem ao outro; pelo contrário, eles podem se fortalecer ainda mais no próprio caminho a favor de si que coincide com o cuidado em ajudar o outro.

## **VI – COMPREENSÃO TEÓRICA DA EXPERIÊNCIA-TIPO**

Nesse momento, retomaremos alguns pontos das experiências-tipo lançando-nos a compreendê-los sob o prisma de nosso referencial teórico. Nosso intuito é aprofundar o entendimento da dinâmica típica retomando o modo pessoal de os sujeitos a vivenciarem a partir das contribuições de conceituações teóricas da Fenomenologia.

Para alcançarmos um entendimento mais aprofundado da experiência em estudo, optamos por apresentá-la em categorias que nos auxiliam a identificar as especificidades dos elementos fundamentais. No entanto, ressaltamos que cada categoria se interconecta com as demais e somente pode ser apreendida se incluída na compreensão da totalidade da experiência.

### **1. A.A. como provocação à consciência de si, da realidade e ao crescimento pessoal**

#### **1.1. Na consciência de si, a memória do próprio drama revela a transformação enquanto crescimento pessoal**

Em cada experiência comunicada identificamos um processo semelhante de o sujeito voltar-se para si retomando a própria história de vida, dando-se conta de como vivia anteriormente a A.A. e de como se posiciona hoje no mundo, para afirmar a transformação de vida; dinamismo esse próprio do roteiro de partilha das experiências proposto por A.A. Não se trata de qualquer transformação, mas, com efeito, de um crescimento pessoal. Para Suzana, o passado é marcado pela falta de sentido, perda de domínio sobre si mesma; no presente, reconhece que está “nascendo de novo”. Para Lilita, antes de A.A. considerava-se “resto depois de nada”, agora é capaz de ser “uma pessoa melhor”. Aguinaldo que se representava com “um pé na sepultura e o outro na vida” no ápice do alcoolismo, hoje já reconhece a própria busca pelo crescimento espiritual estruturando um “presente melhor”. E Domênico percebe que antes de A.A. não existia e hoje pode ser o “Domênico que nunca” foi.

A transformação decorrente da experiência em A.A. também revela a adesão dos sujeitos à proposta do contexto sociocultural de busca pela “reformulação da vida” juntamente com a manutenção da sobriedade. Aderem pelo fato de fazer sentido crescer, tornarem pessoas melhores para si mesmas e para o outro. Ou seja, a proposta enquanto provocação

contém um valor que corresponde às exigências dos sujeitos e ao núcleo pessoal, nos termos utilizados por Giussani (2009) e Stein (1932-33/2003a, 1930/2003b, 1922/2005a, 1991/2005b, 1932-35/2007a) respectivamente. Quando cada sujeito descobre as próprias potencialidades ao se posicionar no mundo surpreende-se consigo mesmo, com a novidade de ser capaz de colocar algo na realidade, de se colocar no mundo, de se desenvolver na totalidade da vida: Suzana e Lilita percebendo a melhora nos relacionamentos possibilitado pela aprendizagem de ouvir; Domênico ao viver experiência de liberdade no grupo podendo ser si mesmo; Aguinaldo ao cuidar dos relacionamentos com os médicos e com a esposa, doando-se do mesmo modo como se insere no contexto comunitário de A.A.

Segundo os autores, fazer experiência coincide com a possibilidade de crescer, afirmar a própria busca orientada pelas exigências nucleares, que indicam um caminho mais correspondente, respeitando os valores que constituem si mesmo; o dever ser que chama para a ação pessoal, desenvolvendo peculiaridades, e para ação humana, guiando-se pelas exigências fundamentais. Há um convite desde dentro para concretizar as exigências, o dever ser si mesmo. Examinando o próprio posicionamento no mundo a pessoa retoma o que a corresponde interiormente, o que é valor para si, para assim, fazer o melhor.

Percebemos que não apenas ao longo da entrevista elaboram a própria experiência, mas continuamente voltam-se para si mesmos retomando o que é importante, ou seja, emitem juízos acerca da próprias vivências que os ajudam a crescer. Esse dinamismo de abertura da razão propriamente humano, descrito pelos autores, enquanto abertura para a totalidade dos fatores da experiência, possibilita os sujeitos se impactarem com as provocações do mundo e de si mesmo dando-se conta do sentido que contêm. É a partir da elaboração das vivências percebendo os vários fatores envolvidos e comparando-os com um critério que é valor para a pessoa, que esta faz experiência. Aprender o significado do que viveu emitindo um juízo propicia a consciência de si e o movimento de dar-se conta do que corresponde ou não ao eu.

Ao elaborarem a própria experiência não ignoram o próprio passado, o sofrimento vivido: a perda de si e de controle sobre a própria vida; a ausência de relacionamentos genuínos em meio a solidão, situações degradantes e sentido esvaziado da vida. Enfim, o drama vivenciado e resgatado pela memória por cada um é vivido como provocação para afirmar a vida que acontece, o valor de si mesmo, reconhecendo a superação alcançada e a busca por se realizar que brota do eu.

Desenvolver-se se tornando uma pessoa melhor implica exercer a memória da experiência vivida, de acordo com Giussani (2009) e Mahfoud (2012). “A experiência é tutelada pela memória. Memória é proteger a experiência” (Giussani, 2009, p. 131). Ou seja,

exercitar a memória não significa simplesmente lembrar-se de algo distante de si, mas se refere, sobretudo, à força de possibilitar que uma experiência do passado continue a ter vitalidade agora.

A memória não significa saber que uma coisa aconteceu lá trás, mas é se dar conta de que o nosso presente inclui algo que vem de lá. A memória é se lembrar, é se dar conta, voltar a reconhecer um horizonte grande no qual o nosso presente é constituído (Mahfoud, 2012, p. 190).

A memória não pode permanecer viva a não ser pela elaboração do sujeito no presente. Mas também é pela memória que a experiência é elaborada. Assim, o cuidado com a própria experiência emerge com a retomada da própria história a partir de um juízo significativo. Se não há proteção do que é valor para si, então esse se perde.

E a memória, que não está em função do passado, e sim da experiência, possui uma dimensão de abertura para o futuro. Dando um juízo de valor sobre uma experiência afirmando o significado vivo que contém, a pessoa se lança no futuro cuidando do sentido que corresponde ao eu. Assim, “a possibilidade de abrir perspectivas para o futuro está na elaboração do passado” (Mahfoud, 2012, p.192). Se há ruptura com o sentido do passado emerge a perda de significado da vida atual. Daí, a importância de tomar nas próprias mãos a experiência passada para emitir juízos constantes do que é correspondente ao eu, e assim, se guiar por eles. Nesse sentido, reconhecemos o valor do ato de retomar o passado para afirmar a vida presente que os sujeitos nos comunicam.

Dessa forma, tanto Giussani (2009) quanto Mahfoud (2012) nos auxiliam a perceber a centralidade da memória para elaboração da experiência de modo a afirmar o próprio ser. Na medida em que a pessoa emite um juízo de significado acerca daquilo que viveu, há possibilidade de se posicionar cuidando do que corresponde a si mesmo, e assim, ser mais si mesmo. É esse dinamismo que os sujeitos experienciam, tanto ao recontarem o próprio drama no momento de partilha, quanto no modo de elaborarem a própria experiência no momento mesmo da entrevista, quando retomam o passado para afirmar a transformação pessoal.

Resgatando as contribuições de Giussani (2009) e Stein (1932-33/2003a, 1930/2003b, 1922/2005a, 1991/2005b, 1932-35/2007a) quanto à complexidade do processo de crescimento pessoal e introduzindo elaborações de Giussani (2009) e Mahfoud (2012) acerca da função da memória na elaboração da experiência e na busca por correspondência que realizam a pessoa, podemos redimensionar as compreensões das experiências dos sujeitos.

Compreendemos que o processo que vivem de retomada do passado no drama para revelar a transformação vivida enquanto crescimento pessoal é potente mobilizador da

consciência de si como forma de afirmação do próprio ser. Da consciência de si na totalidade da vida (passado, presente, futuro) afirmam o crescimento pessoal que vivem ao participarem de A.A. Nesse sentido, novamente essa dinâmica denota a adesão dos sujeitos à proposta de A.A. quanto à retomada do passado e exame das próprias ações para reformular a vida. E se trata de uma adesão correspondente ao eu, que carrega a força de constituição da pessoa, ao invés de revelar uma reprodução de modos de vida sugeridos. Fazer memória da própria história possibilita posicionamentos sintonizados com o centro pessoal em direção à busca contínua por crescimento pessoal. Fazer memória auxilia a retomada do sentido da própria vida como forma, inclusive, de não viver novamente o drama da perda de si, dos erros presentes no período de alcoolização.

### **1.2. Da consciência de si à elaboração das tensões**

Por viverem um processo de crescimento pessoal, os sujeitos não nos deixam de nos comunicar os percalços pessoais e vividos no contexto de A.A., elaborando-os a partir da capacidade de autoexame ativado pelo exercício pessoal da proposta de A.A. No entanto, cada um deles se posicionou de modo a apreender um novo significado e afirmar o que é importante para si. Suzana ao viver a decepção com A.A. pôde elaborar a própria tensão e o mal-estar retomando o que é significativo no grupo a ponto de voltar a frequentá-lo; Lilita ao se dar conta da própria manipulação no grupo que a machucava toma posição para controlar essa tendência; Domênico diante da tensão vivida no grupo e da própria reação de explosão com o outro se conscientiza do erro retomando o que é correspondente a si: respeitar o outro; Aguinaldo diante das dificuldades no início da constituição do grupo, do próprio abalo pelo suicídio de um companheiro resgata o valor da própria vida e do grupo, ressaltando que precisa ter um final feliz, além de nos comunicar a dificuldade vivida em manter a estruturação do contexto grupal devido à sugestão de integrantes que não se dedicam para alcançar conhecimentos dos princípios de A.A. Salta aos nossos olhos o modo livre de expressarem para nós, pesquisadores, dificuldades e problemas que vivem, comunicando-nos o quanto que A.A. e eles mesmos não se reduzem aos limites; daí a tranquilidade de se mostrarem, sem negar as fragilidades e dando-se conta do horizonte maior de vida no qual se inserem.

Ao jogarem luzes sobre as dificuldades pessoais e geradas pelo contexto, tomando consciência de si, do mundo e levando a sério o que realmente correspondem a si mesmos, os sujeitos posicionam-se em função do que é valor, do que corresponde às exigências que os constituem, elaborando as tensões. Ao invés de lidarem com a própria dor, seja recaindo ao álcool ou drogas, seja ignorando a provocação que ela suscita, cada um apreende na própria dificuldade oportunidade para rever as próprias ações no grupo de A.A. de modo a buscar aquelas que favorecem o crescimento pessoal e a estruturação comunitária.

As tensões e limites são provocações para reverem posicionamentos e afirmar a busca que os constituem. Como vimos com Giussani (1994, 2009) e Stein (1932-33/2003a, 1930/2003b, 1922/2005a, 1991/2005b, 1932-35/2007a) há um chamado para se realizar, um dever ser si mesmo que vibra e solicita respostas correspondentes. É a partir dessas exigências que os sujeitos utilizam a abertura da razão para rever o modo de agir no mundo comparando com o critério que é valor para si. Tomar consciência de si, da própria experiência suscita tensões na medida em que a busca não é correspondida ao experienciar à realidade. Percebemos que os sujeitos da pesquisa não configuram os limites vividos como obstáculos para o próprio processo de realização; pelo contrário, elaboram os problemas retomando o que é significativo para o próprio ser, posicionando-se em função do próprio bem que coincide com a participação em A.A., com o bem do outro e da própria realidade grupal: esse processo de se perceber e atentar criticamente ao mundo já é realizador da pessoa.

Nesse sentido, sustentar o que é valor pode ser vivido como uma autorrealização, uma vez que o movimento em direção ao que corresponde ao eu já é realizador e estruturador da pessoa. Embora os sujeitos vivam tensões pessoais e contextuais, erre e se decepcione, pode retomar o ponto fundamental de valor para si, afinal o eu com as exigências vibra continuamente solicitando correspondências (Cury, Gaspar, Maia & Mahfoud, 2007).

A partir dessas contribuições, apreendemos o quanto é significativo para os sujeitos poderem encontrar uma possibilidade de se realizarem frente aos limites pessoais e contextuais, ao invés de se paralisarem ante eles. O movimento de se voltarem para si, comparando as ações, tendências e sentimentos vividos no momento de frustração, possibilitou-lhes colher um significado maior: possibilidade de retomarem o valor de crescer, cuidar daquilo que realiza, afirmando o valor de si mesmo, do outro no grupo, da própria realidade grupal em sua totalidade, abrindo espaço para cuidar de tudo aquilo é valor nos outros âmbitos da vida. Assim, a proposta de A.A. de exame da própria experiência a que aderiram é vivida como aprendizagem e não apenas como reprodução de passos no grupo.

### 1.3. Na abertura da razão, a atenção à realidade forma o eu

Ao elaborarem a própria experiência, fica evidente a presença da dinâmica de atenção à realidade enquanto ponto estruturante dos sujeitos. Não somente por meio da aceitação da fragilidade de ser alcoolista, mas também pelo modo de se atentarem ao seu redor, vivem uma experiência de correspondência. Como a proposta de A.A. preza a atenção ao outro no momento da partilha, os sujeitos aprendem um modo de se darem conta tanto do depoimento alheio, quanto de si mesmo e da realidade mais ampla na qual se inserem. Cada qual a sua maneira se realiza ao se dar conta de si inserido no mundo: Suzana, com a potência de afirmar que precisa viver o chamado interior de “cair na real”, considerando os “problemas” a partir da percepção da própria capacidade de resolvê-los; Lilita, com a surpresa vivificante de “realmente” perceber a mudança do integrante que a realiza e a necessidade do outro no “ônibus”, empenhando-se para ajudá-lo; Domênico, com seu modo sensível de maravilhar-se com o mundo e de atentar-se à natureza, em seus ricos detalhes, vivendo uma experiência de correspondência; Aguinaldo, com serenidade de viver a exigência para “enfrentar a realidade” dada, apreendendo um modo pessoal de lidar com as dificuldades as “aceitando” e tendo “coragem para mudar” as que pode.

A partir das elaborações de Stein (1932-33/2003a, 1930/2003b, 1922/2005a, 1991/2005b, 1932-35/2007a) e Giussani (1991, 1993, 2009), compreendemos a especificidade da dimensão da razão propriamente humana. É justamente viver exercendo a abertura própria da razão que a pessoa é plenamente humana e singular. A partir da inteligência é possível abrir-se para dentro, no movimento de afirmação dos próprios valores e exame do posicionamento no mundo; e abrir-se para fora, em busca de experiência de correspondência ao próprio ser, atentando à totalidade dos fatores da realidade na qual se insere. É a partir desse dinamismo de abertura que o conceito de atenção merece maior compreensão:

O que é atenção? É voltar-se cuidadosamente para a realidade. Do ponto de vista vivencial, é estar de olhos abertos a tudo aquilo que está à volta. Então se trata de um foco, que parte da abertura da pessoa à totalidade daquilo que se apresenta (...). Nesse sentido, a liberdade, para se concretizar, demanda atenção da pessoa à experiência considerando todos os fatores que estão em jogo (Cury, Gaspar Maia & Mahfoud, 2007, p. 8).

Nesse sentido, voltar-se para apenas uma parte da realidade implica negar a dinâmica humana de considerar os fatores da realidade tal como se apresentam, e conseqüentemente distanciar-se da liberdade de ser si mesmo. Exercer a atenção para tudo não consiste em viver em torno de uma imagem criada acerca do mundo e de si mesmo. Não se apegar as

concepções criadas, padrões de pensamentos, abrindo-se para a realidade dada não resulta em aprisionamento de si; pelo contrário, atentar-se a ela é possibilidade de emergir uma surpresa com o que encontra realizando-se (Giussani, 2009; Mahfoud, 2012). Desse modo, compreendemos que a abertura dos sujeitos da pesquisa para a totalidade do real sem se fixar ao próprio eu trata-se de uma experiência significativa a partir da qual se tornam mais si mesmos, ainda que se deparem com uma realidade de dificuldades. Mas é essa mesma realidade que os permitem viver uma profunda autorrealização, ao invés de uma “ilusão” decorrente da alcoolização.

Com a abertura para a realidade, os sujeitos da pesquisa respondem à provocação do que encontram. Assim, emitindo um juízo acerca da vivência apreendem um sentido que pode ser correspondente ou não às próprias buscas. Acompanhemos como Cury, Gaspar, Maia & Mahfoud (2007) nos ajudam a compreender esse dinamismo:

Certas coisas nos impactam, causam-nos maravilhamento. Esses eventos carregam uma beleza por serem plenamente correspondentes (...). É belo porque corresponde a essa verdade de nós mesmos, a essa exigência que cada um de nós carrega. Nós identificamos esta correspondência quando reconhecemos que há algo na realidade que nos provoca a dizer: “Tem algo ali que me corresponde, que é pra mim!” (p. 6).

No impacto com a realidade um contentamento profundo e sublime pode emergir no âmago do ser. Quando se vive uma experiência que está em sintonia com o centro emerge uma satisfação que mobiliza a pessoa inteira; uma experiência de correspondência à totalidade do seu ser, tal como vividos pelos sujeitos da pesquisa. A partir desse reconhecimento pode brotar um interesse de aderir à realidade. E a partir do valor apreendido no real pode-se dar mais atenção àquilo que o interessa e o corresponde, como Giussani (2009) mesmo ressalta:

Para dar atenção a um objeto de modo que se lhe atribua um juízo, eu devo levá-lo em consideração. Para levar em consideração certo objeto (...) devo ter interesse por ele. O que quer dizer interesse pelo objeto? Um desejo de conhecer aquilo que o objeto verdadeiramente é. (p. 55)

Tendo em vista essas considerações, podemos compreender com maior clareza o quanto é significativo para cada um dos sujeitos estar atento à realidade que vive, não deixando de lado os fatores presentes na própria experiência, seja em A.A., seja na vida como um todo. É mais realizador da própria pessoa considerar o real com as dificuldades que se apresentam e as não correspondências ao eu enquanto possibilidades de afirmarem a busca pessoal por experiências significativas, propiciando a formação pessoal. É justamente atentando-se para

tudo que também vivenciam uma satisfação com as próprias potencialidades de agir no mundo e de se corresponderem nesse processo.

## **2. A realização de si enquanto ponto fundamental na experiência em A.A.: um círculo virtuoso**

É evidente como as experiências nos comunicadas são estruturadas em torno da realização de si. Ao elaborarem o modo como vivem o grupo afirmam o quanto se satisfazem, os sujeitos dessa pesquisa alegram-se, gostam, maravilham-se, percebem beleza, sentem-se gratificados e felizes por conviverem com o outro.

Emergindo de modo espontâneo em diferentes níveis e orientando a maioria das elaborações, a autorrealização configura-se como fator estruturante do modo como vivem A.A. Esse dinamismo surge vinculado a elementos que revelam uma correspondência plena à pessoa: ao gosto e à maravilha para Suzana; à felicidade, gosto e combustível para Lilita; à satisfação, prazer e maravilha para Domênico; à beleza, paixão para Aguinaldo. Cada um desses elementos vividos no grupo marca o modo como os sujeitos se realizam voltando ao grupo, criando laços de amizade, dedicando-se a ajudar o outro, aprendendo e crescendo com a experiência alheia e cuidando do contexto grupal.

Retomando as elaborações de Stein (1932-33/2003a, 1930/2003b, 1922/2005a, 1991/2005b, 1932-35/2007a) e Giussani (1994, 1993, 2002, 2003, 2009) apreendemos que a autorrealização ocorre de acordo com as disposições e os critérios originais – o núcleo pessoal ou a experiência elementar –, ou seja, segundo um ponto de referência intrínseco à pessoa a partir do qual pode se orientar na sua relação consigo mesma e com o mundo de modo a se realizar. A comunidade foi sinalizada por ambos os autores enquanto fundamental fator para o processo pessoal de formação e realização pessoal, por ser possível constituir vínculos intersubjetivos e por disponibilizar conteúdos culturais que favoreçam esse processo. Nesse sentido, a razão que sustenta a experiência dos sujeitos em A.A. consiste em viver e esperar experiências de correspondências ao eu. É no contexto comunitário vivenciado em A.A. que podem se realizar, crescer, agir em direção às próprias buscas singulares, ao mesmo tempo em que constroem um mundo de relações.

A realização de si implica numa busca contínua por satisfação que segundo Giussani, (2002, 2003, 2009) refere-se às exigências de realização, de felicidade que incita a pessoa se posicionar no mundo em direção a correspondê-las, identificando o ponto de referência para

as ações. E quanto mais age em função da autorrealização, mais facilitada se torna posicionar-se na mesma direção; assim, maior a possibilidade de viver um *habitus* (Stein, 1932-33/2003a), um círculo virtuoso que fortalece a pessoa em seu processo de autoformação. Concernente a essa dinamismo, compreendemos que as experiências comunicadas revelam um cuidado dos sujeitos com o ímpeto pessoal por se realizar. Por isso, vivem um círculo virtuoso a partir do qual se sustentam e lidam com as próprias tendências, reações físicas e psicológicas, como a preguiça que às vezes Lilita sente ou a dor de cabeça sobre qual Domênico descreve, não agindo em função da reação, mas sim do que é importante para si mesmos: comparecer à reunião. Nesse sentido, a dimensão espiritual, enquanto tomada de posição guiada por critérios originais, sobressai sobre a dimensão psicológica e corpórea. Quanto mais se posicionam a favor de si mesmos, conseguem lidar com o limite da dependência ao álcool ou outras drogas. É a partir da experiência de realização de si que afirmam o caminho presente que se contrasta com o passado marcado pelo vício, pela perda de si e incapacidade de se afirmarem enquanto pessoas.

Segundo os autores, é preciso que a ação corresponda à exigência que brota do centro do eu, e esse ato somente realiza a pessoa na medida em que é um posicionamento singular no mundo, que precisa de um mundo para acontecer. Justamente por imprimir a própria marca na realidade, o que se constrói é sustento de si mesmo. Cada sujeito que se realiza no processo comunitário de A.A. também realiza algo no mundo, colocando a própria singularidade no modo de cuidar do contexto grupal, dos relacionamentos. Assim, constituem si mesmos ao mesmo tempo em que constroem o meio, nutriente para o percurso pessoal, abrindo possibilidade de cuidar do mundo de relações por meio do qual se realizam.

A partir dessas considerações, podemos compreender como a realização de si comunicada carrega a força de constituição da inteireza do sujeito. Em ação se colocando na grupo/comunidade, doando-se, aprendendo, cuidando da realidade grupal realiza si mesmo em sintonia com o próprio centro pessoal. Ao respeitar as exigências originais se lança no mundo de modo a cuidar do que corresponde interiormente. Cuidar de si e de se constituir coincide com o movimento de retornar à reunião de A.A. a espera por viver novamente uma experiência de realização e um fortalecimento do processo de ser mais si mesmo ao cuidar do outro. Por permanecer em busca contínua por se realizar na ação pessoal no grupo cada sujeito vive um círculo virtuoso que vitaliza o dinamismo singular e humano constituidor da pessoa, que se manifesta na totalidade de sua vida.

### **3. Relacionamento inter-humano e ressignificação da vida: formação pessoal e vida em comunidade**

#### **3.1. No centro, os relacionamentos**

Na elaboração que os sujeitos nos relatam, apreendemos uma centralidade do relacionamento com o outro na constituição da experiência de autorrealização na relação com o contexto comunitário de A.A. Participar de A.A. carrega um sentido vitalizado para os mesmos quando é possível conviver com os outros integrantes, seja durante a reunião grupal, seja em um contexto externo a esta. Essa convivência propriamente comunitária marca o modo de viverem A.A.

Participando da reunião de recuperação, os sujeitos se impactam com o outro que compartilha a própria experiência. Nesse encontro se reconhecem no outro, tanto no sofrimento semelhante, quanto na possibilidade de superação. Emerge comoção diante do outro a partir da qual se empenham em ajudar a aliviá-lo no momento de sofrimento e em contribuir para o processo de desenvolvimento pessoal, por meio da atenção e envolvimento ou da própria partilha. No movimento de doação de si e por meio do diálogo, constituem relacionamentos que perpetuam na vida para além de A.A. Em momentos de lazer, a presença do outro evidencia o vínculo inter-humano constituído e cuidado por cada um. Suzana reconhece a “amizade gostosa” que constitui com o outro, que é “vínculo grande” que cresce e é cuidado no ambiente externo à reunião; Lilita, ao viver uma união com as mulheres da reunião feminina com quem se relaciona fora do ambiente, sentindo uma “saudade gostosa do bate papo”; Domênico, ao sentir prazer de conviver com os outros, demonstrando afeição, com o “abraço” e “beijo na testa” antes de iniciar a reunião e vivendo momentos de descontração com os outros, após a reunião; Aguinaldo, afirmando viver relações de “amizade” dentro e fora do grupo, principalmente quando participa da vida do outro, auxiliando-o a superar as dificuldades e quando recebeu “carinho” e “força” dos amigos no período em que esteve doente.

Além disso, os depoimentos, em sua maioria, revelaram a centralidade dos relacionamentos interpessoais em outros âmbitos da vida, principalmente em relacionamentos familiares, marcados pelo diálogo, companhia, amizade e amor.

Também são acolhidos e afirmados como pessoa; aprendem e provocam o outro ao crescimento. É nesse dinamismo de cuidado mútuo que os sujeitos reelaboram o próprio posicionamento no mundo afirmando o valor de se cuidar, crescer e cuidar daqueles

relacionamentos. Expressam, assim, a realização da inteireza de si que vivem ao se doarem ao outro.

Como forma de ampliarmos nosso horizonte de compreensão, retomemos algumas elaborações de Stein (1932-33/2003a, 1930/2003b, 1917/2005c) e Giussani (1994, 1993, 2008a, 2008b, 2009). Para os autores, a pessoa somente se constitui em sua humanidade e singularidade a partir do relacionamento com o outro. É na dimensão interpessoal que as próprias capacidades são desenvolvidas e as fragilidades são aceitas e reconhecidas como provocação para crescer. E a relação somente é possível porque a pessoa é estruturada pela abertura da razão, que propicia o movimento humano de ir ao encontro com tudo que não é si mesma.

O primeiro ato que sustenta o posicionamento humano de se lançar para o relacionamento com o outro é a empatia, sobre a qual já nos debruçamos, em nosso referencial teórico. A empatia enquanto percepção imediata do outro como um “eu”, com a mesma estrutura, possibilita uma aproximação de diferentes em torno da semelhança reconhecida e um conhecimento dos próprios valores e características (Ales Bello, 2004; Stein, 1917/2005c). Assim, os sujeitos da pesquisa se empatizam com os outros que vivem a mesma necessidade de se cuidar, manterem-se sóbrios, e se unem em torno dessa igualdade e da história de sofrimento que marcam suas vidas.

E o reconhecimento mútuo é ocasião de constituição de relacionamento em que a reciprocidade o sustenta. É no movimento de abertura mútua sincera, livre, gratuita da pessoa ao outro se disponibilizando para a relação que esta se torna potente para a constituição não somente do eu, mas também do tu. É nessa relação recíproca que os sujeitos da presente pesquisa vivem uma confirmação mútua na humanidade e singularidade, processo próprio da experiência em comunidade (Stein, 1922/2005a), que pode se manifestar mediante o diálogo.

O diálogo é uma proposta ao outro daquilo que eu vejo e é uma atenção para com aquilo que o outro vive, porque estimo sua humanidade e porque o amo, o que não implica de modo algum uma dúvida sobre mim nem tampouco compromete aquilo que sou (Giussani, 2004, p. 85).

A experiência de amor tal como compreendida por Giussani (2008a, 2009) se configura como uma afirmação do outro a partir de um gesto da pessoa que vai além de si mesma, abrindo-se com atenção e interesse para quem valoriza. Trata-se de uma exigência propriamente humana que suscita uma busca por ser correspondida, que somente o é em ato. Além da comoção que o outro suscita para que o amor aconteça, amar implica um posicionamento de abertura da pessoa ao outro cuidando deste e o afirmando. “O mesmo

amor com que afirmo o ser em mim, afirmo o ser que se apresenta a mim por meio do mundo. Então, afirmar a si mesmo ou o afirmar o outro pode ser uma experiência de amor, de amor pelo ser” (Cury, Gaspar, Maia & Mahfoud, 2007, p. 10). Nessa experiência, o ato da pessoa de cuidar do outro coincide com o cuidado consigo mesma em busca por se corresponder e se afirmar no mundo. Resgatemos a beleza da experiência de Aguinaldo que exemplifica a tomada de posição de abertura viva ao e afirmação do outro no contexto comunitário de A.A., por vivenciar a “gratidão” e “amor” doados a ele: no relacionamento com os médicos, ao experienciar um cuidado e “carinho” mútuos; com a esposa, por quem tem “um respeito, uma admiração, um amor infinito.” Enquanto valoriza o outro, vive a valorização alheia direcionada a si; comove-se ao surpreender-se com a entrega genuína e mútua que realiza sua pessoa.

Nesse sentido, em cada experiência comunicada, o relacionamento inter-humano presente tanto no contexto de A.A., quanto na vida em sua totalidade e construído pelo diálogo potencializa o próprio ser, pois na doação livre, atenta, amorosa do sujeito ao outro, que é valor para si, o sujeito encontra ocasião para afirmar o próprio eu ao mesmo tempo em que confirma o ser do outro. Assim, na experiência dos sujeitos, a força dos vínculos comunitários sustentados pela valorização mútua e diálogo genuíno é constituidor e estruturante do próprio ser. Apreendemos ainda o quanto a convivência com o outro é ocasião potente de afirmação recíproca das próprias buscas, de crescimento pessoal e de fortalecimento do relacionamento inter-humano que é, inclusive, sustento para o processo de ser mais si mesmo.

### **3.2. A centralidade da vida em comunidade: uma ponte para si mesmo e para o mundo**

Buscando findar o sofrimento advindo da dependência ao álcool e/outras drogas ao recorrerem à ajuda de A.A., os sujeitos encontram nos grupos onde participam um apoio para se sustentarem no processo de cuidado consigo e reconhecem como todos ali se unem para alcançar o mesmo objetivo por meio de ajuda mútua. O que se alcança é mais que a manutenção da sobriedade, é um crescimento pessoal vinculado a experiências de realização vividas na realidade grupal. E o que se constrói com a ação compartilhada de doação ao outro é um fortalecimento de vínculos comunitários que são estruturantes no processo pessoal de busca por ser mais si mesmo. Ou seja, o que vivem não é uma mera junção de pessoas em

torno de uma meta que é comum a todos, mas sim um relacionamento vivo que é fator de formação do próprio ser e sinal de uma vida em comunidade.

Aprendemos como elementos próprios do modo como os sujeitos vivem o contexto de A.A. o empenho por preservar os seus princípios, por atingir a meta de ajudar o outro mediante doação mútua e uma experiência de um “nós”, como nos relatam Domênico, Aguinaldo e Lilita; de um “a gente” na elaboração de Suzana, e novamente de Lilita. Vivenciam, assim, uma experiência de pertença ao grupo/comunidade tal como compreendemos com Stein (1922/2005a). Lilita ao ser valorizada pela “companheira” que demonstrou saudade vivencia a surpresa de “fazer parte de alguma coisa que está fazendo bem” a si. E Aguinaldo evidencia o pertencimento à A.A., ao afirmar “o orgulho” que sente de “ser um alcoólatra em recuperação e de pertencer a uma Irmandade tão fantástica como essa.”

Para continuarmos alargando o horizonte de compreensão dessas experiências, retomemos as contribuições especiais de Stein (1930/2003a, 1922/2005a) acerca da comunidade. Como vimos, trata-se de uma formação de caráter orgânico constituído por vivências e experiências em comum marcadas pelo relacionamento recíproco e consideração mútua da humanidade e singularidade da pessoa. Uma pessoa não está diante da outra, mas sim vive com ela. Assim, as tomadas de posição de um integrante afeta o outro solicitando uma resposta. É o ato de solidariedade e o de responsabilidade mútuos que alicerçam e fortalecem a vida em comum e os vínculos intersubjetivos nas experiências comunicadas.

Na comunidade, “cada membro considera sua liberdade, assim como também quer a liberdade do outro e, a partir daí, verificam qual o projeto conjunto. O projeto pode ser útil para a comunidade, mas deve ser útil também para cada membro” (Ales Bello, 2006, p. 73). Na elaboração de Domênico, a experiência de liberdade vivida no grupo/comunidade de A.A. enquanto satisfação plena, por não receber imposição e isso ser “melhor coisa que existe” exemplifica a importância do fator liberdade para a formação pessoal e adesão à proposta sociocultural: “posso ser o Domênico que está a sua frente!”. Essa experiência condiz com a compreensão de Giussani (2008a, 2009) acerca da potência da vida em comunidade para a afirmação da liberdade pessoal, do caminho singular no mundo.

Cada componente da comunidade vive de modo pessoal uma experiência de pertença, de “nós” por apreenderem um sentido comum em suas ações. Daí emerge uma unidade entre si juntamente com a preservação e desenvolvimento da personalidade. “Cada um experimenta uma ampliação da vida de seu ‘eu’, uma apreensão de novas experiências, de motivos intelectuais, de valorações, de determinações do querer” (Stein, 1922/2005a, p. 473). Nesse

sentido, compreendemos que nas experiências comunicadas, os sujeitos se unem ao restante do grupo pela necessidade e meta de se cuidarem. Além disso, não somente a convivência com o outro favorece o processo de tornarem-se si mesmos, mas também o contato com a bagagem cultural e os valores comunitários e tradicionais de A.A. que estejam em sintonia com o núcleo pessoal.

Ao viverem a proposta de A.A., com efeito, apreendem de modo pessoal o significado dos princípios que estão sintonizados com os próprios valores, com as próprias exigências originais. Alcançam o bem comum buscando o próprio bem, o bem do outro e o bem da estrutura grupal; e, nesse processo, fortalecem a si mesmos e a vida em comum. O princípio fundamental que sustenta a experiência em A.A. é a busca por crescimento pessoal, não necessariamente seguindo os passos. Ou seja, os sujeitos não se fixam na formalidade da proposta sociocultural de A.A., reconhecendo um valor nos princípios que correspondem aos próprios valores. O que importa é viver o despertar espiritual, enquanto sugestão de A.A., de modo singular; experiência essa que se conecta com a inteireza de cada um, com o modo de cuidar de si e de tudo que é significativo para si.

Justamente por conseguirem elaborar a própria experiência a partir da aprendizagem de leitura das próprias vivências, do mundo e por construírem vínculos comunitários enquanto sustento para o processo pessoal, que os sujeitos vivem o mundo pluralizado (como vimos com Berger, Berger & Kellner, 1979; Berger & Luckmann, 2004) sem vivenciar crises subjetivas de sentido. A partir do pertencimento à comunidade de A.A. enquanto estrutura de mundo que auxilia os sujeitos a lidarem com a própria fragilidade, eles também tem condições de se posicionarem no mundo, construindo e contribuindo para a realidade, constituindo um meio grupal solidário em contraposição à tendência à individualização própria da cultura contemporânea. Por estarem inseridos numa comunidade que favorece o processo de formação pessoal, ela se torna ponte entre o sujeito e “os padrões de experiência e ação estabelecidos na sociedade” (Berger & Luckmann, 2004, p. 70). Por isso, podemos considerar, com efeito, A.A. como uma instituição intermediária (Berger & Luckmann, 2004) por contribuir para a orientação da pessoa no mundo da mesma forma que o sujeito se torna capaz de construir a realidade social enquanto sustento, inclusive, para a própria fragilidade, conseguindo lidar com preconceitos, discriminações relacionadas à dependência ao álcool e/ou a outras drogas e com outros padrões de ações. Domênico, ao dizer que A.A. possui uma “cultura de paz”, por ser repetido em sua singularidade, em contraposição com a ausência dessa modalidade “lá fora”, na sociedade, onde vive “competitividade” e imposições, mostra o quanto a comunidade de A.A. o auxilia em seu processo de ser mais si mesmo, o qual

provavelmente não conseguiria alcançar sozinho, diante de diversas receitas de como viver. Tem consciência crítica dos valores oferecidos pela sociedade mais ampla sob base da qual posiciona-se no mundo considerando o outro e se vinculando a este. Para Lilita, A.A. é “uma escola de vida fantástica” que favorece experiências de aprendizagem essenciais para a melhora em seus relacionamentos. Nesse sentido, a comunidade de A.A. ajuda a inserir de um modo realizador de si em outras comunidades, como a família, construindo um mundo de relações mais harmoniosas, em que as tensões vividas são ocasiões para retomada do que corresponde ao seu eu.

Mahfoud (2007) nos auxilia a compreender outro ponto importante da dinâmica comunitária apontada por Stein (1922/2005a) que constitui a experiência dos sujeitos:

Assim como a pessoa tem um núcleo que ilumina, e possibilita a percepção do ser em mim e no outro, também a comunidade com certa estabilidade possui um núcleo. Este núcleo não se forma de alguma abstração, ideologia, proposição ou certa estrutura que as pessoas da comunidade resolveram ter. O núcleo da comunidade são as pessoas que sustentam a vivência em comum justamente por se ocuparem do outro com sintonia pessoal (Mahfoud, 2007, p. 120).

Aprendemos uma contribuição radical nessa concepção de comunidade por sinalizar a mútua constituição entre comunidade e pessoa presente na elaboração dos sujeitos. Constituir a si mesma a partir do centro pessoal coincide com a estruturação da comunidade que é sustento para o processo da pessoa. A vida em comum depende do posicionamento do sujeito a favor dela, da mesma forma que a formação subjetiva implica em cuidar da realidade que o nutre. Assim, compreendemos que os sujeitos integram o núcleo do grupo/comunidade no qual se inserem, na medida em que vitalizam, estruturam, mantém a vida em comum que realizam o eu. Como exemplo desse dinamismo, retomemos o evidente cuidado de Aguinaldo direcionado à estruturação e manutenção do grupo que é sua “maior paixão”. O modo como ajuda o outro a crescer, provoca a retomada do “bem estar comum”, relacionando-se com o outro, em momentos de dificuldades, seja no episódio do suicídio, seja quando alguém atrapalha a fluidez da reunião. Ele se posiciona, empenhando-se, sustentando e constituindo a realidade comunitária – na qual se inclui os valores e princípios de A.A. – que é nutriente, com efeito, para a realização pessoal.

Além disso, Ales Bello (2000) e Stein (1922/2005a) pontuam que a sociedade estrutura a vida na comunidade na medida em que as pessoas exercem uma função para atingir o fim comum. Compreendemos que cada sujeito em sua função no grupo de A.A. não vive a responsabilidade de modo desvinculado à vida do eu, mas como um dever enquanto suporte para o próprio processo de autocuidado e crescimento pessoal. Além disso, os sujeitos da

pesquisa ao respeitarem a organização societária de A.A., seja comparecendo às reuniões, seja guiando-se pelo o que se pode ou não fazer no grupo, vivem uma experiência singular: posicionam-se de um modo pessoal no contexto comunitário, respeitando as próprias buscas, valores e características singulares nesse processo. A partir de uma organização formal, os sujeitos encontram um suporte para a realização pessoal. Basta lembrarmos a experiência de Suzana, com seu “dom” de ajudar quem precisa, que gostaria de fazer mais pelo o outro, por exemplo, na alfabetização de alguns integrantes, mas não pode diante dos princípios de A.A. Contudo, dentro do que é possível, ela contribui singularmente cuidando do ambiente, acolhendo um visitante e se realiza nesse dinamismo. Retomando também a experiência de Domênico, a princípio poderíamos compreender a função de secretário como uma mera obrigação; no entanto, no decorrer de sua elaboração emerge como um ponto importante de sua estruturação, do processo de autocuidado. A partir da descrição de seu encargo, abre-se para horizontes mais amplos de sentido do próprio ato, reconhecendo o quanto pode fazer algo não somente pelo grupo, mas por si mesmo. Agora, pode bancar a própria vida, é capaz de ser dono de si mesmo, de se realizar nesse dinamismo.

A partir dessas considerações, compreendemos que o cuidado com o outro oferecido pelos sujeitos coincide com o cuidado consigo mesmos, rompendo com a imagem ideológica da concepção de individualismo. É evidente que cuidar de alcançar e preservar o próprio bem está em sintonia com os posicionamentos em função do bem do outro, ainda que vivenciem tensões nesse percurso. Assim, vivem e buscam um bem comum em sua originalidade, além de viver, com efeito, uma sociedade/comunidade que carrega a pessoalidade de cada um e justamente por isso, é sustento para o processo de realização pessoal. A solidariedade, os vínculos sinceros, a consideração e valoração mútua, afeição e respeito recíprocos, a busca pelo crescimento pessoal de si e do outro, experiência de realização e satisfação vívidas, o fortalecimento dos sujeitos marcam os relacionamentos comunitários que constituem e formam “uma corrente muito forte” como bem sintetiza Aguinaldo.

### **3.3. Na relação com o outro, emerge consciência de si e gratidão pela resignificação do limite e da vida**

Cada um dos sujeitos descreve experiências de relação com o outro a partir do qual pôde resignificar a própria vida a ponto de reconhecer um caminho para a mudança pessoal:

Suzana ao receber a visita de um amigo de A.A. em sua casa, ou ser provocada a si olhar a partir da partilha de uma mulher; Lilita ao ser vista e valorizada pelos companheiros; Domênico, ao ser acolhido por telefone e ao se relacionar com o seu padrinho; Aguilardo com a presença do seu padrinho antes e depois de adentrar o grupo.

O posicionamento livre, genuíno, interessado do outro em direção aos sujeitos, mobilizava neles uma atenção para a própria condição de alcoolista e um valor pela vida vislumbrando um horizonte de sentido renovado acerca das capacidades pessoais de agir no mundo, de se cuidar e se realizar; dinamismo esse próprio da vida em comunidade (Stein, 1922/2005a). Por isso, voltar ao encontro com o outro que o ajudava a se olhar, confiando na possibilidade de superação pessoal é significativo.

Stein (1917/2005c) ao elaborar o conceito de empatia apreende que a pessoa abriga em si a possibilidade de engano acerca das próprias características e capacidades. A vivência da empatia é considerada como um corretivo dos enganos, como ela mesma descreve: “É possível que o outro me ‘julgue melhor’ que eu mesmo e me proporcione maior clareza sobre mim mesmo. (...). Assim, trabalham mão a mão empatia e percepção interna para dar-me eu a mim mesmo” (p. 172). Nesse sentido, encontrar um outro é possibilidade de a pessoa descobrir em si um ponto de novidade que diz do próprio ser, que remete a algo que verdadeiramente é próprio. A percepção do outro ajuda a desenvolver a consciência de si na inteireza e singularidade.

Indo na mesma direção, Giussani (1993) afirma que a pessoalidade não é alcançada por um raciocínio a partir da qual o eu volta-se para si mesmo num fechamento autorreflexivo. É somente por meio de um encontro com uma realidade humana viva que é possível descobrir a si mesmo e vislumbrar possibilidade de mudança. A partir da descoberta de si, a pessoa se dá conta dos próprios limites, recursos, potencialidades; enfim, de tudo que a constitui. E assim, pode se empenhar existencialmente a favor da autorrealização.

É um acontecimento – uma “irrupção do novo” – que dá início ao processo pelo qual o eu começa a tomar consciência de si, a ter ternura por si mesmo, a tomar consciência do destino para o qual está indo, do caminho que está percorrendo, dos direitos que tem, dos deveres que deve cumprir, da sua fisionomia inteira. É um acontecimento que dá início ao processo pelo qual um homem começa a dizer *eu* com dignidade (Giussani, 1994, p. 14).

Tendo em vista essas considerações, lembremo-nos da experiência de Domênico no primeiro contato com seu padrinho: surpreende-se com a novidade do posicionamento do outro por deixar um espaço para ser ele mesmo, para se expressar livremente e ser honesto consigo e com o outro. Diante desse acontecimento, pôde-se descobrir em seu valor, na

própria dignidade e na possibilidade de continuar se realizando. Por isso, decide voltar ao grupo a espera de afirmar o caminho que o corresponde. E Aguinaldo, ao ser confiado pelo padrinho pôde descobrir a própria capacidade de colocar algo de si no mundo, realizando-se e constituindo o contexto comunitário de A.A. A ressignificação de si, da própria vida, encontrando um valor no próprio eu é vivido por ambos e pelo restante dos sujeitos como uma surpresa que potencializa a busca por ser cuidar e ser mais si mesmo.

Nas experiências comunicadas, apreendemos que do encontro autêntico nasce uma companhia que afirma a existência de pessoa e indica um percurso de positividade que a guia na vida.

A certeza – ou seja – ter uma posição positiva perante a realidade – realmente tem a ver com a companhia: se uma companhia respeita naturalmente as coisas originais, favorece em nós uma posição positiva (...). O que significa a certeza como posição positiva, como postura positiva? Significa que você espera alguma coisa: dentro de você existe uma esperança (Giussani, 2008, p. 291).

A ressignificação da própria vida incluindo tudo que a constitui é propiciada pela companhia de alguém que aponte um horizonte de vida, de possibilidades. Assim, uma companhia sendo uma presença mobilizadora convida a pessoa a seguir as indicações da própria experiência, retomar a sua abertura genuína tanto para si mesma quanto para o mundo, e esperar por algo que a corresponda. É essa companhia própria da convivência comunitária, vivida pelos sujeitos da pesquisa, que permitiu uma consciência e uma descoberta de si (Giussani, 2008a; Stein, 1922/2005a).

Nesse sentido, no encontro e na companhia, cada sujeito dessa pesquisa, ao enxergar em si algo além do limite que vive, reconhece o horizonte maior da própria vida a partir do qual aceita fragilidade sem se definir por ela. Assim, o limite é enfrentado e se torna ocasião para retomar a totalidade que a constitui, cuidar de si e responder à realidade de modo a se realizar. “Aceitar cuidar do coração é o início da esperança, é início de novidade, abre espaço para a novidade se instaurar em mim e no outro, no mundo. Assim responsabilidade e esperança coincidem” (Mahfoud, 2010, p. 84).

Após essas compreensões, afirmamos que o encontro com o outro é ponto fundamental para o reencontro com o próprio valor e com a vida que constitui os sujeitos. Compreendemos o quanto na companhia do outro – lição de superação – sentiram-se considerados na totalidade que o constituem, não sendo reduzidos ao limite do alcoolismo. Assim, a partir do que apreenderam na relação com o outro reconheceram um horizonte de possibilidades que a vida contém, redescobriram a si mesmos, aceitando a própria fragilidade, por justamente esta não

definir a inteireza de si. Nesse processo, ao mesmo tempo em que são cuidados pelo outro, são provocados a encontrar um caminho de esperança por autocuidado e autorrealização. E essa dinâmica realiza os sujeitos de uma forma plena. Por isso, é evidente o quanto é significativa essa experiência que viveram e vivem em A.A. e o quanto a gratidão vivenciada é sinal que o outro é valor para a própria vida. Domênico sintetiza bem a experiência dos sujeitos de ressignificação do próprio limite e da própria vida no primeiro momento em A.A., por começar “a vislumbrar uma nova vida.”

### **3.4. Provocação mútua para autocuidado e crescimento pessoal**

Aprendemos uma dinâmica comum na experiência dos sujeitos: vivenciarem a partilha de depoimentos na reunião de A.A. configura-se como importante ocasião de aprendizagem, para si mesmos quanto para o outro. O outro ao compartilhar algo de si torna-se provocação para a consciência dos sujeitos acerca deles mesmos, apreendendo novas formas de lidar com a condição de alcoolista e de crescer pessoalmente. Mas também cada um expressa o quanto o próprio eu é construtivo para o processo alheio, contribuindo e auxiliando o outro na autoformação e autorrealização. Trata-se de provocação mútua vivida e propiciador de uma experiência de formação e realização pessoal.

Retomando as contribuições de Stein (1917/2005c) acerca da empatia enquanto ato propiciador do autoconhecimento e autoavaliação, compreendemos que a partir da vida partilhada pelo o outro, os sujeitos comparam as próprias ações com as alheias, percebendo valores e posicionamentos mais correspondentes ao eu ou não. A pessoa por carregar uma imagem ideal de realização de si intrínseca a sua estrutura pode se posicionar tomando-a como referência, respeitando ou não as indicações do núcleo pessoal. Mas na relação com o outro, a pessoa pode também identificá-lo como referência para as tomadas de posição e percepção de si tal como Stein (1932-33/2003a) discorre:

Conheço uma pessoa e tenho a impressão de que ela é como se deve ser. Dessa primeira impressão surge a exigência, o propósito e a decisão de tomar essa pessoa como modelo e dar-me a mesma forma que ela. (...). Encontro, assim, um critério a partir do qual a vontade se orienta para o meu processo de autoformação (p. 663).

Nesses termos, Suzana ao deparar-se com o processo pessoal de autocuidado alheio reconhece uma imagem concreta no modo de vida do outro que desperta “atenção por seu

modo exemplar de se comportar” (Sberga & Massimi, 2013, p. 179). Não se trata de uma reprodução de ações que contém um sentido esvaziado e desconectado com a própria pessoa, mas sim de um reconhecimento de si na experiência alheia, das próprias exigências e buscas por realização. É com esse reconhecimento genuíno que também Lilita, ao atentar-se para o cuidado do outro direcionado ao ambiente grupal, também se sente motivada a agir do mesmo modo. Assim, não somente na partilha de experiências, por exemplo, na reunião feminina, Lilita aprende e retoma o que é importante para crescer, mas também ao testemunhar o exemplo mesmo que desperta em si um olhar para dentro reencontrando o que a realiza.

Ao mesmo tempo em que crescem com a referência do outro, também reconhecem o quanto participam do processo de desenvolvimento pessoal alheio, sendo provocação para a autopercepção do outro acerca do melhor caminho a percorrer. Cada sujeito vive uma mutualidade desse dinamismo. Domênico reconhece que tanto ele quanto os outros aprendem a se cuidar a partir da partilha de experiências durante a reunião. E Aguinaldo, ao amadurecer com o “sofrimento dos outros”, aprende outra “visão de vida”, mas também aconselha o outro a ter paciência com o próprio processo, ajudando-o a atentar-se para a necessidade de se cuidar; e reconhece o “exemplo de vida” e o “espelho” que é para os outros integrantes, a partir do qual podem vislumbrar um caminho de realização pessoal. Suzana e Lilita também percebem a própria contribuição para o processo de crescimento e autocuidado do outro enquanto realizador de si: Suzana ao partilhar a própria experiência com o intuito de mobilizar na outra mulher um reconhecimento da busca por se cuidar; e Lilita ao reconhecer que ao compartilhar a própria experiência pode ajudar a outra a melhorar “algum ponto da vida dela”, reconhecendo que esse processo lhe fornece “um combustível”.

Nesse processo comunitário, os sujeitos ajudam e são auxiliados tendo em vista a busca por favorecerem o crescimento alheio e a abertura para colherem na experiência do outro nutriente para a autoformação. Assim, os sujeitos fortalecem a si mesmos e o outro com o posicionamento em A.A., alcançando autorrealização e construindo o contexto comunitário.

### **3.5. Na doação do eu ao outro, emerge realização de si e fortalecimento da vida em comum**

A doação de si ao outro estrutura os sujeitos da pesquisa e justamente por isso, sustenta o modo de viver a realidade comunitária de A.A. A ação pessoal está em função do bem do outro, por este ser um valor, e da realização de si, por essa entrega corresponder à busca por

se realizar na inteireza do eu. Cada um a seu modo revela o quão significativo é ser solidário, ajudando o outro no grupo a se cuidar e a crescer. O acolhimento que cuida, a atenção que valoriza, a disponibilidade de aliviar a dor do outro, a própria partilha como provocação para o outro buscar crescer fazem parte da dinâmica de doação gratuita de si ao outro em A.A. Suzana acolhendo as mulheres que visitam o grupo ou compartilhando a própria história com o intuito de provocar a mulher que a escuta para se cuidar; Lilita, ao reconhecer o quanto sua presença na reunião ou o acolhimento já é um “fortalecimento” para o outro, ao partilhar a própria experiência ou com o simples gesto de “bater um papo” com o recém-chegado a fim de ajudar o outro em seu processo; Domênico reconhecendo a importância de “dar” o que recebeu compartilhando a própria experiência ou dando sugestões para que o outro se cuide; Aguinaldo, de um modo cuidadoso e paciente auxilia, por meio de aconselhamento, o outro a atentar-se para o conjunto dos fatores envolvidos na dor alheia, ajudando-o a se cuidar e a crescer. Além disso, doa afeição e carinho em seu gesto de acolhimento.

Como vimos com Stein (1932-33/2003a), a partir da bondade, enquanto valor superior pessoal, o sujeito pode se guiar no modo como se relaciona com o mundo, posicionando-se em função do bem alheio. Agir em consonância com os próprios valores genuínos é posicionar-se em sintonia com o núcleo pessoal; como resultado, a pessoa se fortalece, há um incremento de sua força vital. Identificamos na experiência dos sujeitos que tanto a pessoa que ajuda quanto a outra que recebe o auxílio se vitalizam. Lilita expõe que a sua presença no grupo já é um “fortalecimento” para o outro e Aguinaldo relata que quando ajuda sente-se fortalecido, reafirmando o sentido da própria vida.

E segundo Giussani (2009), a exigência de bem constituidor do ser humano pode direcionar as ações da pessoa na realidade. Justamente esse dinamismo de respeitar o anseio por fazer o bem que corresponde a si mesmo caracteriza o ato gratuito de doação de si ajudando o outro presente na elaboração dos sujeitos.

Existe algo que realmente deve mudar na nossa sensibilidade cotidiana. Deve-se tornar habitual uma nobreza que ainda nos é desconhecida, mas que pressentimos e da qual pressentimos também necessidade, para que seja digna, e também cheia de fascínio, de sabor, a vida: a gratuidade (Giussani, 2006, p. 32).

Nesse trecho, Giussani (2006) sinaliza a radicalidade da ação gratuita, por justamente ser uma exigência do próprio eu em busca por se realizar. Assim, os sujeitos doando-se recebem vida, contentamento, gosto por viver e valor. Posicionar gratuitamente em direção ao outro é respeitar algo que é característico do ser pessoa. Respeitar esse chamado é agir em

função da autorrealização. Assim, propiciar a realização do outro é possibilitar que o próprio eu brote.

A doação de si enquanto ato de solidariedade, presente no modo como experienciam A.A., é um fator comunitário (Stein, 1922/2005a) importante para a constituição de vínculos genuínos, que favorecem a formação pessoal e o fortalecimento da vida em comum. Quando Aguinaldo diz sentir-se muito fortalecido ao ajudar o outro, vivencia justamente o processo de incremento de força vital ao seu ser e ao outro, processo comunitário descrito por Stein (1922/2005a) enquanto fator de constituição, inclusive, da força vital comunitária, que resulta em vivificação da comunidade. O que se constrói com a doação de si é “gratidão no coração” de quem recebe sua ajuda, é “amor que fica”, é a realização da pessoa de Aguinaldo.

Aprendemos um valor radical nas contribuições dos autores diante da cultura contemporânea que suscita atitudes egocêntricas fundamentadas na autoafirmação enquanto forma de realização pessoal. Ao contrário desse processo individualista, encontramos nas experiências comunicadas uma vida em comunidade sustentada pela solidariedade, bondade e gratuidade que fundamentam o processo pessoal de autorrealização e a constituição da realidade grupal. Com efeito, a dinâmica de doação de si estrutura a constituição dos sujeitos que ao se corresponderem nesse processo vivem uma espera por poder afirmar novamente o valor do outro. Na dinâmica de entrega de si ao outro a fim de ajudá-lo a se cuidar e a crescer, cada um propicia que o outro se realize. É dando que recebem o próprio eu; é doando-se que contribuem com o processo de crescimento alheio, para o próprio bem sendo mais si mesmos e para a constituição de vínculos comunitários estruturadores do bem comum.

#### **4. Na abertura para a proposta de A.A. emerge vivência religiosa**

Ao adentrarmos cada depoimento comunicado, compreendemos que há um nível de vivência em especial comum a todos: a religiosa. A vivência religiosa se configura como um relacionamento com uma Presença a partir do qual os sujeitos sentem-se fortalecidos e auxiliados no processo de autocuidado e crescimento pessoal. Nesse sentido, a vinculação de cada um com a proposta de A.A. de crença a um Poder Superior não se trata de uma reprodução de princípios, mas, com efeito, uma sintonia entre os valores pessoais e as sugestões. Cada um a sua maneira revela essa experiência religiosa como constituinte do modo de viver tanto A.A. quanto a própria vida num âmbito maior.

Como vimos com Stein (1991/2005b, 1930-32/2007b), na vivência religiosa de encontro com um Outro a pessoa recebe força de nível espiritual vitalizando a inteireza de seu ser; é tomada por um sentimento de segurança, confiança, esperança ao mesmo tempo em que se sente “nas mãos de Deus” (Stein, 1991/2005b, p. 848), protegida e cuidada por uma Presença. Esse dinamismo de influxo de energia, de uma energia que apoia e sustenta a pessoa é vivido nitidamente por Domênico que se relaciona com Deus enquanto um Poder a partir do qual recebe uma “sustentação muito fantástica” e uma proteção. Posiciona-se cuidando desse relacionamento afirmando que sua “meta” tem sido “acreditar em Deus” por esse movimento pessoal corresponder ao seu eu, realizar a si mesmo. Aguinaldo também revela o quanto vivencia a abertura para de Deus e a incidência deste em sua vida, reconhecendo um valor na “parte espiritual” da proposta de A.A., colocando na “mão de Deus” o problema que não consegue resolver. Além disso, os acontecimentos realizadores de si são reconhecidos como intervenções de um Outro, afirmando, por exemplo, que “Deus pôs um anjo” em sua vida – sua esposa. Suzana, em sua experiência, além de reconhecer a presença da “espiritualidade”, de “espíritos” no contexto grupal que intervém no processo de autocuidado próprio e do outro, também se relaciona com “Deus” a Quem recorre para se estruturar, “continuar firme” e “bem” em seu percurso de realização pessoal.

Lilita, também reconhece a presença de um Outro no contexto grupal, vivendo a “energia de espiritualidade”. Além disso, ela conecta a dimensão da vivência religiosa com a dimensão ética “de fazer o bem sem olhar a quem” e reconhece que a partir dessa experiência se torna “uma pessoa melhor”. Em relação à possibilidade de desenvolvimento pessoal apontado por Lilita, Stein (1932-33/2003a) ressalta que não somente o outro ser humano pode ser uma referência para os próprios posicionamentos, mas também o Outro enquanto ser transcendente. “A ideia abstrata de homem, que temos formado ou que é apresentada e respaldada por uma autoridade humana ou divina (...) converte-se em critério para o processo de autoformação” (p. 663). Trata-se de um modelo de referência para as próprias ações que estão em sintonia com o núcleo pessoal, a exemplo da experiência de Domênico que se lança a amar o outro com o “amor que um jovem moço que esteve entre nós há 2013 anos, nos pedia.”

Após essas considerações, compreendemos que a experiência em A.A. possibilita a vivência religiosa enquanto significativo fator para o processo de autoformação e vivificação da pessoa. Sob base do relacionamento com um ser absoluto é possível um fortalecimento pessoal; uma confiança e segurança no próprio percurso; um desenvolvimento pessoal tendo como referência o Outro para a elaboração da experiência e os posicionamentos no mundo.

## VII – AMPLIANDO HORIZONTES

Nas seções deste capítulo, resgatamos alguns elementos essenciais da experiência em estudo compreendidos a luz das conceituações presentes em nosso referencial teórico para empreendermos diálogos com outras produções teóricas, por se mostrarem pertinentes para a ampliação das compreensões que alcançamos. Ressaltamos ainda que optamos por dialogar com Edmund Husserl, teórico presente em nosso referencial teórico-metodológico, por anunciar outro tipo de discussão que ainda não apresentamos nesse trabalho.

### 1. Esforço positivo para elaboração das tensões: dialogando com Edmund Husserl

A partir das contribuições de Giussani (1994, 1993, 2009), Stein (1932-33/2003a, 1930/2003b, 1922/2005a, 1991/2005b, 1932-35/2007a) e Cury, Gaspar, Maia & Mahfoud (2007), compreendemos que os sujeitos da presente pesquisa vivenciam os percalços pessoais e contextuais como ocasiões para verificarem se os próprios posicionamentos estão em sintonia com as direções das exigências que os constituem. Assim, alcançam a elaboração das tensões a partir da consciência de si reafirmando a busca por se corresponderem na realidade.

Acerca da busca contínua por experiências correspondentes ao eu, optamos por dialogar com Husserl (1924/2006a) por apreender a importância do esforço positivo e da consciência de si para a constituição de posicionamentos éticos que correspondem a ações em direção à autorrealização. Segundo o autor, é a partir do exame da própria vida que a pessoa compara os atos com o que realmente corresponde a si mesma; valoriza os atos, os motivos, os meios, os fins e as possibilidades práticas de ação. Nesse movimento de voltar-se para si, a pessoa se conhece emitindo um juízo de valor acerca do próprio eu e assim pode reconhecer a melhor forma de se colocar no mundo. Com o esforço positivo baseado em valores positivos, que equivale a tudo que é realizador da pessoa, pode retomar o que corresponde a si mesma para enfrentar as frustrações, como o autor ressalta:

O esforço positivo, que encontra sempre uma nova motivação, conduz, de modo cambiante, a satisfações, a decepções, à imposição do doloroso ou do que é imediatamente sem valor. (...). O sujeito vive na luta por uma vida "plena de valor", assegurada contra sobrevenientes desvalorizações, contra o desmoronamento ou o esvaziamento de valores, contra as decepções, numa vida que pudesse obter uma satisfação global continuamente concordante e segura (p. 44).

Husserl (1924/2006a) aponta para a busca ativa contínua inerente ao humano por se realizar, ainda que seja inevitável viver frustrações e negações pelo caminho. Viver é lutar para concretizar o que é valor para si, porém o empenho empreendido pode não ser suficiente para alcançá-lo. A decepção vivida, ao invés de ser apreendida como um fim esvaziado de sentido, pode ser ocasião para dar se conta do significado da dor e das indicações que ela contém. Assim, a tensão vivida é reconfigurada como possibilidade de reafirmar o que é importante ao se lançar no mundo de modo a encontrar um horizonte sempre mais amplo de esforço positivo em direção à realização pessoal.

Tendo em vista as considerações tanto de Giussani (1994, 1993, 2009), Stein (1932-33/2003a, 1930/2003b, 1922/2005a, 1991/2005b, 1932-35/2007a) e Cury, Gaspar, Maia & Mahfoud (2007) quanto de Husserl (1924/2006a), compreendemos que a emissão de juízos pelos sujeitos acerca das próprias vivências possui um papel central na elaboração das tensões vividas. A partir desse ato de consciência de si e do esforço positivo, o sujeito ressignifica as dificuldades reafirmando a busca por se realizar, evitando assim paralisação no limite pessoal e/ou do contexto.

## **2. Encontro e amizade: dialogando com Romano Guardini**

Como vimos, na perspectiva de Giussani (1994, 1993) o encontro com a realidade humana pode inserir um ponto de novidade à pessoa que descobre em si o próprio eu, a esperança de alcançar a autorrealização; dinamismo esse presente nas experiências a nós comunicadas. A fim de avançarmos na compreensão do encontro vivido pelos sujeitos da presente pesquisa com o outro, seja no ambiente grupal, seja no contexto externo, que se desdobra em relações de amizade, buscamos o diálogo com Romano Guardini (1885-1968), filósofo e teólogo alemão, pela especial contribuição para essa temática.

Segundo o autor, o encontro com a alteridade se configura pela seguinte dinâmica: “estou diante da realidade que me circunda. As funções vitais e as intenções mais imediatas desaparecem. Sou tocado pela essência do que está na minha frente, entro no seu horizonte de significado, sinto-me convidado a tomar posição a seu respeito” (Guardini, 2002, p. 206). A alteridade, seja alguma coisa, a natureza ou o outro, torna-se o centro da mobilização pessoal que solicita uma resposta de apreensão de sentido e de valor na mesma. Quanto ao encontro inter-humano, ele apenas se completa “quando o outro também me concede sua atenção.

Então, os rostos iluminam-se um ao outro, a intimidade da pessoa se revela, os olhares florescem com uma intensidade incomum” (idem, p. 207). Aqui, Guardini (2002) complementa a noção de encontro de Giussani (1993), indicando que, quando essa modalidade se trata da relação *entre* pessoas, há necessidade da abertura mútua para que aconteça. Nesse sentido, o encontro não acontece em qualquer ocasião. É necessário de um momento propício para o seu desabrochar; que um conjunto de fatores de nível físico e psíquico se coadune em uma “postura fundamental de sinceridade, atenção e disponibilidade” (Guardini, 2002, p. 207) das pessoas que se relacionam. Apesar de o processo de encontrar o outro implicar um momento favorável, o encontro não pode ser produzido, ele acontece.

Em todo encontro autêntico há um momento de originalidade e de criação. Há um descerrar dos olhos, do espírito e do coração do próprio íntimo, um “ser-pegos” e um pegar, uma produção viva como resposta a um contato que liberta forças mais secretas. Tudo isso só pode acontecer espontaneamente (idem, p. 208).

Algo de novo brota em si e no outro na abertura recíproca. É nessa relação viva fundamentada na liberdade que um encoraja o outro, torna-se uma provocação, chamando-o à existência e encontrando em si um fortalecimento para o processo pessoal de *ser*. Ao mesmo tempo em que a vivificação de si possibilita novos posicionamentos no mundo é essa dinâmica que favorece o crescimento na inteireza da pessoa. Para o autor, o dinamismo do encontro é tão potente para a reconfiguração de si que emerge um sentimento de gratidão e inclusive de maravilhamento pela surpresa do modo singular como a relação se configurou. Com as elaborações dos sujeitos da pesquisa, compreendemos o valor e potência da experiência de encontro genuíno com o outro, seja no ambiente grupal, seja no período anterior à participação nas reuniões de A.A. Basta retomarmos a vivência de surpresa de Lilita, ao ser acompanhada de um modo livre pelos companheiros até o ponto de ônibus, que reconfigurou o sentido da própria vida, do próprio eu, despertando em si uma experiência de realização e uma percepção de beleza.

O encontro só é possível porque o ser humano é abertura para o que é diferente do eu; e justamente por não estar centrado em si que pode se encontrar na pessoalidade e se realizar nesse processo, como salienta Guardini (2002):

Quando se abre, acolhendo e afirmando as coisas em si mesmas, então se torna um horizonte escancarado, no qual o outro pode se manifestar: a própria terra que ele ama, o trabalho ao qual se dedica, a pessoa à qual se ligou, as ideias que o iluminaram e o fizeram feliz; e, dessa forma, ele se torna sempre mais completo e autenticamente “ele mesmo” (p. 211).

É nesse sentido que apreendemos nas experiências comunicadas uma abertura mútua entre os sujeitos e o outro, a partir da qual vivem um encontro com o outro integrante, mas também vivem um encontro com tudo que é valor para si em outros âmbitos da vida, afirmando a alteridade e cuidando da própria experiência realizadora de si.

Na experiência dos sujeitos, do encontro genuíno brota vínculos, próprios de uma vida em comum como já compreendemos; emerge um gosto por se doarem no relacionamento. O que nasce é uma amizade vitalizada e autêntica.

Apreendemos com Guardini o valor da concepção de encontro para a constituição da pessoa. Agora, adentremos o específico relacionamento de reciprocidade que emerge de encontros autênticos: amizade.

A amizade nasce quando eu reconheço o outro como pessoa, reconheço sua liberdade de existir na sua identidade e essência; quando consinto que se torne centro da gravidade para si mesmo e experimento uma solicitude viva para que isso realmente aconteça. Então, forma e estrutura do relacionamento pessoal convertem-se, e também a disposição de ânimo com a qual eu o preencho. O centro do relacionamento está na outra pessoa. No ato de realizá-lo, distancio-me continuamente de mim mesmo e exatamente assim me reencontro, como amigo, ao invés de aproveitador; livre, ao contrário de preocupado com o meu lucro; realmente magnânimo, antes que cheio de pretensão. Então, entro na esfera dos valores “extraordinários”, “fora do comum”, que no fundo dão mais sentido à existência humana na sua totalidade (Guardini, 2002, p. 211).

A partir das palavras do autor, é possível captar a potência e incidência do relacionamento de amizade na vida das pessoas que o constituem. A gratuidade, doação, ausência de centramento em si mesmas, reconhecimento de um valor vitalizado no outro marcam a amizade e revelam um âmbito de valores que as pessoas vivem ao serem amigos. É a partir de vínculos desse nível que o ser humano alcança a autorrealização. É lançando-se para fora de si numa posição livre e sincera que pode encontrar o outro, considerando sua peculiaridade e contribuindo de alguma forma para a vitalização do outro. Favorecer o processo pessoal alheio coincide com a realização de si: dinamismo próprio da relação de amizade. Não poderíamos deixar de trazer a experiência de Suzana, para exemplificar essa dinâmica, que vive os vínculos comunitários enquanto relações de amizade, pois reconhece que pode vivenciar momentos de satisfação com os integrantes no ambiente externo à A.A., emitindo o juízo de que “a amizade é mais gostosa!”

Diante das complementações de Guardini (2002) às contribuições de Giussani (1993), compreendemos ainda mais a riqueza da experiência de encontro e da amizade que os sujeitos vivem, realizando-se nesse processo, constituindo autênticos vínculos inter-humanos, importantes fatores comunitários que constituem a inteireza de cada um. A partir dessa experiência, fortalecem-se em sua ação no mundo, construindo um mundo de relações

genuínas. Ao mesmo tempo em que afirmam o outro em sua singularidade, estruturam, cuidam de si, encontrando no relacionamento vivo com o outro um apoio e companhia para o processo de ser mais si mesmos.

### **3. Doação de si e autotranscendência: dialogando com Viktor Frankl**

Na sessão “Na doação do eu ao outro, emerge realização de si e fortalecimento da vida em comum”, apreendemos nas elaborações de Giussani (2006, 2009) e Stein (1932-33/2003a, 1922/2005a) o valor da busca e da ação dos sujeitos em corresponder às exigências de bem e de gratuidade e a potência do ato de solidariedade enquanto importantes fatores comunitários e de realização pessoal.

Para melhor compreender o dinamismo de doação de si constituidor da experiência dos sujeitos, lançamo-nos a dialogar com Viktor Frankl (1905-1997), psiquiatra austríaco, psicoterapeuta e filósofo existencialista, acerca da autotranscendência enquanto elemento fundamental da existência humana. Para o autor, o homem se constitui enquanto tal por possuir “vontade de sentido” e necessitar de uma tensão específica entre ele e um sentido, exigindo dele uma ação que realize o sentido. É próprio do ser humano voltar-se para as coisas e as pessoas no mundo não como meio para atingir o fim da satisfação das necessidades e anseios, e sim como realização do sentido. Na abertura para o que não é si mesmo, o sujeito pode reconhecer o valor que a alteridade possui em si mesma e a busca por sentido da vida que guia suas ações. Essas elaborações aproximam-se das de Giussani (1994, 1993, 2003, 2009) e Stein (1932-33/2003a, 1922/2005a, 1991/2005b) que acentuam o posicionamento de abertura à alteridade e de emissão de juízos enquanto propriamente humanos e constituidores da pessoa.

E ainda ressalta: “A existência humana é caracterizada por sua ‘autotranscendência’ que representa o único caminho para se conquistar a autorrealização” (Frankl, 1978, p.56).

*Autotranscendência nada tem a ver com o Além; significa que o homem é tanto mais humano quanto mais é ele mesmo, quanto mais ele se supera e se esquece a si próprio na dedicação a uma tarefa, a uma coisa ou a um companheiro (idem, itálicos do autor).*

Nesses termos, doar-se ao outro ser humano é uma potente dinâmica de constituição da pessoa. Ao mesmo tempo em que há um esquecimento de si mesmo em função do bem alheio, o encontro com o próprio eu emerge. Por isso, a busca pela felicidade ensimesmada inviabiliza qualquer alcance da autorrealização (Coelho Júnior & Mahfoud, 2001; Pereira,

2007). Resgatemos a experiência de Suzana para exemplificar o dinamismo da autotranscendência: ela reconhece o chamado para “trabalhar”, para fazer algo no contexto grupal, lavando “um copo”, verificando se “os panos” e as “vasilhas” estão limpas; a necessidade de ser “útil” ajudando o outro, acolhendo-o ou elaborando um documento e de cuidar do outro na forma do filho, do namorado, dos amigos. Doar-se à alteridade constitui um sentido para a própria vida; agora, ela tem possibilidade de cuidar do que faz sentido para si, ao contrário do período em se alcoolizava. Realizar um ato carregado de valor é um modo de Suzana se realizar, ser mais si mesma, ao mesmo tempo em que contribui para o mundo, constituindo relacionamentos na totalidade de sua vida e cuidando do ambiente de A.A.

Segundo Frankl (1978), o homem contemporâneo tende para a busca de prazer que passa ser objeto de “hiper-reflexão”, ou seja, é conteúdo exclusivo de atenção pessoal. No entanto, quanto mais a pessoa foca nessa procura, mais o alcance do prazer se inviabiliza. O que se origina desse processo é o “vazio existencial” enquanto ausência de sentido da vida, potencializado pelos múltiplos estímulos recebidos da comunicação de massa a partir das quais não se decide pelo o que é essencial. Sendo assim, o autor pontua sobre a importância de se aprender a decidir sobre o que tem sentido ou não, para atuar no mundo. Nessa direção, os sujeitos da pesquisa demonstram o quanto é importante para si mesmos afirmarem o que realmente faz sentido: doarem-se ao outro, atentarem-se para o processo alheio de modo a se posicionarem auxiliando-o. Aginaldo tem uma percepção nítida do posicionamento pessoal autotranscendente que se distingue da busca individualista por realização presente na contemporaneidade marcado por um “regime capitalista desenfreado de consumismos”, provocando-nos a mirar nosso olhar sobre o modo como atuamos no mundo; afinal, para ele é mais importante “enxergar o próximo, deixar de enxergar a si próprio” enquanto um “processo anti-egocentrismo”.

De acordo com Frankl (1978), “a humanidade só terá uma chance de sobreviver se encontrar uma tarefa que todos possam desempenhar solidariamente, animados por uma mesma vontade de encontrar um sentido” (p. 59). De forma semelhante, Stein (1922/2005a), afirma que o ato de solidariedade e a experiência de pertença favorecem a unidade entre as pessoas da comunidade e se configura como uma importante modalidade de agrupamento social que potencializa a vida humana.

Com as considerações de Frankl (1978) que se assemelham e complementam as de Giussani (2006, 2009) e Stein (1932-33/2003a, 1922/2005a, 1991/2005b), evidenciamos a importância do posicionamento dos sujeitos de doarem-se ao outro, autotranscendendo em função do outro para a realização pessoal e constituição do mundo. Trata-se de uma ação no

contexto social que insere um ponto de novidade em meio à tendência individualista pós-moderna, de busca por prazer. Além disso, configura-se como uma experiência oposta ao que viviam quando se alcoolizavam e/ou se drogavam, período em que vivenciavam justamente a perda de si e do contato com o mundo, fechando-se diante da alteridade. Cada sujeito contribui, com o próprio modo de se colocar nos relacionamentos inter-humanos, para a constituição de solidariedades na realidade social, da mesma forma em que se realizam nesse processo, afirmando a busca por um sentido na vida.

#### **4. A Potência divina na experiência religiosa: dialogando com Gerard van der Leeuw**

Compreendendo a vivência religiosa presente nas experiências a nós comunicadas mediante as contribuições de Stein (1991/2005b, 1930-32/2007b), percebemos que a relação dos sujeitos com um ser absoluto fornece força a eles, possibilitando a vivência de sentimentos de confiança, segurança e esperança enquanto importantes fatores para o processo de autocuidado e formação pessoal. Complementando e se assemelhando a essa compreensão, van der Leeuw (1890-1950), em sua obra *Fenomenologia da religião* (1933/1978), identificou elementos essenciais das mais variadas religiões elaborando o conceito de poder que abarca um dinamismo propriamente humano e fundamental na experiência religiosa. Para o fenomenólogo holandês, o homem que não apenas vive simplesmente, ou seja, que não se limita à finitude da vida, solicita poder. É a partir desse poder que é capaz de configurar o mundo com vistas a formar um conjunto pleno de sentido. No entanto, o que se vive e o que se constrói, seja uma obra de arte, seja relação com o outro, não esgotam o potencial humano nem a busca por um sentido cada vez mais profundo, por se tratarem de manifestações finitas.

A religião implica que o homem não se limita a aceitar simplesmente a vida que lhe é dada. Na vida, ele procura pelo *poder*. Se ele não o encontra, ou se o encontra numa medida que lhe é insuficiente, ele procura fazer penetrar na vida o poder no qual ele crê (van der Leeuw, 1933/1978, p. 650).

A procura do ser humano por poderes superiores – que não brotam dele mesmo – emerge pela necessidade de compreender a vida e dominá-la. E a partir da incidência desse poder em si, a vida é elevada e engrandecida. Desse modo, vivenciar a existência com plenitude coincide com a busca do sentido último, "o senso religioso das coisas é aquele além do qual não pode haver outro sentido mais amplo e mais profundo. É o sentido do todo"

(idem). No entanto, é um sentido “que se apresenta e se oculta, que está sempre no além” (Ales Bello, 1998, p. 109).

O sujeito ao encontrar esse poder na superioridade radical, que é constituída por um caráter misterioso, vivencia um fenômeno inapreensível na forma de uma revelação. “Não podemos compreender cientificamente a palavra Deus: o que podemos compreender é somente nossa resposta” (van der Leeuw, 1933/1978, p. 651). Além de pressentir o superior, este alcança o sujeito, pois alguma coisa estranha corta o caminho da potencialidade pessoal. Trata-se de um poder estranho totalmente distinto que penetra a própria vida, repercutindo na potência pessoal. “Nós seres humanos nos abrimos a uma totalidade, a uma *potência*. E essa potência nos vem ao encontro quando, no limite, nós sabemos que não a podemos realizar” (Ales Bello, 2004, p. 262). Mas a atitude frente ao poder estranho, que a princípio é de um estranhamento, num segundo momento torna-se fé.

O encontro entre o limite da potência humana e o princípio da potência divina, próprio da experiência religiosa, desdobra-se em “ascensão da vida, crescimento, embelezamento, ampliação, aprofundamento, (...), uma vida totalmente nova, uma desvalorização da vivida, uma recriação da vida que se recebe de ‘outra parte’” (van der Leeuw, 1933/1978, p. 652). Assim, a busca pelo poder superior possibilita a relação com um Outro na forma de revelação a partir da qual a vida enche-se de uma força nova, emerge uma recuperação da potência pessoal. E com essa renovação que o sujeito lida com as próprias fragilidades e se desenvolve em sua inteireza e plenitude.

A partir das contribuições de van der Leeuw (1933/1978) que se aproximam das e complementam as de Stein (1991/2005b, 1930-32/2007b), podemos redimensionar a compreensão da experiência religiosa presente na elaboração dos sujeitos. Relacionar-se com um Poder superior, enquanto proposta de A.A., é uma forma de cada sujeito reconhecer uma potência além de si mesmo que pode buscar, no qual pode confiar. Nesse sentido, recuperam a própria potência diante da impossibilidade de lidar sozinho com a condição de alcoolista e com os limites pessoais e contextuais. Cada qual a sua maneira vive a incidência de um poder divino na própria vida, seja na forma de “Deus” para Suzana; de “energia” e “Deus”, para Lilita; de “Deus” e “espiritualidade” para Domênico; de “Poder Superior” e “Deus”, para Aguinaldo.

## VIII– CONCLUSÕES

É com alegria que chegamos ao momento de concluir nosso trabalho, lançando nossa atenção para as certezas encontradas e tendo no canto dos olhos um caminho em direção ao conhecimento que não finda.

Partindo do interesse em compreender que elementos são nucleares da experiência comunitária no contexto sociocultural de A.A. e que elementos são fundantes do processo de realização pessoal nessa experiência, buscamos colher esse fenômeno em sua estrutura mediante análise e compreensão dos depoimentos a nós comunicados. Ainda procuramos entender o contexto e a proposta de A.A. enquanto importante etapa para alcançarmos nossos objetivos. Por termos colhido, com efeito, a experiência dos sujeitos que fizeram experiência de realização em A.A., ressaltamos a profícua contribuição da orientação teórico-metodológica da Fenomenologia para nossa pesquisa. Após esse percurso, é hora de evidenciarmos as respostas encontradas.

Quanto à experiência comunitária daqueles integrantes que se realizam no contexto sociocultural de A.A., estamos certos dos seguintes pontos nucleares dessa experiência:

1) o encontro inter-humano enquanto relação propriamente comunitária, tanto no momento anterior à participação em A.A. quando no ambiente grupal, marcado pelo acolhimento ao integrante, propicia ressignificação do sentido da vida e da condição de alcoolista. A vivência de valorização do integrante e o reconhecimento que recebe de um outro, enquanto exemplo de superação, pode mobilizar uma experiência realizadora de si por vislumbrar um caminho de esperança e de retomada das próprias buscas por correspondências na realidade. A condição de alcoolista pode ser vivida como ocasião profícua para se cuidar de verdade, reconhecendo a limitação, mas não reduzindo o próprio ser a ela;

2) a abertura recíproca, durante a partilha de testemunhos, enquanto fator comunitário propicia experiências de aprendizagem e crescimento pessoal. Durante a troca de experiências, como proposta de A.A., o outro e o próprio integrante podem se tornar presenças provocadoras da percepção de si, do movimento de exame das próprias vivências, elaboração das tensões e de efeito vivificante sobre o próprio ser, apreendendo um valor em retomar o processo de autocuidado e de sobriedade. Nesse processo comunitário, o integrante pode viver uma experiência de realização de si e de afirmação da potência pessoal;

3) o cultivo de relações de amizade e de solidariedade é ponto fundante da experiência comunitária. A proposta de A.A., que preza a convivência na reunião, configura-se como

ocasião de formação de vínculos comunitários, calcados pela afeição, ajuda e experiência de liberdade e crescimento pessoal. Diante de um momento de sofrimento, o ato de ajudar, aliviando a dor do outro, mostrando a este novas maneiras de autocuidado, buscando o bem deste é uma potente ação autorrealizadora e de cuidado com o outro. Em ambas dinâmicas, marcadas pela doação do sujeito ao outro, emerge como ponto central a relação com o outro enquanto formação pessoal de vínculos e do contexto comunitários que são sustento para o próprio processo de ser si mesmo e da conquista e manutenção da sobriedade. Vivendo esse nível de experiência, é ativada no integrante a capacidade de construir relacionamentos significativos em outros âmbitos da vida;

4) os vínculos genuinamente comunitários, que potencializam a formação pessoal, fortalecem não apenas o próprio eu mas também a realidade no qual se insere, a proposta cultural de A.A., o mundo social que recebe uma atuação solidária enquanto ponto de novidade em meio às tendências individualistas da cultura contemporânea. Estamos certos da possibilidade de o integrante viver e construir uma ponte – comunidade – que o auxilia a se estruturar e a partir da qual aprende a lidar com o mundo pluralizado, a cuidar de outras comunidades, como a família e a amizade, com seu modo único de ser, guiando-se pelo chamado interior que clama por abertura para toda a complexidade de si mesmo e para o mundo;

5) a elaboração da proposta sociocultural de A.A. pelo integrante que se realiza nesse contexto possibilita a apreensão própria de valor nos preceitos oficiais em sintonia com as buscas pessoais por cuidado de si, possibilitando posicionamentos de abertura para o exame da própria vivência e para o mundo. Aprende, inclusive, a fazer memória da própria experiência como importante aliado da afirmação de si e a experienciar um relacionamento com um ser absoluto como forma de se fortalecer, receber uma potência de um Outro que o auxilia em sua autoformação. Assim, A.A. enquanto estrutura societária e comunitária pode ser oportunidade de afirmação do ser do integrante que faz experiência de realização, de afirmação da trajetória pessoal. A consonância entre os valores pessoais e os princípios da proposta formal possibilita uma experiência singular das sugestões ao invés de se alienar do processo pessoalizado.

E quanto ao processo de realização pessoal do integrante de A.A. possibilitado pela experiência comunitária, apreendemos os seguintes elementos estruturantes desse processo:

1) aquele integrante de A.A. que se realiza vive essa experiência na medida em que vivencia um gosto, uma satisfação, por ser acolhido, valorizado, confiado em seu processo por um outro, passando a redescobrir valor do próprio eu, da vida que o constitui. Ao vislumbrar

possibilidade de lidar com a própria condição de alcoolista reconhecendo a capacidade de ser si mesmo, manter-se sóbrio, corresponder à próprias buscas, ao centro de si mesmo, vive uma experiência de realização pessoal;

2) o processo de realização de si do integrante de A.A. pode ser marcado pela percepção da ação de cuidar de si mesmo, voltando às reuniões enquanto forma de afirmar a importância da convivência comunitária para a manutenção da sobriedade; da ação de atentar-se para o autocuidado e o crescimento do outro: processo vivificante da pessoa por vivenciar uma experiência de correspondência;

3) a realização pessoal do integrante de A.A. também pode emergir ao perceber-se construtivo nos relacionamentos, tanto dentro de A.A. quanto fora desse contexto, e ao agir contribuindo com o processo alheio de autocuidado e crescimento pessoal, movimento que coincide com a formação do contexto comunitário enquanto nutriente para o percurso pessoal, abrindo espaço para cuidar do mundo de relações (seja de amizade, seja de solidariedade) que o realiza. Eis o cuidado consigo daquele que se realiza em A.A. em sintonia com a ação de cuidar do outro, de fazer o bem a este.

Sob base dessas certezas, compreendemos o quanto o processo de realização pessoal vivido na experiência comunitária em A.A. pode propiciar, auxiliar e potencializar o processo de recuperação do integrante nesse contexto; o quanto o integrante se realizar na convivência comunitária possibilita uma afirmação da trajetória de cuidado consigo mesmo e de formação pessoal.

A partir dos dados de nossa pesquisa, podemos problematizar os resultados de alguns trabalhos já apresentados: o discurso homogêneo realizado pelo integrante ao seguir o roteiro básico de partilha das experiências inviabiliza a manifestação da singularidade; e o grupo é apenas um substituto da dependência ao álcool para o integrante que se subordina a A.A., resultando em alienação ao invés de autonomia pessoal. Além disso, é comum nos depararmos com a visão difundida de que A.A. é fechado para o público, principalmente pesquisadores. A esse debate incluímos um novo horizonte de compreensão: tendo em vista todo o percurso apresentado emerge urgência de atentarmos para a possibilidade fecunda de uma experiência de singularização e realização pessoal do integrante de A.A. Não ignoramos a existência de processos alienantes do eu; afinal, em todo contexto institucional essa possibilidade se faz presente. Mas a proposta societária, seja em A.A., seja em qualquer realidade social, por incluir uma dimensão comunitária pode se tornar um potente chamado para a pessoa tornar-se mais si mesma, para o eu se conectar com o âmago de seu ser, abrindo-se para a vida que é e que o rodeia. E diante da suposição de fechamento do grupo de

A.A., só podemos afirmar que as restrições encontradas por nós são sinal de cuidado com os seus componentes e a abertura por nós observada no contato com integrantes de A.A. revela o interesse vivo por colaborarem com pesquisas cujo intuito é compreender a experiência que vivem.

Com esse trabalho, ainda vislumbramos a razão de A.A. estarem consolidados por tantos anos e em tantos países: eis a tradição de A.A. que é renovada e perpetuada enquanto importante fator de autocuidado; eis a mútua constituição entre pessoa e contexto societário/comunitário que fertiliza o mundo, abrindo um horizonte amplo de novos e potentes posicionamentos na realidade que forma e “con-forma” o sujeito, a vida em comum de A.A. e a sociedade.

Por fim: nós pessoas/pesquisadores, o que carregamos do encontro com a experiência vitalizada em A.A.? A certeza da potência humana; do encontro e da convivência genuínos enquanto fatores estruturantes de uma vida realizadora da pessoa; a provocação para continuarmos abertos e cuidadosos para com a experiência humana; a sensação de que fomos presenteados com a partilha dos sujeitos dessa pesquisa, nossos companheiros da jornada em busca de significado vívido da experiência em A.A.; uma gratidão pela oportunidade dos mesmos fazerem parte de uma contribuição viva para o campo do conhecimento, da Psicologia e para o nosso percurso enquanto seres humanos; uma gratidão por termos chegado até aqui.

## REFERÊNCIAS

- Alcoólicos Anônimos. (2001). *Alcoólicos anônimos atinge a maioria: uma breve história de A.A.* (sem indicação do tradutor). São Paulo: JunA.A.b – Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos do Brasil. (Publicação original de 1957).
- Alcoólicos Anônimos. (2005). *Os doze passos e as doze tradições* (sem indicação do tradutor). São Paulo: JunA.A.b – Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos do Brasil. (Publicação original de 1953).
- Alcoólicos Anônimos. (2006). *Viver sóbrio: alguns métodos usados por membros de A.A. para não beber* (sem indicação do tradutor). São Paulo: JunA.A.b – Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos do Brasil. (Publicação original de 1975).
- Alcoólicos Anônimos. (2009). *Alcoólicos Anônimos: primeiras noções*. São Paulo: JunA.A.b – Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos do Brasil. (Publicação original de 1989).
- Alcoólicos Anônimos. (2010). *Reunião de esclarecimentos: tema “bêbado seco”*. Retirado em 15 de dezembro de 2013 de <http://existeumasolucao.com.br/35-distrito/arquivos/bebado-seco.pdf>
- Alcoólicos Anônimos. (2011). Sétima tradição. *Vivência (São Paulo)*, 26(1), 1-68.
- Alcoólicos Anônimos. (2012a). *Alcoólicos Anônimos* (sem indicação do tradutor). São Paulo: JunA.A.b – Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos do Brasil. (Publicação original de 1939).
- Alcoólicos Anônimos. (2012b). *Alcoólicos Anônimos em sua comunidade: como a Irmandade trabalha em sua comunidade para ajudar alcoólicos* (sem indicação do tradutor). São Paulo: JunA.A.b – Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos do Brasil.
- Ales Bello, A. (1998). *Culturas e religiões: uma leitura fenomenológica* (A. Angonesi, Trad.). Bauru, SP: Edusc. (Publicação original de 1997).
- Ales Bello, A. (2000). *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia no feminino*. (A. Angonesi, Trad.). Bauru, SP: Edusc. (Publicação original de 1992).
- Ales Bello, A. (2004). *Fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião* (M. Mahfoud e M. Massimi, Trads.). Bauru, SP: Edusc. (Publicação original).
- Ales Bello, A. (2006). *Introdução à fenomenologia*. (J. T. Garcia e M. Mahfoud, Trads.). Bauru, SP: Edusc. (Publicação original).
- Amatuzzi, M. M. (1996). Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. *Estudos de psicologia (Campinas)*, 13(1), 5-10.

- Amatuzzi, M. M. (2006). A subjetividade e sua pesquisa. *Memorandum*, 10, 93-97. Recuperado em 15 de julho, 2011, de <http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/a10/amatuzzi03.pdf>
- Baptista, F. L. C. (2003). Da identificação maciça à emergência do sujeito. *Mal-estar e subjetividade*, 3(1), 121-129.
- Berger, P.; Berger, B. & Kellner, H. (1979). *Un mundo sin hogar: modernización y conciencia*. (J. García-Abril, Trad.) Santander, Espanha: Sal Terrae. (Publicação original de 1973).
- Berger, P. & Luckmann, T. (2004). *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*. (E. Orth, Trad.) Petrópolis, RJ: Vozes. (Publicação original de 1995).
- Bergeret, J & Leblanc, J. (1991). *Toxicomanias: uma visão multidisciplinar*. (M. T. Baptista, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bisol, C. A. (2012). Estratégias de pesquisa em contextos de diversidade cultural: entrevistas de listagem livre, entrevistas com informantes-chave e grupos focais. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 29(Supl.), 719-726.
- Campos, E. A. (2004). As representações sobre o alcoolismo em uma associação de ex-bebedores: os Alcoólicos Anônimos. *Cadernos de Saúde Pública*, 20(5), 1379-1387.
- Campos, E. A. (2009a). Alcoolismo: doença e significado em Alcoólicos Anônimos. *Etnográfica*, 13(1), 103-124.
- Campos, E. A. (2009b). Por que os Alcoólicos são anônimos? Anonimato e identidade do tratamento do alcoolismo. *Interface (Botucatu)*, 13(28), 19-30.
- Coelho Júnior, A. G. (2006). *As especificidades da comunidade religiosa: pessoa e comunidade na obra de Edith Stein*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Coelho Júnior, A. G. & Maufoud, M. (2001). As dimensões espiritual e religiosa da experiência humana: distinções e inter-relações na obra de Viktor Frankl. *Psicologia USP*, 12(2), 95-103.
- Coelho Júnior, A. G. & Maufoud, M. (2013). As especificidades da comunidade religiosa na obra de Edith Stein. Em M. Mahfoud & M. Massimi (Orgs.). *Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa* (pp. 263-292). Belo Horizonte: Artesã.
- Cury, B. T.; Gaspar, Y. E.; Maia, L. C. & Mahfoud, M. (2007). *II Seminário experiência elementar em psicologia: exigência de verdade*. [Mimeo]. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Dea, H. R. F. D.; Santos, E. N.; Itakura, E. & Olic, T. B. (2004). A inserção do psicólogo no trabalho de prevenção ao abuso de álcool e outras drogas. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 24(1), 108-115.

- Flick, U. (2004). *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. (S. Nertz, Trad.). Porto Alegre: Bookman.
- Frankl, V. E. (1978). *Fundamentos antropológicos da psicoterapia*. (R. Bittencourt, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Publicação original de 1975).
- Galduróz, J. C. F.; Noto, A. R.; Nappo, S. A. & Carlini, E. A. (2005) Uso de drogas psicotrópicas no Brasil: pesquisa domiciliar envolvendo as 107 maiores cidades do país – 2001. *Revista Latino-americana de Enfermagem*, 13, 888-895.
- Garcia, A. M. (2004). *E o verbo (re) fez o homem: estudo do processo de conversão do alcoólico ativo em alcoólico passivo*. Niterói, RJ: Intertextos.
- Gaspar, Y. E. & Mahfoud, M. (2009). Pessoa em ação: um percurso a partir das elaborações de Stein e Wojtyla. *Memorandum*, 17, 60-73. Recuperado em 20 de dezembro, 2009, de <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a17/gasmah01.pdf>
- Gaspar, Y. E. (2010). *Ser voluntário, ser realizado: investigação fenomenológica numa instituição espírita*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Giussani, L. (1991). *Decisão para a existência*. (N. Oliveira, Trad.). São Paulo: C. I. (Publicação original de 1978).
- Giussani, L. (1993). Incontro all'umano. Em L. Giussani. *Un avvenimento di vita, cioè una storia: itinerario di quindici anni concepiti e vissuti* (pp. 220-235). Roma: Il Sabato. (Publicação original de 1988).
- Giussani, L. (1994). Em caminho. Em L. Giussani. *É, se opera: notas de conversações com jovens* (pp. 9-15). São Paulo: Loyola. (Publicação original).
- Giussani, L. (2002). *La autoconsciencia del cosmos*. (I. Almería e C. Giussani, Trads.). Madrid: Encuentro. (Publicação original de 2000).
- Giussani, L. (2003). *Realidade e Juventude: o desafio*. (M. J. M. Mendes, Trad.). Lisboa: Diel. (Publicação original de 1995).
- Giussani, L. (2004). *Educar é um risco: como criação de personalidade e de história* (N. Oliveira, Trad.). Bauru, SP: Edusc. (Publicação original de 1977).
- Giussani, L. (2006). *O milagre da hospitalidade*. (N. Oliveira, Trad.). São Paulo: Companhia limitada. (Publicação original de 1988).
- Giussani, L. (2008a). Crise da juventude, crise da educação (E. C. Homem, Trad.). *Communio*, 27(2), 387-398.
- Giussani, L. (2008b). *É possível viver assim?: uma abordagem diferente da existencia cristã* (2ª ed.). (N. Oliveira & F. Tremolada, Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Publicação original de 1994)

- Giussani, L. (2009). *O senso religioso*. (P.A. Oliveira, Trad). Brasília: Universa. (Publicação original de 1987).
- Gomes, L. C. (2007). *As representações sociais que os alcoolistas elaboram acerca do alcoolismo e de seu tratamento na cidade de Teresina – PI*. Trabalho de conclusão de curso de Psicologia. Faculdades de Ciências Médicas, Faculdade Estadual do Piauí.
- Guardini, R. (2002). O encontro. Em L. Cogo & C. C. C. Chaves (Orgs.). *Curso de Extensão em Educação Infantil* (pp. 204-212). Belo Horizonte: AVSI.
- Guimarães, A. C. B. (2011). *Vida do eu, mundo-da-vida: um olhar fenomenológico acerca da relação eu-mundo*. Monografia da Pós-graduação em Psicologia Clínica: existencial e gestáltica. Faculdade de Estudos Administrativos de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Guimarães, A. C. B. & Mahfoud, M. (2003). Tornar-se si mesmo: elaborações a partir de Luigi Giussani e Edith Stein. Em M. Mahfoud & M. Massimi (Orgs.). *Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa* (pp. 195-216). Belo Horizonte: Artesã.
- Husserl, E. (2002). *A crise da humanidade européia e a filosofia*. (U. Zilles, Trad. e Introdução). Porto Alegre: EDIPUCRS. (Original de 1935).
- Husserl, E. (2006a). Renovação como problema ético-individual. Em E. Husserl. *Europa: crise e renovação*. (P. M.S. Alves e C. A. Morujão, Trad.). (pp. 39-62). Lisboa: Centro de Filosofia Universitas Olisiponensis. (Publicação original de 1924).
- Husserl, E. (2006b). *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. (M. Suzuki, Trad.). Aparecida, SP: Idéias e Letras. (Publicação original póstuma de 1952).
- Kalina, E. (1999). *Drogadição hoje: indivíduo, família e sociedade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Kassel, J. D. & Wagner, E. F. (1993). Process of change in Alcoholics Anonymous: a review of possible mechanisms. *Psychotherapy*, 30(2), 222-234.
- Leite, R. V. (2011). *Viver a tradição e encontrar a alteridade cultural: investigação fenomenológica na comunidade rural de Morro Vermelho*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Leite, R. V. & Mahfoud, M. (2010). Contribuciones de la fenomenología a la investigación sobre la cultura popular y la educación. *Krínein*, 7, 127-150.
- Leite, J & Gomes, W. B. (1998). Concepções de alcoolismo e reabilitação de alcoolista. Em Gomes, W. B. (Org.) *Fenomenologia e pesquisa em psicologia*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- MacIntyre, A. (2001). *Depois da virtude*. (J. Simões, Trad.). Bauru, SP: Edusc. (Publicação original de 1981).

- Mahfoud, M. & Massimi, M. (2008). A pessoa como sujeito da experiência: contribuições da fenomenologia. *Memorandum*, 14, 52-61. Recuperado em 15 de junho, 2009, de <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a14/mahfoudmassimi02.pdf>
- Mahfoud, M. (2007). Centro pessoal e núcleo comunitário, segundo Edith Stein: indicações para estudos sobre família. Em L. Moreira & A. M. A. Carvalho (Orgs.). *Família, subjetividade, vínculos* (pp. 107-124). São Paulo: Paulinas.
- Mahfoud, M. (2010). La dimensione della responsabilità nella motivazione dell'operatore e nella libertà Del soggetto. Em *Atti del 3° Convegno Operatori Psicosociali* (pp.73-85). Milano: Medicina & Persona. Recuperado em 23 de julho, 2013 de [http://www.medicinaepersona.org/resources/pagina/N1317014fa67b7a31a59/N1317014fa67b7a31a59/10-mahfoud\\_73-85.pdf](http://www.medicinaepersona.org/resources/pagina/N1317014fa67b7a31a59/N1317014fa67b7a31a59/10-mahfoud_73-85.pdf)
- Mahfoud, M. (2012). *Experiência elementar em psicologia: aprendendo a reconhecer*. Brasília: Universa; Belo Horizonte: Artesã.
- Martins, J. G. (2007). Experiência e subjetividade em Claude Romano. Em M. J. Cantista (Org.). *Desenvolvimento da fenomenologia na contemporaneidade*. Porto, Portugal: Campo das letras.
- Massimi, M. & Mahfoud, M. (2007). A pessoa como sujeito da experiência: um percurso na história dos saberes psicológicos. *Memorandum*, 13, 16-31. Recuperado em 15 de junho, 2009, de <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a13/massimimahfoud01.pdf>
- May, T. (2004). *Pesquisa social: questões, método e processos*. (C. A. S. N. Soares, Trad.). Porto Alegre: Artmed. (Publicação original de 2001).
- Milby, J. B. (1988). *A dependência de drogas e seu tratamento*. (S. M. Carvalho, Trad.). São Paulo: Pioneira. (Publicação original de 1981).
- Minayo, M. C. S.; Minayo-Gómes, C. (2003). Díficeis e possíveis relações entre métodos quantitativos e qualitativos nos estudos de problemas de saúde. Em P. Goldenberg; R. M. G., Marsiglia e M. H. A. Gomes (Orgs.). *O clássico e o novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde* (pp. 117-142). Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Mota, L. A. (2002). *A solidariedade entre os alcoólicos anônimos: a dádiva na modernidade*. Dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação em Sociologia. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- Nascimento, E. C. & Justo, J. S. (2000). Vidas errantes e alcoolismo: uma questão social. *Psicologia: Reflexão Crítica*, 13(3), 529-538.
- Pacheco, L. V. (1998). *“Não pense, acredite e faça”*: sobre as estratégias de construção da subjetividade nos Alcoólicos Anônimos. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Pereira, I. S. (2007). A vontade de sentido na obra de Viktor Frankl. *Psicologia USP*, 18(1), 125-136.

- Peres, S. P. (2013). O significado do pensamento fenomenológico de Stein à luz do desenvolvimento da concepção de psicologia em Husserl. Em M. Mahfoud & M. Massimi (Orgs.). *Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa* (pp. 23-50). Belo Horizonte: Artesã.
- Possa, T. & Durman, S. (2007). Processo de ressocialização de usuários de substâncias lícitas e ilícitas. *Saúde Mental, Álcool e Drogas*, 3(1), 1-14.
- Queiroz, I. S. (2001). Os programas de redução de danos como espaços de exercício da cidadania dos usuários de drogas [versão eletrônica]. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 21(4), 2-15.
- Queiroz, M. I. P. (1991). *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: T. A. Queiroz.
- Reis, T. R. (2007). *“Fazer em grupo o que eu não posso fazer sozinho”*: indivíduo, grupo e identidade social em Alcoólicos Anônimos. Tese de Doutorado. Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Rodrigues, J. T. & Almeida, L. P. (2002). Liberdade e compulsão: uma análise da programação dos doze passos dos alcoólicos anônimos. *Psicologia em Estudo*, 7(1), 113-120.
- Sabino, N. M. & Cazenave, S. O. S. (2005). Comunidades terapêuticas como forma de tratamento para a dependência de substâncias psicoativas. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 22(2), 167-174.
- Salum, C. (2011). *A vivência do outro em Edmund Husserl*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Sberga, A. A. & Massimi, M. (2013). A formação da pessoa em Edith Stein. Em M. Mahfoud & M. Massimi (Orgs.). *Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa* (pp. 167-194). Belo Horizonte: Artesã.
- Schutz, A. (2003). *Las estructuras del mundo de la vida* (N. Míguez, Trad.; T. Luckmann, Org.). Buenos Aires: Amorrortu. (Publicação original póstuma de 1973).
- Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas [Senad] (Org.). (2010). *Prevenção ao uso indevido de drogas: capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias*. Brasília: autor.
- Silva, L. M. (2012). *Uma visão dos doze conceitos para serviços mundiais*. Recuperado em 20 de dezembro de 2013 de <http://www.A.A.carmosion.com/2012/04/uma-visao-dos-doze-conceitos-para.html>
- Silva, J. L.; Macedo, R. M. S. ; Derntl, A. M. & Bergami, N. B. B. (2007). Um estudo das relações interpessoais em famílias com farmacodependentes. *Psicologia em Estudo*, 12(1), 61-70.

- Sipahi, F. M. & Vianna, F. C. (2001). Uma análise da dependência de drogas numa perspectiva fenomenológica existencial. *Análise Psicológica*, 19(4), 503-507.
- Souza, J.; Kantorski, L.P.; Barreto, F. M. (2006). Vínculos e redes sociais de indivíduos dependentes de substâncias psicoativas sob tratamento em CAPS AD. *Saúde Mental, Álcool e Drogas*, 2(1), 1-18.
- Stein, E. (2003a). Estructura de la persona humana. Em E. Stein. *Obras completas. v. IV: escritos antropológicos y pedagógicos* (pp. 555-749). (F. J. Sancho e col., Trads.) Vitoria, Espanha: El Carmen. (Publicação original de 1932-33).
- Stein, E. (2003b). Sobre el concepto de formación. Em E. Stein. *Obras completas. v. IV: escritos antropológicos y pedagógicos* (pp. 177-194). (F. J. Sancho e col., Trads.) Vitoria, Espanha: El Carmen. (Publicação original de 1930).
- Stein, E. (2005a). Contribuciones a la fundamentación filosófica de la psicología y de las ciencias del espíritu. Em E. Stein. *Obras completas. v. II: escritos filosóficos (etapa fenomenológica: 1915-1920)* (pp. 207-520). (F. J. Sancho e col., Trads.) Vitoria, Espanha: El Carmen. (Publicação original de 1922).
- Stein, E. (2005b). Introducción a la filosofía. Em E. Stein. *Obras completas. v. II: escritos filosóficos (etapa fenomenológica: 1915-1920)*. (C. Garrido e J. Bono, Trads.) (pp. 655-913). Vitoria, Espanha: El Carmen. (Publicação original de 1991).
- Stein, E. (2005c). Sobre el problema de la empatía. Em E. Stein. *Obras completas. v. II: escritos filosóficos (etapa fenomenológica: 1915-1920)* (pp.55-203). (F. J. Sancho e col. Trads.) Vitoria, Espanha: El Carmen. (Publicação original de 1917).
- Stein, E. (2007a). Acto y potencia: estudios sobre una filosofía del ser. Em E. Stein. *Obras completas. v. III: escritos filosóficos (etapa de pensamiento cristiano)* (pp. 241-536). (A. Pérez; J. Mardomingo e C. R. Garrido, Trads.) Vitoria, Espanha: El Carmen. (Original de 1932-5).
- Stein, E. (2007b). Naturaleza, libertad y gracia. Em E. Stein. *Obras completas. v. III: escritos filosóficos (etapa de pensamiento cristiano)*. (A. Perez e col., Trads.) (pp. 55-128). Vitoria: Ed. El Carmen. (Original de 1930-32, publicação original de 1962).
- Szymanski, H. (2004). Entrevista reflexiva: um olhar psicológico sobre a entrevista em pesquisa. Em H. Szymanski (Org.). *A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva* (pp. 9-61). Brasília: Liber Livro.
- van der Leeuw, G. (1964). *Fenomenología de la religión* (E. de la Peña, Trad.). México: Fondo de Cultura Económica. (Publicação original de 1933).
- Zilles, U. (2001). Os conceitos husserlianos de lebenswelt e teleologia. Em R. T. Souza & N. F. Oliveira. *Fenomenologia hoje: existência, ser e sentido no alvorecer do século XXI* (pp. 509-519). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Zilles, U. (2002). A fenomenologia husserliana como método radical. Introdução a E. Husserl. *A crise da humanidade européia e a filosofia* (pp. 07-62). Porto Alegre: EDIPUCRS.

**ANEXO: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

---

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que terá duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa, não ocorrerá nenhum tipo de penalização. Em caso de dúvida, você pode entrar em contato com o pesquisador responsável e/ou com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais: Av. Pres. Antônio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II – 2º andar – Sala 2005, CEP 31270-901 – BH/MG – Telefax: 3409-4592 – e-mail: coep@prpq.ufmg.br.

**1. INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:**

**Título do Projeto:** A vivência comunitária e a experiência de realização no contexto sociocultural dos Alcoólicos Anônimos: uma pesquisa fenomenológica.

**Pesquisador Responsável:** Ana Cláudia Bernardes Guimarães – CRP: 04/33089

**Telefones para contato:** (31) 96433399

**Orientador da Pesquisa:** Prof. Dr. Miguel Mahfoud

A presente pesquisa tem como objetivo investigar com as pessoas que participam dos Alcoólicos Anônimos (A.A.) vivenciam as relações dentro do grupo de A.A. Para tanto, serão entrevistadas pessoas que participam dos grupos do A.A. da região metropolitana de Belo Horizonte.

A participação como sujeito da pesquisa é por livre decisão e opção da pessoa. Portanto, sua participação não é obrigatória e, a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. A participação na pesquisa poderá causar riscos como o constrangimento por alguma pergunta ou tópico considerado incômodo. No entanto, não há obrigatoriedade de responder a nenhuma pergunta ou de compartilhar alguma informação que você julgar imprópria, incômoda ou pessoal. Como benefícios da pesquisa, sua entrevista

pode ser uma ocasião importante de refletir sobre os significados de sua experiência no A.A. além de contribuir para compreender que tipo de experiência pessoal é possibilitada no A.A.

As entrevistas serão gravadas, transcritas e utilizadas como material de pesquisa. As informações relacionadas aos objetivos da pesquisa serão utilizadas para fins de análise e como conteúdo da dissertação de mestrado e/ou como parte de publicação relativa à pesquisa. Serão preservados os dados que você delimitar como confidenciais. A sua participação não implica em nenhuma despesa ou gratificação.

---

Ana Cláudia Bernardes Guimarães

## 2. CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_  
CPF \_\_\_\_\_, abaixo assinado, concordo em participar da pesquisa A  
vivência comunitária e a experiência de realização no contexto sociocultural dos Alcoólicos  
Anônimos: uma pesquisa fenomenológica, como sujeito. Fui devidamente informado e  
esclarecido pela pesquisadora Ana Cláudia Bernardes Guimarães sobre a pesquisa, os  
procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de  
minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer  
momento, sem que isto leve à qualquer penalidade.

Belo Horizonte, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

---

Nome: